

Editorial

“Yes, We Can!” (“Sim, nós podemos!”)

Reinaldo W. Siqueira, Ph.D.

Professor de Antigo Testamento do
Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia
Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus Engenheiro Coelho
reinaldo.siqueira@unasp.edu.br

O mundo assistiu extasiado a meteórica vitória de Barack Hussein Obama na recente disputa à presidência dos Estados Unidos da América. O insistente refrão de sua campanha, “Yes, we can!”, se tornou o hino de vitória tanto na boca de milhões de pessoas nas cidades americanas, como na boca de incontáveis simpatizantes de Barack Obama em vários países do mundo. Essa entusiástica declaração está ligada com a esperança de grandes mudanças para a América e para o mundo. A eleição de Barack Obama, em si mesma, é sinal de uma grande mudança no contexto político, cultural, social e histórico americano. Que outras mudanças ainda estão por vir é uma questão incerta. Serão boas? Trarão benefícios aos americanos e ao mundo? Serão más? Frustrarão as grandes expectativas acerca do novo presidente eleito? Será que elas realmente ocorrerão? Conseguirá o presidente Obama mudar alguma coisa? Estas são perguntas que só o tempo responderá.

No entanto, os desafios que estão pela frente são grandes e a expectativa de mudanças reais é confrontada por uma realidade atroz: a nova ordem mundial que se torna confusa e imprevisível; a esperança de paz no Oriente Médio, tão real há poucos anos atrás, que hoje parece cada vez mais impossível; a ameaça do aquecimento global e suas conseqüências catastróficas; a crise de alimentos atingindo uma grande fatia da humanidade; e a enorme crise financeira que se instala no mundo, cujo tamanho e implicações ninguém sabe ainda. Esses são somente alguns dos desafios que se apresentam em escala global diante de todas as nações, de seus habitantes e líderes.



O refrão “Yes, we can!” pode traduzir a férrea e decidida vontade de lutar por mudanças que possam fazer a diferença na vida de bilhões de pessoas e no futuro do mundo. Pode ser também somente um refrão vazio, desenhado para conseguir mobilizar e inflamar o maior número possível de pessoas com um ideal utópico, a fim de se conseguir ganhar uma eleição. Ele pode, ainda, refletir uma louca convicção de seres humanos que estão dispostos a tudo para conseguir seus objetivos, e, portanto, não se impõem limite algum—o que na história muitas vezes terminou em grandes tragédias.

A revista Kerygm@ novamente renova o seu compromisso de acompanhar os grandes eventos do mundo e da história, analisando-os sob a perspectiva bíblica, ao mesmo tempo que continua sua missão de divulgação da pesquisa teológica. Portanto, aguardamos o ano de 2009, e também os anos seguintes, quando as asseverações de 2008 deverão se materializar em decisões e ações concretas.

FÉ x RAZÃO: Em busca de fundamentos para re-significação religiosa

Adriani Milli Rodrigues

Mestrando em Teologia (UNASP) e em Ciências da Religião (UMESP)
Professor de Estudos em Religião do Unasp
Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus Engenheiro Coelho
adriani.milli@unasp.edu.br

Resumo: Como tentativa de superação da crise de sentido que caracterizou a Idade Média tardia, Erasmo e Lutero – que representaram, respectivamente, as correntes do Humanismo Renascentista e da Reforma Protestante – formularam propostas de re-significação religiosa a partir de uma tentativa de fundamentação. Enquanto Erasmo indicou a razão como fundamento para a religião, Lutero afirmou o papel da fé. Suas tentativas indicam a importância de uma religião que seja relevante para os seus dias, mas também apontam para o perigo de uma proposta não fundamentada plenamente nas Escrituras.

Palavras-chave: Fé, Razão, Humanismo, Reforma Protestante, Religião.

Faith vs. Reason: In a Quest for Fundamentals for a Religious Re-Signification

Abstract: As an effort to overcome the crisis of meaning that characterized the Late Middle Age, Erasmus and Luther—representatives, respectively, of the Renaissance's Humanism and of the Protestant Reform—formulated proposals for re-signification of Religion from the perspective of its foundation. While Erasmus indicated Reason as the foundation of Religion, Luther affirmed the role of Faith. Their efforts indicate the importance of a Religion that was relevant for their time, but they point out also for the danger of a proposal that is not fully established in the Scriptures.

Keywords: Faith, Reason, Humanism, Protestant Reform, Religion.



1. Introdução

A Idade Média tardia caracterizou-se como um período de crise. Catástrofes climáticas, problemas agrícolas, fome coletiva, doenças e pestes, tensões políticas e sociais, bem como inúmeras outras dificuldades matizavam um quadro europeu sombrio que destacava a presença impetuosa da morte. O medo e ansiedade provocados por tal conjuntura eram ainda agravados pela crise de credibilidade e autoridade daquela que poderia, em meio ao sofrimento, oferecer sentido e refúgio para a angústia humana: a Igreja. A corrupção moral, econômica e religiosa exibida por várias autoridades eclesiásticas colocava em dúvida a pretensa segurança que esta instituição religiosa proporcionava. Assim, “a principal crise da era medieval-tardia era uma crise de valores”.¹

Em uma sociedade que não concebia um mundo sem Deus, a reação de diversos movimentos e indivíduos insatisfeitos com tal situação, não foi a tentativa de abandono da religião, visto ser ela o fundamento da vida medieval, mas de re-significação da prática religiosa. Assim, a busca de reestruturação dos valores que estavam em processo de erosão, visava a retomada de um sentimento de segurança para a vida humana, que estava bastante ameaçada por este ambiente de extrema ansiedade.

A efervescência dessas várias correntes reformatórias precursoras contribuiu para o surgimento de dois grandes movimentos, que foram fundamentais para a superação da Idade Média européia: o Humanismo Renascentista e a Reforma Protestante. Frente à crise de valores, cada um deles procurou prover fundamentos que oferecessem perspectivas para a vida, e esperança quanto ao futuro. Dentre os principais expoentes desses respectivos movimentos, destacam-se os nomes de Erasmo de Roterdã e Martinho Lutero. Enquanto o humanista apostava nas virtudes da razão humana (sem desprezar a ação divina), as bases do reformador eram constituídas pela fé em Deus. Razão e Fé, portanto, eram os fundamentos propostos como resposta à crise. Inicialmente, eles pareciam convergir, dando a

¹ Carter Lindberg, *As reformas na Europa*, São Leopoldo, RS: Sinodal, 2001, p. 57.



impressão de que poderiam ajudar-se mutuamente. Entretanto, os desdobramentos históricos demonstraram que estes eram caminhos bem distintos, principalmente no que se refere a um conceito chave para a superação da crise: a liberdade humana.

Dessa forma, o presente estudo pretende delinear estas respectivas propostas, à luz de seus pressupostos básicos e suas implicações últimas, a partir de uma contextualização histórica. Assim, as considerações finais esboçarão brevemente a relativa importância e possíveis perigos desse tipo de iniciativa para os dias atuais.

2. Caminhos que se dividem

O humanismo renascentista certamente forneceu o combustível básico para o avanço da Reforma. O estímulo à redescoberta dos “tesouros” do pensamento e das produções clássicas, impulsionou Erasmo em sua publicação do Novo Testamento grego (1516). Sem dúvida este texto foi fundamental para a exegese dos reformadores, que podiam comparar as características da Igreja do Novo Testamento com a decadente realidade da Igreja de seu tempo.

Ademais, anteriormente (c. 1509), Erasmo havia escrito uma de suas sátiras mais famosas - *Elogio da Loucura* - que representava uma impiedosa crítica, dentre outras, às autoridades eclesásticas e à decadente religiosidade de sua época. Nesta obra estavam delineadas as principais críticas que os reformadores fariam à Igreja.

Dessa forma, inicialmente, Erasmo e Lutero nutriam uma simpatia mútua. No verão de 1518, Erasmo escreveu ao reitor da faculdade de Erfurt, onde Lutero havia estudado, e enfatizou que este “tem dito muitas coisas excelentemente boas”.² No ano seguinte, por iniciativa de Lutero, eles se corresponderam. Enquanto Lutero demonstrou humilde consideração, Erasmo amigavelmente recomendou-lhe moderação, visto que o humanista não se agradava da crescente agressividade de sua abordagem e de suas idéias.

² James Froude, *Life and Letters of Erasmus*, London: Longmans Green and Co., 1894, p. 169.



A convergência das críticas à corrupção e o desejo de reforma religiosa, acrescida por tal simpatia e proximidade provocou a suspeita de que Erasmo estava apoiando o movimento de Lutero, levando muitos a pensarem que ele “pôs o ovo que Lutero chocou”. Assim, Erasmo passou a ser informado de todos os lados que, se ele quisesse acabar com tais suspeitas, seria necessário escrever um texto contra Lutero. Por sua vez, foi-lhe sugerido o tema que representava a grande discordância entre eles: a liberdade da vontade humana.³ A preparação do material seria inevitável, considerando que, à semelhança da “maioria dos humanistas do renascimento, Erasmo não levou o projeto de reforma do cristianismo para além do catolicismo”.⁴

Quando Lutero tomou conhecimento de que este livro estava em fase de preparação, mandou-lhe uma carta, em 15 de abril de 1524, rogando que Erasmo - se não quisesse participar da reforma - continuasse neutro neste conflito e não escrevesse contra ele. Mas isso não trouxe resultado. Em setembro de 1524, na feira de Frankfurt, ocorreu a primeira publicação de *De Libero Arbitrio*⁵ (Do livre arbítrio). Esta obra alude diretamente à compreensão antropológica luterana em suas *Asserções*⁶, muito embora ela apareça também em outros de seus escritos⁷ anteriores a 1524. Nestes documentos Lutero nega a força da vontade humana para decidir ou avançar em direção ao bem. Assim, em dezembro de 1525, Lutero publicou sua resposta aos argumentos de Erasmo em sua obra *De Servo Arbitrio*⁸ (Do servo arbítrio). Conquanto este debate não tenha atingido as massas, ficando mais restrito ao ambiente acadêmico, tais textos indicam duas grandes compreensões da liberdade humana, em direta relação com seus respectivos fundamentos que supostamente possibilitariam a restauração da cristandade do início século do XVI.

³ Roland Bainton, *Erasmus da cristandade*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [1969?], p. 221.

⁴ João Moraes, Erasmo e Lutero: Teologia e Reforma do Cristianismo, *Primeira Versão*, Campinas, n. 81, p. 1-40, mar. 1999, p. 8.

⁵ Traduzido para o inglês sob o título “On the Freedom of the Will”.

⁶ Escritas após a disputa teológica em Leipzig, corrida nos meses de junho e julho de 1519, entre o João Eck (defensor da Igreja Católica) e André Karlsdt (colega de Lutero).

⁷ Debate sobre teologia escolástica (1517), O Debate de Heidelberg (1518) e os Comentários sobre as teses debatidas em Leipzig (1519).

⁸ Traduzido para o português sob o título “Da vontade Católica”.



3. A proposta de Erasmo: a liberdade humana baseada na Razão

Erasmo viveu no ambiente das grandes cidades, envolvido com pessoas de elevada posição acadêmica e política. Por isso, certamente ele tinha subsídios para pensar um mundo diferente. Sua leitura acerca da crise de valores de seus dias focalizava, principalmente, a corrupção eclesiástica e a conseqüente imoralidade presente na sociedade. Ele critica os papas, cardeais e bispos por se preocuparem apenas com honrarias e ganhos financeiros.⁹ Por sua vez, os monges - que não dispensam o vinho e as mulheres - são retratados como “cabeças encapuzadas que, com vãs devoções, com cerimônias ridículas [...] exercem sobre o povo uma particular tirania”.¹⁰

O reflexo dessas práticas na sociedade não poderia ser diferente: uma religiosidade que não passava de uma farsa. Enquanto uns confiavam em sinais de devoção exteriores, outros pensavam que uma simples moeda na bandeja poderia purificá-los dos falsos juramentos, impurezas, bebedeiras, brigas, assassinios, traições e todos os outros delitos. Todavia, Erasmo analisa tal situação comentando que “não basta oferecer uma pequena moeda para obter perdões e indulgências: é preciso, ainda, odiar o mal, chorar, velar, rezar, jejuar, numa palavra, mudar de vida, praticando constantemente o Evangelho.”¹¹

Dessa forma, de acordo com o humanismo da renascença, Erasmo defendia uma religião que não se limitasse a práticas exteriores, mas que a partir do interior promovesse ações éticas e humanizadoras que resultariam num mundo melhor. Estariam desqualificados para essa tarefa, portanto, o misticismo e a escolástica. O primeiro por constituir uma religiosidade interior individualizada que não proporcionava humanização, e a última por lidar apenas com postulados racionais que na aridez de suas discussões não representavam nenhuma contribuição substancial para a sociedade.

⁹ Erasmo de Rotterdam. *Elogio da loucura*, São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 119.

¹⁰ Erasmo de Rotterdam. *Elogio da loucura*, p. 114.

¹¹ Erasmo de Rotterdam. *Elogio da loucura*, p. 70.



Logo, a chave para a transformação da religião e da sociedade estaria na restauração da liberdade, que permitiria ao homem, através da razão, transformar o mundo de acordo com suas necessidades. Tema central do humanismo renascentista, essa liberdade se opunha à estrutura medieval hierárquica - sustentada pela Igreja, pelo Império e também pelo sistema feudalista - na qual as pessoas e suas idéias eram insignificantes.

Como aporte deste ideal, Erasmo encontrava subsídios em argumentos teológicos oferecidos pela “preciosa” herança patrística clássica. Entre eles, o humanista destaca a noção de que existem certas sementes de virtude, divinamente implantadas na mente dos homens pelas quais eles, de algum modo, vêm e buscam a virtude.¹² Ao distinguir o valor da razão, em realidade, ele afirma a dimensão da nobreza humana como imagem e semelhança de Deus, conforme defendida pela tradição da Igreja de Roma, na qual o livre arbítrio é entendido como “vontade racional que participa da dignidade da imagem que o homem possui de Deus.”¹³ É claro que aqui não há uma visão otimista extremada da humanidade, pois existe o reconhecimento teológico da realidade do pecado original e a conseqüente corrupção da raça humana, bem como da necessidade da graça divina em favor do ser humano caído. Entretanto, a perversão ocasionada pela queda não é plena. Existem ainda importantes vestígios da imagem divina situados na razão humana. Assim, a graça se expressa como assistência divina ao empenho e decisão da vontade do homem.¹⁴

Neste caso, a visão erasmiana era fortemente desafiada por Lutero. Para ele, a afirmação de um ser humano livre e capaz colocava em dúvida a soberania de Deus - em seu poder e sua vontade - e a noção de total dependência humana de sua graça. Contudo, Erasmo não estava muito preocupado com o conceito de soberania divina. Sua religião não se baseava no dogma teológico - que para ele cheirava à escolástica - mas na ética e na moral. Dessa forma, ele compreendia

¹² Desiderius Erasmus of Rotterdam, On the Freedom of the Will. In: RUPP, E. Gordon (Org.). *Luther and Erasmus: Free will and salvation*. Philadelphia: The Westminster Press, [1969?], p. 76.

¹³ Sidnei Nascimento, Erasmo e Lutero: o livre arbítrio da vontade humana. *Revista de Filosofia*, Curitiba, v. 18, n. 23, p. 89-103, jul./dez. 2006, p. 96

¹⁴ Desiderius Erasmus of Rotterdam, On the Freedom of the Will, p. 73.



Deus, essencialmente, como amor e sabedoria, permitindo a liberdade humana mesmo que isso afetasse seu absoluto poder ou vontade.¹⁵ O foco humanista estava num Deus bondoso “que auxilia o ser humano a avançar, sempre deixando-o agir como ser livre.”¹⁶

Outro ponto de divergência entre o Erasmo e Lutero era a maneira pela qual a reforma idealizada seria implementada. O humanista não concebia atitudes agressivas que levassem ao rompimento com a Igreja. Sua estratégia trilhava um outro caminho: a tentativa de reforma deveria ser perspicaz e inteligente. Ao invés da abordagem ríspida, as ferramentas a serem utilizadas constituíam uma linguagem sutil e irônica junto aos mais cultos. Aliás, a discórdia entre cristãos, brigas e revoltas seriam incoerentes com os princípios da ética religiosa que se baseiam no amor e na paz. Assim, Erasmo não pensava em uma revolução popular, mas numa sábia reflexão que tivesse crescente influência sobre os círculos da nobreza e da elite acadêmica.¹⁷

Ademais, o humanista ratificava o sistema teológico-religioso vigente em sua época, que por tantos anos fora mantido pela Igreja: o sistema meritório. Em realidade, Erasmo o considerava fundamental para o reconhecido da dignidade humana, visto que o sistema pressupunha a liberdade e a capacidade humana de avançar em direção ao bem. O que o humanista buscava não era uma reinvenção do sistema, mas uma correta vivência nele. Por isso, a proposta luterana de supressão de qualquer noção de mérito humano - em razão de sua total atribuição a Deus e sua graça - era totalmente rejeitada. Na perspectiva erasmiana, tal proposição abriria uma grande janela à impiedade, pois tornaria o homem irresponsável pelos seus próprios atos.¹⁸

Portanto, para Erasmo uma verdadeira reforma deveria promover a moral da sociedade, e por isso deveria fundamentar-se na afirmação da liberdade e da capacidade racional do homem em promover um mundo melhor. Entretanto, sua implementação não deveria ser incompatível com sua proposta ética: nada de

¹⁵ João Moraes, Erasmo e Lutero: Teologia e Reforma do Cristianismo, p. 25.

¹⁶ Marc Lienhard, *Martim Lutero: tempo, vida, mensagem*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1998, 142.

¹⁷ Desiderius Erasmus of Rotterdam, *On the Freedom of the Will*, p. 39-41.

¹⁸ Desiderius Erasmus of Rotterdam, *On the Freedom of the Will*, p. 41-42.



agitações ou revoltas populares. O caminho a ser usado era a própria razão: sábia influência sobre os sábios.

4. A proposta de Lutero: a liberdade humana submetida à Fé

Ao contrário de Erasmo, o ambiente de Lutero era o mosteiro, um contexto camponês do interior. Como teólogo suas atenções se voltavam para os assuntos ligados à salvação humana. Tendo em vista a crise de valores de sua época, seu movimento reformador não se deu, em primeira instância, a partir do sentimento de indignação frente a imoralidade e corrupção do papado renascentista. Suas mais profundas raízes se encontravam na ansiedade pessoal referente à salvação.¹⁹

O marcante colapso econômico-social aliado às doenças e catástrofes imprimia na mente popular a iminência da morte. Por isso, a Igreja procurou minimizar a ansiedade do povo através da proposição de inúmeras práticas que livrariam as pessoas do inferno. Em consonância com a noção econômico-capitalista que despontava, este sistema meritório colocava o destino futuro nas mãos do próprio indivíduo. Dessa forma, o povo era instado a agradar a Deus, agindo da melhor forma possível. Tal empenho seria premiado pela graça divina, que capacitaria as pessoas para ações ainda melhores. Logo, a matemática da salvação era expressa pela fórmula "*quid pro quid* [“isto por aquilo”, “toma lá, dá cá”] que refletia a nova mentalidade de livro-caixa do burguês”.²⁰ Um cálculo baseado na recompensa.

Contudo, ironicamente, esse sistema só aumentava a insegurança. Como o indivíduo teria certeza que fez o melhor que podia? Como saberia se seus atos realmente agradaram a Deus? Seu empenho foi suficiente? A resposta para esses questionamentos avolumava ainda mais a ansiedade: “tente fazer ainda melhor”.²¹ Certamente a pressão desse ciclo trazia ao penitente um peso insuportável, produzindo no povo um insaciável apetite religioso que buscava incessantemente a

¹⁹ Carter Lindberg, *As reformas na Europa*, p. 81.

²⁰ Carter Lindberg, *As reformas na Europa*, p. 78.

²¹ Carter Lindberg, *As reformas na Europa*, p. 81-82.



obtenção de méritos, o que certamente contribuía para o sucesso financeiro da venda de indulgências.

A entrada de Lutero na vida monástica representava um reflexo dessa busca por segurança. Mas mesmo ali, em meio aos seus infundáveis exercícios espirituais – orações, vigílias, jejuns e outros – que visavam alcançar o favor divino, sua consciência continuava perturbada. Entretanto, as incansáveis tentativas de superação da ansiedade, provocada pela crise de valores, encontraram solução. Através do estudo da Bíblia (principalmente a partir da antropologia paulina) e da influência das idéias agostinianas, a noção de justiça alcançada pela fé levou Lutero a virar “a piedade medieval de cabeça para baixo. Ele passou a ver que a salvação não é o objetivo da vida, mas sim seu fundamento.”²² Dessa forma, a angústia e crise humana não seriam vencidas pelo esforço em busca de mérito, a segurança só poderia ser alcançada pela certeza da aceitação divina independente das ações praticadas. A teologia da Reforma, portanto, foi uma resposta específica à ansiedade da época, que foi redefinida à luz de uma nova certeza.²³

Ao tirar a responsabilidade da salvação dos ombros humanos e colocá-la nas mãos de Deus, Lutero redescobriu o sentido de sua existência. A vida não era mais agora uma aflita procura por aceitação divina, a certeza de já ser aceito proporcionava tranquilidade e paz interior. Contudo, a implicação básica de seu novo conceito era a anulação da liberdade e decisão humana, visto que para Lutero ela impede a absoluta liberdade de decisão e poder da vontade divina: a “onipotência e presciência de Deus abolem completamente o dogma do livre arbítrio.”²⁴

Por isso, a imagem escolhida por ele para ilustrar a vontade humana foi a de um jumento: este quer e anda de acordo com a vontade de seu montador, seja Deus ou Satanás. Entretanto, “não está em seu arbítrio correr para um dos dois cavaleiros ou procurá-lo; antes, os próprios cavaleiros lutam para o obter e

²² Carter Lindberg, *As reformas na Europa*, p. 86.

²³ Timothy George, *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 26, 33.

²⁴ Martinho Lutero, *Da Vontade Cativa. Obras Seleccionadas*. São Leopoldo, RS: Concórdia/Sinodal, 1993. v. 4, p. 137.



possuir.”²⁵ Assim, em termos de salvação ou condenação, o homem não possui livre arbítrio, “mas é cativo, sujeito e servo ou da vontade de Deus ou da vontade de Satanás.”²⁶

Tal noção encontrou direta oposição ao primado erasmiano da razão e da liberdade. A compreensão antropológica luterana pressupõe a depravação total do homem que não pode fazer nada para sua salvação. Nesse contexto a liberdade está totalmente corrompida e cativa de Satanás, ao passo que a razão tornou-se “prostitua do diabo”.²⁷ É a decisão e a vontade única de Deus que pode reverter este quadro, fazendo pelo homem aquilo que não pode ser feito por si mesmo.

Todavia, este pensamento foi duramente criticado por Erasmo. Ele apontou, entre outras, duas implicações principais. A primeira tem que ver com a pretensa decisão de salvação unicamente divina (predestinação)²⁸, enquanto que a segunda esboça os seus reflexos na sociedade (ação irresponsável)²⁹.

Assim, quanto ao primeiro ponto, se é Deus quem decide a salvação do ser humano, ele escolhe uns para salvação e outros para a condenação, independentemente da atitude humana. Isso pressupõe arbitrariedade. Não há como enxergar um Deus amoroso nesse contexto.

Contudo, Lutero não procurou escapar da doutrina da predestinação absoluta. Tanto é que o corolário de sua idéia era a defesa de que a morte de Cristo não trazia expiação universal para os seres humanos, sendo limitada aos eleitos por Deus. Ao passo que Erasmo pedia a Lutero que deixasse “Deus ser bom”, Lutero replicava: “deixe Deus ser Deus.”³⁰ Tendo em vista os inescrutáveis juízos de Deus e a limitação e perversão da mente humana, não é possível entender os caminhos de Deus, mas isso não significa que ele seja injusto. Esta ação divina é aceita pela fé, não há como a razão esquadrinhá-la.³¹

²⁵ Martinho Lutero, *Da Vontade Cativa*, p. 49.

²⁶ Martinho Lutero, *Da Vontade Cativa*, p. 51.

²⁷ Timothy George, *Teologia dos reformadores*, p. 77.

²⁸ Desiderius Erasmus of Rotterdam, *On the Freedom of the Will*, p. 88.

²⁹ Desiderius Erasmus of Rotterdam, *On the Freedom of the Will*, p. 41-42.

³⁰ Timothy George, *Teologia dos reformadores*, p. 78.

³¹ Martinho Lutero, *Da Vontade Cativa*, p. 47.



Esta própria aceitação da fé confere tranquilidade ao cristão em possíveis momentos de angústia provocada pela dúvida de pertencer ou não ao grupo dos eleitos. Lutero aconselha que, nesses casos, o aflito deve clamar: “Saia daqui, maldito diabo! Você está tentando fazer com que eu me preocupe comigo mesmo. Deus declara em todos os lugares que eu devo deixá-lo tomar conta de mim”.³²

Dessa forma, a noção de que o fundamento da fé possibilita ao indivíduo não se preocupar com sua própria situação - pois ele está nas mãos do soberano Deus - também provê a resposta luterana para o segundo questionamento de Erasmo. Na visão do humanista, dizer que o homem é um instrumento da ação de Deus ou do diabo, tira qualquer responsabilidade moral ou ética do ser humano, levando as pessoas a justificarem suas ações impiedosas.

Entretanto, a perspectiva de Lutero aponta para outra direção. A certeza da salvação, pela fé em Deus, torna o cristão “senhor livre sobre todas as coisas e não está sujeito a ninguém”.³³ Em outras palavras, a sua salvação já está garantida. Ele não necessita de ações que o tornem agradável a Deus. Por isso, nenhuma coisa ou pessoa pode lhe causar qualquer dano para a salvação. A fé o coloca acima delas.

Mas tal certeza não produz pessoas ociosas ou acomodadas. De forma paradoxal, ela torna o cristão “um servo prestativo em todas as coisas e está sujeito a todos.”³⁴ Ou seja, como este não necessita de qualquer obra para ser aceito por Deus - visto que isto já é uma realidade -, todas as suas ações serão feitas com o único objetivo de servir aos outros. Não existe aqui nenhuma preocupação consigo mesmo. Portanto, nesse caso, as “obras têm a única finalidade de servir livremente a seu próximo em amor.”³⁵

O que Lutero busca demonstrar, então, é que a noção de liberdade humana baseada na razão, à luz do modelo meritório, converte as obras em verdadeiros atos de egoísmo, visto que elas objetivam a salvação própria. É o fundamento da

³² Theodore Tappert, *Luther: Letters of spiritual counsel*. London: Scm Press, 1955, p. 116. Esta foi uma carta escrita no dia 30 de Abril de 1531 para Barbara Lisskirchen. Ela estava aflita pelo temor de não se encontrar entre os eleitos.

³³ Martinho Lutero, *Da Liberdade Cristã*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1998, p. 7.

³⁴ Martinho Lutero, *Da Liberdade Cristã*, p. 7.

³⁵ Martinho Lutero, *Da Liberdade Cristã*, p. 40.



fé que possibilita o homem a agir livremente em favor do próximo com o amor genuíno, que se preocupa apenas com o outro. Dessa forma, embora Lutero negue qualquer tipo de liberdade humana que avance em direção à salvação, através do fundamento da fé o cristão desfruta de liberdade para agir em benefício do próximo.

5. Considerações Finais

As respectivas propostas de superação da crise de valores no contexto medieval certamente buscavam oferecer uma vida religiosa válida que promovesse um relacionamento adequado com Deus e com o semelhante. Entretanto, elas demonstraram sérias restrições.

Quanto à proposta erasmiana, as limitações envolvem dois aspectos principais: a identidade do cristianismo e seus resultados práticos. Em primeiro lugar, o fato de Erasmo pensar religião prioritariamente como elemento promotor de moralidade e coesão social trouxe sérias implicações para a identidade cristã. Seria o cristianismo apenas um princípio ético? Isso não representaria um enfoque reducionista da religião? Pode o cristianismo ser resumido apenas ao amor e a fraternidade?

Este primeiro fator ajudou a determinar o fracasso prático da proposta erasmiana. Sua noção fraterna de reforma sem ruptura, sua revolução racional sem envolvimento popular não conseguiu atingir resultados concretos. Seu movimento não triunfou. Ele teve de contemplar os efeitos práticos da Reforma Protestante que promoveu ruptura e contou também com o apoio popular.

Por sua vez, a proposta luterana contou com uma curiosa incoerência interna. Sua tentativa de se livrar da angústia provocada pelo sistema meritório trouxe, efetivamente, alívio necessário para sua experiência religiosa. Enquanto Erasmo rompeu com a hierarquia da sociedade medieval mas manteve o sistema meritório, Lutero, por conseguinte, rompeu com o sistema meritório mas manteve a idéia de hierarquia medieval expressa na figura espiritual do soberano/vassalo (Deus/homem), mesmo que re-significada. Assim, a soberania divina representou seu conforto, por não precisar ser mais responsável pela sua própria salvação.



Contudo, este novo modelo não constituiu um sistema que anula a ansiedade. Se no modelo meritório a angústia era provocada pela incerteza de ter alcançado o favor divino, nesta nova compreensão a angústia é causada pela dúvida de ter sido eleito por Deus. O subterfúgio “não se preocupe consigo mesmo, deixe isso com Deus” baseado na fé, pode ser análogo à evasiva “faça melhor ainda” fundamentado na liberdade e capacidade racional humana.

Essas iniciativas de re-significação da religiosidade promovem uma reflexão útil para a religião e teologia atual. Em primeiro lugar, num aspecto positivo, a despeito de suas limitações, as propostas de Erasmo e Lutero expressaram importantes reações à crise da época. Eles buscavam intencionalmente uma religião que fosse útil e relevante para seus dias. Contudo, num aspecto negativo, embora suas respectivas ênfases revelassem alguns elementos da verdade das Escrituras, eles permitiram que as contingências de seus dias constituíssem a principal chave de leitura teológica para a elaboração de suas propostas. Certamente o fracasso ou incoerência de Erasmo e Lutero derivou-se do fato de não utilizarem plenamente as Escrituras como real fundamento para a busca de re-significação religiosa.

Referências Bibliográficas

BAINTON, Roland H. *Erasmo da cristandade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [1969?].

DESIDERIUS ERASMUS OF ROTTERDAM. On the Freedom of the Will. In: RUPP, E. Gordon (Org.). *Luther and Erasmus: Free will and salvation*. Philadelphia: The Westminster Press, [1969?]. p. 35-97.

ERASMO DE ROTTERDAM. *Elogio da loucura*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

FROUDE, James A. *Life and Letters of Erasmus*. London: Longmans Green and Co., 1894.

GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 2006.



LIENHARD, Marc. *Martim Lutero: tempo, vida, mensagem*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1998.

LINDBERG, Carter. *As reformas na Europa*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2001.

LUTERO, Martinho. *Da Liberdade Cristã*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1998.

_____. Da Vontade Cativa. In: _____. *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo, RS: Concórdia/Sinodal, 1993. v. 4. p. 17-216.

MORAES, João Quartim de. Erasmo e Lutero: Teologia e Reforma do Cristianismo. *Primeira Versão*, Campinas, n. 81, p. 1-40, mar. 1999. [publicação voltada para circulação interna da IFCH/UNICAMP]

NASCIMENTO, Sidnei Francisco do. Erasmo e Lutero: o livre arbítrio da vontade humana. *Revista de Filosofia*, Curitiba, v. 18, n. 23, p. 89-103, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/RF?dd1=479&dd99=view>> Acesso em: 25 abr. 2008.

TAPPERT, Theodore G. *Luther: Letters of spiritual counsel*. London: Scm Press, 1955.

ÉTICA DO DIREITO AUTORAL: Uma breve análise ética-jurídica

Guenji Imayuki

Mestrando em Teologia (UNASP)
Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus Engenheiro Coelho
guenji@uol.edu.br

RESUMO: O direito autoral ou de propriedade intelectual é um campo fértil tanto por seu aspecto jurídico quanto ético. Analisaremos, neste artigo, um breve histórico da evolução das legislações concernentes aos direitos sobre a produção do 'espírito' humano, apresentando sucintamente o tratamento jurídico penal, para crime de contrafação, mais comumente conhecido como 'pirataria', e civil, para uma infração de aspecto mais sutil, como plágio. Este último aspecto, que tem implicações relevantes no meio acadêmico, merece um estudo mais acurado. Apresentar-se-ão objeções morais sobre a conduta ilícita de plagiar trabalhos alheios sem fazer menção ou referência, bem como sugestões de práticas acadêmicas que coíbam tentativas indiscriminadas de subterfúgio intelectual. Finalmente, abordaremos a importância das influências literárias para o desenvolvimento de um trabalho original.

Palavras-chave: direito autoral, ética, plágio

The Ethics of Copyright: A Brief Ethical and Legal Analysis

Abstract: The right of an author's copyright or of intellectual property is a fertile field both in its legal and ethical aspects. This article presents a brief history of the evolution of the legislations concerning the rights on the productions of the human's 'spirit'. This brief history also covers the legal treatment and punishment of the crime of 'piracy', and the civil punishment for the more subtle infraction of



'plagiarism'. This last aspect, which has relevant implication for the academic context, deserved a more detailed study. Moral objections were presented for the illicit conduct of plagiarizing someone else's work without mentioning or referencing to it. Some suggestions for academic initiatives that may restrain these initiatives of intellectual subterfuge were made. Finally, it deals with the importance of the literary influences for the development of an original work.

Keywords: Copyright, Ethics, Plagiarism.

1. DIREITOS AUTORAIS

Em 2005, conforme um estudo da BSA (*Business Software Alliance*), a pirataria dos programas de computador causou prejuízo global de US\$ 34 bilhões, um aumento de US\$ 1,6 bilhão em relação a 2004¹. De acordo com a mesma pesquisa, 35% de todos os programas instalados em computadores pessoais no ano passado eram ilegais. Na área de entretenimento, o quadro de prejuízo também é crescente. De acordo com MPAA, a estimativa de perdas com cópias e *download* de títulos foi de US\$ 6,1 bilhões². Esses são alguns dados econômicos mais visíveis do problema de violação do direito autoral que o mundo enfrenta atualmente. Um outro aspecto dessa matéria abrange a questão do plágio – furto intelectual – freqüente quer no meio cultural, quer no acadêmico. Sua relevância se torna cada vez mais significativa à medida que se expande a *internet*, que, ao mesmo tempo em que facilita a pesquisa acadêmica, proporciona a tentação de

¹ Organização representativa das indústrias americanas de *software* com representações em oitenta países, inclusive no Brasil.

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u20054.shtml>>, acessado em 15/06/2006.

² Associação dos produtores de cinema dos Estados Unidos.

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u19955.shtml>>, acessado em 15/06/2006.



recorrer a um atalho intelectual escuso. A origem da questão do direito autoral pode ser atribuída à própria existência das publicações como livros e periódicos.

1.1. Histórico dos direitos autorais

Conforme Atkinson, somente quando a tecnologia de impressão permitiu que o plágio literário se tornasse uma empreitada viável, o governo começou a garantir aos autores e editores os direitos de propriedade, semelhante a outros bens tangíveis.

Proteção de direitos autorais originou-se em Veneza em 1469 com a permissão de monopólio de impressão por cinco anos (...) Na Alemanha, o privilégio existiu em 1501, na França em 1503 e na Inglaterra por volta de 1518. Em 1556, Stationers' Company, uma liga de publicadores de Londres, recebeu direitos monopolizadores na publicação de livros. Impressões sem licenças ou falha nos registros eram passíveis de sanção pela Câmara dos Notáveis. Desde então, a proteção das propriedades intelectuais e a censura governamental encontraram o propósito comum no direito autoral.³

Porém, cedo se pôde verificar a consequência do abrandamento das leis autorais. Durante a instabilidade política na Inglaterra no século XVII, com queda e ascensão da monarquia, a extinção da lei sobre publicações foi acompanhada imediatamente por um aumento na pirataria dos livros. A situação foi sanada somente com a sanção pelo Parlamento em 1709 da lei da rainha Ana, que assegurava maiores direitos aos autores que aos editores, estendendo proteção por dois períodos de quatorze anos⁴. Entretanto, Espínola classifica essas iniciativas como algo esporádico, visto que, nos demais países, nada impedia que as obras literárias, científicas e artísticas fossem livremente utilizadas por qualquer pessoa,

³ Atkinson, D. J.[ed], *New Dictionary of Christian ethics & pastoral theology*, p. 261.

⁴ Idem, p. 261.



sem que o autor pudesse reivindicar seus direitos⁵. O tratamento jurídico mais específico surge somente na esteira das revoluções sociais – Revolução Francesa e Independência Americana – e industriais – concomitante com a multiplicação de descobertas científicas e patenteamento de invenções. A constituição americana incorpora os conceitos de proteção autoral do Parlamento Britânico na sua Constituição, mais precisamente no artigo 1º, seção 8. Concomitantemente, o primeiro Congresso dos Estados Unidos promulga outros estatutos em 1790⁶. Na França, a Constituinte procurou estabelecer um regime legal no lugar do regime de privilégios. A sua efetivação, porém, só ocorre em 1793⁷. A partir de então, surgem outras iniciativas nos países ocidentais através de legislações específicas infra-constitucionais⁸: Espanha em 1879, Argentina em 1910, Uruguai em 1912, Chile em 1925, Portugal em 1927, Rússia em 1928, México em 1939, e Itália em 1941. Assim como as demais, a legislação americana sofre alterações sucessivas ao longo dos séculos XIV e XX até o Ato do Direito Autoral de 1976, que estabelece, entre outras coisas, a proteção vitalícia mais um prazo de cinquenta anos após o falecimento do autor⁹. Ela faz distinção entre a idéia (não protegida) e expressão (protegida), além da polêmica seção 107, *'fair use'* (uso legítimo), que será tratada mais adiante.

⁵ Espínola, E., *Posse, propriedade, compropriedade ou condomínio, direitos autorais*, p. 525.

⁶ Atkinson, D. J.[ed], op.cit., p. 262.

⁷ Em julho deste ano, estendeu-se os favores de uma lei de polícia sobre os espetáculos de 1791, que concedia direito exclusivo de reprodução aos autores dramáticos, a todos os autores de obras literárias, compositores de música e pintores, estabelecendo as bases da legislação da matéria, ao admitir que os direitos fossem transmitidos aos herdeiros pelo prazo de 10 anos, inicialmente. Espínola, op. cit., p.526.

⁸ Idem, pp. 526-528.

⁹ Atkinson, D. J.[ed], op. cit., p. 262.



No Brasil, a primeira manifestação legislativa do reconhecimento do direito autoral se encontra na lei de 1827¹⁰. Porém, somente a Constituição Republicana de 1898 estabeleceu em termos amplos o direito autoral nos termos da lei. Sucederam-se leis específicas, como a de 1898, 1924, 1945 e a Lei 5.988 de 1973. Esta última foi substituída pelas Leis 9.610 – direitos autorais – e 9.608 – programa de computador – de 19 de fevereiro de 1998.

Diante dos vários sistemas legislativos de cada país, constatou-se a necessidade de estabelecer convenções e acordos entre países para que a proteção intelectual não se restringisse ao país de origem. Surgem diversos acordos bilaterais e convenções resultantes de congressos e reuniões internacionais. Existem dois grandes sistemas em matéria de direitos intelectuais e que apresentam claras distinções: o da propriedade industrial pela Convenção de Paris, 1833¹¹, e o dos direitos autorais pelas Convenções de Berna, 1844, e de Washington, 1946¹². O Brasil é signatário dessas Convenções, tendo incorporado suas cláusulas nas leis anteriormente citadas.

1.2. Fundamentação jurídica da proteção e limitação aos direitos autorais

Nascido sob a égide individualista, influenciado em grande parte pela Revolução Francesa, o conceito do direito intelectual passa a receber com força uma visão social do direito autoral, tornando sua ênfase maior na própria obra

¹⁰ Espínola, op.cit., p. 529.

¹¹ Elias, P. S., Novas tecnologias, telemática e os direitos autorais, In: *Jus Navigandis* <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=3821>>. Acessado em 15/05/2006.

¹² Espínola, E., op. cit., pp. 530 e 531.



intelectual do que no seu autor ou nos demais titulares desses direitos¹³. O tratamento desses dois interesses, a individual e a social, é bem sumarizado pelo jurista Eduardo Vieira Manso¹⁴.

Confrontam-se, dessa forma, dois interesses igualmente legítimos, igualmente inafastáveis, que o Estado deve atender de maneira igualmente satisfatória para ambos: de um lado, o autor, cujo trabalho pessoal e criativo (dando uma forma especial às idéias) deve ser protegido e recompensado e, de outro, a sociedade que lhe forneceu a matéria-prima dessa obra e que é seu receptáculo natural. Como membro dessa sociedade, o autor não pode opor-lhe seu próprio interesse pessoal, em detrimento do interesse superior da cultura; e como mantenedora da ordem, não pode a sociedade subjugar o indivíduo, em seu exclusivo benefício, retirando-lhe aquelas mesmas prerrogativas que o governo confere ao autor, para o favorecimento da criação intelectual, e que são instrumento de importância relevante de seu próprio desenvolvimento e de sua subsistência soberana.

Baseado na asserção acima, Marmelstein Lima analisa que o interesse individual é assegurado na medida em que o autor tem participação nos lucros decorrentes da utilização de sua obra. Toda pessoa que pretenda comercializar uma obra intelectual deve recompensar o autor pelo seu esforço da criação da mesma. Por outro lado, para a sociedade é interessante que a produção cultural se dê da maneira mais ampla possível. Neste sentido, pelo cumprimento do pagamento de *royalties*, a sociedade dá ao autor um incentivo que certamente beneficiará a sociedade proporcionando o seu desenvolvimento cultural. Portanto,

¹³ Lima, G. M., a reprodução não-autorizada de obras literárias na Internet, In: *Jus Navigandis*. Disponível em <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=1792>>. Acessado em 10/05/2006.

¹⁴ Manso, E. V., *Direitos autorais*, p. 90.



a proteção aos direitos autorais está muito mais na importância da obra intelectual para a sociedade do que na proteção dos interesses individuais do autor¹⁵. Conforme veremos na última parte deste artigo, a principal qualidade de uma obra está em ser, ela mesma, referência para outras obras. Protegendo os interesses do autor, protege-se o interesse da sociedade em ter garantida a continuidade da produção cultural¹⁶.

O interesse da sociedade também se traduz nas limitações aos direitos autorais. Assim como em bens tangíveis, faculta à sociedade reivindicar a função social de uma propriedade intelectual, estabelecendo exceções ao titular dos direitos autorais, dispondo-as dentro da legalidade. Esta prerrogativa varia conforme a legislação do país e do seu nível de desenvolvimento econômico, cultural e social. Como mencionado anteriormente, o polêmico *fair-use* (uso legítimo) americano, previsto na seção 107 da lei de 1976 e que revoga alguns dispositivos de proteção previstos na seção anterior, a 106, prevê o seguinte¹⁷:

Seção 107. Apesar das medidas da seção 106, o uso legítimo de um trabalho de um direito autoral, incluindo tanto o uso por reproduções em cópias ou fitas ou por quaisquer outros meios especificados por esta seção, para fins de crítica, comentário, reportagens de revistas, ensino (incluindo múltiplas cópias para uso em classe), cultura ou pesquisa, não é infração de direito autoral. Para determinar se o uso feito de um trabalho em um caso particular é uso legítimo, os fatores a serem considerados devem incluir:

¹⁵ Lima, G. M., op. cit.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.



1. o propósito e o caráter do uso, incluindo se tal uso é de natureza comercial ou se tem propósitos educacionais não lucrativos;

2. a natureza do trabalho com direito autoral;

3. a quantidade e substancialidade da parte usada em relação ao trabalho com direito autoral como um todo; e

4. o efeito do uso sobre o potencial mercado ou o valor do trabalho com direito autoral.

Esta lei permite aos revisores, acadêmicos, professores e pesquisadores limitados direitos de fazer citação sem necessitar de uma permissão. Dos quatro critérios, o mais relevante é o último, que trata sobre o impacto de mercado à obra original¹⁸.

Na lei brasileira, este aspecto do interesse social se faz presente no capítulo IV, "Das limitações aos direitos autorais" da lei 9.610 de 1998¹⁹. Abaixo estão reproduzidas alguns trechos que tratam de aspectos ligados ao meio acadêmico:

Artigo 46. Não constitui ofensa aos direitos autorais: ...

III – a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim de a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra;

IV – o apanhado de lições em estabelecimentos de ensino por aqueles a quem elas se dirigem, vedada sua publicação, integral ou parcial, sem autorização prévia e expressa de quem as ministrou;...

¹⁸ Atkinson, D. J.[ed], op. cit., p. 262.

¹⁹ Silveira, N., *A propriedade intelectual e as novas leis autorais*. São Paulo: Saraiva, 1998, pp. 328 e 329. Grifo acrescentado



VI – a representação teatral e a execução musical, quando realizadas no recesso familiar ou para fins exclusivamente didáticos, nos estabelecimentos de ensino, não havendo em qualquer caso intuito de lucro;...

VIII – a reprodução, em quaisquer obras, de pequenos trechos de obras existentes, de qualquer natureza, (...) sempre que a reprodução em si não seja o objetivo principal da obra nova e que não prejudique a exploração normal da obra reproduzida nem cause um prejuízo injustificado aos legítimos interesses dos autores.

Percebe-se que a ênfase da licença de livre uso recai sobre interesse da aprendizagem isento de qualquer conotação comercial. Ainda que de maneira superficial, o parágrafo VIII faz alusão à consciência moral de não tornar obra alheia o cerne de um novo trabalho, pois, do contrário, a contribuição deste seria intelectualmente insignificante.

É importante ressaltar que o direito do autor sobre sua obra se subdivide em direito moral e direito patrimonial. Conforme Espínola, “a análise demonstra que existe um direito de caráter essencialmente patrimonial que, numa compreensão inteligente, bem pode denominar-se propriedade intelectual; e um direito moral, intimamente ligado à personalidade do autor”²⁰. A primeira compreende o direito exclusivo de reprodução ou autorização para alguém o fazer. Prevê também o seu direito de usufruir economicamente da obra através de sua comercialização. A segunda compreende o poder do autor de retirar a obra de

²⁰ Espínola, E., op.cit., p. 524.



circulação, conservá-la inédita, modificar ou opor-se a modificações, que, de alguma forma, possa atingi-lo como autor em sua reputação ou honra²¹.

Cabe aqui fazer distinção entre dois níveis de violação do direito autoral. De acordo com Eduardo Senna, advogado especialista em direito autoral, “o plágio é uma violação ao direito autoral [mas] ao contrário de contrafação, não é crime, e não pode ser punido com ação penal, mas, sim, com ação cível”²². A Lei 9.610/89 traz uma série de penalidades no título VII, “Das sanções às violações dos direitos autorais”, mas são de natureza civil. Em relação aos aspectos criminais dos direitos autorais, destaca-se o artigo 184 do Código Penal Brasileiro. No entanto, Elias lembra a jurisprudência RT 604/365: “Não é qualquer lesão patrimonial mínima, oriunda do direito autoral que deve resvalar para a Justiça Criminal, onde somente se tutelam infrações maiores ou comprometedoras do mínimo ético”²³. Pela sua análise, “isso significa que a pena deve ser reservada para os casos em que constitua o único meio de proteção suficiente da ordem social frente aos ataques relevantes”²⁴. Portanto, a contrafação, que pressupõe uma organização mais complexa com intuítos criminosos de auferir lucros ilícitos numa escala maior, distingue-se de delitos de grau menor como o plágio.

²¹ Idem, pp. 323-328.

²² Universia, <http://www.universia.com.br/html/materia/materia_gdih.html>, acessado em 15/06/2006

²³ Elias, P. S., Novas tecnologias, telemática e os direitos autorais. Inclui breves comentários sobre a Lei no. 9.608/98. In: *Jus Navigandi*. Disponível em <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=3821>>. Acessado em 15/05/2006.

²⁴ Idem.



Após esta breve análise da legislação, focaremos nessa última questão, que é mais relevante no meio acadêmico.

1.3. Sobre o plágio

Numa definição sucinta, plágio é “assinar ou apresentar como sua obra artística ou científica de outrem; imitar trabalho alheio”²⁵. Para desaconselhar essa prática, diversos catedráticos recorrem a diferentes argumentos e comparações. Praxedes faz uma comparação com caso passional: “Se um texto é uma espécie de filho que colocamos no mundo, a moral nos ensina que o melhor é que não seja fruto de um incesto”²⁶. Costa Netto dá um tom mais forte: “Assim, certamente, o crime de plágio representa o tipo de usurpação intelectual mais repudiado por todos: por sua malícia, sua dissimulação, por sua consciente e intencional má-fé em se apropriar – como se de sua autoria fosse – de obra intelectual que sabe não ser sua”²⁷.

Conforme lembra Senna, o aluno que comete plágio estaria sujeito, teoricamente, a pena de indenizações tanto por dano patrimonial como por dano moral, pelo uso indevido da obra. Mas, conforme o advogado, “nem a universidade nem o professor podem entrar com alguma ação contra o aluno; o dono da obra é quem pode processar”, o que, na prática, torna inviável coibir por meios legais²⁸. Portanto, mais do que por meio da legislação de um país ou por normas de uma instituição de ensino, a propriedade intelectual deve ser protegida pelos princípios

²⁵ Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa, 2ª ed., 1986, p. 1343.

²⁶ Praxedes, W. L. A., A tentação do plágio. In: *Espaço Acadêmico*. Disponível em <<http://www.espacoacademico.com.br/024/24wlap.htm>>. Acessado em 15/06/2006.

²⁷ Costa Netto, J. C., *Direito autoral no Brasil*. 1998, p. 189.

²⁸ Universia, op. cit.



éticos e profissionais inculcados em cada pessoa. Então, não se pode esperar que alunos abram mão dessa ética intelectual na sua produção científica e cultural, recorrendo a uma tática sutil de esconder, por simples omissão da fonte ou por um elaborado retoque no texto original, a procedência de uma idéia. Entretanto, há que se reconhecer que esse ato pode ser involuntário, muitas vezes por causa da simples ignorância das regras de citação de fontes. São erros que poderiam ser atenuados com uma boa orientação aos estudantes em início de carreira acadêmica. Um bom exemplo são os manuais de metodologia do trabalho acadêmico de algumas universidades americanas²⁹, de onde poderiam ser tiradas idéias a serem aplicadas nas faculdades brasileiras. Mesmo assim, muitos alunos esquecem de um simples fato: estão nas universidades para desenvolver a faculdade de pensar e não para “ruminar” conhecimentos. Este conceito é bem sumarizado de maneira informal no site da Georgetown University:

Aprender a escrever é aprender a pensar. Certamente você não terá um monte de pensamentos originais, poucos de nós os temos. Mas você tem sua maneira original de ver as coisas, que é uma combinação de tudo o que você fez até este ponto da sua vida. À medida que você lê trabalho de outros e pondera, argumenta com ele, destila, se reconcilia com ele, ou o rejeita, você cresce

²⁹ Citamos apenas algumas. Georgetown University. What is Plagiarism? *Honor Council*. Disponível em <<http://gervaseprograms.georgetown.edu/hc/plagiarism.html>>. Acessado em 21/06/2006. Northwestern University. How to Avoid Plagiarism. *Academic Integrity at Northwestern*. Disponível em <<http://www.northwestern.edu/uacc/plagiar.html>>. Acessado em 21/06/2006. Duke University. Plagiarism: Its Nature and Consequences. *Duke Libraries*. Disponível em <<http://www.lib.duke.edu/libguide/plagiarism.htm>>. Acessado em 21/06/2006. Cornell University. Recognizing and Avoiding Plagiarism. *College of Arts and Science*. Disponível em <<http://plagiarism.arts.cornell.edu/tutorial/index.cfm>>. Acessado em 21/06/2006.



*intelectualmente, assim como você cresce fisicamente levantando peso ou tocando piano.*³⁰

Plagiar, portanto, não somente é enganar o professor, mas é enganar-se a si mesmo, pela perda da oportunidade de auto-desenvolvimento, do tempo e do dinheiro. Um bom trabalho acadêmico requer maturação das idéias através do diálogo com outros trabalhos de referência. Espera-se que o produto intelectual reflita a maneira particular de o aluno interpretar as informações e idéias alheias, deixando registrada a sua contribuição. Se a fonte expõe a idéia de uma maneira insuperável, espera-se também que o aluno aja de maneira honesta atribuindo o devido crédito por meio da correta citação da fonte. Como é um longo processo de elaboração, se for deixado para última hora, certamente o seu conteúdo ficará comprometido. Diante desse dilema, a pessoa deve preferir antes entregar um trabalho simples e receber uma nota inferior à pretendida a apresentar um material "apócrifo", mesmo que não seja descoberto ou denunciado. Uma outra questão é que, mesmo fazendo referências corretamente, há o perigo de o trabalho só se basear em menções de idéias alheias, tornando-se uma lista de citações e repetições de "op. cit." e "idem" no pé da página. Seguir a rigor as técnicas não é garantia de um bom trabalho, que não pode prescindir da inteligência e da análise do autor. A atitude ética esperada de qualquer estudioso – aluno, pesquisador ou professor – se reflete no respeito ao trabalho de outrem. Furtado resume bem essa questão:

Agir com respeito perante não somente àquilo que se propõe a produzir com seriedade, mas igualmente em

³⁰ Georgetown University, op. cit.



relação às fontes pesquisadas, às idéias consultadas, aos pensamentos, reflexões, pontos de vista, propostos em estudos e pesquisas já feitas, que recorreu para melhorar, ilustrar, fundamentar ou enriquecer o seu trabalho científico, é o mínimo que podemos esperar de alguém voltado para o conhecimento³¹.

Além das cartilhas de orientação, cabe aos professores tomar alguns procedimentos para, senão eliminar, pelo menos coibir plágios. De acordo com o site Universia, recomenda-se³²: trabalhar com alunos sobre conceitos de ética e moral, especialmente sobre questões envolvidas no direito autoral e no plágio; orientar o aluno, além de definir o tema do trabalho, em como fazer pesquisa na internet, fazendo indicação de sites confiáveis; ensinar como fazer referências bibliográficas e diferenciar citação direta, indireta, glosa, paráfrase, paródia, bem como orientar sobre outros recursos polifônicos; ler e comparar os trabalhos dos alunos, para evitar “pacto de mediocridade” ou a convivência mútua em que “o professor finge que ensina e corrige e o aluno finge que aprende”; usar as próprias ferramentas da internet, como site de busca, e digitar parágrafo ou expressões específicas do trabalho para averiguar a procedência; e rever algumas práticas aceitas dentro da instituição, como fotocopiar livros mesmo estando disponíveis no mercado.

A título de informação, para se detectar plágio na literatura, aplica-se a técnica das linhas assimétricas, que simplesmente expõe paralelamente dois textos para identificação de partes idênticas. Conforme Sena, “se você tem um texto de

³¹ Furtado, J. A. P. X. Trabalhos acadêmicos em Direito e a violação de direitos autorais através de plágio. In: *Jus Navigandi*. Disponível em <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id3493>>. Acesso em 10/05/2006.

³² Universia, op. cit.



dez parágrafos e seis deles são idênticos ou muito parecidos com outro – que mudaram com maquiagem –, pode-se afirmar, com razoável certeza, que houve plágio”³³.

2. ANÁLISE ÉTICA

James Londis, durante sua vida universitária, presenciou um aluno no último semestre de graduação entregar um artigo que era um plágio do começo ao fim. A professora o reprovou, adiando a sua graduação. Ao ser questionada se a punição severa não poderia ser comutada por uma reescritura do trabalho, ela lembrou do mal maior que a atenuação da pena poderia causar ao aluno, dando a impressão de que a gravidade do seu ato foi de consequência menor. “Além disso”, argumentou ela, “se o interesse último da educação (especialmente a cristã) é a formação pela educação integral, como você poderia graduar alguém que se demonstrou sem princípio? A sua graduação deve ser adiada até que ele possa demonstrar que merece o diploma como uma pessoa”³⁴. Quando a instituição é movida pela seriedade aos princípios, questões relevantes como essas não são passadas por alto para o bem da formação moral do infrator e da credibilidade da instituição. Não deveriam os cristãos ter muito mais sensibilidade e tomar atitude firme contra esses desafios aos princípios éticos?

2.1. Perspectiva cristã

Conforme análise jurídica exposta no capítulo anterior, o direito autoral compreende o conceito de propriedade sobre a obra, mesmo que a tradução da

³³ Idem.

³⁴ Londis, J., *God's Finger Wrote Freedom*, 1978, pp. 94 e 95.



materialidade se faça através de diversos meios, como papel ou recursos eletrônicos. Por não ter implicação pecuniária significativa, como no caso de contrafação, muitos argumentam que plagiar não seria tão ofensivo à ética. É fácil apresentar razões para amenizar a gravidade do ato: urgência em terminar o trabalho, necessidade de tirar nota para garantir a conclusão do curso. Contudo, nada o justifica, apesar de ser uma prática comum entre pessoas que professam ser cristãs. Mesmo que uma consciência deturpada tente desvinculá-lo de um ato de roubo ou de furto, é inegável que, uma vez que o conceito de propriedade esteja envolvido, o plágio ofende o oitavo mandamento do Decálogo Divino. Conforme análise de Londis, está implícito no mandamento que não somente devemos evitar, mas afastar-nos do mal. Uma visão curta considerará suficiente apenas evitar o ato. Mas uma visão mais ampla envolve o hábito, a filosofia de vida e atitude para com as pessoas. Aqui se diferencia a letra e o espírito da lei. “A negativa, “não matarás”, se vista sob ótica do espírito, mostra-se mais do que uma mera proibição; ela é uma chamada ao escrúpulo, para ir além da letra da lei a fim de assegurar a justiça”³⁵. Esta visão é de fundamental importância para combater um mal inerente ao ser humano, a racionalização.

Laura Schlessinger, terapeuta e locutora de um programa de aconselhamento no rádio, recebe ricas experiências pela participação dos ouvintes. Ao fazer a relação entre os relatos e os preceitos do Decálogo, ela extrai uma série de lições, que serão úteis na análise do oitavo mandamento aplicado à questão do plágio. Sobre isso, ela observa:

³⁵ Idem, p. 96.



A capacidade humana de racionalizar comportamentos permite que as pessoas aliviem a consciência, ao tentar reduzir a evidente gravidade do ato. No fim, com a racionalização, o homem acaba por acreditar que seus atos nada têm de condenáveis. Quando a questão é roubar, ele encontra muitos falsos argumentos para lhe tornar o comportamento tolerável, se não aceitável.³⁶

Um dos comportamentos aceitos como normal é a compra do colega de uma cópia alternativa de programa de computador a preço 'acessível'. A necessidade econômica e a facilidade são usadas como justificativa para esta pirataria inofensiva. Schlessinger lembra que a lei judaica, derivada do 8º mandamento, determina que "quem compra mercadoria roubada é cúmplice do roubo, crime ainda mais grave que o próprio roubo"³⁷. O princípio aqui é não incentivar o roubo, não permitindo que quem o pratica receba retorno financeiro. Paralelamente, um professor que faz vista grossa às práticas de plágio descaradas do aluno, certamente o está incentivando, porque a prática está trazendo retorno por meio das notas obtidas.

Um outro argumento é de que "não está prejudicando ninguém"³⁸. Algumas pessoas subtraem mercadorias de grandes lojas porque acham que ao universo contábil da empresa uma pequena falta "não fará diferença". Estas "pequenas" diferenças somadas têm impacto, por exemplo, no ramo de seguro, cujo prêmio maior outros são obrigados a pagar. O autor plagiado também nunca ficará sabendo do fato. Mas a soma das "pequenas" perdas reflete no custo da tiragem

³⁶ Schlessinger, L., *Os Dez Mandamentos*, 2001, p. 283.

³⁷ Idem, p. 284.

³⁸ Idem, p. 294.



de uma obra que não foi amortizada pelo público omissor. Novamente, quem paga são aqueles que honestamente desembolsaram o valor devido.

Alguns racionalizam da seguinte maneira: “eu, realmente, não tirei coisa nenhuma!”.³⁹ A lógica desse raciocínio é semelhante àquele pai que omite a idade do filho para poder ter desconto num parque de diversão, ou do estudante que cola no exame porque acha que ninguém está sendo prejudicado. Na pesquisa promovida pela revista *Sports Illustrated* com atletas, perguntou-se se eles usariam substância proibida sabendo que ele não seria surpreendido e que ele certamente venceria a competição. Mais da metade dos atletas pesquisados deram resposta positiva. Vê-se claramente a opção pela vitória em detrimento da esportividade, caráter e conduta virtuosa.⁴⁰ O plágio parece não tirar nada alheio. A falsa ilusão não permite mostrar que este ato tira a sensibilidade da consciência para com o mal, minando a capacidade moral de resistir a argumentações racionais ou pressões.

Essa pressão se traduz na frase “todo mundo faz isso”⁴¹. É um argumento infantil de atribuir a outros a responsabilidade. Conforme Schlessinger, é um pecado mudo, “porque as pessoas geralmente se sentem embaraçadas demais para reconhecê-los”⁴². O grupo muitas vezes proporciona clima para comportamento mais atrevido ou conivente do que quando se está sozinho, visto que existe a falsa sensação de estar diluindo a responsabilidade na coletividade.

³⁹ Ibidem, p. 296.

⁴⁰ Ibidem, p. 297.

⁴¹ Ibidem, p. 298.

⁴² Ibidem.



Evitar um plágio, apesar de ser uma prática comum entre colegas, revela e reforça a solidez do caráter moral do estudante.

Outro argumento sutil que vale analisar é o “não foi muita coisa”⁴³. É uma tentativa de minimizar a culpabilidade depreciando o valor do objeto ou da idéia roubada. Schlessinger relata o depoimento de um ouvinte: “Quando me tornei cristão (...) compreendi que não dá para ficar em cima do muro quando a questão é a honestidade. Ou somos honestos ou não somos”⁴⁴. Não podemos esquecer que nos pequenos detalhes revelamos o nosso caráter. Sendo assim, não vale a pena comprometer esse caráter muito mais por pequenas coisas. Lembremos de Lucas 16:10, “quem é fiel no pouco é fiel no muito; e quem é injusto no pouco também é injusto no muito”.

Muitos questionam a honestidade dizendo que “num sistema corrupto onde a desonestidade é normativa, honestidade não poder ser uma política sem o risco de quebrar o negócio, de arruinar uma organização política e de colocar o honesto numa posição desvantajosa”⁴⁵. De fato, não plagiar, implica maior investimento de tempo e dedicação com risco de estourar prazo de entrega do trabalho. Você poderá ser comparado como alguém menos eficiente que os demais. Porém, o problema maior de raciocinar conforme a maneira anterior é mostrar que, para a pessoa, a riqueza e o sucesso são os valores mais importantes. Para elas, desonestidade é apenas um meio para se alcançar esses objetivos.

⁴³ Ibidem, p. 302.

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ Londis, J. J., op. cit., p. 98.



O cristão jamais deve aceitar a ética situacionista de alterar os valores morais diante da circunstância, uma vez que temos o conceito heterônimo de que existe um Deus que nos estabeleceu valores absolutos, ao qual Ele nos convida a obedecer.

2.2. Conceito de originalidade

Todo texto é um mosaico de citações, de outros dizeres que o antecederam e lhe deram origem. J. Kristeva⁴⁶

Com o intuito de equilibrar a questão do quanto podemos incorporar das idéias alheias no trabalho, apresenta-se, nesta última parte, uma síntese do ensaio de Gabriel Perissé, intitulado "O Conceito de Plágio Criativo"⁴⁷, pois muitos têm a tendência de tomar posição extremada de que, para evitar a tentação de cometer um mal 'menor' de plágio, é preferível isolar-se de influências alheias, optando por um mal 'maior' de mediocridade intelectual.

Conforme Perissé, "Escrever é tomar a decisão de descobrir o meu método pessoal para forjar o meu 'eu' em forma de texto". É um processo em busca de uma originalidade para cunhar na comunicação interpessoal a personalidade e a maneira de pensar do autor. Com relação à originalidade, Perissé faz a seguinte consideração: "Originalidade é o que se faz novo aos nossos olhos, com novas coerências, novo atrativo. Uma pessoa original é aquela que está sempre nos surpreendendo pelo fato de ser uma pessoa. Uma pessoa original é aquela que traz

⁴⁶ Citado por Koch, I. V. e Elias, V. M., *Ler e compreender os sentidos do texto*, 2006, p. 86.

⁴⁷ Esta seção destacará partes do ensaio. Citações serão colocadas entre aspas. Perissé, G., O Conceito de Plágio Criativo, *Revista on-line Videtur*, n. 18. Disponível em <<http://www.hottopos.com/videtur18/gabriel.htm>>. Acessado em 15/06/2006.



a marca da evolução contínua, da insatisfação consigo mesma, e da busca de maneiras novas de dizer o que todos já sabiam". Por isso o plágio é algo tão condenável, pois descaracteriza a pessoa, produzindo uma identidade esquizofrênica no trabalho: a autoria é de um, mas o conteúdo é de outra. Entretanto, existe uma aparente contradição nesta questão: ninguém consegue ser 100% original em nenhum momento. Conforme o autor acima: "... a arte de ser original, e, concretamente, de escrever de maneira original, consiste na capacidade de repetir o que alguém já disse, de renovar o que alguém já pensou, já expressou, e fazê-lo de uma forma reconhecidamente inédita". Ninguém está alheio às influências. Aliás, deve-se procurar o máximo de boas influências para que possa produzir trabalhos com qualidade cada vez superior. Em sua sabedoria como poeta prolífico, Carlos Drummond de Andrade ensinava ironicamente que "o desenvolvimento da originalidade possui algumas etapas, a primeira das quais é imitar os modelos clássicos, e a última... imitar-se a si mesmo até a morte!". Harold Bloom, crítico norte-americano, resume bem este conceito: "A grande escrita é sempre reescrita".

Não se pode esperar algo impossível das pessoas: originalidade absoluta. Podemos esperar, sim, que a pessoa demonstre quanta influência positiva ele recebeu, com os devidos créditos, para entender o quanto de pessoal existe no trabalho apresentado. Para acabar com qualquer espécie de ilusão, Perissé afirma:

Na verdade, o escritor que procura, desesperadamente, dizer o que antes jamais se disse não conseguirá atingir esse objetivo, mesmo que se isole do mundo, e não leia mais nada, e não converse com mais



ninguém. Desconhecer o que já foi escrito será única forma de iludir-se, de pensar que é totalmente original, que nada deve ao passado e... ao presente. Contudo, não conseguirá evitar, afinal, que em seu texto sejam identificáveis o pouco que leu ou ouviu em sua vida e, sem querer querendo, acabou imitando.

Cabe a cada um, então, administrar as influências que recebe tomando a atitude de: aceitar as influências inevitáveis, provocar novas influências e selecionar influências especiais.

Numa interessante análise literária de autores famosos, Perissé mostra o quanto a influência mútua e inspirações tomadas de outro podem produzir reinterpretações criativas sobre a mesma idéia. Ele cunha o termo “plágio criativo” e coloca-o como uma realidade literária necessária: “todos dependemos daquilo que foi escrito (especialmente do que foi bem escrito) e todos, mal ou bem, copiamos e recopiamos o que outros, mais brilhantes que nós, ou mais lúcido do que nós, ou mais engenhoso do que nós, já escreveram”⁴⁸.

A superioridade dos textos deve ser motivação, não de inferioridade, mas para buscar o aperfeiçoamento da expressão escrita. E esta ajuda que o texto proporcionou merece um justo tributo:

E só para arrematar a idéia do tributo, quando plagiamos um grande escritor... não o estamos roubando mas ‘pagando’ o justo preço da homenagem, porque o grande escritor sempre será grande, e o máximo que pode

⁴⁸ Em palavras mais técnicas, seria o que Norma Discini denomina de heterogeneidade mostrada e marcada e mostrada não marcada, derivada da heterogeneidade discursiva. Contudo o espaço e o propósito deste trabalho não permitem discussão aprofundada. Vide lições 3 e 4 de Discini, N., *Comunicação nos textos*, 2005, pp. 87-182.



acontecer é que sejamos maiores do que, originalmente, estávamos destinados a ser antes de imitar um mestre.

A boa escrita sempre será um processo custoso. Mas ao empreendermos com coragem a empreitada, buscando inspiração em diversas influências e mantendo o princípio ético, o resultado gratificante será o aperfeiçoamento próprio.

CONCLUSÃO

O direito autoral implica o reconhecimento do direito de propriedade sobre a produção intelectual a que faz juz o autor. Quando a questão envolve propriedade, remete-se ao oitavo mandamento do Decálogo. A afirmação todo abarcante de “não roubarás”, não deixa margem para justificar nem delitos de contrafação, nem de plágio. A ética do respeito à propriedade alheia requer contínua educação dos estudantes para que, recebendo positivas influências, possam se desenvolver como pessoas pensantes, capazes de produzir trabalhos com originalidade respeitando os devidos créditos. Enfim, como Koch e Elias afirmaram, capazes de ser “estrategistas na interação pela linguagem”⁴⁹. Saber administrar uma propriedade é a definição de mordomia e, conforme Flynn, “a mordomia é a antítese do roubo”⁵⁰.

⁴⁹ Koch, I. V. e Elias, V. M., op. cit., p. 7.

⁵⁰ Flynn, L. B., *Now a Word from Our Creator*, 1976, p.110.



BIBLIOGRAFIA

ATKINSON, David J. *New Dictionary of Christian ethics & pastoral theology*, Downers Grove, Illinois: Inter-Varsity Press, 1995.

COSTA NETTO, José Carlos. *Direito autoral no Brasil*. São Paulo: FTD, 1998 [Coleção Juristas da Atualidade]

DISCINI, Norma. *Comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ELIAS, Paulo Sá. Novas tecnologias, telemática e os direitos autorais. Inclui breves comentários sobre a Lei nº 9.609/98. *Jus Navigandi*, Teresina, a. 7, n. 63, mar. 2003. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=3821>>. Acessado em 15/05/2006.

FLYNN, Leslie. *Now a Word from Our Creator*. Wheaton, Illinois: Victor Books, 1976.

FOLHAONLINE. *Informática* <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u20054.shtml>>. Acessado em 15/06/2006.

_____. *Informática* <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u19955.shtml>>. Acessado em 15/06/2006.

FURTADO, José Augusto Paz Ximenes. Trabalhos acadêmicos em Direito e a violação de direitos autorais através de plágio. *Jus Navigandi*, Teresina, a. 7, n. 60, nov. 2002. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=3493>>. Acessado em 10/05/2006.

GEORGETOWN UNIVERSITY. What is Plagiarism? *Honor Council*. Disponível em <<http://gervaseprograms.georgetown.edu/hc/plagiarism.html>>. Acessado em 21/06/2006

KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

LIMA, George Marmelstein, A reprodução não autorizada de obras literárias na Internet, *Jus Navigandi*, Teresina, a. 2, n. 21, nov. 1997. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=1792>>. Acessado em 15/05/2006.

LONDIS, James J. *God's Finger Wrote Freedom*. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1978.



MANSO, Eduardo Vieira. *Direito autoral; Exceções impostas aos direitos autorais (limitações e derrogações)*. São Paulo: José Burshatsky, 1980.

PLÁGIO. In: *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

PERISSÉ, Gabriel. O conceito de plágio criativo. *Revista on-line Videtur*, n.18. Disponível em <<http://www.hottopos.com/videtur18/gabriel.htm>>. Acessado em 15/06/2006.

PRAXEDES, Walter L. de A. A tentação do plágio. *Espaço Acadêmico*. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/024/24wlap.htm>>. Acessado em 15/06/2006.

SCHLESSINGER, Laura. *Os dez mandamentos*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVEIRA, Newton. *A propriedade intelectual e as novas leis autorais*. São Paulo: Saraiva, 1998, 2ª ed.,

UNIVERSIA. Disponível em <http://www.universia.com.br/html/materia/materia_gdih.html>. Acessado em 15/06/2006.

THE IMPACT OF LIBERATION THEOLOGIES ON THE CHURCH

Amin A. Rodor Th.D.

Professor de Teologia Fundamental

do curso de Teologia do Unasp

Centro Universitário Adventista de São Paulo,

Campus Engenheiro Coelho

amin.rodor@unasp.edu.br

Abstract: The present article investigates the impact of the liberation theologians on the Church, in special on ruptures of great magnitude in Christian theological reflection. In order to understand the action of such a group, that took place mainly in Latin America, there is a need to analyze the influences that were at work at the starting point of this theological movement. In special, the study focuses on the Black and the Feminist activist movements in the United States and in Europe, respectively. The research focuses also the emphasis on the poor and the conflictive system of tension between the oppressed and oppressors, and how these factors influence the Church.

Keywords: Liberation Theology, Influence, Church, Poor, Latin America.

O impacto das teologias da libertação sobre a Igreja

Resumo: O presente artigo investiga o impacto dos teólogos da libertação na igreja, em especial nas rupturas de grandes magnitudes na reflexão teológica da fé cristã. Para conseguir entender a atuação desse grupo, ocorrida principalmente na América Latina, há a necessidade da análise das influências que motivaram o surgimento dessa vertente teológica. Dessa maneira, o estudo permeia os fatores ativistas de negros e feministas nos Estados Unidos e Europa, respectivamente. A pesquisa também se depara na ênfase ao pobre e no sistema conflituoso entre oprimidos e opressores e, como esses fatores influenciam a igreja.

Palavras-chave: teologia da libertação, influência, igreja, pobre, América Latina.



Introduction

In recent times, combined influences have provoked a break of main magnitude in theological reflection. Theology began to strip itself of much of the dead weight of prior dogmatics. The often typical characterization of religion as a "private affair", which had been in effect for centuries was almost suddenly challenged by a stress on the public character of the Christian message. Theologians began to underline that the two most common interpretation of the Christian faith, i.e the **metaphysics** (present in scholastic Roma Catholic theology), and the **private** (common in many Protestant theologians, such as Bultmann and Tillich, who had been heavily dependent on the existentialist philosophy of Kierkegaard and Heidegger), were completely outdated. These interpretations, it was stressed, were anachronical in content and approach, giving "a 19th century answer to a 20th century dilemma".¹

The first interpretation (metaphysics) was regarded inadequate because it resorted to a vision of reality and truth that modern man did not share or understand. The second, private, was no longer acceptable, mainly because is abstracted man from his real socio-political reality, and thus did not correspond to the biblical perspective. What was being proposed instead was a theological hypothesis whose central thrust was the interest in the concrete, rather them concentration on the speculative aspects of the Christian message.

With the recovery of the social implications of the gospel, theology drastically shifted from the abstract to the practical. It shifted from its traditional *academic form* to "political theology".² The emphasis was placed on the reactionary

¹ Harvey Cox, *A Cidade do Homem* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968), p. 275. The translation is mine.

² Catholic theologian Johannes B. Metz is considered the main proponent of political theology. The full exposition of Metz's theological elaboration is found in his *Zur Theologie der Welt, Theology of the World* (New York: Herder and Herder, 1969). Metz's more recent work, *Faith in History and Society* (New York: Seabury Press, 1980), presents his trough in a more systematic form. It should be noted that political theology does not aim at giving religious support to political system or to ally itself to any political party, rather it "designates the field, the milieu, the environment, and the medium in Christian Theology should be articulated today" (Jürgen Moltmann, *Political Theology, Today articulated*, 1971, p. 6. See also Elizabeth Fiorenza, *Political Theology and Liberation theology*, in *Liberation, Revolution and Freedom*, Thomas M. MacFadden, ed., (New York: Seabury Press, 1975).

Close to Metz's political theology, is Jürgen Moltmann's "theology of hope". Moltmann's thought is expressed in his influential *Theology of Hope: on the Ground and Implications of a Christian Eschatology*, translated from the original German edition published in 1964. Moltmann's theological position has been regarded as the "closest to the perspective and interests of Latin American liberation school." R McBrien, *Catholicism* (Ok Grove, MN., Winston Press, 1981), p. 500. Although there are fundamental differences between Moltmann and Latin American liberation theologians, Moltmann's ecclesiological vision of a **Volkskirche**, a people's church, as well as his notion of God as the God of the poor, have, to some



character of faith. The spot-light was then cast on the horizontal dimensions of Christianity. Christians were being urged to break with the individualistic forms of religious devotions and parochial concerns and to commit themselves to the concrete issues facing the human family at large.

Arising mainly as a critical corrective to the privatization of the Christian faith which had taken place in existentially oriented contemporary theology,³ political theology insists on the social and political dimensions of the Christian message. According to Johannes B. Metz, "the privatizing of theology is the primary critical task of political theology."⁴ To be relevant and pertinent in modern society, which is seen as humanized and secularized, theology, Metz justifies, must serve as a critic of socio-political structures⁵. Within this theological obligation the church itself must become in history an "institution of social criticism"⁶. Positively the church must be the "memoria passionis Jesu Christi in the mists of our society... the bearer of a dangerous and subversive memory on which... depends... the future of our humanity"⁷.

As envisioned by political theology, the mission of the church does not mean merely the propagation of faith in traditional terms, and the *salvation of the soul*.⁸ According to Metz, given the public and social character of revelation, the church cannot abstract itself from a public and social mission. It is present in the world to repeat incessantly and critically that "history in its totality is subject to God's

extent, influenced liberation theologians. See Robert C. Walton, Jürgen Moltmann's Theology of Hope: European Roots of Liberation Theology, in Ronald H. Nash ed., Liberation Theology (Milford, MI.: Moot Media, 1984), pp. 143-186.

³ Political theology is set in deliberate opposition to the I-Thou theology of the existentially oriented neo-orthodoxy, mainly represented by Bultmann's theology, which, influenced by Heidegger's existential ontology, tended, to restrict the relevance of the Christian faith to the sphere of the personal or inner self, without taking sufficient account of man's socio-political conditioning. See D. Solle, Political Theology (Philadelphia: Fortress Press, 1974), pp. 1-9. For a summary of the theological leap from existentialism to politics, see Alfredo Fierro, The Militant Gospel (Maryknoll, NY.: Orbis Books, 1977), pp. 3-47, also Andre Dumas, Political Theology and the Life of the Church (Philadelphia: Westminster Press, 1978), pp. 1-23.

⁴ Metz, A Theology of the World, p. 110.

⁵ Metz, pp. 107-124

⁶ Metz, p. 134

⁷ Metz, "The future in the Memory of Suffering," conc 76 (1972), p. 37.

⁸ Following an approach very close to what Metz and heaving in mind the classic Marxist critique of the church, Moltmann emphasizes that "mission is not merely propagation of faith", A Theology of Hope, p. 260. The church is the church of God, Moltmann argues, "only where in specific acts of service it is obedient to its mission to the world... A church for the world", *ibid.*, p. 327. The mission of the church, Moltmann holds in a later work, "embraces all activities that serve to liberate man from his slavery in the presence of a coming God, slavery which extends from economic necessity to God forsakenness", The church in the Power of the Spirit (New York: Harper, 1977), p. 10.



eschatological promise”⁹. Because of its eschatological orientation, the church, thus, is called to work for the transformation of the human *polis*, and for the unblocking of the way for God’s future. Its task is to be critical of society, standing against the status quo, denouncing dehumanizing forces and being at the service of men in concrete history.

Black and Feminist Liberation Theologies

Political theology, however, has not been an isolated phenomenon. In fact, the break of political theology with classic speculative theology, to a great extent paved the way to the emergence of theologies of liberation and the forms in which they have affected the church. For practical purposes, it may be adequate to classify liberation theology under three models. The first type comes out from the Third World, especially from the Latin America context. To this, because it is probably the most vocal and articulated, and has produced an immense corpus of written material, we will devote particular attention. The present study, thus, will deal with Latin American liberation theology separately, but much of our analysis of this impact on the church can be, by way of extension, be applied to the other two forms of liberationist theological thought.

The remaining two types of this innovative way of theologizing, have emerged within the United States, in the late 1960s and early 1970s, in the form of black¹⁰ and feminist¹¹ theologies. For them, theology must have their roots not on

⁹ Metz, A Theology of the World, p. 277, Portuguese edition. Metz’s theological construction has been strongly criticized. The very concept of “political theology,” and other notions that appear in his work, such as “critical institution.” (in reference to the church), “praxis” “critical theory”, and “end of the metaphysic,” are considered “generally used without sufficient basis, in a a-historical, abstract and indetermined way.” K. Lehmann, “La teologia política, legittimazione teologia e aproria presente” (Queriniana Bréscia, 1971), p. 97, the translation is mine. Furthermore, it has been argue that the social and political dimension of the Christian message cannot be, in any way, used to justify the promotion of the political as an hermeneutical principle for the totality of God’s revelation. Such a promotion is in itself and act of idolatry, being contrary to the biblical data. See E. Fell, in *Debattio sulla teologia della rivoluzione* (Queriniana, Bréscia, 1971), p. 135-136. Finally it has also been said that unless we want to fall in a new form of *integrismo* and *clericalismo*, we cannot impose to the church any program of a particular political system. See H. Maier, *Teologia politica? Obezioni di un laico*” in *Debattio sulla teologia politica*, op. cit. pp. 41-44, also H. de Levalette, *La Théologie politique allemande,*” in *Revue des SC. Religieuses*, 1970, pp. 321-350.

¹⁰ See James H. Cone, *Black Religion and Black Power* (New York: Seabury Press, 1969); James J. Gardiner and J. Deotis Roberts, *Quest for a Black Theology* (Philadelphia: Pilgrim Press, 1970); J. Denotis Roberts, *Liberation and Reconciliation, a Black Theology* (Philadelphia: Westminster Press, 1971); Gayraud W. Wilmore and James H. Cone, eds., *Black Theology, a Documentary History 1966-1979* (Maryknoll, NY: Orbis Books, 1979); G. Clarke Chypaman, Jr., *American Theology in Black: James H. Cone, CrossCur* (1972), pp. 139-157. For a summarized discussion see Harvier M. Coon, *Liberation in Black,*” in *Tensions in Contemporary Theology* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1976).



a cumulative body of research, as in traditional theology, but in a concrete experience and specific struggles. Thus, black and feminist theologies take the context of oppression as the norm and **locus** of theological reflection and incorporates the concept of liberation within their understanding of the function of theology as well as the mission of the church.

Each of these theologies has become critical of the inherited way of interpreting Christian symbols (feminist theology, has even extended its critique to the symbols themselves, questioning, for example, the "maleness" of the deity). Not surprisingly the exponents of these theologies pose a strong reaction against European and North American theological establishment, which, in their perception, too easily assumed that its theology was simply "Christian theology." For these theologians, traditional theology has made an ideological use of Christianity, and its very interpretation of the Bible and selective content has become strongly supportive of oppression, either from racial or sexist perspective, in benefit of white western and males in general.

Although **oppression** and **liberation** may be differently understood (black theology focuses in **racism** and stressed liberation from the oppression of white culture and white religion, while, feminist theology conceives oppression in terms of **sexism**, and focuses on liberation from male dominance, to which women historically have been subject), these theologies share a common methodology, common perspectives common themes.

Each type of liberation theology has a vision of a new society where justice will be realized in its fullest sense. They all have "passion for and vision of human deliverance"¹², and are marked by a kind of Messianism in their foundation, where salvation, liberation and humanization are envisioned almost synonymously. Furthermore, each of these theological reflection has a particular vision of the

¹¹ Among the most important works published by participants in the women's liberation theology we find: Sookied Stamble, ed. *Women's Liberation Blue Print for the Future* (New York: ACE Books, Chapter Communications, 1970); Rentley Doely, ed. *Women's Liberation and the Church, the New Demand for Freedom in the Life of the Christian Church* (New York: Association Press, 1970); Jeanne Richie, *Church, Caste and Women in New Theology*, Martin E. Marty and Dean G. Peerman, eds., (New York: Paulist Press, 1972); Letty Russel, *Human Liberation in a Feminist Perspective: a Theology* (Philadelphia: Westminster Press, 1974); Mary Daly, *Beyond God the Father: Toward a Philosophy of Women's Liberation* (Boston: Beacon Press, 1973); Dorothee Soele, *The Strength of the Weak, Toward a Feminist Identity* (Philadelphia: Fortress Press, 1984). For a helpful bibliography on feminist theology, see Kathleen Storrie, *Contemporary Feminist Theology: A Selective Bibliography*, ThStFIBul 7 (Mary-June 1984) pp. 13-15.

¹² Paul Lehmann, *Ideology and Incarnation* (Geneva: John Knox Press, 1972), p. 25



church, which seeks to “commit Christians to radical, political and social change and to transform society in order to create a more human world”¹³.

Latin American Liberation Theology

The contemporary attempt to relate the teachings on the Christian faith to the lives and struggles of the oppressed, as well as the vision of salvation as a journey toward liberation and freedom seems to indicate that the conditions of oppression “have reached a level of consciousness that can no longer be ignored or set aside as unimportant by serious Christians”¹⁴. It is precisely within this new consciousness developed among the oppressed and their quest for liberation, that the revolutionary theological development that emerged from Latin America under the rubric of liberation theology is to be found.

It should be noted that although Latin American liberation theology is deeply rooted in contemporary theological and secular developments, to limit it to these influences would fail to perceive its distinctiveness and dynamic character. Thus, to say that liberation theology is only “bad Spanish translations of bad German ideas”¹⁵ is a misleading oversimplification. The background of the theology that emerges from Latin America after centuries of theological silence, involves the very history of Christianity in the continent and this impact on society and politics in the area. But above all, liberation theology must be understood as the result of a new consciousness of its context of oppression and attempt to respond to an appalling situation of massive poverty, unemployment, malnutrition, infant mortality and illiteracy. In fact, Brazilian liberation theologian Leonardo Boff insists that it is impossible to understand liberation theology as something prior to or apart from the extreme poverty to which “millions of our brothers in Latin America continent are condemned”¹⁶. Contrary to black and feminist theologies, Latin

¹³ Paul Murray, “Black and Feminist Theologies, Links, Parallels and Tensions,” *ChrCris* 40 (1980), p.86

¹⁴ Stanley Stuphin, *Options in Contemporary Theology* (Washington DC: University Press of America, 1977), p. 38

¹⁵ Richard Neuhaus, *The Catholic Moment*, (San Francisco: Harper and Row, 1987), p. 177.

¹⁶ Leonardo Boff, Declaration in T. Cabestrero, *Los teólogos de La liberación em Puebla* (Madrid: Bilbao, 1979), p. 70, the translation is mine. Roman Catholic theologian Gustavo Gutiérrez, generally regarded as the father of liberation theology, remarks that “the recent history of Latin America is distinguished by the disturbing discovery of the world of the other—the poor, the exploited class”, *A Theology of Liberation: History, Politics and Salvation* (Maryknoll, NY: Orbis Books, 1973), p. 76. It should be not surprise that concern for socio-economic and political liberation emerged from the Third World. Comprising the great majority of mankind, four-fifths of the inhabitants of the planet here strive “to survive with the aid of a meager twenty percent of the goods of the earth.” Walbert Bühlmann, *The Coming of the Third Church: An Analysis of the Present and Future of the Church* (Maryknoll, NY: Orbis Books, 1978), p. 2. See Ronald Sider, *Rich Christians in an Age of Hunger* (Downers Grove: Inter-Varsity Press, 1977). In the Latin American countries, a minority of 5-10% generally control half the wealth,



American liberation theology understand oppression and liberation from socio-economic perspective ¹⁷. For these theologians, the prevalence of socio-economic injustices in Latin America is the basic issue around which theology and the church must orient their task.

Liberation theology consistently emphasizes that the gospel offers not only liberation in the spiritual realm, but liberation from all oppressive forces within concrete reality. Thus, under the specific conditions of Latin America, it is contended, theology must reflect on the socio-political features of the gospel and have a special function. More than anywhere else, theology in this context cannot be an academic preoccupation with the past or mere repetition of ancient dogmas, or even a critical-historical exegesis of Scripture, removed from the real world, where real people suffer and die. Theology must be incarnational. It must be above all a liberating force committed to "humanize the oppressed" and devoted more to change reality than to understand or interpret it. In the Latin America situation, liberation theologians argue, theology cannot be less than a response capable of providing a theological foundation for the church's option for the poor in effective involvement in their struggle for liberation. As the name implies, liberation theology is concerned with the meaning of religion for social and political liberation. Thus, once a cloistered and abstract discipline, theological reflection is now placed in the context of real social experience and transformed into a reflection on concrete issues within its context of oppression.

The main notions of Latin America Liberation theology and their implications for the Church

As indicated, liberation theology emerged in the late 1960s. Today, twenty years later, the movement has undergone development, and more recent liberationist writings evidence their thinking has passed through a process of shifts and refinement.¹⁸ The fundamental structure of liberation theology, however,

where as the lower third of the population may receive only 5% of the wealth. See Philip Berryman, *Latin American Liberation Theology*, (ThST 34, 1983), p. 386.

¹⁷ Originally liberation theology, under the heavy influence of Marxist social analysis, understood oppression near-exclusively in terms of economic structures. More recently, however, one detects in liberationist writings a willingness to consider other types of oppression, such as sexual, political, racial, psychological and ethnic. Probably this recognition of other sources of oppression, on one hand, is a response to the criticism liberation theology had to face in this area (see for example the strong reaction against Latin American liberationist monist view of oppression by feminist liberation theologian Letty M. Russel, *Human Liberation in Feminist Perspective*, pp. 167-168). On the other hand, it is, probably also related with a more flexible use of Marxism.

¹⁸ For an enlightening discussion on these changes, see the chapter "After Twenty Years: Liberation Theology Today," in Paul E. Sigmund's recent *Liberation Theology at the Crossroads* (Oxford: Oxford University Press, 1990) pp. 176-198). Sigmund points out six areas where the shifts in the thought of



remains the same. There are in liberation theology the convergence of three main notions which stand unaltered, and are central to its understanding in relation to the subject of the present study .

a) The Contextual Nature of Theology

At the core of liberation theology is the understanding of the contextual nature of theology. Theologians of liberation are acutely aware of the fact that theology is necessarily conditioned by its social situation from which to view and interpret the gospel. Thus, the fundamental difference in the situation of Latin America, they point out, called for drastic and deliberate rejection of all imported theological formulations.

Informed by the conclusions of the sociology of knowledge, liberation theology affirms the inevitable socio-economic constraints for all knowledge and human reflection, and theology is not an exception. "Knowledge" liberation theologian Jon Sobrino points out, "...always contains...implicitly or explicitly a praxis-related and ethical character"¹⁹. The point being made is simply that there is no neutral knowledge. In this basis, liberation theology poses a serious criticism to the claim of "objectivity" and ideological neutrality of the traditional theological enterprise. This insight, further refined, leads to the conclusion that all theological reflection falls on one side or the other of the oppressor-oppressed axis. Therefore, limited and conditioned by its historical context of affluence, it is argued, Western or North Atlantic theology, whether consciously or not, has functioned as an ideological instrument of the capitalist system and of the political ruling classes, to preserve the *status quo*, or to sanctify either reactionary or convenient political options.²⁰

main Latin American liberation theologians are clearly discernible. In the final part of the book Sigmund includes two articles by Gustavo Gutiérrez, when one compares these (published respectively in 1970 and 1984), it becomes apparent that Gutiérrez thinking, as it occurs with others liberationist, has changed in important ways.

¹⁹ Jon Sobrino, "Theologisches Erkennen in der europäischen und lateinamerikanischen Theologie" in Karl Rahner et al., *Befreiende Theologie* (Stuttgart: Kohlhammer, 1997), p. 124. The basic insight of the sociology of knowledge is that there is no such thing as "autonomous knowledge." As Reinhold Niebuhr says, "All knowledge is tainted with an 'ideological' taint, *The Nature and Destiny of Man* (New York: Charles Scribner's Sons, 1964), p. 194. In other words, there is no knowledge which would not be closely tied with a given live situation. For a general discussion of the subject, see James E. Curtis and W. Petras, eds., *The Sociology of Knowledge: A Reader* (New York: Praeger, 1970), chaps. 1 and 2.

²⁰ Liberation theologians, as we have observed, contend that theological reflection arising out of Europe and the United States, allegedly merely interpretative, has served as an ideological tool of the **status quo** to legitimize situations of oppression (Gutiérrez, *A Theology*, p. 249). The point in question is not that Western theologians deliberately have set out to interpret the Bible in an oppressive way, but that through a subtle and unconscious process, the values, goals and interests of their capitalist context, out



For liberation theologians, every theology is political even when it does not speak or think in political terms. Thus, the difference between liberation theology and academic theology, it is stressed, is not, actually, that the former is political and the latter apolitical, but that while the latter denies its relationship with politics, the former consciously and explicitly accepts it.²¹ This vision common to all types of liberation theologies, presupposes not only an advocacy instance (i.e. a partiality consciously accepted by theology and the church) in favor of the oppressed, but also a re-reading of Scripture from their perspective. Negatively this re-reading of Scripture includes a *deideologizing* followed by a re-ideologization to provide support and legitimation to the liberationist program. Accordingly, Christian love is not necessarily opposed to struggle, ever class struggle. Salvation and liberation are complementary realities. Conversion is fundamentally "conversion to the neighbor". Sin is more a social and historical fact, and the struggle to build a just society is an integral and indispensable part of the church's agenda.

Well understood, speaking out of their context of oppression, what liberation theologians propose, is not simply a theology that deals with the issues of liberation, but rather one that attempts to reactualize the entirety of Christian faith, doctrine and life from the perspective of their cultural interests. Thus, while accusing traditional biblical interpretation as ideological, liberationist hermeneutics

of which theological reflection arises are read into Scripture. See Justo and Catherine González, *Liberating Preaching* (Nashville: Abingdon Press, 1980), p. 13.

²¹Liberation theologians are unquestionably right in their position that no one can be absolutely objective interpreting the Bible. At this point they have called attention to a crucial hermeneutical question. Problem arises, however, when they give the impression that objectivity is not worth striving for. Evidently, the attempt to be objective enhances the capacity of being self-critical. While one may have no illusions effort to maintain some critical distance from any form of advocacy. Interpreters of the Bible in particular have a moral obligation to be faithful to the intentionality of the text, internally defined. No matter how just or pressing the cause of the oppressed, the meaning of a text should not be twisted or stretched by a less likely interpretation selected to support that cause. Furthermore, although we must admit that to a greater or less extent much of traditional interpretation of the Bible has been conditioned by the affluent Western world, which has forged a "rich", "male", or "white" understanding of God's work, the answer, however, is not to balance a possible one-sided societal interpretation by stressing another equally one-sided societal interpretation. The kind of repentance that the classic reading of the Bible needs is not to turn to a "poor", "feminist" or "black" re-reading of Scripture, as liberation theologians in general suggest. True theological repentance must acknowledge that although Biblical theology is situation-related it should not be situation-bounded. Theologians must attempt to make God's word relevant for their context, but by the same token, they must also make a genuine effort overcome their ideological captivity. This holds true no less for liberation theologians than for "academic" theologians. Only then will theology be able to distinguish the voice of its own culture from that of a sovereign God speaking in an authoritative Bible.



is not without its own ideological slant. Under the influence of subtler forms of captivity it make the equal mistake of the scholars it wishes to refute appearing equally incapable of hearing God's voice in Scripture.

b)The Priority of Praxis

Perceiving the Latin American economic-political situation not only as a challenge to the Christian conscience, but also as an expression of the "signs of the times", which are a theological locus and summons from God, liberation theologians have called into question the traditional task of theological reflection. What structure should the methodological and hermeneutical process adopt that theology may be true to the necessity of the liberation of those who are exploited, despised and crushed? In order to give a proper answer to this basic question, liberation theologians concluded it was necessary to make a radical challenge in traditional theological methodology.

Western theology, traditionally elaborated from the perspective of philosophical idealism, has been notorious for its abstractness. Generally starting with philosophical and metaphysical categories and primarily interested in interpreting a given set of religious concepts, it has become a sort of *fuga mundi*, almost without any reference to the concrete reality. In more recent times, as generally indicated, concerned with the secularization and consequent man's loss of faith in a scientific world, the first question of contemporary theology has been how to talk about God in a "world come of age." In Latin America situation, marked by the overwhelming presence of the poor, since the driving motive in doing theology is not *rationality* but *transformation*, and the interlocutor or "historical subject" of liberation theology is not the **unbeliever** but the **oppressed**, the conviction emerged that theology must have a particular function. To be relevant, since the poor are not asking theoretical questions about invisible realities, and are immediately more interested in "life after birth" than in "life after death", theology could no longer start with classical traditionalist metaphysics, but from the concrete situation of poverty and oppressing in which the majority of Latin America sub-exists. This, according to J. Míguez Bonino, a distinguished protestant liberation theologian, is "the only possible point of departure".²²

The first step on the theological task, therefore, was no longer to go to the Bible or to the dogmatic tradition, and only then try to apply a thereby acquired theory to a concrete situation, as it was traditionally conceived within a *word-action*

²² José Míguez Bonino, *Doing Theology in a Revolutionary Situation* (Philadelphia: Fortress Press, 1979), p. 72



scheme. Liberation theology, following the modern understanding of the relation between theory and praxis, took a decisive step to replace this model by an action-word relationship.

Traditional understanding which presupposes the existence of an absolute pre-existing truth, independent of its historical effectiveness, came to be rejected. For liberation theologians, drawing here mainly from Marx, the basic epistemological assumption is that truth lies not in the realm of ideas but on the historical plane of action. "Action itself is truth"²³. To know the truth, it is further contended on the basis of the theme of "doing the truth" found in the discourses of the Johannine Christ, is to do the truth. From this perception—i.e. that truth is known not in abstractness but in **praxis**²⁴ in the midst of involvement in history—follows the affirmation of the priority of right-doing (orthopraxis) over right-thinking (orthodoxy).²⁵

Affirming the primacy of action over thought, and insisting that the church can think its faith only as is engaged in practicing it, liberation theology consistently maintains that "active commitment to liberation comes first and theology develops from it"²⁶. Within this "new way of doing theology" praxis becomes the matrix that generates theological activity. As advocated by Gustavo Gutiérrez, theology is reflection of praxis, it is a second step, and it "follows" or "comes later". In the oft-quoted phrase of Hegel, Gutiérrez insists, "it rises at sundown".²⁷

²³ Míguez Bonino, *Doing Theology*, p. 72

²⁴ Praxis (a term hardly used univocally by liberation theologians), it should be noted, is a technical term in Marxism which embraces those activities capable of transforming reality and society. It is more than merely involvement in a situation or "practice". It is a particular kind of involvement (i.e., class Marxist), within the historical situation. Theology as "critical reflection on praxis in the light of faith" (Gutiérrez, *A Theology of Liberation*), pp. 11-15) points to an ongoing interplay of reflection and action.

²⁵ As a result of the reversal of the traditional relationship between theory and practice, a "Copernican change in theology" took place and continuity between this form of theology, defined as "a reflection on Christian praxis in the light of the Word", and the "academic" theology became hardly possible. With his usual aggressivity, Brazilian liberation theologian Hugo Assmann, affirms that "the road is cut off to any kind of reflection which represents taking refuge in a verbal world dressed up in ontological density, which reflects man's incapacity to deal with the true problems". *Oppression-liberation, Desafio a los Cristianos* (Montevideo: Tierra Nueva, 1971), p. 87.

²⁶ Gutiérrez "two Theological Perspectives" p. 247. "This Theology" Gutiérrez remarks, echoing Marx's eleventh thesis against Feuerbach ("These on Feuerbach" in Karl Marx and Friedrich Engels, *On Religion*/New York: Schocken, 1964, p. 72), "does not stop with reflecting on the world, but rather tries to be a part of the process through which it is transformed" (*A Theology*, p. 15). Space does not allow a careful analysis of liberation theology's emphasis on the priority of praxis and the dangers involved in it. I have dealt with this question on my doctoral dissertation (See A. Rodor, *The Concept of the Poor in the Context of the Ecclesiology of Liberation Theology*, /Th. D Dissertation: Andrews University, Berrien Spring, Mi. 1986), pp. 257-265).

²⁷ Gutiérrez, *A Theology*, p. 11



It should be noted, however, that on the basis of the very nature of Christian theology, however, the liberationist contention for the priority of revolutionary praxis over theory must be seriously challenged as ultimately subversive to the identity of theological content and threatening to the fundamental structure of the Christian faith. God's revelation, accessible through the medium of a particular kind of theory, i.e the written word of Scriptures, not only has primacy over human praxis, but also determines and judges what correct praxis is.²⁸

c) The View From Below

Despite the decisive significance of liberation methodological reversal, making praxis the center of gravity around which theological work rotates, liberation theologians perceive that "it is not enough to say that praxis is the first act".²⁹ Actually the real hermeneutical-methodological *novum* of liberation theology does not come from the emphasis that theology must arise from praxis (other contemporary European theologians also advocate the precedence of praxis over theory). Rather, it emerges in relation to the historical subject of this praxis. Gutiérrez insists, "it is not enough to know that praxis must precede reflection: we must also realize that the historical subject of that praxis is the poor... the people who have been excluded from the pages of history."³⁰

At this point the poor are introduced into the theological arena an integral part of liberation methodology, note merely as the privileged starting point of the theological task, but as the hermeneutical key "to an understanding of the meaning of liberation and of the meaning of the revelation of a liberating God."³¹ It is not surprising therefore that for Gutiérrez "without the poor as subject, theology degenerates into academic exercise"³² or that without him (the poor)", as

²⁸ Furthermore, liberation theology's too narrow and too restrictive understanding of orthopraxis should not obscure the pitfalls of pragmatism and functionalism. The biblical concept of "doing" as a presupposition of "knowing" hardly can be limited to concrete political liberation action. The question is not whether Christian theology should or should not endorse the notion or praxis, but who or what determines the meaning of the concept. The biblical gospel or an alien ideology? By stressing the dialectical unity of theory and praxis in the act of faith, liberation theologians have recovered a very important biblical insight. But, in their excessive enthusiasm about "doing the truth" in its societal form, they run the serious danger of confusing the totality of Christian practice with the praxis of their own culture, group and interests, losing sight of the comprehensive character of the "praxis" taught by God's word.

²⁹ Gutiérrez, *The Power of the Poor* (Maryknoll, NY: OrbisBooks, 1983), p. 202

³⁰ Gutiérrez, "Two Theological Perspectives", p.245.

³¹ Gutiérrez, *The Power of the Poor*, p. 200.

³² Gutiérrez, "South American Liberation Theology", p. 116.



Argentinean theologian Henrique Dussel, considered the historian of the movement, puts it, "faith becomes ideology, mere doctrine, obscurity."³³

For liberation theologians, history thus far, has been interpreted "from the standpoint of the 'winners' or rulers, or upper classes."³⁴ Theology itself has been "written by white, Western bourgeois hands."³⁵ Liberation theology sees as its primary task to reinterpret history and theology to *redo*, i.e., from the opposite viewpoint, from the perspective of the poor. "Our first job today", Gutiérrez writes, "is to reread history in terms of the poor, the humiliated and rejected of society." Elsewhere he writes, "we want to do theology from the 'other' from a point outside of ourselves."³⁶

Theological reflection from the perspective of the poor, however, does not occur in a *vacuum*. Convinced that there is a basic blockage of the word of God now being held in an in-system captivity as a result of many falsifying mediations in the past, particularly the intrasytematic inclusion of biblical interpretation within the capitalist system-liberation theologians contend that God's summons is not directly accessible. The word of God is mediated today through the cry of the poor.³⁷ For liberation theologians God is not known in the midst of ontological reflection but in the midst of the poor and their liberating praxis. If for R. Niebuhr revelation is unintelligible from the spectator's viewpoint,³⁸ Gutiérrez goes one step further, insisting that only someone adopting the *poverty perspective*, i.e., the perspective of the oppressed engaged in the struggle for liberation can hear God's word. Thus it seems clear that theology, as proposed by the Latin American liberationists, is dependent not only upon a theological commitment to the poor but also upon a political commitment to their struggle. With this notion in mind, it becomes readily apparent what is demanded

³³ Enrique Dussel, *Domination-Liberation: A new Approach, The Mystical and Political Dimension of the Christian Faith* (New York: Herder and Herder, 1974) p. 51, note, 26.

³⁴ Gutiérrez, "South American Liberation Theology," p. 117.

³⁵ Leonardo Boff, *Teologia do Cativo e da Libertação*, (Lisbon: Multinova, 1976), p. 65. This change implies that theology and church have been class-oriented, defending the interests of some segments of society (the "haves") to the disadvantage of others (the "have-nots").

³⁶ Gutiérrez, *A Theology*, p. 331. Quoting a compelling text of Bonhoeffer, he summarizes the decision of liberation theology to work from the viewpoint of the poor: "We have learned to see the great events of the history of the world from beneath-from the viewpoint of the useless, the suspect, the abused, the powerless, the oppressed, the despised. In a word, from the viewpoint of the suffering". Gutiérrez, *The Power of Poor*, p. 203; cf. D. Bonhoeffer, *Letter and Papers from Prison*, p. 17.

³⁷ See Gutiérrez, *Faith and Freedom*, Horiz 2 (1979), pp. 32,38.

³⁸ Cf. William C. Spohn, *What are they Saying about Scripture and Ethics?* (New York: Paulist Press, 1984), p. 55.



from the church regarding to the nature of its "option for the poor". To this we will return latter.

The Role of Marxism in Liberation Theology

Before turning attention to the specifics of our discussion, one more question needs some consideration: the role of Marxism in liberation theology.³⁹ First of all we should keep in mind that one detects a discernable difference among liberation theologians regarding the level of approaching of Marxism. Despite a widespread negative impression, liberation theologians are not doctrinaire Marxists, or uncritical in their adoption of Marxism categories even though their formulations are not free from ambiguities in this regard.⁴⁰ Furthermore, more recent liberationist writings, as Paul E. Sigmund observes, "there is a more nuanced attitude toward Marxism."⁴¹

As indicated earlier, Western theology has fairly consistently cast theology into philosophical molds. Under the influence of Greek rationalism, theologians have sought to relate faith to contemporary though patterns rather than to socio-economic and political problems, tending therefore to overlook concrete issues faced by larger segments of society in daily life. At this point, since the poor are conditioned by the social rather than by the philosophical-Latin American liberation

³⁹ The role of Marxism in liberation theology, must be candidly understood. Some critics have implied that liberation theology and Marxism are indistinguishable, but this is hardly accurate. Some exaggerations such as that of the prestigious Colin Brown's Dictionary of the New Testament Theology, 3 Vols. (Grand Rapids MI.: Zondervan Publishing House, 1979), which treats Latin American liberation theology under the heading "War" (3:972-976), are not only unfair but misleading as well.

⁴⁰ See J. Miguel Bonino, Christian and Marxists. The Mutual Challenge to Revolution (Grand Rapids, MI.: Wm B. Eerdmans, 1979); J. Emmette Wier, "Liberation Theology, Marxist or Christian?" Exposit 90 (1978):260-275; Juan L. Segundo, Liberation Theology (Naryknoll, NY.: Orbis Books, 1976); R. MacAffe Brown argues that Marxism may be considered from three different perspectives: first, as a world-view, an all-encompassing framework including historical materialism, the inevitability of class struggle, economic determinism, strong critique to religion, etc.: second not so much a totalworld- view but as a plan for political action; and third, chiefly as an instrument of social analysis (Theology in a New Key, /Philadelphia: Westminster Press, 1978/, p. 66). In this context, Brown, underlines that the majority of liberation theologians adopt Marxism only as an instrument of social analysis; See also Willian C. Sphon, What are they Saying About Scriptureand Ethics? (New York: Paulist Press, 1984).

While Brown tend to separate "class struggle" from "social analysis" giving the impression that the former is not implied in the latter, less sympathetically Stephen Neil criticizes liberation theologians for accepting the Marxist analysis of society with its underlying notion of class struggle in toto, "hook, line and sinker"(Salvation Tomorrow / Nashville: Abingdon, 1976/, p. 82). For an enlightening discussion of liberation appropriation of Marxist constructs, see Joseph Laishle, "Theology Trends: The Theology of Liberation", The Way 17 (1977):217-228; 301-311. The pressing question posed to liberation theology, however, is whether it can use Marxism as a tool of sociological analysis without at the same time adopting its concept of life, anthropology, view of history and political solution (see below).

⁴¹ Sigmund, Liberation Theology at the Crossroads, p. 177.



theology breaks with former theologies.⁴² Contrary to traditional philosophical approaches to reality, liberation theologians, led by the inescapable presence of overwhelming poverty in their continent, have chosen the social sciences as patterns for dialogue, endorsing the Marxist analysis of the Latin American situation in terms of the domination theory and class struggle. The Marxist theme of the dialectic of history with its implicit notion that society is sharply divided into two groups the oppressors and the oppressed,⁴³ appears, in fact to supply an effective method for producing liberation in a situation which hitherto had managed to neutralize all progressive forces for change.

To prevent the spiritualization of the terms poor and poverty, so common in traditional church exegesis, and the deflection of the liberation movement, the identity of the poor and the character of their situation, therefore, is determined scientifically by Marxist analysis of the Latin American economic and political context. It is the “class struggle”, the cornerstone of the Marxist vision of history, that the situation is defined. As Gutiérrez points out, “liberation theology categorizes people not as believers and unbelievers but as oppressors or oppressed”.⁴⁴

This vision of the world where the Latin American church finds itself, naturally, as one might expect, puts on the church’s agenda a radical view of its

⁴² According to Philip Berryman, in Latin America it “is the reality itself which impels Christian to go back to Marx” (“Latin American Liberation Theology”, ThS (1973):374. Penny Lernoux also notes that “Marx helped Latin Americans to clarify their situation of neocolonial dependence on capitalism”, particularly through the “Knowledge of its reality which is the first step in the transformation of society” (“The Long Path to Puebla” in Puebla and Beyond, eds. John Eagleson and Philip Schraper / MaryKnoll, NY.: Orbis Books, 1979/, p. 10). J. Andrew Kirk enumerates the reasons why Marxism so forcefully attracts Latin American liberation theologians. (Liberation theology / Atlanta: John Knox Press, 1979/, pp. 160-162). Significantly, it should be noted that while in Europe the relation between Christianity and Marxism is conceived in terms of “cooperation” or more precisely, as Fidel Castro described it, an “alianza estrategica” (a “strategic alliance”). Cf. Hugo Assmann, ed., Habla Fidel Castro sobre los cristianos revolucionarios/ Montivideo: Tierra Nueva, 1972, p. 49.

⁴³ According to Marxism, the history of humanity demonstrates a coherent pattern and development. All relationships between people are founded on the relationships of the means of production (Marx, The 1844 Manuscripts cf. B. Ollmann, Alienation: Marx’s Critique of Man in Capitalist Society / Cambridge: University Press, 1977/, chaps. 2 and 3); and these relationships, due to the monetary system of exchange in society, have given rise to the class struggle. For Marx “the history of all hitherto existing society is the history of class struggles” (Karl Marx and Friedrich Engels, The Communist Manifesto / New York: Monthly Review Press, 1964/, pp. 2, 57); for a summary see Hans-Lutz Poetsch, Marxism & Christianity / St. Louis, MO.: Concordia Publishing House, 1973), pp. 28-44). Society, thus, consists of two groups: the oppressors and the oppressed. Only two classes stand against each other: bourgeoisie and proletariat (The Communist Manifesto. P. 61).

⁴⁴ Gutiérrez, South American Liberation Theology, p. 110.



participation in the Mission Dei. The church must move out from ghetto place in culture, and participate in the revolutionary process, an involvement which bears the "Marxist sense of participation in the class struggle to bring about the creation of a new society".⁴⁵ Since the existence of the poor as demonstrated by social analysis, "is not politically neutral or ethically innocent,"⁴⁶ an effective option for the poor demands not mere lyrical and vague appeals in defense of "human dignity", or even generous actions, but *political charity*, i.e. a decisive political stance against the deep roots of poverty, which presents itself in flat contradiction to the gospel of Jesus Christ.

As Gutiérrez sees it, Christian love and solidarity with the oppressed, to be relevant, must manifest itself in class option.⁴⁷ Such a commitment, to be sure, is bound to cause division in the church and poses a problem for its unity as well is for the universality of Christian love.⁴⁸ Yet, though the church must work for reconciliation, it is contended, there can be no reconciliation until the walls of class, race, and culture that divide the Latin American society as well as the church constituency are destroyed.

⁴⁵ Stephen C. Knapp, A Preliminary Dialog with Gutiérrez Theology of Liberation, Sojournes (September 1976), p. 17.

⁴⁶ Gutierrez, "Liberation Theology and proclamation", p. 59; "Faith and Freedom: Solidarity with the Alienated and Confidence in the Future", Horiz 2 (1976), p. 34. Poverty in Latin America, liberation theologians perceive, is not fatality, or "God's will", but the result of the massive domination of North American capitalism in "Liberation Theology and the Multinationals", ThT 41 (1984): 51-60.. American Roman Catholic scholar Michael Novak in his The Spirit of Democratic Capitalism (New York: Smon & Schuster, 1982), for a summary see Novak's "A Theology of Development for Latin America", in R. Nash, ed., Liberation Theology (Milford, MI.: Mott Media, 1984), pp. 2-44; also Sigmund, Liberation Theology at the Crossroads, pp. 143-150. Although liberation theologians still blame most of Latin America's ills on "dependent capitalism", Sigmund observes a change regarding to this question (pp. 178-179).

⁴⁷ Gutierrez, A Theology, p. 273. Liberation theologians see no choice for the church, "when the church rejects the class struggle, it is objectively operating as a part of the prevailing system.". (ibid., 275). Sigmund points out that there has been an altered attitude in liberationist thought toward the possibility and desirability of violence in the pursuit of social justice (Liberation Theology at the Crossroads, p. 177). It seems that one finds in liberation theology today "a recognition that the poor are not going to be liberated by cataclysmic political transformation, but by organizational and personal activities in Base Communities" (ibid.).

⁴⁸ Gutierrez does not ignore this danger (A Theology, p. 273). In his view, however, the division already exists within the church (South American Theology", pp. 11011-9). Furthermore, while for liberation theologians love is universal it is not possible to love everyone in the same way: "We love the oppressors by liberating them from their misery, and the oppressors by liberating them from their sin... (thus) the liberation of the rich and the liberation of the poor are realized at the same time" (Miguez Bonino, Doing theology, p. 122; Gutierrez, A Theology, p. 285, note 56). For Gutierrez the question is not "having not enemies, but rather of not excluding them from our love". "The struggle, therefore, "must be a real and effective combat, not hate" (A Theology, p. 276). The question to be asked, however, is whether it is realistic to envision class struggle without exacerbation of hate, violence, resentment and rivalries which are precisely the driving force of the oppressed/oppressor polarization.



Heavily influenced by their study of Marx,⁴⁹ liberation theologians do not limit their appropriation of Marx's insights to their concept of praxis as the starting point for theological reflection or to their vision of society. Without exaggeration, Gerard Bergthoef and Lester Dekoster, single out four central elements Marxism in the writings of liberation theologians: a) the class struggle, b) the rejection of private ownership of the means of production, c) the promotion of evolution, and d) the belief in redemption through the development of "the new man."⁵⁰ In fact, one finds a noticeable convergence between some views sustained by liberation theology and Marxism though. Marxism anthropology and eschatology, particularly expressed in the notion of the proletariat as the class with a special destiny in history, seems evident in liberation theologians.⁵¹

⁴⁹ Liberation theology Jose P. Miranda seems to speak for all when he affirms that "we are all riding on Marx's shoulders". *Marx and the Bible: A Critique of the Philosophy of Oppression* (Maryknoll, NY.: Orbis Book, 1974), p. xiii.

⁵⁰ These are identified by Gerard Bergthoef and Lester Dekoster A "the four pillars of liberation theology", *Liberation Theology, Tgw Church's Future Shock* (Grand Rapids, MI." Christian Liberty Press, 1984), p. 180. J. Andrews Kirk also challenges liberation theology claim of its use of Marxism only as a "tool of analysis". *Liberation Theology, An Evangelical View from the Third World* (Atlanta, John Knox Press, 1979), p. 164 ff.

⁵¹ One finds a clear convergence between the role Marx assigned to the proletarian masses and the mission liberation theologians attribute to the poor. In both the resolution of history and the process through which the here-and-now justice is achieved lie in the struggle of the oppressed. Marxist's utopianism and idealistic view of human nature is reflected in the liberationist optimistic view of the role of the poor as the creators of justice in the historical process of change. Gutierrez eschatology, for example, lies in the work of the materially poor, "The future of history", he affirms, "belongs to the poor and exploited. True liberation will be the work of the oppressed themselves" (*A Theology*, p. 208). They (the poor) are the force to transform history (Gutierrez "The Irruption of the Poor", p. 120), "the true liberators and the artisans of the new humanity" (Gutierrez, "South American Theology", pp. 110-111) "The salvation of humanity passes through them", he goes on to affirm. "They are the bearers of the meaning of history", (*A Theology*, p. 203). In all this, liberation theologians echo Marx's affirmation in the Communist Manifesto that the proletariat "is the class that holds the future in its hands" (cf. Karl Marx and Frederick Engels: *Selected Words* / New York: International Publishers, 1968/ p. 44) Marx believed with remarkable faith that the proletariat are the only people who can achieve changes. They would destroy the present oppressive type of society eliminating alienation by making men for the first time master of their destiny. They need only to be taught the way to change things and they will hasten the inevitable bread-down of the capitalist system of private property. Liberation theologians seem to follow this belief, insisting that the Christian identification with the calls that is destined to be the whole could help toward social unity (cf. Míguez Bonino, *Doing Theology*, p. 122: Gutierrez, pp. 113-114). See Rodor's *Concept of the Poor*, pp. 161-168; 203ff; 281ff). It should be noted, however, that there is no factual basis for the Marxist view of history as an inescapable march toward the liberation of the proletariat and a classless society. Furthermore, there is in liberation theologians treatment of the kingdom an unsolved ambiguity. On the one hand attempting to protect man's autonomy and free creativity, they suggest that the kingdom is a work of man (see Gutierrez, *A Theology*, p. 122). On the other hand, however, to protect God's sovereignty they underline that the kingdom is above all a gift (ibid., p. 177). As Dale Vree observes, liberation theologians succeed in truncating man's autonomy (because man cannot finish what he has started), and compromising God's omnipotence (because God cannot start what he alone can finish; "Christian Marxists", p. 42).



Furthermore, not only does liberation theologians tend to define the poor in terms of Marxism categories, but ironically, in attempting to avoid the traditional “romantic” interpretation of the poor, it also ends up adopting Marxism “romantic” and often dogmatic views about the *sinless proletariat*. Divide society sharply between oppressed and oppressors, the impression is given that the former are the good guys and the latter the bad guys, with the underlying idea that only the rich and their capitalist structure are capable of evil⁵² and suggesting that, as John Mckenzie notes in his review of Miranda’s *Marx and the Bible*, “there is nothing wrong with the poor, except that they are poor.”⁵³

This notion, which tend to equate the oppressors with sin, and the oppressed with virtue, seems to be a new formulation of the *saints-and-sinners* dialectic of Christianity, is too often a oversimplified division between good and evil. It fundamentally overlooks the fact that sin involves more than the sin of “oppressive structures.” Though not completely wrong, this view is superficial. Liberation theologians seem to pay insufficient attention to the basic failure of Marx to understand the true nature of man’s alienation: rebellion against God as revealed and exposed in biblical revelation.

Marxist insights are also an integral part of the hermeneutic method of liberation theology, marked by selectiveness and radicalization. Coming to the Bible after their commitment to Marxism class analysis of society, held as the indispensable *pre-understanding* or Scripture, they tend to put God’s word in a hermeneutical strait-jacket. Thus doing, liberation theologians run the risk, on the one hand, of creating a neo-Marcionite approach to Scripture by which only certain parts are selected as an acceptable, authentic witness to God’s revelation today. On the other hand, there is also the risk of a neo-Alexandrine hermeneutical practice, which uses the text in a basically uncontrolled paradigmatic, figurative and inspirational fashion. In both cases, the impression is given that the Bible is being used to sustain positions developed outside its orbit.⁵⁴

As indicated before, liberation theologians are not uncritical in their appropriation of Marxism. However, even taking into consideration their serious

⁵² H. Lepargneur refers to this tendency as “the Manichaeism of liberation theology” (*Theologies de la liberation et théologie tout court* Nouvelle Revue Théologique 98/1976/:165-168)., i.e., all evil comes from the “other”, their oppressor.

⁵³ McKenzie, Book Review: *Marx and the Bible*, JBL (1976), p. 280.

⁵⁴ A clear example of liberationist hermeneutical dogmatism and selectiveness can be seen in their interpretation of the historical Exodus. For a good analysis, see Atilio R. Dupertuis, *Liberation Theology’s Use of the Exodus as a Soteriological Model* (Th. D Dissertation: Andrew University, Berrien Spring, MI.: 1981).



effort to isolate Marxism as an instrumental tool of social analysis from Marxism as a systemic whole, one wonders whether it is possible to separate parts of this epistemologically unique complex. Not surprisingly Vatican pronouncements on liberation theology have warned against the danger of “embracing certain elements of Marxism analysis without taking due account to their relation with its ideology.”⁵⁵ Furthermore, can an ideology that traces the origins of all alienation to class struggles be made an autonomous guide for the church’s commitment? Giving to Marxism an almost “religious” importance, liberation theologians too readily accept the definition of the human condition and possibilities as offered by a class-oriented ideology which is hardly in agreement with either the historical facts or biblical revelation.

Liberation Theology and the Church

Although black and feminist theologies have also a functional vision of the church, it appears that such a concept is not explicitly articulated in a clear ecclesiology.⁵⁶ Latin American liberation theologians, however have devoted thought and effort to set forth in somewhat precise terms their notion of the Christian community.

Faithful to its theological methodology, from within active commitment to praxis⁵⁷ liberationists have attempts to redefine the understanding of the church, to overcome the traditional ecclesiocentric and conservative view of the church’s presence in the continent. Focusing on the key role it must carry in its participation in the struggle for liberation and justice, the theologians of liberation demand a complete uncentering of the church and outline a radical ecclesiology in stark contrast to the one which has been operative in the past.

A New Ecclesiological Perspective

⁵⁵ Sacred Congregation for the Doctrine of the Faith, *Instruction on Certain Aspects of the Theology of Liberation*, p. 18.

⁵⁶ Avery Dulles, for example, in his *Models of the Church* hardly mentions either black or feminist theologies.

⁵⁷ For Liberation theologians the church’s pastoral action is not arrived at as a conclusion from theologies premises. Theology does not lead to pastoral activity, but is, rather reflection on it. See Gutierrez, “Notes for a Theology of Liberation”, *ThS* 31 (1971): 144-145. For this reason, Gutierrez insists that if the church wishes to deal with the real question of the modern world and to attempt to respond to them, it must open a new chapter of theological-pastoral epistemology. Thus, “instead of using only revelation and tradition as starting point ...it must start with facts and questions derived from the world and from history” (*A Theology*, p. 12).



To give theological interpretation to the engagement of the church in behalf of the poor and their cause, liberation theology seeks first to bridge the huge gap between the normal life of faith and the revolutionary commitment advocated by its proponents. Gutiérrez, in particular, addresses himself to the question of relationship between the church's mission and social praxis, between salvation and the process of liberation. He starts his vision of the church with the fundamental affirmation that all ecclesiology must be rooted in a proper understanding of salvation. The church's traditional notion of salvation-which, tainted with near-exclusively other-worldly connotation, became a sort of flight from reality⁵⁸ - is radically challenged by liberation theology's rejection of any split between the spiritual and the material.⁵⁹

For liberation theology, salvation is no longer a quantitative and extensive issue (i.e., a matter of how many will be saved, and the role which the church plays in this process), but rather a qualitative and intensive one (i.e., a matter of how to exercise the saving grace that has been made extensive to everyone in the Christ event). While the quantitative approach stresses the individual, ecclesiocentric and futuristic aspects of salvation, the qualitative, on the contrary, emphasizes its corporate, universal, and current dimensions. From this emerges the inevitable conclusion: stripped of the monopoly of the means of grace and redemption, the

⁵⁸ Under the influence of a dualistic Greek philosophy, the church traditionally perceived reality in two-storied dimensions, in two separate spheres. On the one hand, the non-historical universe, the superior and exalted realm of timeless truth, spirit, soul, and supernatural salvation, all beyond the human world of history. On the other, the inferior and mundane sphere, usually associated with the evil realm of matter, body and nature. The option between the two realities, viewed irreconcilable, seemed clear. The church became overconcerned with the supernatural realm, displaying a decided lack of interest in the temporal, empirical side of human life, which one only feel outside of its interest but was also considered religiously and morally irrelevant.

As a significant corrective to this spiritualizing bias, liberation theology has exposed the infiltration of Platonic dualism into traditional Western theology which has made the gospel and salvation overly individualistic and other-worldly. Gutiérrez, as liberation theologians in general, advocates a broader view of salvation, one "which embraces all human reality, transforms it, and leads it to its fullness in Christ" (A theology, p. 153). However, liberation theology swings the pendulum too far toward the political sphere of life. See Carl E. Braaten, "The Christian Doctrine of Salvation", *Interp* (1981): 127-130; also Orlando Costas, *Christ Outside the Gate* (Maryknoll, NY.: Books, 1982). Pp. 139-130.

⁵⁹ Understood as an "intra-historical reality", is contended, salvation can no longer refer to another realm separate and distinct from the realm of material conditions of human life. Salvation, liberation theologians insist, must be oriented to the transformation of human reality in history, thus it begins in the construction of the "historical project". Gutiérrez, "Freedom and Salvation", 86. Hugo Assmann, *Theology for a Nomad Church* (Maryknoll, NY.: Orbis Books, 1976), p. 67. Since the liberation which Christ offers is universal and integral, it is contended, embracing all men and the whole men, it is not without political consequences: therefore, it is not limited to a purely "spiritual plane".



church must cease “considering itself as the exclusive place of salvation, and orient itself toward a new and radical service to mankind.”⁶⁰

Denying any claim of ecclesial universality base on spatial notions, liberation theologians place the question into a new context. The church’s universal significance must be understood dynamically, in terms of vocation and special task, doing the works of love in the world, being in the service of men, and making manifest to the rest of humanity with whom it makes its way the message of God’s plan for the world.

The church is, thus, essentially a visible sign and sacrament⁶¹ of liberation of men and history. As such it does not exist for itself. It has no meaning in itself except in the measure in which it is able to signify the reality in function of which its exists. What does this understanding of the church mean for the ecclesial community in a context where it faces struggles for liberation and a just society? It means that the church should find its mission in signifying the reality of salvation, in becoming a visible sign of the presence of the Lord in the effort to break with an unjust social order, to liberate and humanize the oppressed.

The Church and the World

For liberation theologians the traditional notion expressed by the formula “the church and the world” has functioned as a dualism which has served to cut the church off from history: supernatural and natural, salvation history and secular history, the sacred and the profane. Thus, rejecting traditional answers to the question of relationship between the church and the world, liberation theologians stress that this bifurcation becomes an “outworn phrase that should be replaced by ‘church in the world’ or ‘church of the world’.”⁶²

For Gutiérrez, the church is not a *non world* or an “order apart”, the order of salvation and holiness in the world. Rather the church “must turn to the world, in which Christ and his Spirit are present and active; the church must allow itself to

⁶⁰ Gutiérrez, A Theology, p. 261.

⁶¹ Ibid., p. 261. Second Vatican Council had already conceived the church as the sacrament of salvation (Lumen Gentium, nos. 1, 48; Gaudium et Spes, no. 45). This notion, considered the most important milestone of Vatican II in the field of dogmatic theology (see K. Rahner, The Christian of the future / Montreal: Pam Publishers, 1964/, p. 82). However, did not win the acceptance of all theologians for it was feared that it would lead to “reducing ecclesiology to the study of outward elements” (Jerome Hamer, The Church Is a Communion / New York: Sheed and Ward/, 1964), p. 88).

⁶² Assmann, Practical Theology of Liberation (London: Search Press, 1975), p. 91, / This understanding puts theology on the track of a new way of conceiving the relation between the historical church and the world.



be inhabited and evangelized by the world... the theology of the church in the world should be complemented by a theology of the world in the church."⁶³ Since for liberation theology, history is one⁶⁴ "the frontiers between the life of faith and temporal works, between church and world, become more fluid in both directions. To participate in the process of liberation is already in a certain sense, a salvific work."⁶⁵

In short, consistent with the historical orientation which pervades their writings, liberation theologians stress that there is a solidarity of the church with the world. The salvation to which the church witness is intimately related to the liberation of man on the political level. The mission of the church, therefore, is determined more by the political context of the society in which it exists than by intra-ecclesiastical concerns. Living in a world of social revolution, the identity of the church, its ecclesial structures and mission as well as its approach to society, must be defined in relation to historical reality. Where does all this leave the church's transcendence? There is no question that for theologians of liberation it is only becoming immanent to the world that the church will really witness to its transcendence; conversely, failure at immanence only reveals an inappropriate transcendence.

The Church of the Poor

Perhaps the strongest and most shocking feature of recent developments in Latin America Roman Catholicism is the assertion that the church, during most of its life in the continent, was transformed into a church of the rich, far removed from the world of the poor who make up the majority of the population of Latin America. Belonging to the same criticism, but presenting further radical overtones is the affirmation that having its sympathies linked with a thin, excessively wealthy upper stratum, the Latin American Roman Catholic Church has sanctioned the use of the gospel for satisfying the religious needs of the masses, thus definitely

⁶³ Gutiérrez, *A Theology*, pp. 260-261.

⁶⁴ Gutierrez, *ibid.*, pp. 53-167. Arguing from a theological standpoint which attempts to eliminate all dualism, liberation theology affirms that all history is unified. There is no separate salvation history. All history must be understood as a general history of salvation. This monistic vision of history has attracted strong criticism. See B. Kloppenburg, *The People's church* (Chicago: Franciscan Herald Press, 1974), pp. 100-105; also Peter Wagner, *Latin American Theology: Radical or Evangelical?* (Grand Rapids, MI.: Wm. B. Eerdmans, 1970), p. 42. If everything is salvation history, as liberation theologians claim, one is tempted to agree with Morris Inch's remark that "then, nothing is salvation history, and man as a whole remains alienated from God" (*Doing Theology Across Culture*, /Grand Rapids: Baker Book House, 1982), p. 69).

⁶⁵ Gutiérrez, *ibid.*, p. 72.



contributing to sacramentalize and secure social order which is set up and dominated by a few.⁶⁶

In reaction to this situation, from the bulk of the writings of liberation theologians emerges an overwhelming emphasis on the need for the church to shift sides and to convert itself to another world, i.e., the world of the poor and oppressed. Convinced of the direct and explicit socio-cultural relevance of the church for society in Latin America, liberation theologians in opposition to a disincarnate and purely *religious image* of the church have strongly defended an ecclesiological vision capable of eliding the weight of the church's influence in hastening the needed social transformation.

For the church to turn in on itself, to fail to place itself squarely with the poor within the revolutionary process of liberation, would be its greatest omission. In fact, as argued, "not to exercise this influence in favor of the oppressed is really to exercise it against them."⁶⁷

Reflecting its new-found awareness, the church must side with those who suffer violence and are oppressed by unjust systems and structures. To be true to its vocation, it must make its presence felt in the midst of a world of suffering, by "proclaiming the good news to the poor, freedom to the oppressed, and joy to the afflicted."

Coherent with this emphasis, there is in the ecclesiological formulation of the theologians of liberation, as already hinted, a theology primacy of human liberation over the *intra-church* interests. The stress falls on the priority of the anthropological element over the ecclesiological. The oppressed and their struggle, thus, as suggested earlier, are the force that determines not only the self-understanding of the church and the content of its agenda, but also the church's approach to socio-economic realities. At this juncture it seems inescapable that

⁶⁶ Throughout the history of the continent, conservative political forces have used the Roman Catholic Church in particular and the role of religion, in general, as moral stabilizing forces, the guardians of traditional values and as a means of preserving "law" and "order", which generally meant the "law" and "order" of the oppressors (see O. Costas, *Theology of the Crossroads*/ Amsterdam: Editions Rodopi, 1976/, p. 81). Religion has been misused to sacramentalize the status quo and to interpret backward political policies as the "will of God". S. Galilea, "Pastoral popular, liberación y política", in *Pastoral Popular y Liberación en América Latina*, colección IPLA 14 (Quito: Dept. Pastoral CELAM 1972), p. 29.

⁶⁷ Gutierrez, *A Theology*, p. 139. The image of the church which does not intervene in the temporal order came to be seen as an idealistic abstraction. For liberation theology, the church's position is never neutral; any "claim to noninvolvement in politics ... is nothing but a subterfuge to keep things as they are" (Gutierrez, *ibid.*, p. 256). Therefore, now that the poor and exploited classes are making their voices heard within the church, to return to its "purely religious function" would mean to "legitimize the status quo" (pp. 272-273).



liberation theology has essentially shifted the question of the church from: “**what is the church?**” to primarily, “**why the church?**”

Liberation theologians not only discuss in their vision what the church is or why it exists, but also point out **where** it is to be found. The church must not merely be **for** the poor, but above all it must be the church **of** the poor. As Gutiérrez contends, to be “faithful to the God of Jesus Christ, it (the church) has to rethink itself from below, from the position of the poor.”⁶⁸

At this point a revolutionary conception of the church began to surface in Latin America, the **Iglesia Popular**, the “people’s church”, or the church that springs from the people.⁶⁹ Justifying this new ecclesiological vision, Gutiérrez remarks that “the gospel read from the point of view of the poor and the exploited, militancy in their struggles for freedom requires a people’s church: a church which arises from the people, a people who wrest the gospel from the hands of the great ones of this world and thus prevent it being used to justify a situation against the will of the liberating God.”⁷⁰

Convinced that it is not enough to be **for** the poor, a notion that, from the view of liberation theology, connotes paternalistic idea, liberation theologians underline that real, effective striving to eliminate poverty must be linked with the poverty perspective of those within the movement of the poor for liberation. To really incarnate and give content to its option for the poor, the church must convert itself to the world of the exploited and oppressed and become a church **of** the poor.

While the concept of the church for the poor is understood as a ethical question the vision of the church of the poor is a theologically justified on Christological/ontological grounds. If “a Christian understanding of the church begin with Christology,”⁷¹ the church finds its true identity when it conforms to Jesus Christ, when it assumes his “spiritual structure, his way of being.”⁷² The

⁶⁸ Gutiérrez, “The poor in the Church,” in *The Poor and the Church*. Norbert Greinacher and Alois Mülle, eds., (New York: The Seabury Press, 1977), p. 13.

⁶⁹ In Latin America this vision actualizes itself through the Basic Ecclesial Communities, a widespread Catholic phenomenon regarded as an effective way to bring the ecclesia into close contact with the masses of the common people. This type of grass-roots church formation is in fact giving rise to a new model of the church. In the words of L. Boff, “a real ecclesiological genesis” has been taking place at the vertical ecclesial structures” (Boff “Theology Characteristics of a Grassroots Church”, in *The Challenge of Basic Christian Communities*, Sergio Torres and John Eagleson, eds., / Maryknoll, NY.: Orbis Books, 1981/, p. 133. For expanded discussion and bibliography, A. Rodor, *The Concept of the Poor*, pp. 178-194.

⁷⁰ Gutiérrez, *The Poor in the Church*, p. 15.

⁷¹ Gutiérrez, *A Theology*, p. 210.

⁷² Míguez Bonino, *Fundamental Questions in Ecclesiology*, in *The Challenge of Basic Christian Communities*, p.147.



church, therefore, must be present where Christ promised to be present. It must follow Jesus where he already preceded it, or in the famous ecclesiological formula of Ignatius of Antioch, *ubi Christus, ibi ecclesia*.⁷³

Because of Jesus identification with the poor,⁷⁴ it is precisely among them that the church it is be found. The dominant element of the ecclesiology of

⁷³ The church, liberation theology contend, received from Jesus a paradigmatic image, drawn from his ministry to the poor, his solidarity with them, his compassion for the multitudes, and his attacks on the mighty. All this, as Jon Sobrino argues in his *The True Church and the Poor*, makes the place where the poor stand normative for what the true church is and is to be (Sobrino, *The True Church*, / Maryknoll, NY.: Orbis Books, 1994, pp. 84-124). Hence the church must live a concrete life of identification with the poor and minister to their needs. Since Jesus identification with them, the poor are not merely recipients of Christian charity, or an external entity to which the church must be related in one way or another. They belong to the understanding of the very nature of the church and become an ecclesiological criterion, a test of authenticity. In Miguez Bonino's words, "the church which is not the church of the poor puts in serious jeopardy its churchly character" (*"The Struggle of the Poor and the Church"*, *The Ecumenical Review*, 27 / 1975/:40). The church's identification with the poor, therefore, is not a matter of preference, but a choice that derives from its constitutive essence. In fact according to Chilean theologian Pablo Richard, "The church is either of the poor or it is not the church" (*"The Latin American Church 1959-1978"* *CrossCur* 28/1978/:36).

⁷⁴ Gutierrez, "Notes for a Theology of Liberation" p. 259. For most liberation theology this just order means an ideal socialist society, which will be in some fragmentary fashion the eschatological kingdom. Juan Luis Segundo leaves no doubt that the church has to decide in favor of socialism (*"Capitalism-Socialism: A Theological Cruz"*, *Conc* 96 /1974/:105-233). For a critique of this notion, see Arthur F. McGovern, *Marxism: An American Christian Perspective* (Maryknoll, NY.: Orbis Books, 1980), p. 201. More cautious, Gutierrez, except of this "politicizing and conscientizing" idea of evangelization, gives no specifications as to how and when the church should involve itself. With the recent changes in the Soviet bloc and socialism in Europe, one may wonder where the new events leave liberation theology in relation to its idealization of socialism. Recently, an entire issue of Brazilian theological magazine *Tempo e Presença*, nº 252 (July-August 1990), published by progressive Roman Catholics, was devoted to this question. In the various articles it becomes clear that for liberation theologians what has fallen in Europe was only a kind of State Capitalism, or a distorted socialism. For some, the crisis of modern socialism has even a positive dimension, because it can bring about a better alternative. It should be remembered that from the beginning liberation theologians have argued that Latin American must find a model of socialist society according to its own characteristics and which will fit to its reality, without recurring to any foreign import. Although most liberation theologians continue identify themselves as socialists, significant change is noticeable in liberation theology's traditional infatuation with socialism. Hugo Assmann describes the initial capitalism-socialism dichotomous way of thinking as "an original sin of liberation theology the must be overcome" (cf. Sigmund, *Liberation Theology at the Crossroads*, p. 178). Another Brazilian liberation theology, J. B. Libanio, in a recent work even argues that "in place of socialism, liberation theology now speaks of an alternative to capitalism". *Teologia da Libertação* (São Paulo: Editorial Loyola, 1987), p. 27. There has been in the writings of liberation theologians, however, a disappointing paucity and vagueness when they discuss socialism. It seems that for them, socialism remains a utopian ideal of a cooperative equalitarian, non-exploitative social order – with details to be filled in later. But, as Sigmund observes, it was "the lack of a blueprint in Marx for the socialist society that was to follow the overthrow of capitalism that enabled Joseph Stalin to create-in history" (*ibid.*, p. 178). Precisely the type of socialism liberation theologians argue is today in crisis. Leonardo Boff, *"Implosão do Socialismo e Teologia da Libertação"*. *Tempo e Presença*, pp. 32-36; Frei Beto, *"O Socialismo Morreu, Viva o Socialismo"* *ibid.*, pp. 17-20; also Argemiro Ferreira, *"Nem fim do Socialismo e nem fim da História"*, *ibid.*, pp. 14-16.



liberation which emerges from this notion is the understanding of the church fully committed to the concrete situation of the poor and oppressed. Since sin is “basically a social reality,” salvation is located in the historical social realm. The church must abandon self-centered concerns and find its mission in the service of the oppressed, not ethically or paternalistically being “for the poor”, but being essentially “of the poor” adopting their perspective and struggles. Distinction between the life of faith and temporal works must be abolished.

Without evasion, it is contended, the church must “participate actively in constructing a just order.”⁷⁵ Its function, therefore, cannot be to implore the poor to resign themselves to the exploitation that causes them to suffer so grievously, or merely to advocate moderate reform. Responsive to God’s call, the church must live up its true vocation in at least three forms, namely, **celebration, denunciation and annunciation.**⁷⁶ With the joy, through the Eucharist, it celebrates God’s salvific action of liberation and brotherhood.⁷⁷ The church is also bound to exercise a social critique a prophetic denunciation of every dehumanizing situation. In a more positive way, however, beyond criticism, it must announce the

⁷⁵ Gutiérrez, *A Theology*, pp. 259-279. See Costas *The Church and Its Mission: A Shattering Critique from the Third World* (Wheaton: Thindale House, 1974), pp. 237-240), for a helpful discussion of these three levels of the church involvement.

⁷⁶ Gutiérrez, *ibid.*, p. 262-265. Gutierrez conception of the Eucharistic is however, at least problematic. He sees the rise as a symbol of the human brotherhood, thus, he concludes, “Without a real commitment against exploitation and alienation and for a society of solidarity and justice, the Eucharistic celebration is an empty action” (*ibid.*, p. 265). His insight is a valid one, but he provides no suggestion as to how the church might make its Eucharistic celebration a symbol of genuine unity in a radically divided world. He limits himself to affirm that “unity of the church is not truly achieved without the unity at the level of material possession will secure unity within the church? Shall the Christian celebration wait for the ideal world unity or should the dilemma be resolved by preventing the oppressors from participation among militants? Liberation theology’s notion of church unity, reduced to a mere expression of human reality, is superficial and falls short to Paul’s vision of the church, where in Christ “there is neither Jew nor Greek, there is neither slave nor free, there is neither male nor female”(Gal 3:28).

⁷⁷ One of the central notions of liberation theology stresses that God, as a liberating God, unconditionally takes the side of the poor (Gutierrez, “Two Theological Perspectives”, p. 247; for an expanded discussion, bibliography, see Rodor’s *The Concept of the Poor*, pp. 214-252). Scripture text such as the exodus narrative Luke 4:18-21, and many others, are frequently used to validate this theological proposition. Over and over again we are told that the poor are God’s favorites; the first ones to whom Jesus mission was directed. This identification becomes a kind of inspirational paradigm and gives justification for the theological and ethical stance of the church joining the poor (see above, note 74). The idea that God shows special concern for the defenseless in society is unquestionably rooted in rock-solid biblical ground. Yahweh’s care and love for the poor and his revelation as a God who is the compassionate vindicator of the oppressed are recurring themes in both, Old and New Testaments. Difficulties, however, emerge with the ambiguities inherent in the liberationist Marxist-influenced formulation of the theological thesis and from the implications that liberation theologians draw from it. (see Rodor, pp. 326. ff).



good news of a new order. This leads to the concept of a **politicking evangelization**⁷⁸ of the poor. Deciding in favor of a given political system, i.e., socialism, the church must support the revolutionary changes that this new order demands. Committing itself to educate the poor regarding the true nature of their own misery, enlisting them in the struggles for justice and liberation.

Liberation Ecclesiology: An Evaluation

As indicated before, although this study places considerable emphasis on Latin America liberation theology, a movement that has taken place almost exclusively within the Roman Catholic Church, many of our remarks and the evaluation that now follows can rightly be applied to any theology which attempts to enlist the church's weight on the side of a particular group or party, disregarding some fundamental notions about the Christian ecclesia.

What was said before takes us to a point where some conclusions must be drawn. Liberation theologians are justifiably critical of the church's facile accommodation to the **status quo** in the Latin American society, where by the rich were confirmed in their riches and oppressive structures and poor consoled in their poverty and misery, and what is worst, all in the name of religion.⁷⁹

⁷⁸ Gutiérrez underlines that the gospel has "a politicizing function" (ibid., p. 269). Liberation theologians insist that the poor "being scarcely aware that they are men" (Gutierrez, "Liberation Theology and Proclamation", pp. 57-59), need to experience at the psychological level, an "interior liberation" (Gutierrez, *A Theology*, p. 91), which is accomplished through the process of conscientization (i.e., an awakening of the critical consciousness which produces an experience of social discontent). For Miguez Bonino, "the mobilization for a serious and extended work of politization of the masses, helping them to become aware of the contradiction of the system under which they suffer" (*Doing Theology*, p. 141). It is precisely the "conscientizing evangelization", which, to a great extent provides the rationale for the Basic Ecclesial Communities. Through this enlightenment the BECs trigger the process as responsible subjects, capable of forging a truly egalitarian fraternal and just society. It should be noted that this "rising of consciousness" moves beyond Marx's critique of religion. Contrary to Marxist conclusion that religion is only an alienating influence wholly at the service of the dominant classes, keeping the oppressed ignorant of their true reality and giving them false consolation for their present sufferings, liberation theologians are determined to refute such criticism by engaging Scripture and Christian symbols as liberating forces in the proletariat's struggle.

⁷⁹ Roman Catholic liberation theologians have strongly protested against their own church for largely neglecting the social demands of the gospel. Evangelical Christians can hardly in good conscience plead "innocent" to similar charge. Harvie Coon properly describe liberation theology as arising because of the "unpaid bills of the church" ("*Theologies of Liberation: An Overview*", in *Tensions in Contemporary Theology*, p. 131). There is a basic truth in Ronald Sider's affirmation that, by largely ignoring the centrality of the biblical teaching on concern for the poor and oppressed, "evangelical theology has been profoundly unorthodox" (Ronald Sider, "An Evangelical Theology of Liberation", in *Perspectives on Evangelical Theology*, Kenneth S. Kantzer and Stanley N. Gundry, eds., / Grand Rapids: Baker Book House, 1980/ p. 314). Afraid of horizontalism, Evangelicals frequently take refuge in verticalism, but, as Wilhem A. Vissert Hooft puts it so well, "A Christianity which has lost its vertical dimensions has lost its



Liberation theologians Marxist-influenced view of society. However, determines their understanding of the church with grave implications. The church's "option for the poor" as they so passionately emphasizes, tends to be expressed in terms of class struggle and the *church of the poor* is transformed into the church of one social class. One wonders, however if, liberation theology is not repeating the traditional mistake they accuse, merely rephrasing it in a new form. Instead of linking the church with the past regime it links the church with the new one, assuming that the error was to link the church with the wrong side (rich/oppressors), as over against questioning whether it should be linked with any regime. Past alliance of the church and the social structures of power is replaced by a new alliance with the poor,⁸⁰ and reliance on the ideologies of the left.⁸¹ Liberation theology must be reminded that the one-sided alliance it recommends could not more be accepted by an adequate ecclesiology than the one-sided alliance it opposes.

As we have pointed out, liberation theology tends to idealize the poor. But, once admitted that a particular group is the bearer of the gospel and of the meaning of history, the group's cause is absolutized and endorsed in God's name and confused with God's own cause. The concept that one class or group can represent the *mission Dei*, in opposition to the other which being evil needs to be overthrown is self-defeating. It ends up in merely reversing the roles of oppressor and oppressed, and ultimately reverts to an essentially pagan view of God as a tribal deity. This vision also runs the risks of creating a modern version of the exclusivist understanding of *extra-ecclesian nulla salus*. Furthermore, if the church is identified with a political party, its role as moral critic on public issues, as liberation theologians demand, is in danger of being neutralized and its own religious integrity of being endangered.

salt and is not only insipid in itself, but useless for the world. But a Christianity which would use the vertical preoccupation as a means to escape its responsibility for and in the common life of man is a denial of the incarnation of God's love for the world manifested in Christ". Cf. Sider, "Evangelism, Salvation and Social Justice" p. 6.

⁸⁰ The liberationist "option for the poor", tends to limit the universality of the church and compromise its offer of salvation to all in a way which transforms the ecclesia into a partisan political faction. As Catholic theologian Hans Urs von Balthasar notes, the church cannot "célébrer l'Eucharistie uniquement avec ceux que son matériellement pauvres, limiter son unité catholique au 'parti' des pauvres, autrement dit ne vouloir l'étendre à tous les hommes qu'après une 'lutte des classe' victorieuse". ("Histoire du salut et théologie de la libération", *NovTTh* 99 /1977/: 529.

⁸¹ As David J. Booch observes, "A theology of the status quo and a theology of revolution are in essence exactly the same. Each accepts a specific structure as normative manifestation of God's kingdom" ("The Church and the Liberation of People" *Missionalia* 6 /August 1977/:18). Unquestionably the church must take its stand on the side of the weak and powerless, but it cannot commit itself absolutely to any societal structure, whether it be the existing one or one hoped for. It cannot compromise its vision either for the oppressor or for the oppressed.



As Catholic theologian Avery Dulles puts it, “can the church be at home with a theology of conflict and class struggle rather than a theology reconciliation?”⁸² Liberation theologians attempt to justify their vision of the church siding with the poor, by arguing that the “gospel is for the poor”. However, can the gospel be legitimately used as a divisive element of humanity along the categorical lines of the world? Does not the gospel aim precisely at the abolition of all such cleavages? In its correct protest against the historical deviation from the gospel, which has caused the church to obscure the relationship between man’s spirit and his material situation through a false pietism without roots neither in man’s nature nor his historicity, liberation theology swings from their other-wordliness to politization. From passivity to revolution, from rejection of the world to assimilation. The real revolutionary character of the church, however, is not to be found in activism, but in faithfulness to the divine calling, as a microcosm of what life can be under God’s rule. Because a more just order cannot be established with the strategies and weapons of the old age, the church confronts the world and temporal powers with the values of the new aeon. Therefore, contrary to liberation theologian’s notion, the church needs renewal, deep conversion, rather than mere shifting of class alliance.

The analysis of the liberationist ecclesiological thought reveals further difficulties. In their attempt to enlist the church as an instrument of change, liberation theologians tend to understand it in terms of the world and to judge its validity in terms of effectiveness⁸³ and social impact in the transformation of society. Within this functional vision of the church, the *ecclesia* is basically conceived as one more power block following all governing social organization.⁸⁴

⁸² Avery Dulles, in *Theology in the Americas*, Sergio Torres and John Eagleson, eds. (Maryknoll, NY.: Orbis Books, 1976), p. 95. Liberationist’s vision of the church involved in class struggle in favor of the oppressed retains the seeds of violence and crusade mentality. This observation, however, is made in deep sympathy towards liberation theologians concerns. Christians must recognize that the most violent people in society are often not those struggling for liberation, but rather those who dehumanize them and keep them in oppression; those who use their power to suppress change. Liberation theologians are correct in being suspicious of many calls to “nonviolence” among the oppressed while similar protest is not made against those who use “institutionalized violence”, those who create and maintain oppressive and violent structures.

⁸³ Liberation theologians demand from the church effectiveness in terms of the world. However, if revolutionary effectiveness in terms of secular standards is the measure of the church’s relevance, how shall we maintain a Christological focus, when Christ by the world’s standards was ineffective? Stanley Hauwer was has pointedly observed that this may suggest that “the most effective politics cannot be open to Christian participation exactly because the means required for effective politics are inappropriate to the kind of kingdom we serve as Christians” (“The Politics of Clarity” *Interpretation* 31 /1977/: 254).

⁸⁴ This understanding, however, pays inadequate attention to the church’s invisible and divine reality. Liberation theologians tend to minimize those realities in the church which reach beyond the limitations



Where then, one is tempted to ask, is the significance of the church and where does its essential nature lie? While on the one hand Gutiérrez, for example, insists that the church must be "seen in terms of the world,"⁸⁵ on the other hand he considers it as the sign of a reality beyond the grasp of the world.⁸⁶ But where does the validity of that sign rest? Is it in the fact that the world seems to appreciate now the effectiveness and utilitarian value of the church, or is this value intrinsic to the sign regardless of what any particular historical moment may think?⁸⁷

Liberation theologians correctly call the church to take social reality seriously. Yet they assign to the church a role in society in such way that it discharges more its terms set by the world than those found in the gospel. According to Gutiérrez, the church-world frontiers are fluid⁸⁸ to the extent that many committed Christian-joining forces with various secular groups committed to the social revolution-make no distinction between working for the kingdom of God and working for the social revolution.⁸⁹ How far can the church be engaged in political activism and class struggle and still be faithful to its divine calling for a ministry of reconciliation?

Whereas must be fully aware of the dangerous tendency toward traditional theological dualism, liberation theology's drift toward historical monism is not a

of human institutions and accomplishment. Stressing the importance of the church's presence in the process of structural changes in Latin America, should not liberation theology give attention to the call to conversion and holiness that the church makes to men? Or the force of the church is to be found exclusively in sustaining the class struggle?

⁸⁵ Gutiérrez, *A Theology*, p. 67.

⁸⁶ *Ibid.*, pp. 262-265

⁸⁷ Going one step further, we must stress that if the sign is of intrinsic value, then the church hardly can be evaluated in terms of world's standards, and liberation theology faces here the challenge of an unresolved paradox. The meaning of a sign, is dependent on the belief that those who uphold the sign have placed on it, rather than on the value that outsiders may attribute to it. That being the case, while for the believers, the church may be a sign of salvation, for the world it may be only a sign of contradiction, as in the case of Jesus himself and the cross. Hence, how can the church be seen in "terms of the world", when the world naturally cannot discern the meaning in the reality that the church as a sign points to?

⁸⁸ Gutiérrez, *A Theology*, p. 72

⁸⁹ From the New Testament, it is clear that final triumph over evil is not brought about by any human or political means. God's intervention in history, not human progress, is the ultimate resolution of the mystery of history. "Christian's responsibility for defeating evil", as Yoder says, "is to resist the temptation to meet it on its own terms. To crush the evil adversary is to be vanquished by him because it means accepting his standards" (John H. Yoder, *Peace Without Eschatology*, p. 111). To expect or demand from the church to join secular forces, in secular terms, order to create an economic or social system that will reflect the ethics of the kingdom, is to ask much more than the church can actually deliver, and it can lead only to disillusionment.



satisfactory exchange. Its propensity so syncretism and universalism is particularly distorting to the gospel. Obliterating the distinction between the church and the world, liberation theology ends up transforming the church into a political party among the others, attempting to say and do what other secular movements are saying and doing. Inasmuch as the church wants to be Christian, and not merely another “world-changing” emancipator agency, its practice must be dependent and determinate by God’s revelation and fall under the critical judgment of the word of God.

Liberation theologians attempt to pattern their ecclesiology after their concept of Jesus identification with the poor. Liberationist Christological formulation, however-which tends to transform Jesus primarily into a historical liberator in the economic and political sphere, proclaiming a gospel partisan to the materially poor-hardly finds much biblical support.⁹⁰ Furthermore, based on its understanding of the poor as identified in terms of Marxist class analysis, liberation theology seems to conceive the “church of the poor,” as we have seen, as the church of a specific revolutionary class. In this case, the church’s option for the poor, is in fact an option for the proletariat, in terms of class struggle – those who conform to the theoretical exigencies of ideological demands. But this emphasis virtually eliminates the Christological basis liberation theologians want to give to their understanding of the church.

How shall we maintain the theological notion of *ubi Christus, ibi ecclesia* and at the same time tie the church to one social class? Are we supposed to assume that Jesus employed the same *scientific social analysis* that the theologians of liberation have adopted? Jesus “option for the needy,” whoever they were.⁹¹

⁹⁰ The portrayal of Jesus ministry in the Synoptic Gospels touches often upon his fellowship with the lowly and the outcast. In fact it seems indisputable that Jesus teaching and deeds, fulfilling the Old Testament pronouncements concerning God’s saving actions, were liberating and marked by an “option for the poor”. In striking fashion Jesus seeks out the sick, the lowly, sinners, women, children, the despised, foreigners, the outcast and the poor. However, since the kingdom is universal, Jesus option for the poor does not constitute the founding of a party of the poor in opposition to the wealthy. The rich are not cursed but rather invited to conversion (Lk 18:18-22; 19:1-10), etc.). Furthermore, the fact that in Jesus time it was possible to be materially well-to-do and yet an outcast of society (as in the case of the tax collectors), must make one cautious about making too easy and exclusive an identification between “the poor” to whom Jesus was partisan with the economically deprived exclusively. Thus unless liberationist go beyond what Rosemary Ruether has called liberation theologian’s “apocalyptic and sectarian model of the oppressor/oppressed” (Liberation Theology / New York: Paulist Press, 1973/, p. 13), they risk to reduce the church into another secular emancipator formation.

⁹¹ An “option for the poor” Faithful to Scripture, then, must spring from the gospel and not from sociopolitical pragmatism, ideological motivations or humanistic hopes for utopia. The Church must identify with the poor and oppressed because, as evident in God’s eschatological act in Jesus Christ, this is the sign of the kingdom (Lk 4:18-21; 7:22). Because Jesus and his gospel took the side of the poor, his



Liberation theologians overstate their case when they seek to give an ontological basis to Jesus' identification with the poor. This emphasis ultimately results in a questionable externalization in which the poor, based in their social condition, are automatically included in the church. Can we legitimately affirm that the poor and oppressed *qua* poor and oppressed are the "true church" as liberation theologians suggest? Or are they, because their external socio-economic condition, to be automatically transformed into the "People of God"? If the Bible suggests that God is on the side of the poor, it hardly means that the poor are automatically on the side of God.

Liberation theology has positively challenged the individualistic ethic of traditional Christianity. Correctly it exposes the traditional all-absorbing concentration of the spiritual and the beyond, and calls attention to the social implications of the gospel. Placing emphasis on the collective nature of sin and salvation, it tries to open the way for the church's activity in the political sphere. Within this vision, however, salvation is temporalized and this-worldly bound to the extent that it is virtually equated with socio-economic-political liberation.⁹² This immanentist paradigm of salvation, though timely and appealing, is not sufficiently satisfactory. If the essence of the good news the church has to proclaim has to do with immediate material well-being, *hic et nunc*, how then shall we distinguish this intra-historical salvation from the solution offered by the politician, the social worker or the economist? By the same token the exclusion of the oppressor becomes a fatal consequence of this view of salvation, for, one could rightly ask, why should the gospel be addressed to those who already have what it offers?

Furthermore, does not liberation theology's understanding of salvation a notion fundamental for its conception of the church radically sever the decisive

church cannot do less than that. But this option must be cleansed from all ambiguities. Jesus' message and "option for the poor" transcends social classes and ideological alignments. Therefore "option for the poor" should not mean in the light of Scripture "option for the poor" means that the church must show particular concern for people alienated on all levels, avoiding, thus, ideological captivity. Furthermore, the church must transcend any idealization of the poor. It must recognize that the redemptive power of the poor, contrary to liberationist's emphasis, does not lie in their moral superiority, but in the fact that through them God signals the changes required for the welcoming of his kingdom. The poor are redemptive not because of their revolutionary potential, but in the sense that in them the whole society discovers the truth about itself. In them the human community confronts its own inhumanity.

⁹² This does not mean that liberation theologians deny the reality of the other-worldly salvation—there are in their writings sufficient qualifying comments to suggest that this is not their intent—but clearly they do not deal with that aspect adequately. Costas remarks that although Gutierrez speaks of liberation as taking place in three levels: the political, the psychological and the religious or spiritual, and argues that the three are part of a single salvific process, he rarely goes beyond of the political in his exposition of liberation (Christ Outside the Gate, p. 129).



correlation between salvation and faith?⁹³ Articulated within the framework of what can be called a Marxist-Pelagian view of sin and ability, it is the oppressed, through their own initiative, who liberate themselves. Salvation becomes mainly a political act to secure a political utopia. As K. Braaten remarks, "The kind of salvation liberation theology lifts up generally is something Athens could in principle discover without the help of Jerusalem... something which will come about through human praxis without any necessary dependence on God's act in Jesus Christ."⁹⁴ There is here the danger of utterly collapsing into the abandonment of the gospel to secularity and the political realm, offering to the oppressed a salvation that could be provided without reference to the redemptive work of Jesus Christ. However, if it is true that for Marxism human life has needs and meaning solely in relation the historical process, according to biblical teaching, the meaning of human existence is not exclusively found in relation to the present, but also in the ultimate destiny of the individual. In Jesus words, "man does not live by bread alone" (Matt. 4:4).

Liberation theology has correctly insisted that the church must transcend the traditional paternalistic approach to the poor and start dealing with the deep causes of poverty. This, to a great extent means that the emphasis must be placed on political responsibility. One wonders however, whether it is justified to expect the church to operate directly in the political field with the efficacy and certitude demanded by the theologians of liberation. Furthermore one also wonders if it was not precisely the church's historical involvement in the secular sphere and fighting with secular means, trying to do what secular powers should be doing, that answer for most of the distortions liberation theologians accuse.

While one may agree with liberation theology's emphasis on the imperative of Christian presence in those efforts that aim at the ideals reflected in the kingdom of God, they must, at the same time, avoid the pitfalls of a secularized eschatology. Christians must remain aware that the most and best they can do is to witness to the kingdom, working as "light" and "salt" in the world. Without collapsing into apocalyptic pessimism and passivity, we should maintain that from a biblical perspective one can hardly see man's political participation as "furthering," "building," or "realizing" the kingdom of God. The kingdom will come at God's initiative in God's own time and way. It "cannot be coerced into existence by any amount of social or political effort. It remains a gift of God and of the returning Lord to a world that cannot perfect itself by its own efforts."⁹⁵

⁹³ Significantly, liberation theologians in general do not pay enough attention to the Pauline doctrine of justification and its place in a total biblical view of salvation.

⁹⁴ K. Braaten, *The Christian doctrine of Salvation*, pp. 127-128.

⁹⁵ Hans Urs von Balthasar, *Current Trends in Catholic Theology*, CommunioICAR (1978), pp 84-85



The praxis of the kingdom, as Schillebeeckx remarks, is expressed above all in metanoia.⁹⁶ In fact, the kingdom only exists on earth where men submit themselves to God's rule, and this aim does not and cannot come within the scope of political struggle. It seems, unfortunately, that for liberation theologians the gospel values do not transform social reality. It is the oppressed, struggling to overcome alienation and oppression, that transforms himself and society. In this construction, however, there is little room, if any, for the parousia. The kingdom does not come from above, it proceeds from below, from the process of liberation which is, at least fragmentarily, the work of the oppressed. The kind of discontinuity implied by the radical breaking into history by Christ at his second coming – which is a main teaching of Scripture (Matt 16:27 ; Luke 9:26 ; John 14:3 ; 21:21-23 ; Acts 1:9-11; I Thess 4:16 ; Heb 9:27 ; Rev 1:7) – does not seem to function within liberation theology eschatological thought.

Finally, as much as Marxists, genuine Christians want the resolution of the problem of injustice and oppression, and the conflict between classes. The church, however, as the community of the new age, while awaiting for God's final intervention in history, must take a different road. The church transcends human ideologies, not by imitating them, but by being itself. It is by living God's will, by true sacrificial love and authentic Christian witness, that the church and the Christians challenge and subvert the world's values and systems. Those who have themselves experienced God's love towards their own poverty, weakness, and misery find in divine grace the moral identity for their compassionate service for the poor and needy. Probably this is why in the books of Acts, where Luke pictures the life of service of the early Christian church, the focus of attention is not the poor themselves, but those who are ministering to them (Acts 6:11ff, 9:36ff).

⁹⁶ Edward Schillebeeckx, *The God of Jesus and the Jesus of God*, in Schillebeeckx and Bas van Iersel, *Jesus Christ and Human Freedom* (New York, NY: Herder and Herder, 1974), p. 116.

LIBERDADE: DEPENDÊNCIA OU INDEPENDÊNCIA DE DEUS?

Ruben Aguilar, Ph.D

Professor de Antigo Testamento e História do Cristianismo
do curso de Teologia do Unasp
Centro Universitário Adventista de São Paulo,
Campus Engenheiro Coelho
ruben.aguilar@unasp.edu.br

Resumo: Existem diversos conceitos de liberdade; tantos quantos formas culturais há. Porém, é possível uma abordagem desses conceitos, considerando alguns fatores que são comuns. Um desses fatores é a permanência de leis, tanto naturais como morais. Isso determina a noção de que não existe liberdade em sentido absoluto, mas sim como uma condição de estrita relação com as leis. Uma condição de liberdade é a capacidade de escolha mediante o uso da vontade. Essa capacidade é chamada livre arbítrio. No entanto, o uso da vontade deve ser orientado à escolha do bem. O contrário, determinaria destruição e morte. Para capacitar à vontade, a escolher o bem, é necessário manter comunhão com a fonte de todo bem ou de toda verdade: Deus. Dessa maneira o homem vivendo nessa comunhão conhecerá a verdade e será livre. Liberdade é viver dependente da vontade de Deus.

Palavras-chave: Liberdade, Determinismo, Vontade, Lei, Livre Arbítrio, Verdade

Liberty: Dependency or Independency from God?

Abstract: There are as many concepts of liberty as there are different forms of culture. Nevertheless, it is possible a systematization of these concepts if one considers some factors that they have in common. One of these factors is the role of laws, either natural or moral. This determinates the notion that Liberty does not exists in absolute terms, rather it is a condition in strict relation to the laws. A condition of Liberty is the capacity of a person to choose through the deployment of his will. This capacity is called the Free Will. However, the exercise of the will must be oriented to the choice of good. The contrary would lead to destruction and death. In order to capacitate the will to choose good, it is necessary to maintain communion with the Source of all good and truth: God. The man who lives such communion will know the truth and will become free. Liberty is to live dependent on the will of God.

Keywords: Liberty, Determinism, Will, Law, Free Will, Truth.



INTRODUÇÃO

A liberdade é um ente abstrato cujos valores sublimes e, benefícios sensíveis, são amplamente cobijados por toda a humanidade e ao longo de toda a sua história. Essa relação se expressa com clara convicção, na afirmativa de que a história do mundo não é outra, senão o desenvolvimento da consciência de liberdade no seio das comunidades humanas.

O processo do desenvolvimento da consciência de liberdade ao longo da história humana, ao parecer tem esbarrado no elemento primário da compreensão do que efetivamente é a liberdade. Não é que haja carência de definições ou conceituações filosóficas, a esse respeito; nem que essas expressões sejam tentativas frustradas em exprimir e apontar as orientações mínimas para atingir os valores e benefícios da liberdade. O que parece ocorrer é que para a liberdade ser evidenciada é necessário admitir um condicionamento ou ambiente onde esse ente possa se manifestar. Em toda conceituação de liberdade esse fator condicional surge como estritamente necessário e relevante. Como as condições onde a liberdade se manifesta são naturalmente variadas, os conceitos são também e proporcionalmente diversos; originando uma gama de áreas de pensamento. Aqui vale apontar a asseveração do pensador e escritor russo Leon Tolstoy (1828 – 1910) quem enfatiza que a variedade de questões sobre a liberdade, explica a existência da diversidade de tópicos, disciplinas ou ciências nos quais os conceitos e problemas da Liberdade se manifestam.¹

Nesta altura das considerações, surgem as seguintes questões: no contexto de conceitos múltiplos sobre a liberdade, é possível efetivar uma sistematização dos mesmos, para alcançar uma definição um tanto comum ou até única? Na relação entre o Divino e o humano, é o homem dependente ou independente de Deus?

O presente estudo é uma tentativa de efetuar uma abordagem dos conceitos ou formas de liberdade a fim de destacar um fator comum entre os tais, de modo a encontrar uma síntese genérica. O propósito final é: aplicar esse conceito genérico ao relacionamento entre Deus e o Homem, para verificar se os atributos da liberdade permitem nesse caso uma relação de independência ou dependência.

TENTANDO UMA SISTEMATIZAÇÃO

¹ Tolstoy, Leo. "War and Peace", em Great Books of the Western World, vol. 51, William Benton, Publisher, 1980. p. 692.



O conceito de liberdade tem-se estendido por todas as culturas e ao longo de todos os períodos da existência humana, em expressões, algumas vezes simples e em outras com fraseologia erudita de franco requinte filosófico. O número de conceitos sobre a liberdade deve ser relativamente proporcional ao número de expressões culturais ou formas de pensamento; fato que impede ter noção ou conhecimento exato de cada um deles. Essa gama de conceitos pode ser ilustrada, por exemplo, com o fato da produção de um determinado objeto com matéria prima diversa, em modelos e tamanhos diferentes e cores variadas. Nesse panorama, será possível uma sistematização?

Para efetuar uma possível sistematização dos diversos conceitos ou formas nas quais a liberdade se manifesta, é necessário conhecer algumas expressões dos mesmos, pelo menos aqueles que por seu caráter de simplicidade tem alcançado a mente de vasta extensão populacional, ao longo dos séculos.

Uma das formas mais simples de conceituar a liberdade é aquela que expõe a idéia de “fazer o que se deseja”. Nessa linha de raciocínio está o pensador inglês Thomas Hobbes (1588 – 1679) quem admite que no “ser livre” é necessário reconhecer o imperativo verbal: “faço o que eu quero”.² A frase, no entanto, deve sofrer uma alteração ao considerar a capacidade de ação do indivíduo, como foi observado por Frederico Hegel (1770 – 1831); assim, a liberdade não consiste relativamente em “fazer o que quiser”; mas, naquilo que uma pessoa “tem poder de fazer”. O mesmo autor orienta essa atitude ao processo da vida e seu propósito futuro, sentenciando que o homem é livre quando tem poder de edificar seu próprio “destino”.³ Uma versão análoga a essa última sentença seria a popular máxima sobre a liberdade, definida como uma condição na qual o indivíduo pode “dispor da sua própria pessoa” ou “viver como se quer”.

No século V aC. os pensadores gregos da época de Péricles (495 – 429 aC .) quando o fervor da democracia permitia uma aparente concessão de privilégios iguais para todos os cidadãos dessas comunidades, aqueles, evocavam o conceito de liberdade com a expressão grega “parresia” ou o “direito de falar livremente”.⁴ Mesmo assim o caráter pragmático de liberdade, naquele período, não estava ausente já que simultaneamente se exprimia o conceito de que a liberdade

² Hobbes, Thomas. “Leviathan”, em GBWW, vol 23, Of Man, chp. XIII, sobre a condição natural da humanidade em relação a sua felicidade e miséria, p. 84,85.

³ Hegel, Georg Wilhelm Friedrich. “The Philosophy of Right”, em GBWW, vol 46, First Part, Abstract Rights, p. 26. Esse mesmo autor, ainda enfatiza: “It is only through the development of his own body and mind, essentially through his self-consciousness’s apprehension of itself as free, that he takes possession of himself and becomes his own property and no one else’s”.

⁴ Bauer, Johannes B. “Dicionário de Teologia Bíblica”, vol II, terceira edição, Edições Loyola, SP 1983, cita ref. G. Kittel, sob o tópico: Liberdade, p. 634.



consiste em fazer aquilo que a pessoa “deveria” fazer, pois todos os outros atos, são naturalmente escravagistas.

Os anteriores exemplos de definição de liberdade demonstram a existência de diversas formas nas quais a liberdade se manifesta e, isso permite uma possibilidade de sistematização das mesmas. A análise dessas definições nos leva a considerar que a liberdade estabelece uma relação entre pessoas, o que não anula o caráter autônomo de cada indivíduo. De igual modo é possível verificar que para o exercício da liberdade é necessário considerar os aspectos condicionais, ou seja, aqueles que se manifestam como formas ambientais e, determinam a expressão de liberdade. Com esses recursos é possível agrupar as diferentes formas de liberdade em: social e pessoal e também em liberdade que se manifesta na expressão de condições externas e internas.

As formas de liberdade social se manifestam nas comunidades constituídas e politicamente organizadas, nas quais se exalta a possibilidade de reger seus próprios destinos sem interferências de outras comunidades. Debaxo deste título se abrigam todas as formas de liberdade política como: a independência territorial, emancipação governamental, a livre expressão, vigência de direitos civis, etc. As formas de liberdade pessoal destacam os aspectos de autonomia das pressões ou coesões da comunidade. Em certo sentido é uma expressão de liberdade que separa o indivíduo da comunidade; seu fundamento está na idéia de que no indivíduo há uma realidade que não é estritamente social; mas, plenamente pessoal. Esse fundamento permite ao indivíduo efetivar um processo de desenvolvimento ou cultivo de sua própria personalidade. Como formas de liberdade concentradas neste grupo podem se mencionar: a liberdade de consciência, de pensamento, de trabalho, de decisão, de expressão religiosa, de locomoção, da prática de virtudes, de cultivar tradições, etc.

As formas de liberdade social e pessoal podem também ser caracterizadas, considerando as condições que interferem na vida do indivíduo livre. Dessa maneira às já mencionadas se acrescentam as formas de liberdade externa e liberdade interna. A primeira é denominada assim por que as condições que determinam essa forma de liberdade são externas, e são representadas pelas diversas sensações de necessidade que o indivíduo experimenta. Quanto mais necessidades para satisfazer, menos liberdade. Em outras palavras, as necessidades inviabilizam a liberdade. Essas necessidades são impostas, por exemplo: pela sociedade, a natureza, as paixões, etc. as quais surgem como princípios de opressão inibindo a livre manifestação do ser individual. Dito de outra maneira, a liberdade se manifesta na pessoa, quando ela fica livre das sensações externas; ou seja, ser livre significa: reduzir ao mínimo as necessidades externas. As necessidades atuam como elementos de opressão, por exemplo: o estado impõe leis que obrigam às pessoas a praticar certos padrões sociais; uma



tempestade de neve obriga às pessoas a permanecer bem agasalhadas e talvez não sair de casa; as paixões, como a fome, bebidas, sentimentalismo romântico, etc. obrigam às pessoas a tomar atitudes até de sacrifício pessoal.

A liberdade interna agrupa todas as formas onde se verifica a manifestação de sensações relacionadas com a atividade volitiva da pessoa. Esta forma de liberdade precisa uma forma de condicionamento que permita à pessoa livre o exercício inviolável da sua capacidade de exprimir sua própria vontade.

O EXERCÍCIO DA LIBERDADE E A FORÇA DA LEI

Sendo possível sistematizar as diversas expressões de liberdade nos grupos propostos, ainda se reconhece que em cada agrupamento existe um fator comum que faz que todo conceito de liberdade tenha sentido quando esse fator é considerado. Esse fator comum é a realidade da lei. As formas de liberdade social e externa só podem ser manifestadas quando existem imposições que garantam a vigência da convivência social; ninguém pode ser inteiramente livre, visto que para viver em comunidade precisa ceder aos direitos e desejos de outros seres humanos semelhantes. A esse fato se deve acrescentar nas formas de liberdade externa, o condicionamento das leis naturais, do meio ambiente, etc. o qual define o fato de viver em liberdade como uma atitude de obediência às leis físicas, químicas, biológicas, instintivas e morais que predispõem a almejada felicidade de viver.

De maneira semelhante, nas formas de liberdade pessoal e interna, o fator que determina sua expressão é a vigência de leis que regulam as manifestações das capacidades e virtudes mentais e morais da própria pessoa, mediante o exercício da sua vontade. Aristóteles (384 - 322) usando esse conceito fazia diferença entre ações voluntárias e involuntárias. As ações voluntárias caracterizam o homem livre, as involuntárias caracterizam o homem escravo. O mesmo pensador aponta as condições que levam a cometer ações involuntárias: a coação e a ignorância.⁵ Como decorrência desse pensamento se postula que a liberdade está no uso da razão, dessa maneira o ser livre é atributo do sábio. Em última análise poderia se afirmar que a pessoa livre é na realidade livre na sua mente.

Conforme verificamos, as diferentes formas de liberdade sem exclusão de nenhuma, são manifestações da pessoa humana as quais estão sujeitas aos ditados de leis. Neste contexto é necessário destacar dois tipos de leis que afetam a liberdade: a lei natural e a lei moral. A primeira é a expressão dos fenômenos da natureza, são as leis enunciadas por cientistas por isso chamadas de leis científicas

⁵ Mora, José Ferrater. "Diccionario de Filosofia Abreviado", Editorial Sudamericana, Bs As, Argentina, 1974, sob o tópico: "Libertad", p. 255.



e que se cumprem inexoravelmente; a segunda é a expressão de uma finalidade ou de um propósito ético, que pode ser ou não obedecida sem o demérito de ocorrer conseqüências.

LIBERDADE E DETERMINISMO

Uma tentativa de exprimir um conceito único sobre as diversas formas de liberdade seria: uma condição humana sujeita ao imperativo de leis. Baseado nessa concepção surge uma doutrina um tanto filosófica como teológica: o Determinismo. Com certo relativismo, pode-se conceituar o Determinismo como: o pensamento que assevera que todo acontecimento universal total ou único esta sujeito ao imperativo das leis universais.⁶ Essa idéia impõe a condição de que não existe liberdade absoluta, senão, condição sujeita à lei.

Pode-se falar de Determinismo como uma hipótese científica ou como uma hipótese metafísica; sendo a primeira aquela que aceita que toda ocorrência é o cumprimento das leis naturais e sujeita a prova; por exemplo: um vaso de cristal solto de uma altura apreciável, pelo efeito da lei da gravitação, está determinado a cair e quebrar. O Determinismo como hipótese metafísica, aceita que os eventos são o cumprimento de leis metafísicas, não sujeitos a prova; por exemplo: eventos que ocorrem como a concretização de vaticínios; algo comparado às profecias bíblicas.⁷

Na idéia do Determinismo, as leis naturais são causa da existência de todos os seres e, da realização de qualquer evento. A existência de qualquer partícula mineral está determinada ao cumprimento das leis físicas e químicas; assim também as formas de energia. De igual maneira a existência de um vegetal ou animal depende do cumprimento das mesmas leis e de outras, chamadas biológicas. Uma palmeira está determinada a crescer altaneira e expandir suas folhas numa copa em forma de umbela. Uma formiga está determinada a viver uma vida de associação e atividade febril transportando recursos alimentares, seguindo padrões de caminhada rítmica e um alinhado simétrico. Por outro lado, deve-se afirmar que nada acontece alheio ao exercício e execução das leis naturais, inclusive o comportamento humano.⁸

Não se pode deixar de reconhecer que as ciências humanas, graças ao seu desenvolvimento e expansão, ao estudar as reações e formas de comportamento

⁶ Extraído do texto de Mora, J. F. Op. Cit. p. 109. sob o tópico Determinismo.

⁷ Aqui cabe inserir a afirmação de L. Tolstoy: "Only the expression of the will of the Deity, not dependent on time, ... independent of everything, can by His sole will determine the direction of humanity's movement", in "War and Peace", loc.cit. p. 684.

⁸ Inserimos o pensamento de L. Tolstoy: "The actions of men are subject to general immutable laws ..." in op. cit. p. 689.



das pessoas, tem ditado normas ou emitido certos pareceres que ostentam as características de leis as quais determinam manifestações do comportamento humano. Essa asseveração encontra fundamento bíblico nas palavras epistolares registradas em Gl. 6:7 "... aquilo que o homem semear, isso também ceifará". Em outras palavras se deve admitir que a existência do homem e seu modo de viver estão regidos por leis naturais e universais. Se as leis naturais são causa inexorável do acontecer humano, dentro da idéia do Determinismo, como o homem pode ser livre?

A VERDADE VOS LIBERTARÁ

Emanuel Kant (1724 – 1804), filósofo alemão, considera que: no mundo dos fenômenos, o que na realidade constitui a natureza e todo o que nela se encontra, há completo Determinismo. Para esse pensador, é impossível encontrar na natureza qualquer expressão de liberdade. Mas, ele mesmo admite que a liberdade encontra-se no reino do "noumeno", quer dizer na mente humana, fundamentalmente no contexto de moral.⁹ Assim e conforme temos exposto, a liberdade não é e não pode ser considerada uma questão física; mas é só e unicamente uma questão moral. A relação entre a moral e a liberdade nos conduz a exprimir a idéia de que só o Infinito, por ser o paradigma de toda moral, é absolutamente livre; não assim o finito.

A questão moral está relacionada com atributos diversos concentrados na virtude do bem e do belo. Alcançar os benefícios do bem e do belo é uma atitude estimulada pela capacidade de escolha. Essa capacidade, segundo Agostinho de Hipona (354 – 430), é feita mediante o uso da vontade individual por isso referida como Livre Arbítrio.¹⁰ Agostinho utiliza essa nomenclatura para diferenciar das outras idéias de liberdade. Explicitamente se infere que a única e verdadeira liberdade é a capacidade voluntária de fazer escolha, ou seja: o Livre Arbítrio.

Dentro do conceito de Livre Arbítrio, o bem concretamente é objeto da atividade da vontade. Para execução plena e satisfatória da atividade de escolha exercida pela vontade, é necessário considerar o fim último do indivíduo; o qual pode ser a morte física que limita a existência do ser à vida terrena ou, a imortalidade, que projeta a existência do ser para o ambiente da eternidade. É razoável notar que a imortalidade não depende do homem; mas é um dom concedido e imposto pela Divindade. O homem livre exerce a sua vontade para escolher o bem a fim de alcançar a imortalidade. Nessa tarefa, para conhecer o bem, o homem conta com ajuda Divina, através da instrução e advertência

⁹ Kant, Immanuel. "The Science of Right", in GBWW, vol 42, p. 420. O mesmo autor enfatiza: "But as men we are free in fact, as is proved by the categorical imperative in the moral and practical relation as an authoritative decision of reason ..." loc. cit. p. 621.

¹⁰ Augustine. "Confessions" in GBWW vol 18, pp. 44, 45.



encontrada na Sua Palavra, reconhecidamente: fonte de todo bem. Desprovido dessa orientação o homem estará sujeito a exercer sua vontade direcionada à escolha do erro, da falsidade, da inverdade e de todo o que conduz a morte física e espiritual.

Na Bíblia, encontram-se advertências claras para evitar mediante o uso da vontade, escolhas erradas. O apóstolo João, fazendo alusão àquilo que é profano e contrario a todo bem e a Deus, usa a terminologia de “mundo” para instar a evitar escolhas erradas e exclama: “Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo” (1Jo 2:15). Por sua parte o apóstolo Paulo, ao referir o uso da vontade que efetua escolhas erradas, esclarece que existe uma tendência para tal, que ele mesmo identifica como “desejo da carne”. Assim, ao declarar uma condição da pessoa humana, ele enfatiza: “...todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne ... e éramos por natureza, filhos da ira” (Ef 2:3); ele mesmo sentencia: “o pendor da carne é inimizado contra Deus” (Rm 8:7). Concluímos que as escolhas erradas são de caráter deletério por propiciar toda forma de destruição e morte; resultado final de uma condição de opressão e não de liberdade.

Não se deve desconsiderar que a real liberdade é a capacidade de escolha que o homem possui; sublinhando a afirmação que pelo exercício da vontade, é o bem que deve ser escolhido. Para efetuar essa tarefa é necessário considerar que a capacidade da vontade, de escolher o bem, depende de orientação Divina. Essa orientação é possível se a pessoa estiver sujeita ou dependente da fonte de todo bem: Deus. O apóstolo Paulo confirma essa asseveração, revelando essa influência Divina sobre a pessoa humana, como um espírito; então ele afirma: “o Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade” (2Cr 3:17). Logicamente que Deus tem um padrão que estimula a escolha do bem; a escolha de tudo aquilo que promove a imortalidade é o cumprimento da sua Lei. Não sem razão Tiago expressa: “aquele que considera, atentamente, na lei perfeita, lei da liberdade, e nela persevera, não sendo ouvinte negligente, mas operoso praticante, esse será bem-aventurado no que realizar” (Tg 1:25). Cabe bem assinalar que conhecer a lei Divina é ter noção da verdade a qual se adquire com a intimidade e dependência de Cristo, pois Ele é a personificação da verdade, por isso ele sentencia: “se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos: e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jô 8:31,32).

THE DEVELOPMENTS OF DIVINE ACCOMMODATION AND SOME PROBLEMS OF ITS PROPOSITIONS

Márcio Donizeti Costa

Doutorando na Andrews University, MI, (USA)

mcosta@andrews.edu

Abstract: The doctrine of accommodation was introduced by the church fathers early in the second century and its developments became a major tool for Bible critics of the eighteenth century. This article briefly investigates the early propositions of the teachings of accommodation by the church fathers, and it also investigates the major proponents of new theological directions for the doctrine of accommodation in the eighteenth century, followed by the severity of problems generated by the NT critics.

Keywords: Accommodation, Divine Accommodation, Biblical Rationalism, Biblical Criticism.

Resumo: A doutrina da acomodação foi introduzida pelos primeiros pais da Igreja, no segundo século, e foi desenvolvida como um dos principais instrumentos da Crítica Bíblica do século dezoito. O presente artigo faz uma breve investigação das primeiras propostas desse ensinamento pelos pais da Igreja, e também explora o pensamento dos proponentes centrais dessa doutrina no século dezoito e suas novas diretrizes teológicas, seguidas por graves problemas gerados pelos críticos do Novo Testamento.

Palavras-chave: Acomodação; Acomodação Divina; Racionalismo Bíblico; Crítico Bíblico.



The Discussion of Divine Accommodation

From the church fathers to the eighteenth-century Bible critics, the theological developments of the doctrine of divine accommodation appeared to have stretched beyond its original applications. In early Christianity, Justin Martyr, Origen, Chrysostom, and Augustine saw in Scripture a communication mode of a God who accommodated Himself to the position and limitations of the persons being addressed. By the beginning of the eighteenth century, the principle of accommodation had advanced to a more critical and rational perspective. Theologians like Wettstein, Semler, Seiler, and Rosenmuller contributed to the development of a view of accommodation that was more fitted to the historical context than to the biblical canon in its entirety.

In this article I will investigate whether the accommodation of biblical truth with temporal knowledge can be accepted without compromising other major principles of the Scriptures. To accomplish this task, I will first take a look at the church fathers and examine their applications of Divine accommodation. Then I will look into the new developments of accommodation given by some theologians of the late seventeenth century. After that, I will look at the implications of those advancements for the major teaching of the Scriptures, and finally, I will draw conclusions from the studies presented.

The Early Church Fathers

The authoritative view of scripture is a major characteristic of the fathers of the early Christian church. For them, the Bible was "a collection of sacred writings which contain the Divine Word of redemption," and therefore, they believed their lives should be filled with acts of faith in a life of faith. Such faith (either human or divine¹) was "conditioned upon the validity of the objective Word of God"² and the work of the Spirit. In other words; their actions through life (temporal, historical) were supposed to be a result of their faith, which was ultimately validated by the Word of God. In essence, the validity of faith and life were centered in the "Divine Word."³

Origen

Origen of Alexandria held the Scriptures as high standards. He considered the Bible as "sacred books," "holy documents" without which we could have no

¹ George Trumbull Ladd, *The Doctrine of Sacred Scripture* (n.p.: 1883), 179.

² *Ibid.*, 538-539.

³ *Ibid.*, 530-532.



knowledge of God.⁴ He also believed that the Scriptures of the Old and New Testament had an "inseparable unity."⁵ The Bible sustained harmony through all pages and was "supernaturally perfect in every particular." At the same time, Origen was very conscious of the human element in the Holy Scriptures.⁶ He thought the New Testament was not written in the best Greek, but he considered the revelation more important than the words.⁷ For Origen, humans were capable of knowing the revelation of God because He had "accommodated" to ways that we sinners could understand and communicate with Him.⁸

According to Origen, "He condescends and lowers himself, accommodating himself to our weakness like a schoolmaster talking 'little language' to his children, like a father caring for his own children and adopting their ways."⁹

John Chrysostom

John Chrysostom appears to have made more intensive use of accommodation than the other church fathers.¹⁰ He was influenced by the works of Origen and held the doctrine of accommodation in his writings. He stated that "Christ often checked himself for the sake of weakness of his hearers when he dealt with lofty doctrines and that he usually did not choose words as were in accord with his glory, but rather those which agreed with the capability of men."¹¹

Augustine of Hippo

Augustine is considered the link between the ancient church and the Middle Ages. His theological method is reflected throughout his writings, which integrated Platonic philosophy and biblical data. The famous maxim of Augustine's theology is

⁴ The words in quotation are from Origen, "De principiis," trans. F. Combie, *The Ante-Nicene Fathers*, Vol. IV, ed. Alexander Roberts and James Donaldson (Buffalo: Christian Literature, 1885) IV, 9; IV,8, pp. 356-357. Reference extracted from Jack Bartlett Rogers, *Biblical Authority* (Waco, TX: Word Books, 1977), 19.

⁵ Richard Patrick Crosland Hanson, *Allegory and Event* (Richmond: John Knox Press, 1959), 198.

⁶ Bruce Vawter, *Biblical Inspiration* (Philadelphia: Westminster, 1972), 38-39.

⁷ F. W. Farrar, *History of Interpretation* (London: Macmillan, 1886), 190.

⁸ Vawter, 33.

⁹ Hanson, 226.

¹⁰ Peter M. van Bemmelen, "Divine Accommodation in Revelation and Scripture," *Journal of Adventist Theological Society*, September 1998 (2000): 222.

¹¹ G. C. Berkouwer, *Holy Scripture*, trans. Jack Bartlett Rogers (Grand Rapids: Eerdmans, 1975), 175-176.



"I believe in order that I may understand."¹² Augustine was adamantly against any type of discordance in the Scriptures; if apparent discordance existed, he would claim that either the manuscript was faulty, the translation was wrong, or the reader had not properly understood.¹³ Just like Origen and Chrysostom, Augustine accepted the concept that God accommodated Himself to reach human capacity. In order to communicate with mankind, he stated, God uses specific ways in "the Holy Scripture, which suits itself for babes."¹⁴

I venture to say, brethren, that not even John himself has presented these things just as they are, but only as best as he could, since he was a man who spoke of God—inspired, of course, but still a man. Because he was inspired, he was able to say something; but because he who was inspired remained a man, he could not present the full reality, but only what a man could say about it.¹⁵

The General Perspective of the Church Fathers

In summary, it is difficult to say precisely how far the church fathers who introduced and applied the accommodation principles meant to carry them. Unfortunately, they were not always explicit or consistent in their statements.¹⁶ Moreover, they had many significant differences in approaches and applications that indicate a compromise of biblical truth and cultural background.¹⁷ Nevertheless, for the most part, it appears that they viewed accommodation as an adaptation of the form of Divine communications to the modes of human thoughts and speech, while the matter remained true and Divine.¹⁸

Accommodation in the Eighteenth Century Theology

The new ideas and theology proposed by Wettstein, Semler, Seiler, and Rosenmuller, among others, anticipated a new rational approach to reality, and the laws they used for interpretation inevitably permeated theology. This early

¹² Cited in John Edwin Smith, *The Analogy of Experience: An Approach to Understanding Religious Truth*, [1st ed. (New York: Harper & Row, 1973), 40.

¹³ Vawter, 38-39. ; R. M. Grant, *The Letter and the Spirit* (London: SPCK, 1957), 108.

¹⁴ A. D. R. Polman, *The Word of God According to St. Augustine* (Grand Rapids: Eerdmans, 1961), 57.

¹⁵ *Ibid.*, 59-60.

¹⁶ George Nathaniel Henry Peters, *The Theocratic Kingdom of Our Lord Jesus, the Christ, as Covenanted in the Old Testament and Presented in the New Testament* (London: Funk & Wagnalls, 1884), 195-199.

¹⁷ Stephen D. Benin, *The Footprints of God : Divine Accommodation in Jewish and Christian Thought* (Albany: State University of New York Press, 1993), 1-30.

¹⁸ Patrick Fairbairn, *Hermeneutical Manual; or, Introduction to the Exegetical Study of the Scriptures of the New Testament* (Philadelphia: Sheldon, Blakeman & Co., 1859), 107.



eighteenth-century rationalist approach and their views of accommodation raised the question of whether one is able to distinguish the Scriptural texts that are of essential content from those of time-related form. Beyond these two aspects, the critics and rationalists (and later the historical critics) raised the problem of the criteria used to legitimize and define the two elements.¹⁹

Berkouwer suggests that when the conflict arises between essential content and time-related form, the question for the theologian to answer is whether the pure perspective of the substance of the Gospel can still be preserved despite the intentions to preserve the essential elements.²⁰ It was during the development of modern rationalism that the principle of accommodation began to be applied to Scripture in a more expanded meaning and distanced from the initial applications made by the church fathers. The emergent Bible criticisms gradually started to apply accommodation without specific principles or limitations.

Johann Jakob Wettstein.

This celebrated Swiss theologian is better known as a New Testament critic. Wettstein was born in Basle in March 1693, the son of a minister of St. Leonard's Church. His early attention was turned upon the New Testament manuscripts, which led to his first dissertation, on the subject of *De variis Novi Testamenti lectionibus*. Later in his life, he enlarged his works and views as he traveled to Zurich, Bern, Lyons, Paris, and England and gained access to more important manuscripts of the New Testament. In the 1720s, after succeeding his father at St. Leonard's Church, Wettstein worked on a critical edition of the New Testament that brought upon him charges of heresy against the doctrine of the Divinity of Christ. Wettstein was dismissed in 1730 and went to Amsterdam, where he taught Hebrew and philosophy under the conditions of not expressing Socinian views, not publishing his New Testament, submitting his works to supervision, and printing no apology for his cause. Nevertheless, he printed his New Testament, and died shortly after in March 1754.²¹

Wettstein is considered one of the forerunners in establishing principles for the use of accommodation in modern theology. In his works of criticism and interpretation of the New Testament, he established that as a canon of interpretation, in regards to those passages that seem to disagree with each other

¹⁹ Berkouwer, 175.

²⁰ *Ibid.*, 176.

²¹ John McClintock, *Cyclopaedia of Biblical Theological, and Ecclesiastical Literature* (New York: 1891), vol. 10, 970-971. ; *The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*, (Grand Rapids: Baker Book House, 1950), vol. 12, 333-334.



or vary from the truth, the writers should be understood "as not always expressing their own opinion, nor representing matters as to their real state, but occasionally also expressing themselves according to the sentiments of others, or the sometimes ambiguous, sometimes erroneous, opinions of the multitude."²² Wettstein argues that "this mode of explanation should be especially adopted in regard to what is often said in the new testament of sacrifices, of Satan, of angels, and demons."²³

Johann Salomo Semler

Semler was a German theologian who is considered the pioneer and founder of modern biblical criticism. He was born in Saalfeld in 1725 and grew up under the influence of the pietism of Halle, where he studied and later occupied a theology chair in 1752. His lectures on hermeneutics and church history were stepping stones to his views that characterized differences between theology and religion. Semler took the Scriptures as the object of scientific research, with concern for the transmission and the nature of the text. He came to believe in many revisions of the New Testament text, striving for more solid standards for evaluation of the manuscripts and discernment of the importance of patristic writings. His major achievement is considered to be piloting theology into a new phase of development by importing into theology the historical mode of contemplation.²⁴

From Semler's perspective, the exposition of Scripture should be pre-eminently historical; this implies that the spiritual conditions of the time should be considered, and moreover that the external circumstances when Christ and the Apostles lived did not always allow the truth to be spoken in the way that it should have been. Thus Semler concluded, "that teachers after the undeniable example of teachers and the apostles, condescended to their listeners' mode of thought or accommodated themselves to their own circumstances, is historically certain."²⁵

According to Baird, Semler's views of accommodation were also tools to illuminate the differences between the word of God and the words of the Bible. As such, "the biblical writers were free to use their own vocabulary and style to

²² Quotation from Fairbairn, 108.

²³ Ibid.

²⁴ See Carl Mirbat, "Semler, Johann Salomo," *The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*, vol. 10, 354-355. ; McClintock, vol. 9, 522-524.

²⁵ Quotation from Trutz Rendtorff, *Church and Theology; the Systematic Function of the Church Concept in Modern Theology* (Philadelphia: Westminster, 1971), 47-48.



employ contemporary myths and metaphors to give expression to the gospel. Since the gospel in accommodating words it is never to equate with the words of scripture."²⁶

Georg Friedrich Seiler

Seiler was a German theologian born in October 1733 at Kreussen. In 1770, he became a professor of theology at Erlangen, an eighteenth-century Protestant foundation in largely Catholic Bavaria, where he also founded an institute for morals and liberal arts. His main theological contribution is a supra-naturalistic view of Scripture, mostly with practical implications. In his book *Biblical Hermeneutics, or, the Art of Scripture Interpretation*, Seiler explores the use of accommodation as a technique of interpretation in critical commentary.²⁷

Seiler, as much as Semler, believed that every reasonable man "must adapt his language to the modes of thinking and to the perception of those he addresses."²⁸ When Seiler deals with the New Testament, he makes a distinction between two types of accommodation: the accommodation that enables understanding, and the accommodation that includes false teachings in order to appeal to the audience. Although Seiler recognized that sometimes it was difficult to distinguish both types of accommodation, he condemned the "accommodation of error."²⁹ He further classified the biblical errors into two categories: the innocuous and the noxious. "Innocuous errors are such as do not necessarily introduce other errors into doctrines of faith, and from which no results could flow which were injurious to morals."³⁰ By contrast, he concluded that noxious errors are those which would introduce many other errors into doctrines and would lead to injurious morals.

Johann Georg Rosenmuller

This German Lutheran theologian was born in Ummerstädt in December 1736 and studied at the University of Altdorf. He climbed the academic ladder starting as a private teacher, then became a pastor, later a professor of theology,

²⁶ Ibid., 124.

²⁷ McClintock, 510. ; Paul Wood, *Science and Dissent in England, 1688-1945*, Science, Technology, and Culture, 1700-1945 (Burlington, VT: Ashgate, 2004), 183.

²⁸ Georg Friedrich Seiler, *Biblical Hermeneutics; or, the Art of Scripture Interpretation* (London: F. Westley and A. H. Davis, 1835), 39-41.

²⁹ Ibid., 422-434.

³⁰ Ibid., 429.



and finally superintendent at Leipzig. His theological views were based on the principle that unbiased reason carries as much authority as the clear expression of Scripture.³¹

Rosenmuller reasoned that the Jews brought forth a unique mode of writing the Scriptures due to their preference of style, filled with sentiments in allegorical figures and seeking strained and imaginary support in Scripture. In his view, the apostles were wise in accommodating themselves in these aspects to the “genius and habits of their countrymen.” According to his account, many texts hold what he calls a kind of rabbinical flourish, an embellishment of the narrative, so that what was completely away from the ordinary was happily applied to the circumstances and events of the Gospel history.³²

What the Critics Changed in Accommodation

In short, the growth and expansion of Biblical criticism involving the use of accommodation is a sign that no strict principle had been drawn by the church fathers who first applied it. The apparent laxity of principle led critics to apply accommodation to scriptural variances with historical assumptions that implied the representation of mistakes in biblical teachings.

The Proposition of Accommodating Error

There is a vast distance between the church fathers and the eighteenth-century Bible critics in the usage of biblical accommodation. The different assumptions and premises led to different applications of accommodation, and over time theologians developed different methods that challenged Bible authority. Church fathers like Origen, Chrysostom, and Augustine all believed the Bible to be authoritative, above human experience. However, the same can not be fully said about late eighteenth-century theologians who were interacting with the Enlightenment philosophers.

Opposition to False Accommodation

³¹ Chambers's Encyclopaedia : A Dictionary of Universal Knowledge for the People , Rev. ed. (New York: Collier, 1884), vol. 7, 809. ; The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge , vol. 10, 95-96.

³² Johann Georg Rosenmueller, *Historia Interpretationis Librorum Sacrorum in Ecclesia Christiana* , vol. 1 (Hildburghausen: 1795), 27-33.



Van Bemmelen, in his article "Divine Accommodation in Revelation and Scripture," touched on two important aspects of the debate of false accommodation. First, he reasoned that because Christ's incarnation is the ultimate example of accommodation and Jesus declared himself to be "the truth" (John 14:6), it becomes a contradiction to the very nature of Jesus to accommodate Himself to error.³³

Second, van Bemmelen argued that the human limitations did not always allow Jesus to accommodate to the circumstances, for it is known that "[Jesus] often kept silent when He could have spoken. Even in teaching His disciples He restrained Himself."³⁴

In van Bemmelen's conclusion, the accommodation phenomenon is a reality in the Scriptures; however, there are plenty of misconceptions and the failure to grasp this concept has often led to wrong interpretation. Although his article clearly established false applications of accommodation, it did not move on to indicate any principle for the true application of the principle.³⁵

Inconsistency of False Accommodation

In this quest to contain the false application of accommodation, van Bemmelen is not alone. Heringa³⁶ also had the concern that the accommodation of the Divine with error would be inconsistent. He argued to Seiler:

This [accommodation to error] were inconsistent neither with wisdom, nor with honesty; it had not been suited to the case of extraordinary ambassadors of God, furnished with such full powers, and assisted by such Divine interposition as they were. There is a vast difference between leaving errors untouched which would in time expire either of themselves, or by deeper views of the very doctrine preached, and the confirmation of the same errors, by admitting them into their own instructions.³⁷

³³ Van Bemmelen: 227.

³⁴ Ibid.: 228.

³⁵ Ibid.: 229.

³⁶ Hermann Julius Heringa was a German Lutheran born in Dallmin in February 1838. He was educated at Halle (1858-62) and from 1878 until retirement was professor of practical theology at Halle. The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge, 237.

³⁷ Note from Heringa to Seiler. Quote extracted from Fairbairn, 112.



The arguments of Heringa are expanded even more by Georg C. Knapp, who pointed out that the Scriptures do not indicate that Jesus or His disciples, in conformity with their generation, "ever taught anything or seemingly affirmed anything to be true which they themselves considered as false."³⁸ Knapp also upholds the same in regards to the teaching and explanation of the Old Testament. He reasoned that "such compliance is entirely contrary to their usual course of action; (Matt. v. 19, 23;) nor can it be at all justified on pure moral principles, as even modern theologians are beginning more and more to allow."³⁹

Arguments against False Accommodation

Storr and Flatt also strongly rejected the notion of false accommodation. They presented five main arguments denying false accommodation and maintaining that "the declarations of Jesus and the apostles relative to the Old Testament are not an accommodation of popular opinion and prejudice." Their arguments are anchored in a) the moral character of Jesus and His apostles, b) the miracles working as evidence of their authority, c) the lack of clear criteria established for verification of the apostles' knowledge, d) that incorrect expectation that history can be used to prove many aspects of Scripture, and e) the critics' failure to prove the necessity of false accommodation. In their view, the schemes of false accommodation "not only make a very arbitrary supposition, but they violate the fundamental and unexceptionable principles of interpretation, and deny that authority and credibility" that are ascribed to the teachings of Jesus and the apostles through Scripture.⁴⁰

Landis, in his book *The Doctrine of the Resurrection of the Body Asserted and Defended*, proposed another ten arguments against the rationalists' ideas of false accommodation. He argued that a) the results of this principle are "utterly false and indefensible," b) it is unreasonable and contrary to all principles of interpretation, c) there is no degree of certainty in the meaning of the word "God," d) it is impossible to clearly distinguish knowledge from accommodation, e) there is no solid proof, f) the necessity can not be proved, g) it is against the moral character of Jesus, h) it ruins the character of God, i) it propagates falsehood

³⁸ Georg Christian Knapp, *Lectures on Christian Theology*, 2d American ed. (Philadelphia: T. Wardle, 1850), 326.

³⁹ *Ibid.*

⁴⁰ Gottlob Christian Storr and Karl Christian Flatt, *An Elementary Course of Biblical Theology*, 2nd ed. (Andover, NY: Gould and Newman, 1836), 153-154.



embedded with truth, and j) it is a grotesque thought against God's sincerity and the fidelity of the record of Scripture.⁴¹

A Strong Argument against False Accommodation

Thus, the argument of van Bemmelen is aligned with those of Heringa, Knapp, Storr and Flatt, and Landis, who exposed false accommodation as a fallacy and an aberration to any consistent biblical thinking. However, none of them denied the principle of accommodation in itself. Within the theological debate of accommodation, false accommodation (innocuous) appears to be illogical and unjustifiable in Scripture. It is not acceptable that Scripture would destroy the same principles that it is trying to convey.

Conclusions

This article indicates that considering error as an aid for biblical truth is a contradiction in itself; it goes far beyond the views of the church fathers and discards biblical authority. Although the church fathers never set boundaries for the doctrine of accommodation and failed to consistently use the principle, it is clear that they worked with the premise of the authoritative value of Scripture. The use of accommodation by the late seventeenth-century and early eighteenth-century theologians imported a historical rationale to texts that might appear in variance to a subject; it also created a multitude of serious problems related to the core nature of biblical teachings.

This article discussed, for further discussion, about the problem of the accommodation has been used since the church fathers; however, the main challenge is to establish the appropriate boundaries of this principle. This research also indicates that further study of the principles that the church fathers applied in their usage of accommodation will shed more light on the debate and correct the abuses of the Divine accommodation principle.

Bibliography

Benin, Stephen D. *The Footprints of God : Divine Accommodation in Jewish and Christian Thought* . Albany: State University of New York Press, 1993.

⁴¹ Robert W. Landis, *The Doctrine of the Resurrection Asserted and Defended* (n. p.: 1846), 125-130.



Berkouwer, G. C. Holy Scripture . Translated by Jack Bartlett Rogers. Grand Rapids: Eerdmans, 1975.

Chambers's Encyclopaedia : A Dictionary of Universal Knowledge for the People . Rev. ed. New York: Collier, 1884.

Fairbairn, Patrick. Hermeneutical Manual; or, Introduction to the Exegetical Study of the Scriptures of the New Testament . Philadelphia: Sheldon, Blakeman & Co., 1859.

Farrar, F. W. History of Interpretation . London: Macmillan, 1886.

Grant, R. M. The Letter and the Spirit . London: SPCK, 1957.

Hanson, Richard Patrick Crosland. Allegory and Event . Richmond: John Knox Press, 1959.

Knapp, Georg Christian. Lectures on Christian Theology . 2d American ed. Philadelphia: T. Wardle, 1850.

Ladd, George Trumbull. The Doctrine of Sacred Scripture . n.p., 1883.

Landis, Robert W. The Doctrine of the Resurrection Asserted and Defended . n. p., 1846.

McClintock, John. Cyclopaedia of Biblical Theological, and Ecclesiastical Literature . New York, 1891.

The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge . Grand Rapids: Baker Book House, 1950.

Peters, George Nathaniel Henry. The Theocratic Kingdom of Our Lord Jesus, the Christ, as Covenanted in the Old Testament and Presented in the New Testament . London: Funk & Wagnalls, 1884.

Polman, A. D. R. The Word of God According to St. Augustine . Grand Rapids: Eerdmans, 1961.



Rendtorff, Trutz. Church and Theology; the Systematic Function of the Church Concept in Modern Theology . Philadelphia: Westminster, 1971.

Rogers, Jack Bartlett. Biblical Authority . Waco, TX: Word Books, 1977.

Rosenmueller, Johann Georg. Historia Interpretationis Librorum Sacrorum in Ecclesia Christiana . Hildburghausen, 1795.

Seiler, Georg Friedrich. Biblical Hermeneutics; or, the Art of Scripture Interpretation. London: F. Westley and A. H. Davis, 1835.

Smith, John Edwin. The Analogy of Experience: An Approach to Understanding Religious Truth . [1st ed. New York: Harper & Row, 1973.

Storr, Gottlob Christian, and Karl Christian Flatt. An Elementary Course of Biblical Theology . 2nd ed. Andover, NY: Gould and Newman, 1836.

Van Bemmelen, Peter M. "Divine Accommodation in Revelation and Scripture." Journal of Adventist Theological Society , no. September 1998 (2000): 221-229.

Vawter, Bruce. Biblical Inspiration . Philadelphia: Westminster, 1972.

Wood, Paul. Science and Dissent in England, 1688-1945 Science, Technology, and Culture, 1700-1945. Burlington, VT: Ashgate, 2004.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

A JUSTIÇA DE DEUS: Um estudo exegético de Rm 3.21-26

Anderson P. Calado

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

TCC apresentado em dezembro de 2007

Orientador: Wilson Paroschi, Ph.D.

anderson.calado@apl.org.br

Resumo: Em Rm 3:21-26 encontramos quatro vezes a expressão “justiça de Deus”. A proposta desta pesquisa é analisar estas frases e descobrir a que se refere esta declaração, será o dom de Deus outorgado para a salvação? Ou um atributo do caráter de Deus vindicado na Cruz? Após uma introdução metodológica, apresentaremos um breve panorama da epístola aos Romanos; ficará mais fácil nossa compreensão do problema levantado se nos familiarizarmos com o tema e o contexto da epístola. Para essa pesquisa foi utilizado o Método Gramático-Histórico.

Palavras-chave: Justiça de Deus, Método Gramático-Histórico, Rm 3:21-26.

Abstract: In Romans 3:21-26 there is found four times the expression “justice of God”. The proposal of this research is to analyze these phrases in order to discover if they refer to the gift of God granted for salvation? Or is it an attribute of God's character that was vindicated at the cross? After a brief introduction about methodology, a short panoramic overview on Romans is presented, in order to help the understanding of the problem as one gets better acquainted with the theme and the context of the epistle. The method deployed in this research was the Grammatical-Historical Method.

Keywords: Justice of God, Grammatical-Historical Method, Rom 3:21-26.

CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE ADVENTISTA DE TEOLOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A JUSTIÇA DE DEUS
Um estudo exegético de
Rm 3.21-26

ANDERSON P CALADO

Engenheiro Coelho – SP

Novembro de 2007

ANDERSON P CALADO

A JUSTIÇA DE DEUS
Um estudo exegético de
Rm 3.21-26

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à obtenção da graduação no bacharelado em Teologia do Centro universitário Adventista de São Paulo. Sob orientação do Prof. Dr. Wilson Paroschi, Ph.D.

Engenheiro Coelho – SP

2007

A JUSTIÇA DE DEUS
UMA ANÁLISE DE ROMANOS 3.21-26

Trabalho de conclusão de curso
Apresentado como requisito parcial
À obtenção do
Bacharelado em Teologia

Por
Anderson P Calado

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
Wilson Paroschi, Ph.D.
Professor de Novo Testamento

Avaliação

Nome do Professor
Função do Professor

Data da Aprovação

Amim A Rodor
Coordenador do Curso de Teologia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
0.1. O problema.....	1
0.2. Metodologia	1
0.3. Pressuposições.....	1
 CAPÍTULOS	
 1. CONTEXTO ESPECÍFICO	2
2.1. Um breve panorama de Romanos	2
2.2. A passagem e o seu contexto imediato.....	5
 2. ESTUDO EXEGÉTICO	7
 CONCLUSÃO	18
 BIBLIOGRAFIA	19

INTRODUÇÃO

0.1 PROBLEMA

Em Rm 3.21-26 encontramos quatro vezes a expressão “justiça de Deus”. A proposta desta pesquisa é analisar estas frases e descobrir a que se refere esta declaração, será o dom de Deus outorgado para a salvação? Ou um atributo do caráter de Deus vindicado na Cruz?

0.2 METODOLOGIA

Após uma introdução metodológica, no primeiro capítulo apresentaremos um breve panorama da epístola aos Romanos; ficará mais fácil nossa compreensão do problema levantado se nos familiarizarmos com o tema e o contexto da epístola. Ainda neste capítulo delimitaremos a perícopes e nos deteremos mais na passagem e seu contexto imediato.

No capítulo seguinte nos limitaremos a considerar as principais expressões da unidade literária proposta, analisando-as exegeticamente e retirando o máximo possível de significado do texto. Por fim a conclusão mostrará as descobertas feitas ao longo da pesquisa e suas implicações para a compreensão da expressão “justiça de Deus”.

0.3 PRESSUPOSIÇÕES

O método mais adequado para estudar os livros da Bíblia é o método gramático-histórico. Podemos definir este método como a tentativa de compreender os dados bíblicos por meio de considerações metodológicas derivadas. Seu objetivo é encontrar o significado correto das Escrituras assim como era a intenção de Deus ao comunicar sua Palavra, independente de ter sido compreendido de forma plena pelo seu autor e destinatários ou não.

O método gramático-histórico usa a Bíblia como sua própria interprete como um princípio controlador da interpretação O método gramático-histórico tornou-se o principal método de interpretação do protestantismo. Grandes nomes do passado sustentaram e usaram este método, dentre os quais podemos citar: Martinho Lutero, Calvino, Zwínglio, Melanchton e outros.

CAPÍTULO I

CONTEXTO ESPECÍFICO

1.1 Um Breve Panorama de Romanos

Se comparados todos os livros canônicos das Escrituras, o livro de Romanos estaria em destaque pelo seu conteúdo e relevância (Henry, 1983, v.5. p.237). A carta de Romanos é a apresentação mais sistemática da fé de Paulo (Patte, 1987, p. 335).

Há dois temas principais na carta que são evidentes logo no primeiro capítulo – a integralidade do evangelho que lhe foi conferido e a solidariedade dos judeus e gentios na comunidade messiânica. O apóstolo chama a boa nova de “o evangelho de Deus”, por Deus ser o autor, e de “o evangelho de seu Filho”, por ser Jesus a essência do evangelho. Nos vss. 1-5 ele enfoca a pessoa de Jesus Cristo, filho de Davi por descendência e poderosamente declarado Filho de Deus por meio da ressurreição. Já no vs. 16 o autor concentra-se da obra do Messias, uma vez que o evangelho é o poder de Deus para a salvação do judeu e do grego (Stott, 2001, p.35).

Paulo tenta estabelecer uma relação pessoal com seus leitores através destas sucintas declarações do evangelho. No vs. 7 ele escreve “para todos os amados de Deus e chamados para serem santos”; ele não faz distinção de etnia, embora no vs. 13 ele afirme que a maioria deles são gentios. Ainda nesse ponto de contato buscando afinidade, Paulo agradece a Deus por todos eles, ora por eles constantemente, almeja vê-los e sente-se na obrigação de pregar o evangelho na capital do mundo de sua época (Stott, 2001, p.35).

Os caps. 1-3 destacam a acusação de Deus contra a raça humana, composta de judeus e gentios, ambos igualmente culpados. O argumento usado é igual para os dois grupos, pois não viviam à luz do conhecimento que possuíam. Em especial no terceiro capítulo entra em cena a ira de Deus em concordância com sua justiça, pois o pecado não poderia passar sem receber sua devida punição, se assim não fosse Deus não estaria exercendo em totalidade sua justiça (Champlin, 2002, v.3, p. 559).

O apóstolo, no cap. 3, continua o discurso relativo à justificação. Ele já tinha demonstrado a culpabilidade de ambos os grupos, gentios e judeus. Agora neste capítulo ele responde a algumas objeções que poderiam ser feitas contra o que ele tinha dito sobre os judeus (vss. 1-8). Ele afirma a responsabilidade e corrupção do gênero humano, judeus e gentios (vss. 9-18). Ele

discute a questão da justificação ser por meio da fé e não pela lei para a qual ele dá várias razões (vs. 19) (Henry, 1983, v.5 p.240).

No cap. 4, Paulo torna mais real sua explicação sobre a salvação. Ele já havia dito o que era a justificação pela fé, agora ele usa o exemplo de Abrão para provar sua tese apresentada nos capítulos anteriores. De forma muito sábia ele toma, por modelo, a pessoa que talvez tivesse mais identidade com o povo, o pai Abraão. O patriarca dá a Paulo força e veracidade no seu argumento. (1) Ele prova que Abraão não foi justificado através de obras, mas pela fé (vss. 1-8); (2) Ele observa quando e por que ele foi justificado (vss. 9-17); (3) Ele descreve e recomenda a fé do patriarca (vss. 17-22); (4) Ele faz uma aplicação para o presente (vss. 22-25). Depois desta abordagem ele entra no capítulo cinco apresentando os frutos da justificação pela fé e o seu fundamento na cruz (Henry, 1983, v.5 p.?).

Existem dois homens representativos: Adão, em quem todos os homens morrem; e Cristo, em quem todos os homens são vivificados (Champlin, 2002, v.3, p. 559). A fé é o veículo por meio do qual fluem as bênçãos de Cristo. A fé não é meritória em si mesma. A fé consiste numa entrega confiante da alma, sendo ela mesma resultado da atuação do Espírito Santo. Assim a fé é o primeiro passo para a regeneração e vem à tona através da conversão, que por sua vez é o resultado de um perdão genuíno, o que também acontece pela atuação do Espírito Santo, conforme demonstrado nos caps. quarto e quinto (Champlin, 2002, v.3, p. 559).

O assunto do cap. 6 é a morte e a ressurreição em Cristo pelo batismo. O cap. 7 aborda o conflito existente entre as naturezas antiga e nova. Não há um consenso se esse conflito ocorre antes ou depois da conversão. O cap. 8 é considerado o capítulo mais profundo. Neste capítulo Paulo discute idéias como: eleição, predestinação, justificação, glorificação, herança dos crentes e a segurança eterna. Segundo Champlin as relações entre a nação de Israel e a Igreja cristã, a questão das promessas de Deus não cumpridas, formam a temática dos caps. 9-11 (Champlin, 2002, v.3, p. 560).

Paulo não esqueceu a mistura étnica da igreja romana, nem as tensões que hora por outra apareciam entre a minoria, composta de cristãos judeus, e maioria, composta de gentios. Nesta seção o autor encara esta questão teológica. No cap. 9 Paulo defende a fidelidade da aliança de Deus. Ele embasa sua defesa dizendo que as promessas de Deus não se destinavam a todos os descendentes de Jacó, mas sim a um remanescente dentro de Israel. Segundo Stott a incredulidade de Israel no capítulo nove se atribui ao propósito de Deus conforme a eleição, já no

capítulo dez é atribuído ao orgulho de Israel, bem como sua ignorância e obstinação (Stott, 2001, p.40).

A partir do cap. 11 Paulo volta-se para o futuro. Ele declara que o fracasso de Israel não é permanente. Se por meio da transgressão de Israel veio a salvação para os gentios, agora, através da salvação dos gentios, Israel será movido pelo ciúme (vs. 11). O ministério da evangelização é provocar ciúmes em seu próprio povo a fim de salvá-los. Neste capítulo Paulo usa a alegoria da oliveira para tirar duas lições: (1) uma advertência para que os gentios (o ramo de oliveira brava que foi enxertado na oliveira) não se tornem soberbos e atrevidos conforme os vss. 17-22. (2) É uma promessa a Israel (os ramos naturais) de que, se eles não persistirem na incredulidade, serão novamente enxertados na oliveira (vss. 23-24) (Stott, 2001, p.41).

O cap. 12 começa com Paulo chamando os crentes de Roma como irmãos, uma vez que o problema étnico fora esclarecido. Então lhes dirige um eloqüente apelo convocando-os à consagração dos seus corpos e à renovação de suas mentes. Ele coloca diante deles duas alternativas: ou eles se ajustam aos padrões deste mundo, ou se deixam transformar por mentes e corpos renovados (Stott, 2001, p.42). As exortações particulares deste capítulo podem ser sistematizadas em três áreas principais do dever Cristão: nosso dever para com Deus, para conosco, e para com o nosso próximo (Henry, 1983, v.5 p.240).

Por fim os cap. 12-16 são de natureza puramente ética. Champlin denomina estes capítulos de seção prática, pois descrevem a conduta ideal, tanto perante o mundo, como perante a igreja, como aos olhos dos irmãos na fé (Champlin, 2002, v.3, p.560).

Para concluir, Paulo descreve seu ministério de “apóstolo dos gentios”, junto com sua política de pregar o evangelho apenas onde Cristo não for conhecido (Rm 15.14-22). Compartilha com eles os seus planos de viagem, que incluem visitá-los quando estiver indo à Espanha, porém primeiro ele deve ir a Jerusalém levar a coleta que era um símbolo da unidade entre judeus e gentios (Rm 15.23-29). Ele solicita as orações da igreja (Rm 15.30-33). Recomenda Febe, que é presumivelmente a portadora da carta que ele envia (Rm 16.1-2). Envia saudações a 28 pessoas nominalmente (Rm 16.3-16). Embora doxologia final seja bastante complexa, seu conteúdo é extraordinário. Sua doxologia final nos leva à introdução onde tudo começa (Rm 1.1-5); isso é possível, pois tanto a introdução como a conclusão da epístola fazem referência ao evangelho de Cristo, à vocação de Deus, ao alcance de todas as nações e à convocação à obediência pela fé.

1.2 A Passagem e seu Contexto Imediato

Romanos 3.21-26 é normalmente considerado como uma unidade literária por grande parte dos exegetas (ver Dunn, 1988, V.38a, p.163; Kertelge, 1982, p.75; Cranfield, 1993, p.65; Stott, 2001, p.123; Trenchard, 1968, p. 121; Barth, 2000, p.137; Gaebelin, 1984, v.10, p.40). De fato, a temática desses seis versos demonstra que eles estão intimamente interligados. No seu contexto amplo Rm 3.21-26 pertence à segunda parte do livro de Romanos, a qual trata sobre o tema da justificação pela fé.

No cap. 3 Paulo usa o vs. 21 como um trampolim para expor a obra da justiça divina. Esta justiça, embora prometida sem as obras da lei, foi atestada pela lei e pelos profetas. Lei e profetas era um modo comum no judaísmo de referir às Escrituras do Antigo Testamento (Schwantes, 2003, p.26).

Em Romanos 1.18-3.20, Paulo expõe a situação da humanidade sob o domínio do pecado. Todos os seres humanos, de todas as raças e classes, de todos os credos e culturas, judeus ou gentios, imorais e moralistas, religiosos ou ateus, todos sem exceção são pecadores, culpados e sem defesa diante de Deus (Stott, 2001, p.35). No vs. 21 Paulo começa a responder o problema levantado nos versículos anteriores, e no vs. 26 ele termina sua abordagem.

Ainda com relação ao vs. 21, depois de depreciar a justiça humana, o apóstolo abre uma nova seção, em contraste mostra a justiça divina. Até agora as palavras de Paulo foram carregadas de reprovação e ao iniciar esta nova abordagem sobre a justiça usa as palavras *nuni. de.*, “mas agora” (Rm 3.21). Em português esta expressão recebe o nome de locução conjuntiva; as conjunções servem para conectar orações, estabelecendo entre elas uma relação de dependência; a impressão é que o autor quer dar continuidade ao assunto.

Para Stott o “Mas agora” é um dos maiores adversativos encontrados nas Escrituras, pois denota que em meio à corrupção universal do pecado e da culpabilidade humana brilhou a luz do evangelho (Stott, 2001, p.35). Franzmann declara que esta expressão é o próprio Deus falando, enquanto o homem emudece. Diante do desespero da humanidade Ele garante a justiça e a vida (Franzmann, 1972, p.53).

A essência do evangelho de Paulo é incluída na antítese entre o “então” da miséria humana e o “agora” da graça de Deus. A mudança dramática efetuada pela ação divina é fixada pela expressão “mas agora”. Sem a lei – isto é, não mais levando em conta o esforço inútil do homem em cumprir os mandamentos – a justiça de Deus é revelada. O mais surpreendente é que

todo o Antigo Testamento ensinou essa justiça sem obras, o vs. 21 diz “testemunhada pela lei e pelos profetas” (Wilson, 1981, p.44).

A partir do vs. 27 ocorre uma ampliação da explicação fornecida. Em outras palavras esses seis versos são suficientes para resolver o problema levantado por Paulo. O homem não pode justificar-se a si mesmo pelas obras da lei e então ele mostra a solução que é a manifestação da justiça de Deus.

Desta forma, todos perdem o direito de gabar-se. Se esvai todo o alicerce da ostentação pela justiça pessoal. Paulo conclui seu argumento afirmando que o homem somente ganhará a salvação oferecida por Deus pela fé, inteiramente à parte das obras da lei. Se a salvação pudesse ser alcançada pelo cumprimento da lei judaica, Deus poderia ser considerado o Deus dos judeus. No entanto Ele é Deus de judeus e gentios, e abre o mesmo caminho para a salvação de ambos os grupos (Bruce, 1991, p.82).

Esta curta seção de Rm 3.21-26 é o centro e a medula de todo o livro (Cranfield, 1993, p.65). Leon Morris se refere a esta seção como possivelmente o parágrafo mais importante que jamais se escreveu. A expressão chave é “a justiça de Deus”; a tradução NVI refere-se a uma justiça que provém de Deus, salientando assim a iniciativa salvadora que Ele tomou para conceder aos pecadores a condição de justos aos Seus olhos (Stott, 2001, p.123).

CAPÍTULO II

ESTUDO EXEGÉTICO

Neste capítulo faremos um estudo detalhado de algumas expressões contidas na perícopes em análise, sendo a maior ênfase na expressão “justiça de Deus” que ocorre quatro vezes na unidade literária proposta.

3.21 *Νυνὶ δὲ Mas agora:* Esta conjunção é mais que uma exclamação retórica, pois não só assinala a transição do argumento da condenação do homem para a salvação oferecida por Deus, como também destaca a troca da dispensação (Trenchard, 1968, p.121). Champlin advoga a mesma idéia falando da mudança de dispensação. A palavra “agora” divide a experiência do homem: no passado a revelação preliminar mencionava apenas símbolos, na experiência atual os remidos desfrutam da alegria e da liberdade em Cristo (Champlin, 2002, v.3, p.619).

Ao *agora* da carta aos Romanos se interliga a “plenitude do tempo” de Gl 4.4 (Schwantes, 2003, p.26). Nichol argumenta que o “mas agora” pode entender-se ou em seu sentido temporário, ou seja, no momento presente, ou em seu sentido lógico, nesta situação (Nichol, 1988, v.6, p. 497). Conforme já mencionado acima Paulo utiliza esta expressão para uma transição em seu discurso.

Χωρὶς νόμου Sem lei: Estas palavras contrastam com "as obras da lei" (3:20). A justiça de Deus se manifestou sem nenhuma referência com a lei; quer dizer, a justiça de Deus se manifestou sem ter necessidade de nenhum princípio de lei, nem de nenhuma idéia de obediência legal como um meio de obter justiça, nem com nenhuma relação com o sistema legalista que os judeus apresentavam como a base da justificação (Nichol, 1988, v.6, p. 497). A lei revela o dever que Deus exige do homem (quer esteja contido na lei, nos profetas e nos escritos, ou mais especificamente na lei do Pentateuco) e requer esforço moral ou obras para a justificação do homem. A justiça de Deus independe do cumprimento da lei.

Enquanto alguns autores descartam a lei como se ela fosse exonerada na cruz, Cranfield difere comentando que Paulo não pensava que a lei estivesse ausente no momento da manifestação em referência (Cristo). Pelo contrário passagens como Gl 3.13 e 4.4 sugerem que para Paulo a lei estava diretamente envolvida nos acontecimentos messiânicos. Ele ainda diz que seria uma atitude muito perversa apelar a essas palavras como prova que Paulo considerava que a lei havia sido superada e posta de lado pelo evangelho (Cranfield, 1993, p.65).

Δικαιοσύνη θεοῦ *Justiça de Deus*: Esta frase pode significar a justiça própria de Deus, ou a justiça que deriva de Deus, ou a justiça como um atributo de Deus. Esta justiça é um contraste aos esforços humanos de ganhar a justificação pelas obras da lei, Paulo passa a descrever a justiça de Deus, uma justiça que o Senhor está pronto a outorgar a quem manifesta fé em Jesus Cristo (Nichol, 1988, v.6, p. 497).

Nesta sentença Paulo está anunciando a ação salvífica de Deus manifestada no *agora* do acontecimento de Cristo; por ela Deus dirige-se à humanidade e nela todos os homens integram-se a justiça pela fé (Kertelge, 1982, p.77). Já para alguns autores esta justiça não é vindicativa ou comunicada, mas simplesmente um atributo divino. É um dom de Deus. Esse dom se relaciona com o pecador no sentido da complacência para com a vida do pecador (Cranfield, 1993, p.66; Brown, Fitzmyer e Murphy, 1986, v.4, p. 126).

O mais curioso no verso é a contradição aparente de Paulo nas expressões *sem lei – a justiça de Deus*. A tradição judaica desde seu início atrelou à lei a justiça; estas expressões se complementam e estão intimamente correlacionadas (Is 51.5–6, 8 e Dn 9.16). O apóstolo apresenta uma justiça separada da lei onde a confiança está justamente no compromisso de Deus com seu povo (Dunn, 1988, V.38a, p.165).

Martinho Lutero declara numa citação reproduzida por Bruce em seu comentário sobre o livro de Romanos:

Ansiava muito por compreender a epístola de Paulo aos Romanos, e nada me impedia o caminho, senão a Expressão: ‘a justiça de Deus’, porque a entendia como se referindo àquela justiça pela qual Deus é justo e age com justiça quando pune os injustos. Noite e dia eu refletia até que captei a verdade de que a justiça de Deus é aquela justiça pela qual, mediante a graça e a pura misericórdia, Ele nos justifica pela fé (Bruce, 1991, p.51).

Paulo quer dizer a justiça concedida por Deus. Essa justiça é sem lei no sentido de que não é uma justiça merecida ou adquirida pela guarda da lei. Sem a lei a justiça de Deus se manifestou. Eis aí a justiça enviada por Deus e revelada por Deus. Embora distinta de qualquer justiça buscada pela guarda da lei, ela é testemunhada pela lei e pelos profetas.

Há evidências no texto que permite-nos afirmar que esta justiça é o dom outorgado por Deus para a salvação do pecador. Para provar esta afirmação ressaltaremos duas ênfases do próprio texto. Primeiro esta justiça é comunicada a todos sem discriminação de judeus ou

gentios, e sua apropriação consiste na fé do pecador em Jesus Cristo (vs. 22). Em segundo lugar a justiça se manifesta para resolver o problema o pecado (vs.23). Estes pontos esclarecem que a justiça de Deus manifestada não pode ser um atributo do caráter de Deus, pois atributos intrínsecos a divindade não são comunicados a humanidade.

Μαρτυρουμένη ὑπὸ τοῦ νόμου καὶ τῶν προφητῶν *testemunhada pela lei e pelos profetas*: A lei e os profetas representam o Antigo Testamento (Brown, Fitzmyer e Murphy, 1986, v.4, p. 126). Paulo raramente fala dos profetas; menciona-os apenas em Rm 1:2 e 3:21, e em nenhuma outra parte ele usa a frase “a lei e os profetas”, entretanto estava familiarizado que esta sentença se referia a Escrituras judaicas, o Antigo Testamento Cf. Mt 5.17, 7.12, 11.13, 22.24; Lc 16.16, 16.29, 16.31, 24.27, 24.44; Jo 1.45; At 13.15, 24.14, 28.23 (Dunn, 1988, V.38a, p.165).

Que Deus aceita a fé por justiça não é pensamento estranho ao Antigo Testamento, temos o exemplo de Rm 4. O mosaico de passagens escriturísticas, previamente apresentado (3.10-18), foi extraído principalmente dos escritos, a terceira seção da Toráh. Agora o apóstolo completa o testemunho da lei referindo-se à lei e os profetas. O novo meio do homem ajustar suas relações com Deus não é absolutamente novo, mas foi realmente predito em ritos, tipos e profecias através do Antigo Testamento (Davidson, 1990, v.2, p.1160). Todo o Antigo Testamento deu testemunho desta “justiça sem obras”; foi prefigurada nos ritos da lei e predita nas promessas dos profetas cf. Lc 24.27, 44 (Wilson, 1981, p.44).

3.22 Διὰ πίστεως Ἰησοῦ Χριστοῦ *mediante a fé em Jesus Cristo*: Esta seria a correta tradução do termo ainda que originalmente o mesmo se diria “fé de Jesus Cristo”. Isso não significa que o foco está na fidelidade de Cristo, ainda que seja verdade que a salvação só ocorra por esse fato. Contudo, não é esse o tema do verso, o assunto é a nossa fé em Cristo (ver Gl 2.16). Aqui temos uma demonstração do sentido aludido por Paulo na expressão. Quanto a outros paralelos desse conceito paulino, ver Gl 3.22; Ef 3.12, 4.13; ver também Mc 11.22 e At 3.16. Paulo demonstra claramente que essa justiça de Deus não nos é dada mediante qualquer condição legal, formal, sacramental ou cerimonial. É a fé o veículo dessa doação, o meio que Deus usa para nos outorgar a sua justiça (Champlin, 2002, v.3, p.620).

Notemos que o apóstolo não diz *διὰ τὴν πίστιν – por causa da fé*. Ele usa a expressão *διὰ πίστεως – mediante a fé*. Assim ele exprime que a fé é um instrumento e não a base para se alcançar a justiça; a fé não anula o papel da graça (Leenhardt, 1969, p.100). Entretanto, a justificação não se recebe como uma recompensa por nossa fé em Cristo, mas sim a fé é o meio

de apropriar-se da justificação. A fé é, por assim dizer, a mão que o pecador estende para receber o dom gratuito da misericórdia de Deus. Deus sempre está disposto a nos dar este dom, não como uma recompensa por algo que tenhamos feito, a não ser simplesmente por seu infinito amor. De nós depende que recebamos o dom, e é recebido através da fé (Nichol, 1988, v.6, p. 498).

Εἰς πάντας τοὺς πιστεύοντας *para todos[e sobre todos] os que crêem*: O texto mais bem credenciado omite a expressão entre colchetes (Bruce, 1991, p.84).

Champlin acrescenta que a expressão “e sobre todos¹” não consta nos manuscritos mais antigos como o P⁴⁰, a¹, ABCP. Outro fator contributivo é a citação de Clemente deste verso com a omissão do termo “e sobre todos”. A combinação das duas expressões produz segundo Champlin uma frase essencialmente redundante e tautológica (Champlin, 2002, v.3, p.620).

Οὐ γὰρ ἔστιν διαστολή porque não há distinção: Ou "não há distinção". Tanto gentios como judeus estão incluídos no mesmo método de salvação. A razão para que não se faça diferença é porque não há diferença na necessidade de ambos (vs. 23) (Nichol, 1988, v.6, p. 498).

3.23 Πάντες γὰρ ἥμαρτον pois todos pecaram: Segundo Bruce temos aqui a afirmação do fato de que todos os homens, como indivíduos, pecaram (Bruce, 1991, p.84). Notemos o aoristo “pecaram”. Isto indica um fato consumado. Nenhuma escusa pode alterar o resultado desse fato. Alguns opinam dizendo que todos pecaram em Adão, não estando em voga os pecados individuais, mas sim a transgressão de Adão. Porém, Adão é parte da sentença como todos os homens com seus pecados (Champlin, 2002, v.3, p.620). Não há alusão aqui ao pecado original, mas sim às ações pessoais de cada indivíduo (Brown, Fitzmyer e Murphy, 1986, v.4, p. 126).

Καὶ ὑστεροῦνται τῆς δόξης τοῦ θεοῦ e carecem da glória de Deus: O vs. 23 é um resumo da argumentação de Paulo de 1.18-3.20. A glória de Deus provavelmente signifique a participação do homem na glória divina antes da queda e que será restaurada no futuro escatológico (Cranfield, 1993, p.68).

υστερεῖν é antônimo de περισσεύειν, enquanto o primeiro quer dizer necessidade de, caia em falta, falte, precise; o segundo termo significa riqueza, transbordamento, abundância, amplas possessões. O antônimo é um recurso que nos ajuda a perceber a carência causada pelo pecado (Dunn, 1988, V.38a, p.168).

¹ {B} εἰς πάντας P40 a* A B C P Ψ 81 88 104 436 630 1739 1881 ^l598,599 syr^{pal} cop^{sa,bo} arm eht Clement Origengr,lat Augustine Cyril // ἐπὶ πάντας it^{zvid} vg^{ww} Pelagius John-Damascus // εἰς πάντας καὶ ἐπὶ πάντας ac D G K 33 181 326 330 451 614 629 1241 1877 1962 1984 1985 2127 2492 2495 Byz Lect it^{ar,d,(dem),e,f,g,gig,x} vg^{cl} syr^{p,h} Origen^{lat} Ambrosiaster Chrysostom Chromatius Euthalius Theodoret Gennadius Ps-Oecumenius Theophylact (Aland e outros, 1989, p.536 e 537).

O pecado é colocado no passado, mas a conseqüência está permanente até o presente, a falta da glória de Deus. Por causa do pecado o homem carrega a desfigurada imagem de Deus. Prova disso é a incapacidade ética do ser humano (Wilson, 1981, p.45).

A glória (gr. δόξα) é o esplendor visível do caráter perfeito de Deus. É o shequiah do Antigo Testamento, e no Novo Testamento expressa na vida encarnada de Jesus, o Verbo ou expressão do Pai. Quanto à glória de Deus, todos os homens estão em falta (carecem dela). O grego υστερεῖν significa “ficar em falta”, “ser inferior”, “sofrer necessidade”. Esta deficiência universal é um dos aspectos do pecado. Tanto na realidade como em consciência todos estamos muito distantes da luz ofuscante da perfeição divina (Davidson, 1990, v.2, p.1160).

Mediante o pecado o homem perde o ideal que Deus tinha em finalidade quando o trouxe à existência (Is 43.7). Os homens estão sempre carecendo da glória de Deus porque a prática contínua do pecado nega tudo o que a glória de Deus significa.

3.24 Δικαιούμενοι δωρεάν sendo justificados gratuitamente: A justiça de (ou que provém de) Deus é uma combinação de três elementos: (1) o caráter justo de Deus, (2) a sua iniciativa salvadora e (3) a sua dádiva, que consiste em outorgar ao pecador a condição de justo perante Ele. Justificação é um termo legal ou jurídico, extraído da linguagem forense. O antônimo de justificação é condenação, ambos são pronunciados por um juiz. Agora quando transportamos esses conceitos para dentro do contexto cristão esses termos são veredictos escatológicos alternativos que Deus como juiz anunciará no dia do juízo. Contudo, quando Deus justifica os pecadores hoje, está antecipando o seu próprio julgamento final, trazendo até o presente o que de fato faz parte dos “últimos dias” (Stott, 2001, p.124).

Τῆ αὐτοῦ χάριτι por sua graça: *Charis – Graça*, essa palavra ocorre 150 vezes no Novo Testamento. Paulo usa esta significativa palavra mais que qualquer dos outros escritores do Novo Testamento, ele a utiliza 100 vezes em suas epístolas; e Lucas, seu íntimo colaborador, a usa 25 vezes em Lucas e em Atos. Ou seja, os dois a empregam mais de 80 por cento de todas as vezes que aparece no Novo Testamento. "Graça" de maneira nenhuma foi uma palavra inventada pelos apóstolos. Este termo se usa muito com uma variedade de significados na LXX, na literatura grega clássica e posterior (Nichol, 1988, v.6, p. 499).

A graça é a base para a salvação. A justificação não ocorre pela fé, mas pela graça através da fé².

² RODOR, Amim. *A base e o instrumento da salvação*. 2006. 2 f. Notas de aula.

Essa graça que inocenta e restaura é pródiga, generosa, sem reservas. É totalmente inexplicável, estando oculta no abismo do amor de Deus. Contudo, não é sentimental ou arbitrária, não ignora os pecados, muitos menos os acoberta. O Deus da graça trata o pecado de modo eficaz, pagando Ele mesmo o preço exigido. Deus em sua graça permanece o Deus da justiça. O Deus da graça não deixa de ser o Deus juiz. Sua absolvição oferecida gratuitamente está embasada na redenção que ele mesmo providenciou (Franzmann, 1972, p.55).

Διὰ τῆς ἀπολυτρώσεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ mediante a redenção que há em Cristo Jesus: A palavra grega composta de *apó*, "procedente de", e *lytrois (lytron)* "resgate", "liberação mediante um resgate". *Lytron* é um termo comum nos papiros para descrever o preço de compra de escravos. Usava-se para referir-se à libertação da escravidão ou cativeiro, e geralmente implicava a idéia do pagamento de um preço ou resgate (Nichol, 1988, v.6, p. 499).

Apolytrois é um termo comercial emprestado dos mercadores, assim como justificação é um termo legal emprestado dos tribunais. Esse termo é usado no Antigo Testamento como uma metáfora em relação ao povo de Israel, que foi resgatado do cativeiro egípcio e depois babilônico. Da mesma forma se encontrava o homem cativo pelo pecado sem condições de se resgatar. Jesus então entre em cena e redime a raça humana, pagando o resgate com seu próprio sangue; ele comprou e libertou o homem. Aliás, segundo Mt 10.45 (“dar a sua vida em resgate por muitos”) esse era o propósito da sua vinda (Stott, 2001, p.124).

Nichol menciona que Jesus Cristo é essencialmente ao mesmo tempo o Redentor e o preço do resgate (Nichol, 1988, v.6, p. 501).

3.25 Ἰλαστήριον propiciação: A palavra é quase de uso exclusivo da LXX: 21 vezes usada em Êxodo, Levítico e Números para a tampa da arca (“o assento de clemência”), o “lugar de expiação” (veja Êx 25 e Lv 16); cinco vezes em Ezequiel 43 na visão de templo (Dunn, 1988, V.38a, p.170)

A palavra para propiciação, *hilasterion*, é o neutro de um adjetivo derivado do verbo *hilaskomai*, que tem três sentidos: aplacar, conciliar ou apaziguar alguém; ser propício ou misericordioso; ou fazer propiciação por. O Novo Testamento usa as duas últimas traduções (ver Lc 18.13 e 1Jo 2.2). A idéia não é de conciliação de um Deus zangado por causa da humanidade pecadora, mas é de expiação do pecado por um Deus misericordioso mediante a morte expiatória do Seu Filho (Davidson, 1990, v.2, p.1160).

Stott levanta um problema em relação à palavra *hilasterion*. Segundo ele muitos cristãos sentem-se envergonhados com essa palavra, porque propiciação significa o ato de aplacar a ira divina, ou de tornar Deus propício. Tal fato parece mais uma explicação pagã do que cristã. É como se Deus estivesse com raiva e precisasse ser apaziguado. Daí surgem duas outras maneiras possíveis de se entender *hilasterion*. A primeira é traduzir a palavra como propiciatório, uma referência à tampa da arca do concerto que ficava no lugar santíssimo do santuário. É este o significado mais comum na LXX, e é também o que ela significa na sua única ocorrência no Novo Testamento (Hb 9.5). Nesta tentativa o próprio Jesus seria o propiciatório onde Deus e os pecadores são reconciliados. Lutero e Calvino acreditavam que propiciatório seria a tradução correta, e influenciaram a muitos (Stott, 2001, p.129).

O mesmo Stott refuta esta idéia apresentando quatro pontos contundentes: (1) Se Paulo estivesse se referindo a tampa da arca ao propiciatório ele deveria inevitavelmente ter usado o artigo definido; (2) O conceito é inconsistente em Romanos, pois esta carta, ao contrário de Hebreus, não se encontra na esfera do simbolismo levítico; (3) Tal metáfora seria confusa e contraditória, já que ela representaria Jesus como sendo concomitantemente a vítima cujo sangue foi derramado e aspergido, e o lugar onde se aplicaria esse sangue; (4) O sentimento de dívida de Paulo para com Cristo crucificado era tão profundo que ele dificilmente o teria comparado a uma peça inanimada do santuário (Ibid, p.130).

A segunda possibilidade de tradução para *hilasterion* é expiação. A argumentação é que no grego secular o verbo *hilaskomai* significa aplacar; na LXX o objeto desse verbo não é Deus e sim o pecado, portanto, o seu significado não seria propiciar Deus (isto é, torná-lo propício, desviar sua ira), mas sim expiar o pecado, isto é anular o pecado ou extirpar a profanação. C H Dodd, a quem geralmente se associa esta posição escreveu que os atos expiatórios “tinham como que o valor, digamos, de um desinfetante”. A BHL possivelmente influenciada por esta interpretação sugere a seguinte tradução: “Deus ofereceu Cristo como sacrifício para que, pela sua morte na cruz, Cristo se tornasse o meio de as pessoas receberem o perdão dos pecados” (Ibid, p.130). Para Jeremias o termo *hilasterion* também significa oferta expiatória, ainda segundo ele Rm 3.25 deveria ser traduzido como vítima expiatória; Cristo é a vítima do pecado que faz expiação pelo pecado da humanidade (Jeremias, 2006, p.199).

A razão principal pela qual essas opções são insatisfatórias e pela qual é necessária uma referência à propiciação é o contexto. Nestes versículos Paulo descreve a solução de Deus para a

condição humana, o problema não se restringe somente ao pecado, mas também a ira de Deus sobre o pecado (1.18; 2.5; 3.5) (Stott, 2001, p.131).

Para Stott deveríamos lutar para resgatar a doutrina cristã da propiciação que é totalmente diferente dos conceitos supersticiosos pagãos ou animistas. Tanto a necessidade como o autor e a natureza da propiciação cristã são diferentes. Analisaremos com detalhes estes três elementos: necessidade, autor e natureza da propiciação.

Por que a propiciação era necessária? A resposta pagã seria porque os deuses são caprichosos, mal humorados e sujeitos a acessos de ira. A resposta cristã é: porque a ira santa de Deus está voltada contra o mal. É o mal e o pecado que a provocam nada mais (ibid, p. 131).

Quem é o responsável pela propiciação? Para os pagãos somos nós mesmos. Fomos nós que ofendemos os deuses, portanto devemos apaziguá-los. A resposta cristã: nós não podemos aplacar a justa indignação de Deus. Mas Deus, em seu amor sem que fossemos merecedores, fez por nós o que nunca poderíamos realizar por nós mesmos. João escreve algo parecido em I Jo 4.10 “... Deus... nos amou e enviou o seu Filho como propiciação (*hilasmos*) pelos nossos pecados”. “O amor, a idéia, o propósito, a iniciativa, a ação e a dádiva foram todos de Deus”. (Ibid, p.131).

E por fim a natureza. Como se conseguiu a propiciação? A resposta pagã é que é preciso subornar os deuses com oferendas e sacrifícios, inclusive humanos. A resposta cristã é que Deus deu o seu próprio Filho para morrer em nosso lugar, e ao dar o seu Filho, deu-se ele mesmo por nós (5.8 e 8.32) (Ibid, p.131).

Na perspectiva pagã, os seres humanos tentam através de suas ofertas desprezíveis, aplacar o mau humor de suas divindades enfurecidas. De acordo com a revelação cristã, o próprio amor incomparável de Deus aplacou a sua própria ira santa ao dar o seu próprio Filho amado, que tomou o nosso lugar, assumiu os nossos pecados e morreu a nossa morte. Assim fazendo, Deus mesmo entregou a si mesmo para salvar-nos dele mesmo (Ibid, p.131).

Seguramente, a lógica da exposição de Paulo é que a ira de Deus (em 1.18–3.20) é evitada de alguma maneira na morte de Jesus, mas a passagem também retrata Deus como a oferta do sacrifício em lugar de seu objeto (Dunn, 1988, V.38a, p.171).

A expiação de Cristo não foi feita para induzir a Deus a que amasse aos que de outro

modo tivesse aborrecido; não se fez para criar um amor que não existia, mas sim se levou a cabo como uma manifestação do amor que já havia no coração de Deus. Em realidade, Deus se sacrificou a si mesmo em Cristo para a redenção do homem. Rm 3.25 descreve o oferecimento da justificação e redenção mediante Cristo. Jesus foi apresentado mediante sua morte expiatória como o meio de expiação, o sacrifício expiatório, a propiciação e a reconciliação (Nichol, 1988, v.6, p. 502).

Διὰ πίστεως ἐν τῷ αὐτοῦ αἵματι mediante a fé no seu sangue: Estas duas sentenças definem claramente o conceito de propiciação: “A propiciação não acontece senão pela fé da parte do salvo, e pelo sangue da parte do Salvador”. A primeira limita a propiciação do sacrificio de Cristo àqueles que expressam fé nEle; a segunda localiza esse poder no sangue que foi derramado vicariamente para salvar pecadores de receberem o salário justo pela sua desobediência (Wilson, 1981, p.47).

O Novo Testamento põe muita ênfase no sangue de Cristo em relação com a obra da redenção. Jesus disse que seu sangue "por muitos é derramado" (Mr 14.24); somos "justificados em seu sangue" (Rm 5.9); "temos redenção por seu sangue" (Ef 1.7); Cristo fez "a paz mediante o sangue da sua cruz" (Cl 1.20). Os que estavam "longe" foram "feitos próximos pelo sangue de Cristo" (Ef 2.13). A igreja de Deus foi comprada "por seu próprio sangue" (At 20.28). Somos lavados "de nossos pecados com seu sangue" (Ap 1.5). O sangue de Cristo representa sua vida oferecida como sacrificio expiatório pelos pecados de todo o mundo, com base no Antigo Testamento em o sangue significava a vida (Gn 9.4 e Lv 17.10-14) (Nichol, 1988, v.6, p. 503).

Εἰς ἕνδειξιν τῆς δικαιοσύνης αὐτοῦ para manifestar a sua justiça: Deus não é somente justo, como sempre é; também pode justificar ou colocar em correta relação aqueles que têm fé em Jesus, embora que, fora de Cristo, não tenham eles direito a tal justificação. Deus é justo; e por causa de Sua justiça eterna e intrínseca (não a despeito dela) considera justo o pecador que crê em Jesus (Davidson, 1990, v.2, p.1160).

Literalmente "para manifestar a sua justiça" quer dizer para exhibir sua própria justiça. Era necessária essa exibição devido à obra de Cristo para absolver os pecados que agora estão no passado. Seu propósito se explica no vs. 26 (Nichol, 1988, v.6, p. 503). Esta expressão revela a finalidade da cruz (Brown, Fitzmyer e Murphy, 1986, v.4, p. 128).

Nesta unidade literária Paulo usa três palavras para descrever a cruz; são elas *apolytroxis* (redenção), *hislaterion* (sacrifício de propiciação) e *endeixis* (demonstração). A cruz foi uma

demonstração ou uma revelação pública, sobretudo uma conquista. Além de concretizar a propiciação de Deus e a redenção dos pecadores, a cruz vindicou o caráter justo de Deus (Stott, 2001, p.132). *Endeixis* neste verso tem o sentido de provar, mostrar estritamente, indicação, prova, como demonstração de informação pública.

Διὰ τὴν πάρεσιν τῶν προγεγονότων ἁμαρτημάτων ἐν τῇ ἀνοχῇ τοῦ θεοῦ por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos: *Páresis*, esta palavra aparece somente aqui em todo o Novo Testamento; o seu significado principal não é perdoar, mas sim passar por alto (Nichol, 1988, v.6, p. 503). Paulo ao usar este termo sugere que todo o sistema sacrificial do Antigo Testamento não era suficiente para resolver o problema do pecado, e que todo o rito do santuário era uma provisão intermediária e não conclusiva para o pecado (Dunn, 1988, V.38a, p.173). A redenção realizada por Cristo tem eficácia retrospectiva, bem como prospectiva (Bruce, 1991, p.88).

Deus em seu amor pelos pecadores tinha protegido paciente e misericordiosamente aos homens do resultado total do seu pecado. Mesmo que a morte como conseqüência do pecado o tenha acompanhado. A cruz foi a expressão máxima da justiça e da ira de Deus. Nunca mais a paciência de Deus poderá ser confundida com indiferença ante o pecado previamente cometido. Neste contexto parece que Paulo não está falando principalmente dos pecados dos indivíduos antes da conversão, mas sim dos pecados do mundo antes da morte expiatória de Cristo. Deus tinha permitido que os gentios andassem "em seus próprios caminhos" (At 14.16); "tinha tolerado" os tempos dessa ignorância (At 17.30); e devido a isso a justiça de Deus ficou obliterada, daí a necessidade de uma manifestação pública ou demonstração (Nichol, 1988, v.6, p. 503).

Leenhardt destaca o fato do apóstolo não ter usado a palavra *afesij* (*áphesis*) para exprimir a idéia de perdão, contudo ele emprega *páresis*. Ao escolher este termo ele o coaduna com a palavra *anoché* – tolerância. A condenação do pecado da forma que a implica e a manifesta a cruz, resolve todo mal-entendido referente à tolerância de Deus ao pecado. Fica evidente que Deus não é complacente com o pecado. A cruz manifesta a real natureza da justiça de Deus: misericórdia (Leenhardt, 1969, p.106).

O Senhor não se esqueceu desses pecados, embora não os resolvesse imediatamente. A ação de Deus na cruz foi mais do que uma autovindicação à vista da história humana do passado. Ela foi também a manifestação da sua justiça no tempo presente vs.26.

3.26 Εἰς τὸ εἶναι αὐτὸν δίκαιον καὶ δικαιῶντα τὸν ἐκ πίστεως Ἰησοῦ para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus: Na oferta que Cristo fez de si mesmo, a justiça de Deus é vindicada e o pecador que crê é justificado. Cristo ocupa uma posição singular sendo ao mesmo tempo representante de Deus junto ao homem e representante do homem junto a Deus. Como representante do homem, Ele absorve o juízo a que ficou sujeito o pecado humano; como representante de Deus, Ele comunica aos homens a graça perdoadora de Deus. Para Bruce a frase “justo e o justificador” é uma lembrança de Is 45.21 (Deus justo e Salvador) e Zc 9.9 (justo e salvador) (Bruce, 1991, p.89).

Estes versículos refletem o ponto essencial do grande conflito, o tema central no plano de redenção. Satanás tinha declarado que a justiça era incompatível com a misericórdia, e que se a lei fosse quebrantada seria impossível que o pecador fosse perdoado. A desobediência do homem e o surgimento do pecado foram uma nova oportunidade a Satanás para que apresentasse suas arrogantes acusações contra o caráter de Deus e seu governo, insistindo em que Deus não podia ser justo e, ao mesmo tempo, mostrar misericórdia ao pecador (Nichol, 1988, v.6, p. 504).

Durante milhares de anos Deus tolerou as acusações de Satanás e a rebelião do homem. Durante todo esse tempo o Senhor foi desenvolvendo gradualmente seu maravilhoso plano, um plano que não só faria possível o perdão e a restauração dos pecadores, mas também demonstraria a absoluta perfeição do caráter divino e a completa união da justiça e o amor no governo divino. Tudo isto foi antecipado mediante emblemas, símbolos e profecias do Antigo Testamento. Então foi através da cruz que Deus fica completamente vindicado perante o universo por ter passado por cima, generosamente, os pecados anteriores dos homens e por ter justificado aos que tinham fé. (Nichol, 1988, v.6, p. 504).

Não há como contestar a justificação ocorre somente pela fé, *sola fide*, era um grande slogan da reforma. É importante destacar que nada existe de mérito na fé. A salvação não é nenhum empreendimento cooperativo entre Deus e nós, no qual Ele entra com a cruz e nós com a fé. A graça não admite contribuições. O valor da fé não reside em si mesmo, mas completamente em Jesus e este crucificado. Dizer que a justificação é somente pela fé é a mesma coisa de dizer que a justificação é somente por Cristo. Como escreveu Richard Hoocher: “Deus justifica o que crê – não por causa do valor da sua crença, mas por causa do valor daquele em quem ele creu” (Stott, 2001, p.134).

CONCLUSÃO

Neste trabalho analisamos a questão da salvação, justificação e justiça de Deus. Mas qual é a essência de tudo isto? Onde está a diferença entre tudo isto e a forma de proceder da Lei antiga? Basicamente a diferença consiste nisto: o caminho da obediência à Lei tem que ver com o que o homem pode fazer por si mesmo; o caminho da graça tem que ver com o que Deus fez e pode fazer pelo homem. Paulo está insistindo em que nada do que nós possamos fazer pode ganhar o perdão de Deus; só o que Deus fez por nós pode obtê-lo. Portanto, o caminho à relação justa com Deus reside não em uma frenética e desesperada inútil tentativa de obter a absolvição por nossas obras, mas na aceitação humilde e contrita do amor e da graça que Deus nos oferece em Jesus Cristo.

Paulo usa a expressão “justiça de Deus” e “sua justiça” duas vezes cada uma, a conclusão a que chegamos é que as duas primeiras vezes que ela aparece (Rm 3.21,22) “justiça de Deus”, ela significa o dom outorgado por Deus para a salvação. A manifestação da salvação como vimos é retrospectiva e prospectiva, ela valida todo o sistema sacrificial do Antigo Testamento, e a partir da cruz o pecador se vale do sacrifício de Cristo para a obtenção do perdão e conseqüentemente da salvação.

A segunda frase “sua justiça” (Rm 3.25,26) representa o caráter justo de Deus, sua justiça que dizer Deus é justo, isto é, um atributo da divindade. A diferença disso seria dizer que Deus é injusto. A cruz foi a prova, a manifestação pública de que Deus é justo, e como diz Paulo por Ele ser justo Ele justifica o pecador. Na cruz Cristo realizou algo que ser humano jamais conseguiria: ser justo, vindicando seu caráter e ser misericordioso, resgatando o homem do pecado.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

UM ESTUDO SOBRE O USO DA TELEVISÃO PELA IGREJA ADVENTISTA NO ESTADO DE SÃO PAULO: PROGRAMA FÉ PARA HOJE

Peter Cumba de Abreu e Rildo da Silva Macedo
Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
TCC apresentado em dezembro de 2007
Orientador: Valdecir Simões Lima, Ms.

Resumo: O objetivo deste estudo é registrar a história do programa "Fé para Hoje" como pioneiro na televisão brasileira, mostrando o seu desenvolvimento, bem como o motivo de sua permanência no ar até os dias atuais. Será feita uma descrição histórica do surgimento da televisão nos Estados Unidos e no Brasil e o seu uso religioso. Será apresentada uma visão histórica do programa "Fé para Hoje" desenvolvido pela Associação Paulistana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. O enfoque principal será colocado no processo de produção e seu funcionamento.

Palavras-chave: "Fé para Hoje", televisão brasileira, Associação Paulistana da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Abstract: The goal of this research is to record the history of the program "Faith for Today", a pioneer in Brazil's television broadcast, to analyze its development, and the motif of its continuity up to the present days. A historical overview of the beginnings of the Television Broadcast, in general, as well as of the religious broadcast, in the United States and in Brazil will be undertaken. It will present also a historical panorama of the program "Faith for Today" maintained by the Paulistana Conference of the Seventh-day Adventist Church. The main focus will be the process of production and the way the program worked.

Keywords: "Faith for Today", Brazilian Television broadcast, Paulistana Conference of the Seventh-day Adventist Church .

Centro Universitário Adventista de São Paulo

Curso de Teologia

UM ESTUDO SOBRE O USO DA TELEVISÃO PELA IGREJA ADVENTISTA
NO ESTADO DE SÃO PAULO: PROGRAMA FÉ PARA HOJE

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
à Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

Por

Peter Cumba de Abreu

Rildo da Silva Macedo

Dezembro de 2007

UM ESTUDO SOBRE O USO DA TELEVISÃO PELA IGREJA ADVENTISTA NO
ESTADO DE SÃO PAULO: PROGRAMA FÉ PARA HOJE

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
à Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

Por

Peter Cumba de Abreu

Rildo da Silva Macedo

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Ms. Valdecir Simões Lima
Orientador

Avaliação

Ms. Martin Kuhn
Leitor

Data da Aprovação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	03
Definição do problema	03
Propósito do Estudo	04
Escopo e Delimitações do Estudo	04
Metodologia.....	05
Esboço do Estudo	05
Capítulos	
I. CAPIÍTULO I	06
A evolução da indústria da televisão	06
Fases.....	07
Cronograma histórico da origem da televisão.....	09
O objetivo da T.V.	11
Compreendendo a T.V.....	13
Plano de massa.....	14
II. CAPIÍTULO II	17
Fé para Hoje	17
Faith for today	17
Início do programa “Fé para Hoje” no Brasil	19
O perfil.....	20
A produção	20
A audiência.....	22
Alcíades Campolongo-um pioneiro	23
Considerações finais	26
BIBLIOGRAFIA	27

INTRODUÇÃO

A televisão foi o meio de comunicação que proporcionou maior desenvolvimento para o mundo. Com seu surgimento, ela passou a ocupar um lugar privilegiado entre os meios de comunicação já existentes. No Brasil, não foi diferente, uma vez que os brasileiros viram uma oportunidade de veicular a informação de forma rápida e dinâmica.

Não demorou muito para que as igrejas também utilizassem a televisão para a divulgação dos seus programas. Até então, valiam-se do púlpito e de material impresso como meios de proclamar seus credos. Porém, com a chegada da televisão abriu-se uma “porta” para pregar a mensagem para grandes massas. A T.V. Também permitiu que os membros das congregações tivessem um maior contato com seus dirigentes, pois, além de ouvir a pregação na igreja, podiam usufruir dos benefícios do sermão em casa. Antes do surgimento da televisão o rádio era o meio de comunicação mais rápido que existia.

Como parte de sua missão em pregar o evangelho, a Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil tornou-se a primeira a utilizar esse meio de comunicação no país divulgando o programa “Fé para Hoje”, que passou a ser transmitido desde o ano 1962, pela TV Tupi – Canal 4.

Definição do problema

Entre os registros históricos da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil não se encontra nenhum documentário ou descrição que seja abrangente do primeiro programa evangélico, Fé para Hoje, transmitido pela televisão brasileira. Por este motivo, faz-se

necessário um registro histórico deste programa, uma vez que desde o seu surgimento até hoje continua sendo transmitido, levando esperança e fé aos lares brasileiros.

Propósito do estudo

O objetivo deste estudo é registrar a história do programa “Fé para Hoje” como pioneiro na televisão brasileira, mostrando o seu desenvolvimento, bem como o motivo de sua permanência no ar até os dias atuais. Será feita uma descrição histórica do surgimento da televisão nos Estados Unidos e no Brasil e seu uso religioso.

Escopo e delimitação do estudo

Será apresentada uma visão histórica do programa “Fé para Hoje” desenvolvido pela Associação Paulistana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. O enfoque principal será colocado no processo de produção e seu funcionamento. Este trabalho abordará o uso da televisão pela Igreja Adventista no estado de São Paulo.

Revisão de literatura

Quanto à revisão de literatura como já mencionado anteriormente, não foi encontrado nenhum registro relacionado ao programa “Fé para Hoje”, exceto pequenos artigos incluídos em algumas Revistas Adventistas publicados por ocasião do lançamento do programa. Contudo, foram utilizadas algumas literaturas pertinentes para fundamentar o capítulo referente ao surgimento da televisão.

Metodologia

Para a construção deste trabalho foi usada a pesquisa bibliográfica, na elaboração do primeiro capítulo sobre a história da televisão, entrevistas pessoais e uma entrevista exclusiva com o orador pioneiro e fundador do programa, pastor Alcíades Campolongo, além materiais como revista adventista citada com frequência para ampliar o trabalho. O método adotado foi o histórico.

Esboço do estudo

O primeiro capítulo aborda o histórico deste novo veículo de comunicação surgido nos Estados Unidos e sua chegada ao Brasil em 1950, bem como seu objetivo. O segundo capítulo descreve o programa “Fé para Hoje” como primeiro programa evangélico a ser transmitido pela televisão brasileira e sua produção. Nesta seção é considerado também o perfil do programa e as dificuldades encontradas na época. E ainda nesta mesma seção faz-se referência ao Pastor Alcíades Campolongo, enquanto orador adventista pioneiro do programa “Fé para Hoje” e da televisão brasileira.

Nas considerações finais, é apresentado o perfil do “Fé para Hoje” no momento atual, sua contribuição para o sistema Adventista de Televisão e possíveis sugestões para trabalhos futuros.

CAPÍTULO I

REVISÃO DA LITERATURA

A televisão foi a mais importante revolução virtual de todos os tempos. Ela chega onde poucos meios de comunicação podem chegar, levando informação e despertando a necessidade das pessoas para a mudança de comportamento nas aquisições de bens de consumo e no entretenimento.

Este capítulo descreve a evolução da televisão e também o seu objetivo, traçando assim o seu início e desenvolvimento nos Estados Unidos e sua migração até o Brasil na década de 50. Para facilitar o entendimento do seu progresso, o capítulo apresenta um cronograma histórico desde os primeiros experimentos com a luz até o surgimento da televisão.

A Evolução da Indústria da televisão

De acordo com Sodré (1990), a tecnologia eletrônica da televisão foi concebida durante os anos 20 e 30. Em 1939, estavam sendo realizadas as primeiras transmissões de televisão nos Estados Unidos. A feira municipal daquele ano apresentou demonstrações daquela última maravilha da ciência, e o presidente Roosevelt fez um discurso através do

novo veículo de comunicação. Essa transmissão foi vista por um pequeno grupo de pessoas, uma vez que os fabricantes ainda não haviam iniciado a produção em massa de aparelhos.¹

Em 1941, às vésperas da II guerra, a Comissão Federal de Comunicações aprovou a televisão doméstica. Com isto a indústria da comunicação começou a preparar planos para sua implantação. A esta altura, já havia em média 5000 televisores e diversas estações transmitindo regularmente duas ou três horas por dia². Outros países, rapidamente passaram a olhar para essa novidade tecnológica e planejar sua aquisição. No Brasil, foi o jornalista Assis Chateaubriand quem importou essa tecnologia americana.

Fases (1950 – 1964): ASSIS CHATEAUBRIAND

Guareschi (2005) apresenta Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, paraibano do município de Umbuzeiro, dono de uma cadeia de jornais (Diários Associados), de estações de rádio, senador da República e também embaixador do Brasil em Londres como o responsável pela expansão televisiva no Brasil. Conforme Guareschi, neste primeiro momento, esse meio eletrônico foi concentrado no Rio de Janeiro e no estado de São Paulo.³

No ano de 1950, foi implantada a primeira estação de televisão no Brasil. Com a finalidade de expandir este novo veículo, Chateaubriand importou para o estado de São Paulo 220 aparelhos televisores. No ano seguinte, foi a vez do Rio de Janeiro, e aos poucos a televisão foi chegando a outros estados brasileiros. Precisamente no dia 3 de Abril aconteceu a pré-estréia, e em 18 de setembro, a inauguração oficial da PRF-3 TV Tupi,

¹ SODRÉ, Muniz, A Máquina de Narciso, 2 ed., São Paulo, Cortez, 1990.

² GUARESCHI, Pedrinho A.; Osvaldo Biz, Mídia, Educação e Cidadania, Rio de Janeiro, Vozes, 2005.

³ Ibid.

canal 4, de São Paulo, sendo, seguida da TV Tupi no Rio de Janeiro, canal 6 (1951), TV Paulista (1952), TV Record em 27 de Setembro de 1953 e outras.⁴

Hoje, existem mais de 90 canais em funcionamento no Brasil, atingindo um público potencial de 60 milhões de pessoas, num total de aproximadamente 15 milhões de receptores. No triângulo formado por Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, concentram-se mais de 70% desses receptores.⁵ Com essa novidade, os projetos de evangelização instituídos pelas denominações religiosas podiam tornar-se realidade, pois podiam alcançar muitos lares ao mesmo tempo.

Logo foram surgindo outras emissoras como opção para divulgação do evangelho. A segunda emissora a surgir para disputar o mercado televisivo, foi a Globo, de Roberto Marinho.

1.3 Fase (1964 em diante): ROBERTO MARINHO

Segundo Guareschi (2005), esta fase é marcada pela TV Globo de Roberto Marinho. Sua maior importância foi a de se tornar o único meio de comunicação verdadeiramente nacional, enquanto o rádio começou adquirir características locais. Podemos destacar a utilização ostensiva e intensiva da TV como unidade de produção econômica e também, como uma unidade de produção político-ideológico que serviu como um novo espaço de ampliação e reprodução do capital e de impulso para outras unidades

⁴ COSTELLA, Antonio, F., Comunicação do Grito ao Satélite, 5 ed., São Paulo, Mantiqueira, 2002.

⁵ GUARESCHI, Pedrinho A.; Osvaldo Biz, Mídia, Educação e Cidadania, Rio de Janeiro, Vozes, 2005.

econômicas de produção. Como unidade político-ideológico, buscava a legitimação do governo que se instalou no poder a partir de 1964.

Cronograma Histórico da Origem da Televisão

Para uma maior compreensão da história da televisão, Paternostro (1999) apresenta um cronograma histórico da T.V. desde a atuação da luz sobre o selênio até a sua criação nos EUA e a sua chegada ao Brasil em 1950. Este fato se deu graças à coragem do paraibano Assis Chateaubriand.

1817 - Jacob Berzelius, um químico sueco, descobriu que a luz modificava a capacidade de um elemento chamado selênio. Ao receber uma corrente elétrica, o selênio sofria alterações. Essa descoberta tem importância porque mais tarde, iria abrir novos campos para a utilização da energia elétrica.

1838 – Samuel Morse, pintor, editor e inventor americano, ao pesquisar o eletromagneto, teve a idéia do telégrafo – um meio de enviar mensagens através de linhas e fios usando um código de sinais que acabou se tornando padrão internacional.

1873 – um telegrafista irlandês, Joseph May, decide melhorar as transmissões telegráficas. Elas eram prejudicadas pelo enfraquecimento constante dos sinais. May pesquisa muito até que, utilizando o selênio, constrói uma resistência que transmite os impulsos elétricos com maior ou menor intensidade, dependendo da sua exposição à luz. Uma descoberta fundamental: era o princípio da célula fotoelétrica que mais tarde seria uma das bases do sistema de transmissão na TV.

1879 – um grupo de pesquisadores de Nova Jersey, liderados por Thomas Edison, testa um filamento de papel carbonizado que podia brilhar durante dias. Depois de muitas

tentativas, Edison consegue criar uma lâmpada incandescente, durável e simples. A luz elétrica já existia, mas era trêmula e fraca. A lâmpada de Edison mudou a iluminação. Uma idéia que mais tarde evoluiria para as válvulas de rádio e televisão.

1880 – o francês Maurice L^e Blanc cria um sistema de projeção de imagens: imagens sucessivas apresentadas em certa velocidade davam a impressão de movimento. Nem é preciso constatar a importância disso! A partir dessa época, muitos pesquisadores já estavam envolvidos na corrida pela transmissão da imagem.

1884 – um estudante alemão, Paul Nipkow, constrói um transmissor mecânico. Era um disco de ferro, com furos equidistantes, dispostos em espiral. Ao girá-lo, podia-se subdividir um objeto em pequenos pontos: em alta velocidade, os pontos se agrupavam e formavam (através dos furos) novamente a imagem do objeto. Este transmissor mecânico, chamado de “disco de Nipkow”, fazia uma varredura dos pontos, possibilitando a transmissão das formas.

Neste mesmo ano, Heinrich Hertz prova a existência das ondas eletromagnéticas e que elas poderiam ser medidas.

1901 – A partir da comprovação das ondas eletromagnéticas, o jovem italiano Guglielmo Marconi constrói um aparelho que codifica as ondas em sinais elétricos, permitindo a transmissão de mensagens sem usar fios através de antenas receptoras. Era o primeiro rádio. Neste mesmo ano, na União Soviética, Boris Rosing pesquisava tubos de imagem.

1920 - O americano Charles Jenkins fabrica um disco perfurado onde ele captava e transmitia imagens. A milhares de quilômetros, o inglês John Lodgie Baird consegue o mesmo feito, de maneira semelhante.

1923 – Vladimir Zworykin, um russo naturalizado americano, inventa o iconoscópio – um tubo a vácuo com uma tela de células fotoelétricas. O iconoscópio faz, na verdade uma varredura eletrônica da imagem: é até hoje a base do olho da TV. Quatro anos mais tarde, Zworykin consegue transmitir imagens a uma distância de 45 quilômetros, utilizando o iconoscópio.

Nesta mesma época, na Inglaterra, John Baird também fez uma demonstração de imagem, e a BBC – British Broadcasting Corporation - o contrata para realizar transmissões regulares em caráter experimental.

1931 – a RCA já tem sua antena e os estúdios da NBC – National Broadcasting Corporation – instalados no último andar do Empire State, em Nova York.

1935 – A França constrói a sua antena no alto da torre Eiffel, em Paris.

1936 – Na Inglaterra, a BBC coloca suas câmeras na rua e faz a transmissão da coroação do rei Jorge VI.

1939 – Nos estados Unidos, a NBC transmite a inauguração da feira Mundial de Nova York.

1941 – A Comissão Federal de Comunicações aprova o uso da televisão doméstica.

1950 – A televisão chega ao Brasil. Inauguração da TV Difusora (Canal 3), em São Paulo.⁶

O Objetivo da TV

⁶PATERNOSTRO, Vera Íris, O Texto na Tv: Manual de Telejornalismo, 1 ed., RJ, Elsevier, 1999.

Após essa breve análise sobre o período de expansão e consolidação da televisão nos Estados Unidos e no Brasil, surge a necessidade de apresentarmos a importância que ela desempenha em nossos dias através de seu objetivo. No princípio, o uso deste meio de comunicação foi exclusivo de uma classe mais abastada e mostrou-se um ótimo veículo para atingir a massa da população servindo de veículo inovador de entretenimento e informação, e também como um meio de divulgar o evangelho.

Conforme Bordenave (1987, p. 13), a televisão está munida de três recursos básicos e essenciais. Articula o texto, o som e a imagem. A sua própria etimologia - telos, em grego, distância, e visão – é um indicativo da supremacia da imagem em relação aos demais recursos. Debray (1994, pp.92) apresenta algumas características fundamentais da imagem, as quais desperta interesse para a sua utilidade.

Imagem é emoção. É mais do que uma idéia, pois ela põe as multidões em movimento. Uma imagem viaja melhor do que um texto – aparentemente é mais leve. Salta fronteiras, é econômica, encurta as demonstrações e abrevia as explicações; é prática, e implica em menos despesas,⁷ além de ser mais fácil mentalizar o que está sendo visto. Portanto, é impossível escapar à presença e à representação da mídia, pois passamos a depender tanto da impressa como da eletrônica, para fins de entretenimento e informação, conforto e segurança.⁸

Os significados oferecidos e produzidos pelas várias comunicações que inundam nossa vida cotidiana saíram de instituições cada vez mais globais em seu alcance e em suas

⁷ Pacheco, Elza Dias. *Televisão, criança, imaginário e educação: dilemas e diálogos*. Campinas-SP: Papirus, 1998.

⁸ SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* Edições Loyola, São Paulo. 2002.

sensibilidades e insensibilidades. Ela constrange e invade culturas locais, mesmo que não as subjugué.⁹ Esta é a razão de utilização deste veículo como meio para transmitir o evangelho através de um programa que estabeleça um contato com a Palavra de Deus.

Compreendendo a TV

Para compreender o processo da televisão é preciso primeiramente entender que a imagem passou a ser um veículo poderoso na apresentação de idéias e na transmissão de informações e entretenimento. Portanto, é preciso estar ciente de como adveio essa mudança e suas implicações para nossa sociedade. A televisão, e, sobretudo a internet fornecem o espaço global para o tráfego de imagens, idéias e crenças que podem ser compartilhadas.¹⁰

A imagem é uma das formas mais bem-sucedidas que o homem criou para superar o fato angustiante de que depois do dia de hoje virá o amanhã, o seguinte e que sua vida caminha para um fim inevitável. A imagem, assim como também a música, a escultura, a arquitetura são obras humanas concedidas para congelar e cristalizar o presente, eternizar um momento agradável ou importante que está sendo vivido e assim, negar a degeneração do corpo e da vida.¹¹

A televisão embora jovem é um veículo que atende as necessidades humanas, que em outras épocas foram, bem ou mal, atendidas por outros meios. Em virtude desta característica e do espaço que o evangelismo pretendia ocupar, seria o canal de massa que atenderia a sua necessidade e alcançaria muitas almas, que levaria muito tempo para atingi-las. Há 100 anos, os trabalhadores satisfaziam suas fantasias com romances populares,

⁹ Ibid.

¹⁰ Ibid.

¹¹ FILHO, Ciro Marcondes. *Televisão: A vida pelo vídeo*. São Paulo, Moderna, 1988.

vendidos aos milhões para a população de baixa renda. Esses livretos apaixonavam as pessoas, faziam-nas sonhar, fabricavam sensações de ansiedade e prazer.¹²

As pessoas vivem normalmente em dois mundos. Um deles é o das coisas práticas, das normas, compromissos e participações, o qual foi criado pelas pessoas. O outro mundo é o da fantasia. Este é puramente mental interno subjetivo. Nele nos entregamos aos sonhos, é praticamente ele que move o outro. Até as grandes revoluções sociais foram realizadas porque se aspirava a implantação de uma nova sociedade que, mesmo antes de ser criada, já estava na fantasia e na imaginação dos revolucionários. Temos então, o plano das obrigações que se move acionado pelo combustível do plano das aspirações. Este é o que é vivo, criativo, inovador e dá às pessoas força e vontade de viver,¹³ e é nesse mundo que se precisa concentrar esforços para a introdução do evangelho de Cristo. E um dos meios para se aproveitar essa massificação é a televisão.

Plano de massa

Os produtos fabricados após a revolução industrial passaram a ser produzidos em grande escala atendendo assim, a demanda crescente pela aquisição de novas mercadorias. Isso prova que há uma tendência de buscar novidades e que a modernidade supre o estilo de vida que a sociedade passa a ter. Deste modo, como a indústria adotou a produção em massa, usou-se a televisão para atingir as pessoas de forma maciça criando, desta forma, um novo conceito em comunicação.

Conforme Steinber, comunicação é um meio de testar opiniões e preconceitos em face da realidade e colocar o indivíduo a par da natureza real e dos motivos de seus

¹² Ibid.

¹³ FILHO, Ciro Marcondes. *Televisão: A vida pelo vídeo*. São Paulo, Moderna, 1988, p. 7.

semelhantes.¹⁴ Para o autor C.I. Hovland, comunicação vem a ser o processo pelo qual um indivíduo – o comunicador – transmite estímulos destinados a modificar o comportamento de outros indivíduos - os destinatários da comunicação.¹⁵

De acordo com o dicionário de sociologia Henry Pratt Fairchild comunicação é o processo de tornar comum ou trocar temas subjetivos, como idéias, opiniões, crenças habitualmente por meio de linguagem, mas também mediante representações visuais, imitações e sugestões. A comunicação em grupos humanos torna-se o fator principal de sua unidade e continuidade e o veículo da cultura. A boa comunicação é a própria base da

sociedade humana.¹⁶ Para o autor Noel Gist, comunicação é dada “quando a interação social envolve a transmissão de significados através do uso de símbolos”.¹⁷

Com o surgimento da televisão, o mundo encarou uma nova fase na comunicação. Este fato contribuiu para o desenvolvimento político-sócio-econômico mundial a partir da segunda guerra, uma vez que as notícias circulavam com rapidez e com um diferencial voltado para apresentações visuais. As empresas então podiam mostrar os seus produtos através da televisão e as pessoas tinham um veículo de comunicação que lhes era útil, cômodo e que proporcionava entretenimento.

Num primeiro instante descreditava-se que a televisão poderia modificar a comunicação e os processos envolvidos na sua apresentação. Porém, o que parecia ser

¹⁴ STEINBER, Charles S. Meios de Comunicação de massa. Editora Cultrix, São Paulo, 1966, p.35.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ STEINBER, Charles S. Meios de Comunicação de massa. Editora Cultrix, São Paulo, 1966, p.35.

¹⁷ Ibid, p.36.

apenas algo passageiro, passa a fazer parte do dia a dia do povo, que adota a televisão não apenas como ferramenta de status mas sim como uma janela para o mundo.

Hoje, praticamente em cada lar, existe um aparelho televisor. Sendo assim, mais serviços foram sendo incluídos. As empresas passaram a usar esta oportunidade para oferecer os seus produtos através das propagandas comerciais. Foi neste contexto, que a Igreja Adventista do Sétimo Dia viu a oportunidade para a divulgação do evangelho conseguindo um espaço para a transmissão do programa “Fé para Hoje” com o objetivo de atingir uma classe, até então, distante da religião.

CAPÍTULO II

FÉ PARA HOJE

No início do século 20, a televisão tornou-se a grande atração mundial, pois nenhum veículo conseguira, até então, transmitir visivelmente e, muitas vezes ao vivo, a informação para tanta gente ao mesmo tempo. Assim, grandes evangelistas viram neste meio a oportunidade para a pregação do evangelho, sendo a Igreja Adventista do Sétimo Dia a pioneira no uso desse recurso, transmitindo ao vivo o programa evangélico “Fé para Hoje”.

Este capítulo fará uma breve análise do início do programa “Fé para Hoje” no Brasil, sendo um modelo do programa americano “Faith For Today”, descrevendo a sua origem, idealização, estruturação, bem como sua contribuição para o desenvolvimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia no estado de São Paulo.

Faith for today

Nos Estados Unidos, o “Faith for Today” era diferente de todas as atividades denominacionais da Igreja Adventista¹⁸. O seu início foi no ano 1950, sendo cada programa apresentado como “um programa de televisão dos Adventistas do Sétimo Dia”¹⁹. Este anúncio ajudava na identificação e fixação da igreja Adventista nos Estados Unidos, especialmente em Nova York.

Na América do Norte, o programa “Faith for Today” chegou a ser televisionado por uma rede de onze estações, tornando-se um programa oficial da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia²⁰. Deste modo, percebe-se a grande contribuição que esse programa trouxe a Igreja Adventista do Sétimo Dia na América do Norte.

Já em 1952, o “Faith for Today” se expandiu, sendo apresentado como serviço público gratuito, atingindo outras estações nos estados americanos e até mesmo em outros países, com o custo aproximado de \$ 750 mil dólares anuais.²¹ Isto foi visto pela igreja Adventista americana como a maior conquista, devido ser um programa de cunho evangélico.

Esse investimento era compensador, pois a resposta do telespectador aumentou de 66 para mais de 20.000 cartas semanais. Os donativos foram generosos e o programa continuava anunciando o evangelho de Cristo, sendo mantido por meio de ofertas voluntárias. Através destes números, pode ser visto a força deste veículo de comunicação em massa, a televisão, conforme apresentado no primeiro capítulo desse trabalho.

¹⁸ História da Nossa Igreja, 507.

¹⁹ Ibid.

²⁰ História da Nossa Igreja, 509.

²¹ Ibid.

Os temas apresentados eram doutrinários, instrutivos e devocionais. Isto tornava o programa variado e dinâmico, graças às várias horas de ensaios, entrevistas, investigação e redação dos textos. Com isso, o “Faith for Today” inaugurou a sua própria escola bíblica com mais de 20.000 pessoas estudando a Bíblia.

Com o aumento de atividades e do volume de cada uma delas, em 1950 foi organizado um departamento exclusivo para coordenar as transmissões de rádio e televisão.

No ano de 1955, o “Faith for Today” contava com sua própria sede, mais de 50 funcionários e departamentos de correio, arquivo, cinescópio e tele notícias.²²

Portanto, foi motivada pelo desenvolvimento do “Faith for Today” americano e na urgência da missão de propagar o reino de Deus de maneira mais rápida, que a Igreja Adventista do Sétimo Dia lançou o programa “Fé para Hoje” no Brasil.

Início do programa “Fé para Hoje” no Brasil

Com a chegada da televisão no Brasil na década de 50, a Igreja Adventista do Sétimo Dia viu uma oportunidade de divulgar o Evangelho de Jesus Cristo de forma mais eficiente. Assim, o programa “Fé para Hoje” foi lançado no Brasil sob os moldes do “Faith for Today” americano, sendo o primeiro programa evangélico a ir ao ar pela TV Tupi, canal 4, o único canal em operação naquele momento no Brasil.

Transmitir a mensagem de salvação pela televisão foi um sonho possível pela fé. O que parecia impossível sob a ótica humana tornou-se possível pelos planos de Deus. Na manhã do dia 25 de novembro de 1962, o programa “Fé para Hoje” vai ao ar em rede

²² História da Nossa Igreja, 509.

nacional pela TV Tupi – canal 4. Foi a primeira imagem com som e movimento da fé adventista.

O lançamento deste programa constituiu, sem dúvida, um grande avanço na obra de evangelização da Igreja Adventista no Brasil, pois praticamente, um ano após o seu lançamento, o programa “Fé para Hoje” já cobria cerca de quinze milhões de pessoas.²³

O Perfil

O programa “Fé para Hoje” primeiramente era transmitido pela TV Tupi-canal 4 aos domingos às 08h45min, porém, no ano de seu início ocupava o horário das 11h45min. Após um mês de ser inaugurado em São Paulo, o programa adquiriu novos horizontes, atingindo a população carioca e fluminense através da TV Tupi do Rio de Janeiro. Em maio de 1963, era a TV Piratini, de Porto Alegre que iniciava o programa televisivo Fé para Hoje. Em março de 1964, chega à Brasília vinculada a TV Brasília canal 6.²⁴ A promoção do programa era através dos próprios telespectadores que recomendavam o programa para seus amigos e também, cartazes que eram afixados nos templos e informes publicados na Revista Adventista, convocando as pessoas para divulgarem o programa.

A Produção

O orador responsável do programa, com sede em São Paulo, foi o pastor Alcíades Campolongo juntamente com sua esposa, a professora Neide Campolongo. O casal foi escolhido pela Mesa Diretiva da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia para esse serviço religioso.

²³ Revista Adventista, 1963.

²⁴ Revista Adventista, Dezembro de 1964, p.25.

No primeiro programa a música esteve sob a responsabilidade de um quarteto misto composto pelos seguintes cantores: Dilza Araújo Garcia (contralto); Luiz Mota (tenor); Joel Sarli (barítono) e Samuel Campos (baixo). Em programas subsequentes a música teve a participação esporádica do quarteto nacional Arautos do Rei e outros grupos musicais. Deve ser dado um destaque para o trio vocal feminino “Três Notas Para Cristo”, do Instituto Adventista de Ensino, hoje UNASP/C1, formado pelas jovens: Dilza Araújo Garcia, Helena Garcia e Denise Ferraz de Araújo Lehr. O professor Flávio Garcia, regente do famoso coral Carlos Gomes, também do Instituto Adventista de Ensino, teve a sua participação.

Juntamente com os cantores havia a participação especial de pianistas dentre os quais pode-se destacar: Livia Lindquist, Leni Azevedo e a colaboração esporádica de Liliani Gianini, Jacira Walting, Silene Motta Pereira, Keila Zuliani e Tércio Simon. Quem participava da composição das letras para os hinos era professor Dario Pires Araújo.²⁵

Os administradores das instâncias superiores da Igreja Adventista do Sétimo Dia que monitoravam para apresentar ao telespectador um programa que pudesse contribuir para o seu bem-estar espiritual e seu preparo para o reino de Deus eram os seguintes pastores: Roberto Rabello, orador do programa radiofônico da Voz da Profecia, Roberto Azevedo, departamental de Rádio - TV na União Sul-Brasileira, Rodolfo Belz, presidente da União Este-Brasileira, Orlando Pinho, Secretário da Associação Paulista e o Pastor Campolongo, orador do programa.²⁶

O produtor do programa que tornava a linguagem simples e apropriada para os lares e também para que outras denominações religiosas pudessem usufruir as mensagens

²⁵ Revista Adventista, Dezembro de 1964, p.25.

²⁶ Ibid.

era o pastor Orlando Pinho que contava com a colaboração de alguns irmãos, na produção de scripts tais como: Maria Júlia Lôbo, Yolanda Anversa da Silva e o pastor Rodolfo Belz.

²⁷ A organização e direção do programa estavam a cargo de Geraldo Vietri, produtor da TV Tupi, além de contar com a ajuda de artistas da TV, como Tony Ramos.

As gravações do programa aconteciam durante a semana, em período diurno. Devido o movimento na TV Tupi ser intenso, repetidas vezes as gravações do “Fé para Hoje” ocorriam em horários atípicos, entre meia-noite e três horas da madrugada.²⁸

Como o objetivo do programa era conseguir interessados na mensagem adventista, passou a utilizar uma Escola Telepostal que funcionava no mesmo prédio da Voz da Profecia no Rio de Janeiro – sede da radiodifusão adventista, tendo a apoio do seu grupo de obreiros para responder as correspondências de interessados.²⁹

A Audiência

Assim, como crescia a população brasileira nos grandes centros, viu-se a importância e necessidade de se adotar estratégias para atingir esse grupo de pessoas que aumentava consideravelmente. Desta forma, o programa estabelecia-se em grandes centros para acompanhar o crescente número populacional.³⁰

Rapidamente, o programa estava se expandindo conseguindo acesso nas TVs de Brasília, Goiânia, Rio de Janeiro, São Paulo e Londrina, contando ainda com a periferia dessas regiões.³¹ Para se ter uma idéia de como o programa era assistido, em Londrina o

²⁷ Ibidem, 26.

²⁸ Revista Adventista, Dezembro de 1964, p.25.

²⁹ Ibid.

³⁰ Revista Adventista, Fevereiro de 1967, p.32.

³¹ Ibid.

programa “Fé para Hoje”, dirigido pelo pastor Davi Moroz contava com um público semanal com cerca de 100.000 pessoas, de todas as classes sociais, inclusive líderes religiosos de outras denominações.³² Pode se entender o poder de alcance deste veículo de comunicação de massa como foi previsto por idealizadores conforme apresentado no primeiro capítulo deste trabalho.

Existem diferentes testemunhos de aceitação do programa por diversos telespectadores entre os quais o de um padre de uma paróquia que confessou a um vizinho que assistia ao programa e o apreciava bastante,³³ e de um outro telespectador que expressa o seu desejo de felicitações pelo que ele chama de brilhante programa que vem sendo apresentado na TV Tupi - Canal 4.³⁴

Com aumento da audiência, o programa ganhou uma força poderosa e consistente para sua popularização. Vários cursos foram estabelecidos através do programa “Fé para Hoje”, podendo destacar-se o curso “Como Deixar de Fumar em Cinco Dias”, tornando-se uma cunha para atrair pessoas às conferências públicas. Além disso, por ser usuária e por tornar-se conhecida na mídia a Igreja Adventista passou a ganhar credibilidade de outros canais emissores e isso fez com que a igreja percebesse o grande potencial que possuía à sua disposição a fim de poder divulgar os seus serviços religiosos. Através da parceria entre o programa “Fé para Hoje” e o programa radiofônico “A Voz da Profecia”, vários congressos foram realizados e várias pessoas aceitaram a Cristo como seu Salvador pessoal.

Alcíades Campolongo – Um Pioneiro

³² Revista Adventista, Agosto 1968, p.21.

³³ Ibidem, 22.

³⁴ Revista Adventista, Outubro de 1963, p.17.

Alcíades Campolongo nasceu em Itápolis, no interior de São Paulo, no dia 13 de Janeiro de 1925. Órfão de mãe aprendeu o ofício de alfaiate para ajudar a família.

Em 1945, formou-se em contabilidade. Aos 20 anos, enquanto prepara-se pra pensar em números, Deus o chama para experimentar a fé em todos os sentidos.

Conforme seu depoimento, antes de ser chamado ao ministério desempenhava o ofício de alfaiate, quando então sentiu o chamado para fazer teologia, deixou encarregados para cuidarem da alfaiataria, ingressando nas fileiras acadêmicas do Instituto Adventista de Ensino.

Tendo o incentivo de amigos e familiares, prontamente viu a confirmação do seu chamado. Formado em teologia no ano de 1948, foi trabalhar na Associação Paulistana da Igreja Adventista do Sétimo Dia como auxiliar do pastor Osvaldo Azevedo que dirigia uma série de evangelismo, na cidade de Mogi das Cruzes. Após este período, foi indicado para ser auxiliar do pastor Geraldo Oliveira, que era o evangelista da Associação Paulistana, assumindo a responsabilidade das conferências devido à saída do pastor Geraldo.

Mais adiante se tornou auxiliar do Pastor Itanael Ferraz em outra série de evangelismo, em seguida foi indicado para assumir um distrito que abrangia a região de Jundiaí, Limeira e Piracicaba. Depois foi trabalhar em Araçatuba, onde se estabeleceu uma igreja resultante de uma série de evangelismo público. Após esses eventos, foi nomeado para dirigir os Departamentos de Evangelismo, Temperança e Comunicação da Associação Paulistana.

Conforme entrevista concedida, após um ano exercendo a vida ministerial, o pastor Campolongo casa-se com a professora Neide Aparecida Patrizzi, tendo-a como o seu “braço direito” e também o “esquerdo”. Durante o período em que estava como Diretor de

Comunicação na Associação Paulista, foi escolhido pela comissão diretiva da Divisão Sul-Americana para apresentar o programa “Fé para Hoje”. Os pastores Roberto Azevedo e Roberto Rabelo, tiveram bastante influência sobre a escolha do Pastor Campolongo.

Hoje, aos 82 anos ainda carrega nos olhos o brilho do evangelismo. Durante 53 anos de pastorado, ele contabiliza mais de 700 casamentos, 106 campanhas evangelísticas dirigidas e mais de cinquenta mil pessoas levadas ao batismo. Além de ser pioneiro do programa “Fé para Hoje”, outros programas também somam a esse legado do pastor Alcíades Campolongo, tais como: O evangelismo da “Semana do Calvário” e o curso “Como Deixar de Fumar em Cinco Dias”.

Em entrevista por telefone³⁵, Alcíades Campolongo expressou a sua opinião quanto à contribuição do programa “Fé para Hoje” para o desenvolvimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil. Segundo ele, durante a existência do programa, mais de 50.000 pessoas já foram batizadas através de 61 congressos espirituais realizados.

Ao falar sobre a televisão Adventista via satélite hoje (ADSAT), expressa ser uma continuidade do programa “Fé para Hoje” e que poderia ser um canal aberto para toda a comunidade, além de identificar a igreja em termos de comunicação.

Percebe-se que ainda é pouco utilizado de forma maciça este meio de comunicação tão expressivo. O fator que mais impede a inserção na mídia é em relação aos patrocinadores, pois manter uma rede televisiva requer muito desprendimento e ainda um apoio constante para efetuar a sua veiculação. Apesar disso o programa tem sido

³⁵ Entrevista com o Pr. Campolongo por telefone no dia 07-11-2007, às 17:35

transmitido por pessoas que são conduzidas por Deus a prestar o seu serviço e disponibilidade em auxiliar na manutenção do programa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso da televisão pela Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil começou na década de 1962 no estado de São Paulo com o programa Fé Para Hoje e foi se fortalecendo no decorrer dos anos, abrindo espaço para outros programas evangélicos, como o Está Escrito. Este fato foi uma das maiores contribuições do programa para a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Apesar das dificuldades, a mão de Deus o guiou de tal forma que o projeto inicial já completou 45 anos no ar. Hoje, o programa continua sendo transmitido pela TV Gazeta de São Paulo, atingindo um público considerável.

A televisão é um dos melhores veículos de comunicação, pois o que está sendo ouvido, pode simultaneamente ser visto, aumentando no telespectador a convicção no que está sendo comunicado. Foi com esta visão que a Igreja Adventista procurou ocupar o

espaço que esse instrumento proporcionou, levando através do programa Fé para Hoje, o conhecimento de um Deus que pode trazer paz mental, espiritual e emocional.

Sugestões

Outros estudos sobre o “Uso da Televisão pela Igreja Adventista no Estado de São Paulo”, abordando o programa Fé para Hoje podem ser desenvolvidos, analisando a sua expansão em outros estados e os resultados alcançados, podendo também agregar a este estudo, uma análise feita através de uma pesquisa de campo, da qualidade das conversões originadas pelos programas de televisão, medindo o nível de comprometimento com a mensagem recebida.

BIBLIOGRAFIA

CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de Massa em Massa*, 3 ed., São Paulo, Summus, 1986.

COSTELLA, Antonio F. *Comunicação do Grito ao Satélite*, 5 ed., São Paulo, Mantiqueira, 2002.

FILHO, Ciro Marcondes. *Televisão: A vida pelo vídeo*. São Paulo, Moderna, 1988

GUARESCHI, Pedrinho A./Osvaldo Biz. *Mídia, Educação e Cidadania*, Rio de Janeiro, Vozes, 2005.

História da Nossa Igreja, Tradução Odair Linhares e Isolina Waldvogel. 1ed., Casa Publicadora Brasileira, Santo André-SP.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão: A vida pelo vídeo*. São Paulo, Moderna, 1988.

PACHECO, Elza Dias. *Televisão, criança, imaginário e educação: dilemas e diálogos*. Campinas-SP: Papyrus, 1998.

PATERNOSTRO, Vera Íris. *O Texto na TV: Manual de Telejornalismo*, 1 ed., Rio de Janeiro, Elsevier, 1999.

_____ *Revista Adventista*, Outubro de 1963.

_____ *Revista Adventista*, Dezembro de 1964.

_____ *Revista Adventista*, fevereiro de 1967.

_____ *Revista Adventista*, Agosto 1968.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* Edições Loyola, São Paulo. 2002.

SODRÉ, Muniz. *A Máquina de Narciso*, 2 ed., São Paulo, Cortez, 1990.

STEINBER, Charles S. *Meios de Comunicação de massa*. Editora Cultrix, São Paulo, 1966.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

O DOM DE LÍNGUAS EM CORINTO

Cleber da Silva Eustáquio

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

TCC apresentado em dezembro de 2007

Orientador: Wilson Paroschi, Ph.D.

Resumo: O presente trabalho tem como foco a manifestação do dom de línguas na igreja de Corinto. Como entender os conselhos paulinos a respeito encontrados na epístola? Seria um padrão hoje a ser seguido? Esta pesquisa buscará a resposta a estes questionamentos. Para tanto, busca-se a noção geral do que é entendido entre os principais comentaristas acerca do “falar em línguas” no contexto coríntio e no contexto histórico. Em virtude da dificuldade de estabelecer a realidade (referente a este caso) na igreja de Corinto, é demasiadamente importante conhecer as características da cidade naquela época; as influências que permeavam o estilo de vida dos nativos e as demais informações pertinentes ao tema em questão.

Palavras-chave: dom de línguas, Igreja, Corinto.

Abstract: The present study focuses in the manifestation of the gift of tongues in the Church in Corinth. How to understand the counsels of Paul that are found in the epistle? Do they represent a pattern to be followed today? This research looks for answers to these questions. It overviews the opinions of the major scholars that deal with the phenomenon of “speaking in tongues” in the context of Corinth and in the context of history. In view of the difficulties to establish the reality concerning this case in the Church of Corinth, it is of primary importance to get a better knowledge of the characteristics of that city at the time, of the influences that permeated the life style of its natives, and the other pertinent data concerning the theme in question.

Keywords: Gift of Tongues, Church, Corinth.

CLEBER DA SILVA EUSTÁQUIO

O DOM DE LÍNGUAS EM CORINTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo – Campus Engenheiro Coelho, como requisito parcial à obtenção da graduação no Bacharelado em Teologia sob a orientação do Prof. Wilson Paroschi, Ph. D.

Engenheiro Coelho – S.P.

Dezembro de 2007

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	03
I. REVISÃO DE LITERATURA	05
1.1. Língua Estrangeira	05
1.2. Língua Extática	07
1.3. Conclusão Parcial	08
II. CONTEXTO HISTÓRICO	09
2.1. Contexto Histórico	9
2.2. A Primeira Vez em Corinto	12
2.3. A Relação Posterior Entre Paulo e Corinto.....	13
2.4. Conclusão Parcial.....	14
III. ANÁLISE EXEGÉTICO-TEOLÓGICA	16
3.1. O Contexto de 1 Coríntios 12 e 13	17
3.2. Contexto e Exegese de 1 Coríntios 14	19
3.3. Conclusão Parcial.....	23
CONCLUSÃO	24
BIBLIOGRAFIA	27

INTRODUÇÃO

O dom de línguas é um tema, ao mesmo tempo, antigo e atual. Alguns afirmam que manifestações semelhantes já ocorrem entre os pagãos há muito tempo. Na Bíblia, encontramos seu surgimento no livro de Atos, especificamente nos dias em que se comemorava o Pentecostes, uma festividade israelita. Em Atos 2, Lucas narra como contexto as orações feitas pelos discípulos, e a descida do Espírito sobre eles, quando “passaram a falar em línguas” (At. 2:4). A consequência é que milhares de pessoas ouviram o discurso de Pedro “em sua própria língua” (At. 2:8), e três mil destes foram batizados nesse dia (At. 2:41).

Ainda há pelo menos mais dois relatos de Lucas onde ocorreu o dom de línguas (At. 10 e 19). Contudo, o mais controverso texto a respeito da glossolalia (gr. *glôssa*, língua; e *laléin*, falar) não é escrito pelo evangelista, mas pelo apóstolo Paulo. Este trecho está na primeira epístola aos coríntios, nos capítulos 12-14. Talvez seja o problema mais difícil de tratar nesta carta. E muita controvérsia tem acontecido por causa da má compreensão do que Paulo quis dizer nessa exposição. O problema é ainda maior, haja vista a dificuldade envolvida em identificar o que exatamente se sucedia naquela igreja.

Nossa questão, portanto, é a seguinte: como era a manifestação do dom de línguas na igreja de Corinto? Como entender os conselhos paulinos a respeito encontrados na epístola? Seria um padrão hoje a ser seguido? Esta pesquisa buscará a resposta a estes questionamentos.

Para tanto, o trabalho se desenvolve em três capítulos, à parte da conclusão. Primeiramente, uma breve revisão de literatura é feita, para se ter uma noção geral do que é entendido entre os principais comentaristas acerca do “falar

em línguas” no contexto coríntio. O contexto histórico recebe atenção no segundo capítulo. Em virtude da dificuldade de estabelecer a realidade (referente a este caso) na igreja de Corinto, é demasiadamente importante conhecer as características da cidade naquela época. As influências que lhe permeavam, o estilo de vida dos nativos, enfim, procuraremos relacionar informações pertinentes ao assunto tratado.

Completando a abordagem geral, uma análise exegético-teológica faz-se necessária no terceiro capítulo. Entender o significado de palavras-chave no contexto da perícopes e do livro, bem como a reflexão teológica sobre o que será descoberto constitui passos indispensáveis à pesquisa acadêmica. Um apanhado geral e a posição final do trabalho são fornecidos a seguir.

CAPÍTULO I

REVISÃO DE LITERATURA

Os autores que discorrem sobre a primeira carta de Paulo aos coríntios constituem um número bastante elevado. Entretanto, ao redigir o comentário de I Coríntios 14 e a glossolalia em Corinto muitos não se pronunciam, limitando-se à mera referência das hipóteses levantadas por outros. Em vista dessa realidade, a bibliografia quanto à forma em que se manifestava o dom de línguas em Corinto não é exaustiva, sendo que a menção de uns poucos autores é suficiente para demonstrar a interpretação corrente em diferentes meios teológicos.

Dentre as teorias apresentadas há divergências de detalhes acerca da manifestação da glossolalia, razão pela qual não as consideraremos separadamente, mas como uma pequena vertente de posições mais significativas. Portanto, para explicar a expressão “e em espírito fala mistérios”, podemos dividir os autores em dois grupos principais: 1) os autores que explicam os “mistérios” como uma língua estrangeira e desconhecida para os membros locais de Corinto; e 2) aqueles que entendem os “mistérios” como línguas extáticas, com sons monossilábicos; conseqüentemente, ininteligíveis.

1.1. LÍNGUA ESTRANGEIRA

O primeiro grupo (Champlin, 1999, p. 213; Kugelman, 1972, p. 55; Santos, 2002, p. 218; Grudem, 1994, p. 579; Hasel, 1994, p. 124; Mills, 1972, p. 28; Robertson, 1977, p. 33) define “e em línguas fala mistérios” como línguas

conhecidas e faladas no mundo de então. Esses autores são quase unânimes em enfatizar que as “línguas” estão entre os dons do Espírito e praticamente excluem a possibilidade de haver uma contrafação satânica desse dom em Corinto.

Para defender a tese, apóiam-se no fato de que no original, a palavra “estranha” (ARC) não aparece, o que na opinião destes retira qualquer fundamento para acreditar na manifestação de um língua extática ou angélica naquela igreja. É importante frisar que a maioria dos pertencentes a essa hipótese vêem forte semelhança entre os livros lucanos e paulinos, ou seja, dentro do nosso contexto, entre Atos e 1 Coríntios, respectivamente. Nesse caso, o “dom” que Paulo estaria tratando aqui seria o mesmo do evento pentecostal de Atos 2, onde claramente línguas estrangeiras são a manifestação do dom de línguas.

Quanto ao que significa “mistérios” (v. 2), duas hipóteses são levantadas neste grupo. A primeira hipótese seria porque na congregação local não haveria nenhum conhecedor do idioma falado. Visto que não entenderiam nada do que estava sendo proferido, aos ouvintes se tornaria um mistério e, portanto, totalmente despropositado naquele contexto.

Na segunda hipótese, a argumentação gira em torno do valor que esse termo possui nos escritos paulinos. Estes autores afirmam que, principalmente em Colossenses e Efésios, mas também noutros escritos, “mistério” parece ter um significado especial nas cartas assinadas pelo apóstolo Paulo. Os “mistérios” seriam novas verdades reveladas por Deus, antes escondidas, agora abertas; o próprio Cristo e a salvação por Ele proporcionada constituem a essência ou conteúdo de tudo isso. Com isso em mente, não é difícil entender que o “mistério” ser daria pela imaturidade daqueles cristãos, sendo a “nova verdade” um tanto

complicada para seu estágio na fé. Portanto, aos ouvintes tornar-se-ia um mistério.

1.2. LÍNGUA EXTÁTICA

O segundo grupo (Bittencourt, 1999, p. 127; Morris, 1992, p. 204; Brown, 1984, p. 439; Henry, 1989, p. 461; Fee, 1997, p. 185; Graham, 1980, p. 162; Chaij, 1970, p. 29; Stagg, 1967, 38) define “e em línguas fala mistérios” não como idiomas existentes naqueles dias; todavia, seria o idioma proferido pelos próprios anjos, ininteligíveis a qualquer ser humano. Outra vertente corrente (ainda inclusa nessa posição) considera que em Corinto não se falava exatamente à maneira dos anjos, mas uma linguagem cujo conteúdo não passava de sons monossilábicos, sem propósito algum (extática).

Os autores, em sua maioria, crêem que os membros da igreja local não construíram o hábito de emitir sons monossilábicos (ou a falar a língua dos anjos, supostamente) a partir do nada, porém, extraíram esse costume dos pagãos em suas festas e rituais de toda sorte. Tendo em mente essas idéias, a compreensão dos “mistérios” do v. 2 torna-se bastante lógico. Sendo a linguagem celestial (dos anjos), ou mesmo uma língua inexistente naqueles dias, que pronunciaria apenas sons desconexos, qualquer uma das hipóteses deixa claro a incompreensão dos presentes numa reunião onde este “dom” se manifestasse. Este grupo não crê em nenhuma correlação negativa entre o suposto dom manifestado entre os coríntios e o ocorrido do Pentecostes, sendo o primeiro uma perversão do segundo.

1.3. CONCLUSÃO PARCIAL

A revisão bibliográfica efetuada neste capítulo foi importante em demonstrar que o texto proporciona interpretações diferentes. Vimos que existem duas possibilidades básicas de interpretação neste texto ao que se denomina “mistérios”. Essa divergência de possíveis leituras demonstra a necessidade de um estudo.

CAPÍTULO II

CONTEXTO HISTÓRICO

Esse capítulo contribui para determinar de forma breve a situação local que envolveu e motivou o envio da epístola por parte do escritor inspirado. Todavia, é essencial explicar os pressupostos que temos ao iniciar essa parte de nossa pesquisa. De antemão assumimos a autoria paulina de 1 Coríntios, em razão do consenso indicar nessa direção; e isto também quanto à data, que varia com maior frequência entre 54/55 a.C. Portanto, ambos os tópicos não serão objetos de discussão nesse capítulo.

Além desse aspecto, mostra-se pertinente expor de forma clara as peculiaridades da cidade portuária de Corinto. Procedendo dessa maneira, alguns conselhos do apóstolo automaticamente serão mais bem compreendidos por nós, inclusive nos auxiliando na resolução de nossa problemática. Começamos por esse último ponto, em seguida tratamos da situação em que a carta foi escrita.

2.1. Contexto Histórico

Junto a Roma, Éfeso e Alexandria, Corinto era uma das cidades mais importantes do extenso Império Romano no primeiro século da era cristã. Existente há muito tempo, a ponto de ser referida pelo poeta Aristófanes (por volta de 400 a.C.), havia ultrapassado há pouco seu primeiro século em sua nova fase, exatamente no período em que o apóstolo Paulo ali se instalou para disseminar o evangelho (em torno de 50/51 d.C.).

Em meados do segundo século a.C. Roma estava lutando para acoplar a Acaia, pertencente à Grécia, ao restante do Império. Os interesses deste estavam sob a liderança do cônsul romano Lucius Mummius. No entanto, as principais cidades locais, apesar de oferecerem resistência, não foram capazes de vencer a batalha por completo; e Corinto, que liderava a Liga das Cidades-Estados Gregas da Acaia, estava simplesmente arrasada no fim do conflito, em 146 a.C.

Por praticamente um século assim permaneceu a velha Corinto: em ruínas. Contudo, não seria assim por muito mais tempo. O Imperador Júlio César, em 44 d.C., resolveu reedificar a destruída cidade por sua localização geográfica estratégica. E de fato, tratou-se de uma excelente decisão para economia, comércio e desenvolvimento daquela região.

Sua localização era invejável. Além do fato de que era a capital da província romana da Acaia, rotas de comércio de leste a oeste e de norte a sul cruzavam aquela cidade, tornando-se um lugar famoso para os marinheiros e viajantes que passavam por ali. De norte a sul não havia outra rota; obrigatoriamente quem navegasse por aqueles mares ancoraria nesse lugar, isto é, seria uma influência gigantesca sobre os habitantes dali, assim como seria quase impossível não absorver em grande medida os costumes da região.

William Barclay descreve alguns dos principais grupos de novos moradores enviados por Júlio César para estabelecer moradia e fazer parte da reedificação de Corinto; ele menciona os veteranos romanos, que ganhavam um pouco de terra sempre que uma cidade passava a existir (constituíam a espinha dorsal da nova localidade), mercadores interessados na posição estratégica da cidade, uma elevada população judaica e, por último, fenícios e frígios e orientais com toda

sorte de vícios e falta de tradições possíveis (Barclay, 1983). David Prior, em seu comentário da primeira epístola aos coríntios, afirma que “uma colônia romana era uma Roma plantada em terras habitadas por outros povos” (Prior, 1995), ou seja, cultivavam os mesmos hábitos.

Um dos atrativos da cidade eram os jogos ístmicos, em importância inferior apenas aos jogos olímpicos em Atenas, que atraíam competidores de vários lugares da época. Tal era o interesse acerca desses jogos que não deixou de ser disputado, mesmo com a cidade destruída. Mas fama real de Corinto devia-se à sua imoralidade e perversão. E isso já vinha desde os idos tempos, quando a expressão “corintianizar” era sinônimo de imoralidade, refletindo simplesmente a falta de princípios que encontrava expressão plena na cidade. Com o passar do tempo tornou-se um provérbio para designar uma vida corrompida, moralmente falando, tamanha a devassidão local.

Curiosamente, Corinto era uma cidade religiosa. Enquanto cosmopolita e rica, estima-se que havia 26 templos e santuários naquele local, que obviamente uniam sua devoção à imoralidade. Talvez o melhor exemplo da libertinagem sobre a qual nos referimos acima seja o procedimento usado na “Acrocorinto”, onde provavelmente estava o mais conhecido de todos os templos. Esta era uma montanha com cerca de 560m; o templo de Afrodite, a deusa grega do amor, estava nesse local.

No início de cada noite, para oferecer seus serviços nas ruas, mil sacerdotisas (na verdade, prostitutas “sagradas”) desciam à cidade. O culto realizado por estas mulheres era dedicado à glorificação do sexo, com o aval geral

da população. Como o trânsito de pessoas era intenso pela cidade, com mercadores, marinheiros e viajantes, o apoio destes nunca faltava nesses cultos.

Havia pelas ruas outro lema que bem expressava as vis paixões dos coríntios: “Cultura e cortesã”, mais uma alusão aos serviços das sacerdotisas de Afrodite. Estas pessoas apreciavam muito também a arte, por isso a referência à cultura. Enfim, constituíam um povo que buscava a satisfação dos próprios desejos, e pouca atenção era dada a uma vida regrada e de cuidado com a saúde e o corpo. Leon Morris, em poucas palavras, define muito bem a população de Corinto: “Intelectualmente alerta, materialmente próspera, mas moralmente corrupta” (Morris, 1992).

2.2. A Primeira Vez em Corinto

Volvamos nossa atenção para a relação do apóstolo com a cidade, principalmente com a igreja por ele estabelecida. Conforme referido anteriormente, Paulo esteve em Corinto pela primeira vez por volta de 50/51 a.C. Estava em sua segunda viagem missionária, e dizem os comentaristas que ele nunca havia estado em uma metrópole como Corinto, tanto no estilo de vida depravado quanto em termos populacionais. Era seu maior desafio até então. Valendo-se de estratégia evangelística é que teve seu paradeiro naquela cidade. Se disseminasse o evangelho ali, ele naturalmente atingiria terras as mais distantes possíveis. Os “confins da terra” seriam alcançados pelas boas-novas da salvação em Cristo.

Através da narrativa de Atos sabemos que Paulo permaneceu em Corinto por 18 meses (At. 18:10). Quando chegou, encontrou Áquila e Priscila, casal vindo

de Roma e convertidos ao cristianismo. Logo de início firmaram amizade, pois tinham algo em comum: compartilhavam a mesma profissão (At. 18:3a), a ponto de decidirem residir sob o mesmo teto (At. 18:3b).

Pela leitura que fazemos do texto de Atos, Paulo se fez ativo imediatamente, persuadindo “judeus e gregos”, sem distinção. Alguns entendem que quando os líderes se opuseram à pregação de Paulo na sinagoga, um novo local de reunião apareceu, o que seria a casa de Tício Justo (At. 18:7). Todavia, apesar das dificuldades envolvidas, havia frutificação do trabalho: “Muitos dos coríntios , ouvindo, criam e eram batizados” (At. 18:8). Dentre os “muitos”, Lucas destaca o “principal da sinagoga”, Crispo, elucidando o poderio do evangelho propagado pelo apóstolo, e seu alcance ilimitado no tange às diferentes classes intelectuais e sociais.

2.3. A Relação Posterior Entre Paulo e a Igreja em Corinto

Passados um ano e meio de pregação, Paulo parte para outro lugar, mas ainda mantêm contato com a igreja de Corinto. Os familiares de Cloe (1 Cor. 1:11) o mantêm informado do que tem ocorrido na igreja, o que subtende uma contenda na igreja. Mas a própria igreja também expõe algumas dúvidas ao apóstolo por meio de cartas (1 Cor. 7:1).

Paulo respondeu suas dúvidas de forma sistemática. A carta que hoje conhecemos como 1 Coríntios é muito clara nas mudanças de assuntos que vão sendo tratados; Fórmulas introdutórias como “quanto a...” (7:1, 16:1). “com respeito a...” (7:25, 12:1) e “no que se refere a...” (8:1) são bons exemplos disso. Os principais tópicos que recebem a atenção de Paulo nestas seções são:

casamento e divórcio (7:1-40), comida oferecida a ídolos (8:1-13), dons espirituais (12:1-14:40), coleta de fundos para Jerusalém (16:1-4) e sobre Apolo (16:12). Não significa que apenas somente isso tenha sido tratado; pelo contrário, há até outros temas, contudo, estas são as mais perceptíveis (Hasel, 2000).

2.3. Conclusão Parcial

O estudo empreendido neste capítulo tem grande importância. Visto que Paulo não deixa explícito aos seus leitores de dois milênios após sua vida como realmente era o “falar em línguas” na igreja em Corinto, precisamos nos inteirar do contexto histórico para voltar no tempo e descobrir as características fundamentais desse pólo comercial antigo.

Como vimos, por lá transitavam pessoas do mundo todo daquela época. Corinto possuía um porto e sua localização fazia com que fizesse parte das principais rotas comerciais marítimas daquela região. Certamente os idiomas mais conhecidos e usados eram facilmente reconhecidos pelas ruas da cidade, havendo uma grande mistura cultural, algo natural para o local.

Além disso, Corinto também era conhecida por sua depravação moral e (ironicamente) por sua religiosidade. Havia muitos templos dedicados a deuses específicos, onde a prostituição era parte dos serviços rituais. Quanto à falta de moralidade, esta se revela tão assombrosa a ponto de o nome da cidade passar a significar algo como devassidão.

No próximo capítulo estas informações se mostrarão ainda mais úteis quando o texto “falar por si mesmo” por meio da exegese e reflexão teológica.

CAPÍTULO III

ANÁLISE EXEGÉTICO-TEOLÓGICA

Neste terceiro e último capítulo propomos uma análise do termo original para “línguas” em nosso contexto, bem como uma reflexão teológica sobre tudo o que descobrimos. O vocábulo grego para “línguas” no Novo Testamento é *glôssa*. Começamos por breves significados de *glôssa* na antiga Grécia e seu uso na LXX, para em seguida explorarmos o testemunho do Novo Testamento. De antemão revelamos que nosso termo em questão não sofreu transformação extraordinária com o avanço do tempo.

Na antiga Grécia *glôssa* possuía principalmente um sentido fisiológico, sendo, portanto, o órgão da fala e degustação de animais e homens. Isso é verificado em Homero. Já em um sentido figurado representava a habilidade de falar, inclusive com o sentido de “idioma” ou “dialeto”. Na Bíblia Hebraica traduzida para o grego (LXX), *glôssa* ocorre 160 vezes. Dessas, em 100 vezes tem que ver o significado exposto acima. Na Bíblia da era cristã o uso de *glôssa* diminui um pouco, sendo em 52 o número de ocorrências.

Seu emprego neotestamentário atesta que passa a haver um significado teológico em torno de *glôssa*, principalmente pelos eventos ligados ao Pentecostes e à controvérsia existente em Corinto. Por isso mesmo Atos e 1 Coríntios concentram quase 50% das aparições de *glôssa* no Novo Testamento (Brown, 1983). Nesse período, *glôssa* não seria simplesmente o órgão humano da fala ou responsável pelo sentido do paladar; agora dizia respeito também ao

fenômeno de “falar em línguas”. Na verdade, no período posterior tornou-se praticamente um termo técnico para designar o que havia acontecido em Jerusalém e Corinto (Hasel, 2000).

Concentramo-nos a partir daqui nos capítulos 12 a 14 da primeira epístola aos coríntios, que constitui nossa abordagem central. Ali encontramos *glôssa* em vinte e uma oportunidades; no capítulo 12, três vezes; no capítulo 13, somente duas vezes; e no capítulo 14, dezesseis vezes. Vamos refletir sobre o contexto destes três capítulos e realizar uma exegese de termos e versos-chave no último capítulo.

3.1. O Contexto de 1 Coríntios 12 e 13

Conforme consta no capítulo dois, Paulo escreve sua primeira carta à igreja de Corinto para solucionar vários problemas dos quais obteve conhecimento. A discussão sobre “falar em línguas” surge no contexto dos dons espirituais, iniciada justamente no capítulo 12, quando o apóstolo inicia com “a respeito dos dons espirituais...” (1 Cor. 12:1). Hasel afirma que “é no bojo desta resposta que Paulo avalia os vários dons do Espírito Santo (1 Cor. 12:31)” (Hasel, 2000).

Pelo texto bíblico não há como dizer qual o questionamento exato chegou aos ouvidos de Paulo, mas o fato é que ele se concentra na comparação entre os dons de profecia e línguas, antes, porém, exaltando o amor, incentivando sua busca e demonstrando sua superioridade em relação a qualquer outro dom (1 Cor. 13).

Após uma introdução de três versículos, o autor da epístola aponta a fonte de todos os dons nos versos 4 a 7. Ele profere que o “Espírito”, o “Senhor” e “Deus” são os mesmos nas diferenças apontadas, ou melhor, os responsáveis finais pelo dom que cada um possui. A seguir, foca a diversidade de dons possíveis apenas pela atuação da Trindade, listando um total de nove. Nessa lista é interessante notar que a “variedade de línguas” e sua interpretação ocupam o último lugar (v. 10). Esta é a primeira aparição de *glôssa* em nosso texto.

O próximo ensino de Paulo é a unidade do corpo de Cristo (v. 12-31); todavia, ao final ele mais uma vez lista alguns dons que “estabeleceu Deus na igreja” (v. 28). E mais uma vez, após uma sequência de nove dons, “línguas” ocupa o último lugar. Parece não restar dúvida que Paulo quer fazê-los enxergar que o dom de línguas não é o mais importante, como talvez gostariam que fosse. A terceira ocorrência de *glôssa* neste capítulo vem logo em seguida à segunda. O capítulo finda com algumas perguntas retóricas que evocam um “não” como resposta e dizem respeito à diversidade dos dons: “Falam todos em outras línguas?” (v. 30). Obviamente não, assim como todos os dons não são dados a todas as pessoas. Assim sendo, Paulo discorre sequencialmente sobre o dom acessível a qualquer cristão, “um caminho sobremodo excelente” (v. 31).

O capítulo 13 de 1 Coríntios contém apenas duas referências à “línguas”, nos versos um e oito. Em ambas o autor enfatiza a superioridade do amor sobre as “línguas”, explorando inclusive a temporalidade deste último dom, enquanto “o amor jamais acaba” (1 Cor. 13:8).

3.2. Contexto e Exegese de 1 Coríntios 14

A esta altura é imprescindível frisar ponto importante. Em 1 Coríntios 12 e 13, *glôssa* é plural nas cinco vezes em que aparece, o que se vê parcialmente no capítulo subsequente. Das dezesseis vezes que *glôssa* surge no capítulo 14, exatamente na metade dos casos se encontra no singular. Isto pode ser algo superficial quando pela primeira vez nos deparamos com essa realidade; mas é necessário se prestar uma maior atenção nesse caso.

Paulo seguia um padrão de escrita ao se referir às línguas nos cinco versos anteriores onde *glôssa* aparece (12:10, 28 e 30; 13:1 e 8). Quando ele escreve para realmente explicar sua exortação sobre “línguas” ocorre uma mudança em sua maneira de escrever. Isto pode perfeitamente subentender que o escritor tem em mente alguma distinção de significado transmitida simplesmente pelo número gramatical do substantivo em questão, ou simplesmente o singular e plural de *glôssa*.

Essa idéia é sugerida por Wilson Paroschi e aqui está a chave hermenêutica da glossolalia em Corinto. Ele observa que a expressão singular incondicionalmente é acompanhada com restrição ou algo negativo, enquanto que à expressão plural sempre segue uma perspectiva positiva. Com este panorama em mente, entende-se que *glôssa* (no singular) é a maneira como Paulo se refere a uma língua extática, que teria sido incorporada na liturgia da igreja coríntia por influência dos cultos gregos pagãos. Veja o que afirma este autor (Elwell, 1992):

“No mundo antigo, profetas pagãos eram comumente associados com exclamações extáticas, arrebatamentos e comportamento frenético. Há registros de fala extática e de coisas semelhantes no Egito, no século XI a.C. No mundo helênico a profetisa de Delfos e a sacerdotisa sibilina

falavam em linguagem como de êxtase, bem como glossolalia. Muitos dos mágicos e feiticeiros do mundo do século I demonstram fenômenos semelhantes, como no caso do “espírito adivinhador” (ou possivelmente ventriloquia) em Filipos, em Atos 16:16-18.

Mais uma vez não há obstáculo algum para se acreditar dessa forma. Como cidade onde o movimento de pessoas era intenso, não é difícil entender que cada grupo religioso trouxesse seus costumes para Corinto. Acaso seria algo improvável que mesmo os rituais pagãos citados por Elwell encontrassem adeptos em Corinto, seja com o formato do culto tradicional grego ou com uma nova roupagem? E mais: para uma igreja onde até mesmo incesto estava acontecendo (1 Cor.), seria impossível que cristãos mal-orientados caíssem no erro de falar “em linguagem como de êxtase”, como os pagãos?

Tomemos algum tempo para a análise dos versos capitais de 1 Coríntios 14 a partir desse ponto de vista. As duas primeiras formas de *glôssa* vêm no singular (v. 2 e 4). É-nos dito que “quem fala em outra língua não fala a homens” e edifica a si mesmo. Além desse “egoísmo” quanto à prática, aparentemente há outro problema carente de explicação. Se o falar em “língua” nesse verso não procede de Deus (conforme defendemos aqui), o que seriam os “mistérios” referidos no fim do verso 2? Muitos autores destacam o valor de “mistério” na Bíblia para validar a tese de que este vem de Deus, e conseqüentemente as línguas não poderiam ser extáticas, mas idiomas estrangeiros desconhecidos de quem fala.

De fato, o termo “mistério” (grego *mystérion*) tem um desenvolvimento significativo, principalmente em Colossenses e Efésios. Possui o sentido de “verdades de Deus uma vez escondidas por Ele sobre o plano da salvação e que

agora passam a ser conhecidas e reveladas na sua totalidade” (Hasel, 2000). É usada outras vezes ainda em 1 Coríntios (2:1, 7; 4:1; 13:2; 15:51). Porém, C. K. Barret coloca a hipótese de Paulo não se referir ao sentido técnico de “mistério” em 1 Coríntios 14:2 (Barrett, 1968), o que torna viável a possibilidade dos “mistérios” não virem de Deus, mas serem frutos da ininteligibilidade da “língua” referida no mesmo verso. Há harmonia quando se lê o texto dessa forma.

Na alternância que o escritor faz durante todo o capítulo 14 entre o plural e singular de *glôssa*, passamos ao verso 5, onde ele manifesta o desejo de que todos falassem “em outras línguas” (v. 5a). Repare que “línguas” (no plural) é superior à “língua” (no singular). A primeira é advogada por Paulo, a segunda é desprezada, afinal “ninguém o entende” (v. 2b). Entretanto, ambos são inferiores à profecia (v. 5b) quando não há “interpretação”.

Paulo questiona a igreja de Corinto no verso 6 acerca da importância de falar em “línguas” (um outro idioma como meio de comunicação), se não houvesse o conteúdo a transmitir, fosse por meio da revelação ou doutrina. Por outro lado, no verso 9 ele afirma que os coríntios falam ao ar, quando nada de compreensível sai de sua língua. Aqui “língua” aparece com o sentido de órgão do corpo humano responsável pela fala, nada tem que ver com o sentido teológico que estamos tratando.

Continuando sua instrução sobre “língua”, os versos 13 e 14 comentam a responsabilidade de haver interpretação, caso contrário, “a mente fica infrutífera”. Isto é o resultado de sons sem nexos; não contribuem para o crescimento cristão. Em virtude desse fato, Paulo fala “em outras línguas” (v. 19), idiomas de nações ou regiões que inclui coerência e inteligibilidade.

As próximas ocorrências de *glôssa* envolvem uma preocupação com os visitantes. Por três vezes, entre os versos 21-23, é mencionado seu plural. Em resumo, o que esta passagem comunica é que as “línguas” têm o valor de sinal para os descrentes. Assim como ocorreu no Pentecostes, quando se conhece alguém e sabe-se um pouco de sua limitada educação, se esta pessoa vier a falar em um idioma que talvez nunca tenha tido a oportunidade sequer de ouvi-lo, sem dúvida constitui-se num grande sinal. É isso que Paulo quer dizer nesse trecho. Em contrapartida, quando entramos em um determinado ambiente e cada um ali fala em uma língua (idioma) diferente, ao mesmo tempo, por certo não julgaríamos bem tal ambiente. Ele está pregando cautela, equilíbrio e sabedoria para aplicar o correto dom de línguas na igreja.

Convém notar que Paulo não é absoluto em algumas de suas afirmações, sendo mesmo bastante flexível. Apesar de toda instrução até aqui, ele admite que, no caso de ainda assim alguém falar em “língua” (fenômeno extático), que haja quem interprete (v. 26 e 27). Ele não exclui por definitivo tal abordagem.

E por último, *glôssa* consta em 1 Coríntios 14 no verso 39. Enfatizando novamente a ordem de fazer tudo com “decência e ordem” (v. 40), o apóstolo adverte a não proibirem o “falar em outras línguas” (v. 39), pois este dom poderia se manifestar no contexto cosmopolita de Corinto e converter muitos corações à Deus.

3.4. Conclusão Parcial

Algumas conclusões devem ser tiradas deste estudo exegético-teológico. O primeiro tem que ver a diferenciação entre “língua” e “línguas” no capítulo 14,

enquanto que nos dois anteriores um padrão é mantido. Vimos que há uma distinção sutil do apóstolo Paulo ao denominar a contrafação do verdadeiro dom de línguas como “língua”. Usando de sabedoria, talvez, ele decide não atacar claramente o problema, muito menos enfrentá-lo de frente. Ele enfatiza a inteligibilidade (1 Cor. 14:7-9, 16-19, 22, 27-28), levando os membros coríntios a pensar. Assim sendo, desqualificaria mais facilmente aquele ritual pagão infiltrado no cristianismo.

Pelo que vimos até agora, cremos já ter condições de nos posicionar acerca do dom de línguas na igreja de Corinto.

CONCLUSÃO

O primeiro capítulo deste trabalho revisou a literatura básica acerca do “falar em línguas” no contexto em Corinto. Duas posições básicas surgiram na tentativa de explicar como se dava a manifestação desse dom naquela igreja, que teve de ser orientada pelo apóstolo Paulo, tomando três capítulos de sua primeira epístola aos coríntios.

A primeira sugere que a desordem no culto coríntio quanto ao número de pessoas falando ao mesmo tempo tinha que ver apenas com a expressão através de línguas ou idiomas de outras nacionalidades. Como metrópole e possuidora de um porto estratégico para as rotas comerciais da época seria natural que houvesse representantes de vários idiomas em Corinto, e por extensão na igreja. A desordem aconteceria porque estes estavam falando ao mesmo tempo, e ninguém entendia nada. Os “mistérios” (v. 2) seriam exatamente estes: como poderia um grego de origem entender um latino sem que houvesse tradução? Qualquer coisa que o primeiro falasse seria um mistério pra ele.

Em contrapartida, um segundo grupo opina que os “mistérios” assim o seriam em virtude da ininteligibilidade das pronúncias, visto que estas não passavam de sons monossilábicos, desconexos e extáticos. O ingresso desse estilo pagão no cristianismo local se deveria à forte presença pagã na cidade. Haja vista haverem mais de duas dezenas de templos dedicados aos mais distintos deuses, a influência desses ritos seria sentida na congregação iniciada pelos esforços do “apóstolo dos gentios”. O primeiro capítulo evidenciou a conveniência de uma pesquisa como esta se desenrolou.

O segundo capítulo indicou, de modo abreviado, o estilo de vida que levava um habitante na próspera Corinto do primeiro século da era cristã. Compreender o aspecto moral, cultural, histórico e religioso dos coríntios tornou-se importante para o resultado final desta pesquisa, visto que possibilitou o conhecimento da forma de pensar daquelas pessoas, bem como as circunstâncias que os levaram a ter uma moral tão baixa.

Podemos citar como exemplo o fato de que eram uma colônia do Império Romano, e portanto, pessoas trazidas de várias partes do mundo, sem raízes e valores. Isto tudo contribuiu para que fossem como eram. Este capítulo também discorreu sobre o início do ministério de Paulo em Corinto e sua relação posterior com a igreja que ele mesmo estabeleceu. Fatores que o motivaram a escrever 1 Coríntios e as instruções nela contidas foram mais bem esclarecidas pelo segundo capítulo.

Quanto ao terceiro capítulo, de natureza exegético-teológica, constatou-se que as evidências sugerem que o problema acerca dos dons espirituais enfrentados pelos coríntios foi combatido por Paulo de uma maneira bastante sutil, isto é, ao invés de ser veemente em sua abordagem e condenar a prática coríntia, ele escolhe apelar à razão discorrendo sobre inteligibilidade e a conseqüente primazia das “línguas” (idiomas conhecidos) sobre a “língua” (fenômeno extático).

Verificou-se que o termo grego para “língua” no Novo Testamento é *glôssa*, e que tem dois sentidos básicos: refere-se ao órgão do corpo humano ou à linguagem característica de um povo ou nação. Paulo a usa no singular (condenando-a), contrastando com o plural (que ele defende), pois tudo indica que

em Corinto se praticava o falso dom de línguas na crença de que fosse o verdadeiro.

Concluindo, entende-se que Paulo reprovava a expressão da “língua” na igreja de Corinto justamente porque era uma distorção do que foi assistido no Pentecostes. O verdadeiro dom de línguas tem que ver com algo compreensível, ao mesmo tempo em que há ordem. Quando lemos o relato do Espírito intervindo no Pentecostes (Atos 2), observamos essas duas características presentes. Entendiam os apóstolos em sua língua materna. Não obstante, em Corinto não havia nenhum dos dois elementos. Havia confusão, além do que muitas vezes não era possível saber o que estava sendo proferido. Não parece correto, portanto, defender uma glossolalia (como praticada hoje) equivalente à de Corinto.

BIBLIOGRAFIA

ALAND, Kurt et al. *The Greek New Testament*. Grand Rapids/MI: William B. Eerdmans, 2001.

ALMEIDA, João Ferreira de (Trad.). *Bíblia Sagrada: Revista e Atualizada*. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ARNDT William F.; GINGRICH, F. Wilbur. *A Greek English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago/EUA; The University of Chicago Press, 1952.

BARCLAY, William. *The First Letter to the Corinthians*. Buenos Aires/Argentina; Asociación Ediciones La Aurora, 1983.

BARRETT, C. K. *A Commentary on the First Epistle to the Corinthians*. New York/NY; Harper e Row Publishers, 1968

BITTLINGER, A. *Gifts and Graces: A Commentary on 1 Corinthians 12-14*. Grand Rapids/MI; William B. Eerdmans Publishing Company, 1967.

BROWN, Colin. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, vol. 3*. São Paulo/SP; Edições Vida Nova, 1983.

BROWN, Raymond Bryan. *Comentário Bíblico Broadman: Atos-I Comentários, vol. 10*. Rio de Janeiro/RJ, JUERP, 1984.

_____ *An Introduction to the New Testament*. New York/NY; Bantam Doubleday Dell Publishing Group, 1977.

BRUCE, F. F. *The International Bible Commentary*. Grand Rapids/MI; Zondervan Publishing House, 1979.

CHAIJ, Fernando. *La Glossolalia, um Nuevo Pentecostes?*. Mountain View/CA; Pacific Press Publishing Association, 1970.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, vol. 4. São Paulo/SP; Editora Hagnos, 2002.

COENE, Lothar. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, vol. 1. São Paulo/SP; Edições Vida Nova, 2000.

DAVIDSON, F. (Ed.). *Novo Comentário da Bíblia*. São Paulo/SP; Edições Vida Nova, 2000.

DOUGLAS, J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia*, vol. 2. São Paulo/SP; Edições Vida Nova.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que Lês?*. São Paulo/SP; Edições Vida Nova, 1997.

ELWELL, Walter A. (Ed). *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, vol. 2. São Paulo/SP; Edições Vida Nova, 1992.

GAEBELEIN, Frank E. *The Expositor's Bible Commentary*, vol. 10. Grand Rapids, MI; Zondervan Publishing House, 1990.

GUTHRIE, Donald. *The New Bible Commentary Revised*. Leicester/England; Inter-Varsity Press, 1970.

HASEL, Gerhard F. *Parousia*, vol. 1. Engenheiro Coelho/SP; Unaspress, 2000.

HARRISON, Everett F. (Ed.). *Comentário Bíblico Moody*. Imprensa Batista Regular, 2001.

HENRY, Matthew. *Comentário Exegético-Devocional a Toda a Bíblia*, vol. 4. Barcelona/Espanha; Libros Clie, 1989.

KISTEMAKER, Simon J. *New Testament Commentary: 1 Corinthians*. Grand Rapids/MI; Baker Book House Company, 1993.

KUGELMAN, Richard; BROW, Raymond E. (Eds). *Comentario Biblico San Jeronimo*. Madri/Espanha, Ediciones Crisandad, 1986.

MORRIS, Leon. *1 Coríntios: Introdução e Comentário*. São Paulo/SP; Edições Vida Nova; 1986.

_____. *Tyndale New Testament Commentaries: 1 Corinthians*. Grand Rapids/MI; William B. Eerdmans Publishing Company, 1995.

NICHOL, Francis D. *Comentario Biblico Adventista del Septimo Dia, vol. 6*. Boise/ID; Pacific Press Publishing Association, 1980.

PRIOR, David. *A Mensagem de 1 Coríntios*. São Paulo/SP; ABU Editora S/C, 1993.

ROS, Pablo Termes (Ed). *Enciclopedia de La Biblia, vol. 3*. Barcelona/Espanha; Ediciones Garriga, S.A., 1963.

THAYER, Joseph Henry. *Greek English Lexicon of the New Testament*. Grand Rapids/MI; Zondervan Publishing House, 1968

STAGG, Frank. *Glossolalia: Tongue Speaking in Biblical, Historical and Psychological Perspective*. Nashville/Tennessee; Abingdon Press, 1967.

THISELTON, Anthony C. *The New International Greek Testament Commentary: The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids/MI; William Eerdmans Publishing Company, 2000.

VINE, W. E. *Diccionario Expositivo de Palabras del Nuevo Testamento, vol. 2*. Barcelona: Editorial Clie, 2002.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

CONHECENDO O GRUPO DA TERCEIRA IDADE

Edilson Cardoso

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
TCC apresentado em dezembro de 2007
Orientador: José Carlos Ramos, D.Min.

Resumo: O ministério pastoral é um constante relacionamento com todos os tipos de pessoas e o grupo de terceira idade está crescendo cada vez mais. Portanto, devido a sua alta representatividade na sociedade moderna surge a necessidade do pastor conhecer melhor este grupo de pessoas, para então poder servi-los melhor. Este trabalho visa proporcionar conhecimento para ser utilizado em socialização através de atividades diversas que auxiliem aos membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia a suprir as necessidades, do grupo da terceira idade, emotivas e de relacionamentos, bem como incrementar sua função missionária ao incluir entre eles aqueles que não pertencem à igreja.

Palavras-chave: Ministério Pastoral, Terceira Idade, Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Abstract: The pastoral ministry is an on-going relationship with all the different kind of people, here included the senior citizens, a fast growing slice of society. Due to this reality in modern society, there is a need for a pastor to be better acquainted with such a group, in order to more efficiently serve these people. The present study aims to provide some knowledge that could be used in socialization through a number of diverse activities that may help Seventh-day Adventist members in their ministry to the senior citizens, in their emotive and relationship needs. It can also become a tool in the missionary outreach program as they reach out to those who do not belong to the Church.

Keyword: Pastoral Ministry, Senior Citizens, Seventh-day Adventist Church.

EDILSON CARDOSO

CONHECENDO O GRUPO DA TERCEIRA IDADE

Trabalho de Conclusão do Curso de Teologia
do Centro Universitário Adventista de São
Paulo como requisito parcial à obtenção da
graduação sob orientação do Prof. e Dr. José
Carlos Ramos

Engenheiro Coelho – SP

2007

CONHECENDO O GRUPO DA TERCEIRA IDADE

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado em Cumprimento Parcial
dos Requisitos Para o Título de
Bacharelado em Teologia

Edilson Cardoso

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
Dr. José Carlos Ramos
Professor de Novo Testamento
e Teologia Sistemática

Avaliação

Leitor
Dr. José Miranda Rocha
Diretor Acadêmico do Curso de Teologia

Data de Aprovação

Amin A. Rodor
Diretor do Curso de Teologia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
I. DEFINIÇÕES SOBRE TERCEIRA IDADE	3
Origem da fórmula terceira idade.....	3
O que é terceira idade.	4
Crescimento da população na terceira idade.....	4
O medo de envelhecer.....	6
II. MUDANÇAS NA TERCEIRA IDADE	8
Mudanças físicas e cognitivas.....	8
Mudanças na aparência.....	9
Mudanças nos sentidos	10
Audição.....	10
Visão.....	11
Paladar	11
Neurônios.....	12
Sono.....	12
Mudanças Sociais	12
Aposentadoria	12
A viuvez.....	13
Instituições para idosos.....	13
Convívio social.....	14
O desfazer-se dos bens.....	14
Educar os netos.....	14
Sugestões pastorais	15
III. OS VALORES DA TERCEIRA IDADE	17
A hora do recomeço.....	17
A disponibilidade do tempo livre	18
Tempo para tudo.....	19
Tempo para oração	19
Tempo para trabalhar a vida espiritual	20
Tempo para valorizar a saúde e defendê-la.....	21
A experiência.....	21
A aprendizagem.....	22
A solidão como oportunidade	24
A oblação	24
Poder ser criança novamente.....	26
CONCLUSÃO	28
BIBLIOGRAFIA	30

INTRODUÇÃO

O ministério pastoral é um constante relacionamento com todos os tipos de pessoas. O grupo de terceira idade está crescendo cada vez mais e tornando-se mais representativo na sociedade moderna, surgindo então a necessidade de o pastor conhecer melhor este grupo de pessoas, para saber como melhor atende-la.

A maioria das pessoas na terceira idade vive em um contexto social comum à sua faixa etária, com a interrupção das atividades por causa da aposentadoria, ou com a separação dos filhos, ou com a falta de opção no lazer; na maioria das vezes a falta de afazeres e contatos sociais levam-nas à monotonia e ao estresse. Este projeto foi elaborado para atingir a possibilidade de oportunizar a estas pessoas uma quebra de rotina e melhor qualidade de vida entre pessoas da mesma idade através da vivência e atividades missionárias, sugeridas e acompanhadas pelo pastor distrital ou pastor administrador de seu campo local.

Este trabalho visa proporcionar conhecimento para ser utilizado em socialização através de atividades diversas que auxiliem aos membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia a suprir suas necessidades emotivas e de relacionamentos nesta fase da vida, bem como incrementar sua função missionária ao incluir entre eles aqueles que não pertencem à igreja. A metodologia envolverá a pesquisa bibliográfica de artigos científicos, livros, revistas e apostilas.

Este é um estudo para se conhecer que grupo de pessoas compõe a terceira idade, com suas limitações e virtudes. Não se propõe um aprofundamento nos conhecimentos psicológicos

e físicos desta faixa etária. Buscar-se-á informações necessárias para o desenvolvimento do trabalho.

O presente estudo estará dividido em três capítulos, além da introdução e da conclusão. O primeiro apresenta as definições de terceira idade, quem é este grupo, sua expansão demográfica e influências causadas na sociedade. No segundo são apresentadas as mudanças físicas e cognitivas na vida do idoso, mudanças que normalmente se tornam negativas; é preciso conhecê-las para se aprender a lidar com elas. O terceiro capítulo destaca os valores desta fase da vida e procura mostrar que devem ser mais bem aproveitados para se conseguir uma melhor qualidade de vida.

CAPÍTULO I

DEFINIÇÕES SOBRE TERCEIRA IDADE

Neste capítulo buscar-se-á uma definição da terceira idade e uma possível proposta à seguinte questão: “Em que fase da vida se diz que uma pessoa já vive a terceira idade?” Por meio de estatísticas verificar-se-á a quantidade da população nesta fase, bem como estabelecer-se-á uma projeção para os próximos anos. Serão visualizados alguns dos efeitos que uma expansão demográfica desta natureza trará para o mundo.

Origem da Fórmula Terceira Idade

Chamar de terceira idade a fase após a vida adulta foi uma idéia maravilhosa. Chamar o indivíduo de idoso, ancião, ou que está na velhice, é praticamente sinônimo de que a pessoa está na antevéspera da morte, ou é sinônimo de muitos pesares.¹ Psicologicamente, a fórmula “terceira idade” suaviza esta situação, promovendo uma perspectiva melhor para os que ainda não chegaram lá, ou que já pertencem a esta fase.

“O termo [sic] terceira idade foi proposto para esse estágio de vida pelo francês Huet, na revista *Informations Sociales* (1962), que dedicava o número aos aposentados, e logo

¹ Francisco Canova, *O Outono da vida: riscos e valores da terceira idade* (São Paulo: Paulinas, 1995),7.

ganhou aceitação geral e adeptos, na medida em que se refere às pessoas idosas sem menosprezá-las”.²

O que é Terceira Idade

Terceira idade é uma fase na qual se encontra “toda pessoa que esteja numa alta faixa etária em que se evidenciam mudanças naturais e específicas de ordem física e psíquica”.³ Ainda não existe um consenso para determinar a faixa etária que compõe a terceira idade; consideraremos então que terceira idade estará situada acima dos 60 anos de idade. “O período da velhice é o último período da fase de vida humana”⁴.

Esta é uma visão que atualmente não reflete a opinião dos autores modernos na maior parte do mundo; hoje o pensamento é de que esta seja uma das melhores fases da vida humana, quando bem aproveitada, e este tema será melhor abordado no terceiro capítulo.

Crescimento da População na Terceira Idade

“Pelo fato de a expectativa de vida ter aumentado de maneira significativa e devido ao declínio das taxas de natalidade em vários países, a percentagem da população total com mais de 65 anos aumentou e continuará a crescer de maneira dramática”.⁵

Em 1900 o Brasil tinha 3,3% da sua população de idosos; estima-se que no ano de 2020 passará a ter 15,1%, ou seja, em 120 anos a população pertencente ao grupo de terceira idade crescerá cerca de 460%, como demonstra a tabela a seguir:

² Rita de Cássia da Silva Oliveira, *Terceira Idade: do repensar dos limites aos sonhos possíveis* (São Paulo: Paulinas, 1999), 23.

³ Marcelo A. Salgado, *Um trabalho com grupo de aposentados* (São Paulo: Serviço Social do Comércio SESC, 1973), 5.

⁴ Helen Bee, *O Ciclo Vital* (Porto Alegre: Artes Médicas, 1997), 516.

⁵ *Ibidem*.

Evolução da população, taxa de crescimento anual e a Distribuição etária no Brasil - 1900-2025 ⁶					
Anos	Pop. (em 1000 hab.)	Taxa de crescimento anual (%)	Distribuição Etária (%)		
			0 - 14 anos	15 a 59 anos	60 anos e mais
1900	18200		44,4	52,3	3,3
1920	27500	2,1	42,8	53,2	4,0
1940	41236	2,0	42,5	53,4	4,1
1950	51944	2,4	41,9	53,9	4,2
1960	70119	3,0	42,7	52,6	4,7
1970	93139	2,9	42,1	52,8	5,1
1980	119099	2,5	38,2	55,7	6,1
1990	(*)147291	2,1	33,8	59,1	7,1
2000	(*)172403	1,6	29,5	62,2	8,3
2010	(*)195469	1,3	26,3	63,7	10,1
2020	(*)225253	1,0	22,9	62,0	15,1

(*) População Estimada⁷

Comparando a população idosa do Brasil com a população idosa mundial descobrimos o seguinte: “Em 1950, eram 2,2 milhões de velhos e o Brasil ocupava o 16º lugar; em 1980, 7,4 milhões de velhos e estava em 10º lugar; em 2025 serão 34 milhões de velhos e o Brasil, segundo a projeção do IBGE, ocupará o sexto lugar dentre os países mais envelhecidos do mundo”⁸.

Esta crescente mudança na quantidade de idosos reflete o alto nível de natalidade que ocorreu após a Segunda Guerra Mundial. Entende-se que por volta de 2040, quando a maioria

⁶ Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), citado em Oliveira, 130.

⁷ No original aparece (1) em lugar de *. Esta alteração foi efetuada para não confundir com o número das notas de rodapé.

⁸ Oliveira, 130.

destas pessoas já terá falecido, ocorrerá uma drástica queda na taxa de expansão da população de idosos, em relação a outras faixas etárias.⁹

O constante crescimento populacional da terceira idade trará uma variedade de efeitos, alguns óbvios, outros sutis, sobre a cultura de todos os países afetados:

Planos de pensão, o que inclui o seguro social nos Estados Unidos, serão bastante exigidos; os custos com cuidados de saúde elevar-se-ão de forma dramática; hospitais, casas para idosos e outros sistemas de cuidados da saúde ficarão muito pressionados. Sem dúvida que veremos mudanças no estilo ou forma de anúncios na televisão e em outros lugares, à medida que a propaganda irá visar ao idoso, além de presenciarmos uma mudança na força política. Nas famílias, núcleos familiares cada vez menores e idosos vivendo por mais tempo podem significar um percentual cada vez maior de adultos na meia-idade precisando assumir o papel de provedores de cuidados de idosos fragilizados. Todos os segmentos da sociedade terão que se ajustar, de alguma forma, a essa notável mudança na distribuição etária da população.¹⁰

No Brasil, esta preocupação começou a ser notada a partir da promulgação da Constituição de 1988. O tema começou a ser tratado como um problema social relevante.¹¹ Isto pode tornar-se uma constante preocupação para os administradores públicos, uma vez que o fenômeno do envelhecimento é um ganho coletivo.

Porém da maneira que vem ocorrendo, pode gerar um sério problema social, pelos custos da aposentadoria e da cobertura médico-assistencial na velhice, sendo importante considerar esses parâmetros não só nas políticas públicas destinadas aos idosos, mas também no preparo da família e da sociedade para diminuir e assumir as conseqüências da velhice e ainda estimular na população brasileira maior sensibilidade para com a terceira idade.¹²

O Medo de Envelhecer

Diversas razões podem favorecer o receio de se chegar à terceira idade. “Ao se tornarem idosos, muitos adotam semblantes mesquinhos, quase maus. É que o medo passou a habitar permanentemente neles: medo de fazer falta, de ser abandonado, de sofrer além das

⁹ Bee, 516.

¹⁰ Bee, 516.

¹¹ Lili Elisabeth Diehl Pokorny, *Revista Discente Interinstitucional* (Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006) 1:254.

próprias forças, medo da morte”.¹³ Alguns analisando seu quadro clínico começam a temer a necessidade de dependência: não poder mais deslocar-se sozinho ou cuidar de si mesmo; não poder mais levantar-se sem a ajuda de outros; perder a autonomia; não poder retribuir um favor prestado; sentir-se inútil.¹⁴ Dentre estas razões, uma ou outra pode estar presente na vida do ser humano, porém em muitos casos uma razão se mistura a outra, fortificando-se, tornando o medo de envelhecer cada vez maior. Estes fatores trataremos com mais detalhes no capítulo seguinte.

Conclusão Parcial

Após breve análise da terceira idade, podemos concluir que este grupo de pessoas representa um importante segmento da sociedade, que está em expansão. Conclui-se também que esforços precisam ser promovidos para o futuro poder receber bem os novos membros pertencentes a esta fase da vida.

¹² E.B.N. Silva, N.G. Pereira, Y.R. Garcia *A instituição e o idoso: um estudo das características da instituição e do perfil de seus moradores*, citado por Noely Cibeli dos Santos, *Concepções do aluno de graduação em enfermagem sobre o envelhecimento* (Engenheiro Coelho: Unasp, 2003), 9.

¹³ Jean-Pierre Dubois-Dumée, *Envelhecer sem ficar velho: A Aventura Espiritual* (São Paulo: Paulinas, 1999), 34.

¹⁴ *Ibidem*, 39.

CAPÍTULO II

MUDANÇAS NA TERCEIRA IDADE

Este capítulo tem como objetivo descobrir se existem mudanças no indivíduo que entra para a terceira idade. Se estas mudanças ocorrem, quais são elas e em que aspectos interferem na vida do ser humano? Estas mudanças podem ser divididas em físicas e cognitivas, e sociais.

Mudanças Físicas e Cognitivas

No aspecto biológico, o declínio físico pode ser considerado de duas maneiras: a *senescência* e a *senilidade*.¹⁵

Nadeaum e Peronnet defendem que “na senescência, verifica-se a existência de um lento declínio físico e mental que, na medida do possível, é compensado pelo organismo, intensificando-se com a idade cronológica avançada”.¹⁶ Já a “senilidade constitui o declínio físico associado a desorganização mental, caracterizando-se por perda do funcionamento físico e cognitivo, alterações motoras, irritabilidade e perda de memória”.¹⁷

“Assim como se deve dissociar a idade da soma dos anos, é preciso também dissociá-la da doença. Amíúde uma assimila-se a outra.”¹⁸ Embora tentemos fugir da doença, ela se torna uma realidade em muitas pessoas que chegam à terceira idade. Existem doenças que são passageiras. Chegam de surpresa, fazem o maior alvoroço, mas a seguir vão embora. Estas

¹⁵ Oliveira, 49.

¹⁶ Nadeaum & Peronnet, *Fisiologia aplicada na atividade física* (São Paulo: Manole, 1985), 35. Citado por Oliveira, 49.

¹⁷ Pikunas, J. *Desenvolvimento humano* (São Paulo: Mc Graw Hill, 1979), 52. Citado por Oliveira, 50.

podem ocorrer em todos os períodos da vida; inclusive, é claro, na terceira idade. Um exemplo é uma perna quebrada, uma apendicite ou uma simples gripe. Porém, existem algumas doenças que chegam para ficar, e, se elas não vão embora, a solução é acostumar-se com elas e tentar tirar proveito da situação. É como se alguém indesejável viesse morar em nossa casa e tivéssemos que aprender a conviver com ela. Exemplo desse tipo de enfermidade que ocorre em muitos membros da terceira idade é a hipertensão. Numa consulta médica descobre-se que a pressão arterial mede 17 por 12, e, para continuar a viver, precisa baixá-la. A solução será o uso de medicamento pelo resto dos dias.¹⁹

Algumas modificações no corpo acompanham a chegada da velhice, sendo as principais o “aparecimento de cabelos brancos e rugas, o andar mais lento, a postura encurvada, a redução da capacidade auditiva e visual,”²⁰ o tronco curva-se para frente e para baixo, causando a diminuição da estatura, as articulações tornam-se endurecidas, reduzindo, por conseguinte, a extensão dos movimentos.²¹ Alguns destes fatores trataremos com mais detalhes a seguir.

Mudanças na aparência

Normalmente associa-se velhice à feiúra. O padrão de beleza atual é um corpo jovem e atlético, diferente do corpo na terceira idade, que começa a aparentar rugas, queda de cabelo, manchas na pele, perda da elasticidade da pele e músculos e outros.²² Estas mudanças externas também são percebidas no momento de se fazer um exercício onde as forças não são as mesmas, salvo se o idoso mantém um constante preparo físico. Muitos cientistas estão em

¹⁸ Dubois-Dumée, 30.

¹⁹ Alves, 147.

²⁰ Maria Leticia Fonseca Barreto, *Admirável Mundo Velho: Velhice, fantasia e realidade social* (São Paulo: Editora Ática, 1992), 26.

busca de descobrir uma maneira de trazer longevidade ao ser humano. Estão buscando maneiras de restaurar as células danificadas e rejuvenescê-las... ...embora não exista uma fonte da juventude, a reversão do envelhecimento e o aumento do tempo de vida são agora possibilidades concretas.²³

Mudanças nos sentidos

Barreto apresenta que “a acuidade visual diminui com a idade. A audição diminui, particularmente para as tonalidades altas, após os 60 anos de idade, especialmente em homens. Observa-se uma redução nos sentidos do paladar, olfato e tato.”²⁴

Audição

Um dos órgãos que mais pagam o preço do decorrer dos anos é o ouvido. Com a velhice, todos, alguns mais outros menos, sentem dificuldades para ouvir. A causa primeira está relacionada com um processo arteriosclerótico das pequenas artérias do ouvido interno. Quando as artérias perdem sua elasticidade, tornam-se incapazes de alimentar o ouvido interno com todo o oxigênio necessário, fazendo com que a vitalidade deste pequeno órgão diminua, e junto com ele a audição. Além dos costumeiros causadores de arteriosclerose, que também causam a surdez, está a nicotina, que é um dos fatores tóxicos mais lesivos do ouvido. Outro fator causador é o excesso de barulho excessivo e continuado. Alguém que por anos trabalhou com uma máquina barulhenta tem maior probabilidade de ficar surdo. Muita surdez é de

²¹ Oliveira, 51.

²² Barreto, 26.

²³ Amy Ellis Nutt, “Sempre jovem – Novidades da ciência podem reverter os sinais da idade”. *Seleções Reader's Digest* (Rio de Janeiro: R.R. Donnelley América Latina, 2004), 744:35.

²⁴ Barreto, 26.

natureza inflamatória; um exemplo é uma inflamação crônica ou aguda, causada por um resfriado nas cavidades nasais.²⁵

Visão

Esta dificuldade pode incluir também aqueles “que até os 50 anos enxergaram muito bem sem necessidade de óculos; a partir desta idade, mais ou menos, começam a sentir a necessidade de passar as mãos nos olhos após a leitura de algumas páginas, como se existisse uma névoa quase imperceptível.”²⁶ A razão para esta perda é a presbiopia²⁷, e a solução é o uso de óculos. A falta de tratamento pode causar glaucoma²⁸ que pode até levar à cegueira.²⁹ Para os míopes³⁰ “a incidência da presbiopia pode melhorar sua miopia ao ponto de não ter necessidade do uso de óculos.”³¹

Paladar

Este é um fator que não recebe grande importância de estudos, pois a causa principal não é uma doença, mas um aumento do apetite, talvez para compensar a perda do paladar, que diminui na terceira idade. É um fato comum a gulodice entre os idosos, o que pode estar relacionado também com a compensação de alguns fatores físicos cognitivos e sociais, dos quais a pessoa está privada.³²

²⁵ Canova, 35.

²⁶ Ibidem, 33.

²⁷ Defeito na visão, que ocorre mais freqüentemente na velhice, e impede que se distingam os objetos próximos. Conhecida popularmente como vista cansada (*Enciclopédia Barsa – Índice Enciclopédico* (São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1989), 1:451.

²⁸ Tumor que ataca o globo ocular, transformando-o em massa compacta, azulada. Francisco da Silveira Bueno, *Grande Dicionário da língua portuguesa-lisa* (São Paulo: Editora Lisa S. A., 1985), 271.

²⁹ Incapacidade de ver; privação do sentido da visão. Francisco S. Borba (*Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 2002), 305.

³⁰ Aqueles que vêem bem as coisas que estão perto e não as distantes (Canova, 34).

³¹ Ibidem, 34.

³² Ibidem, 36.

Neurônios

Antigamente acreditava-se que o ser humano perdia diariamente cerca de cem mil neurônios; estudos atuais, no entanto, mostram não haver qualquer perda. Mesmo que isto fosse realidade, perdendo esta quantidade por dia, um indivíduo aos cem anos de idade teria perdido apenas quatro por cento de seus neurônios, uma quantia irrisória.³³

Sono

Quanto à quantidade e qualidade do sono do idoso, alguns autores consideram que existem diferenças, porém podemos aceitar a opinião de Oliveira ao declarar:

“Os idosos dormem tanto tempo quanto os jovens, se bem que despertem mais cedo e o sono profundo seja mais reduzido. Há opiniões divergentes sobre o assunto, considerando que os idosos dormem menos tempo que os jovens, enquanto outras pessoas consideram isso ilusório ou mesmo que os idosos precisam dormir mais que os jovens.”³⁴

Mudanças Sociais

A aposentadoria

Uma mudança muito grande na vida das pessoas ocorre quando o indivíduo termina seu período de trabalho e torna-se um aposentado. Esta transição pode trazer alguma dificuldade de adaptação, pois a pessoa passou normalmente mais de trinta anos na mesma rotina, e agora abruptamente muda. A maioria das pessoas tira proveito e adapta-se facilmente.³⁵

Na década de 70, a idade comum para aposentadoria era de 65 anos nos Estados Unidos e demais países industrializados. Posteriormente a média de idade para aposentadoria

³³ Bee, 521.

³⁴ Oliveira, 55.

decreceu, sendo hoje de 60 anos, inclusive no Brasil. Algumas razões para a aposentadoria são: idade, saúde, programas de pensão e até mesmo vontade própria, no caso de ter bens suficientes para se manter.³⁶

Embora muitos queiram se aposentar, há pessoas que continuam trabalhando até o fim de suas vidas. Vêm no trabalho a motivação para continuar vivendo e sendo felizes.³⁷

A viuvez

Com a passagem dos anos, inevitavelmente pessoas acabam morrendo. Uma sensação de que “serei o próximo” acompanha os idosos ao verem seus amigos e conhecidos despedindo-se gradativamente. Uma mudança inevitável ocorre quando um dos cônjuges acaba falecendo. “A viuvez, a falta do companheiro ou da companheira, a ausência de um parceiro amoroso tornam a solidão do idoso ainda mais profunda.”³⁸ Por anos e anos um fez companhia para o outro, porém em algum momento se separam. Diz-se normalmente que quando um dos cônjuges morre, o outro também morre em seguida. A dor da solidão dificilmente é reparada.

Instituições para idosos

Uma solução para pessoas na terceira idade que acabam no isolamento ou desprezada por familiares é colocá-los em residências ou outras instituições destinadas aos idosos; porém uma sensação de abandono e solidão é muitas vezes palpável. Esta solidão normalmente é justificável pela falta de tempo das pessoas com seus afazeres, trabalho em excesso, férias de

³⁵ Bee, 563.

³⁶ Ibidem, 564-565.

³⁷ Ibidem, 565.

³⁸ Barreto, 31.

verão, etc., deixando seus pais e avôs acompanhados apenas por outras pessoas na mesma situação e/ou funcionários de instituições. É importante não apenas suprir as necessidades biológicas dos idosos, mas também a carência afetiva.³⁹

Convívio social

Após a aposentadoria, o círculo de amigos acaba inevitavelmente sendo mudado. O contato com os colegas de trabalho vai, aos poucos, desaparecendo. Novos amigos precisam ser incluídos. Algumas sugestões de socialização estão em grupos de terceira idade, que se reúnem com frequência para promover atividades a estas pessoas. Dentre as atividades, citam-se viagens, trabalhos voluntários, jogos, recreações, etc.

O desfazer-se dos bens

Esta é a “atitude do idoso ou casal de idosos de dividir os bens em vida com os filhos, como forma de ir dispendo da vida, ainda em vida, disponibilizando em forma de bens seus longos anos de trabalho.”⁴⁰ A sensação é de despedida, e parece que a pessoa está prevendo que a morte chegará logo. Há, todavia, um aspecto positivo nessa atitude: a de prevenir os herdeiros de eventuais dores de cabeça ligadas a inventário, custas judiciais, etc.

Educar os netos

Juntamente com a terceira idade, normalmente os netos também chegam. Em muitas circunstâncias eles precisam ser deixados sob a guarda dos avôs, quando, por exemplo, os pais saem para o trabalho e não têm com quem deixar os filhos. “Assim, os avôs se vêem na tarefa

³⁹ Azpitarte, 51-53.

⁴⁰ Cerveny e Berthoud, 153.

não prevista, educando os netos, ajudando seus filhos no difícil gerenciamento da vida moderna, do trabalho de longa jornada.”⁴¹ O pastor Estrada afirma que quando isto ocorre, os avôs normalmente são convidados para morar junto aos netos e “estes atendem o pedido de ajuda e se instalam no lar dos netos, e cumprem as funções plenas da paternidade.”⁴² Com o passar dos anos, alguns netos são acolhidos em casa para dar continuidade aos seus estudos, uma vez que residem longe de uma universidade específica ou um determinado curso, de acesso difícil, mas próximo à casa dos avôs.⁴³

Sugestões Pastorais

Cabe pontuar que algumas mudanças podem ser efetuadas por pastores e líderes da Igreja Adventista do Sétimo Dia, no sentido de favorecer as pessoas da terceira idade ao freqüentarem a igreja, por exemplo:

Àqueles que possuem deficiência auditiva, providenciar fones de ouvido, em alguns bancos, com volume superior ao da platéia.

Para se evitar que a visão torne-se cansada, usar apresentações e vídeos com letras que em tamanho grande e com bom destaque.

Sempre que existirem escadas, criar uma alternativa como uma rampa com corrimão.

Aos viúvos promover encontros entre os mesmos e pessoas solteiras ou divorciadas, que queiram encontrar um novo companheiro.

⁴¹ Ibidem, 141.

⁴² Antonio Estrada M., *Paternidade Um compromisso com o futuro* (Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária do Centro Universitário Adventista de São Paulo Campus 2, 2003), 263.

⁴³ Cerveny e Berthoud, 141.

Desenvolver programas direcionados para o convívio social entre pessoas da terceira idade, como por exemplo: Atividades físicas, passeios e viagens, atividades recreativas, atividades educativas, cursos, envolvimento missionário, etc.

Conclusão Parcial

Neste capítulo aprendemos muitas situações que acabam mudando a vida do ser humano que chega à terceira idade. Mudanças físicas ocorrem em todo corpo, doenças acabam chegando, mudanças cognitivas e sociais alteram a vida do idoso. Sendo assim, para não ser influenciado por estes fatores, o idoso necessita agarrar-se nos valores que a terceira idade pode oferecer, tema que será abordado no próximo capítulo.

CAPÍTULO III

OS VALORES DA TERCEIRA IDADE

Neste capítulo serão abordados assuntos que mostram o lado bom da terceira idade, seus valores bem como suas vantagens ao chegar este estágio da vida. Uma vez que as pessoas no mundo estão conseguindo a cada dia viver mais anos, estes precisam ser vividos com qualidade; para isto precisamos conhecer os fatores que influenciam e contribuem para se alcançar esta qualidade. “Assim como falamos com mais facilidade e mais articuladamente sobre as nossas pernas quando elas doem do que quando funcionam bem, gastamos mais tempo e energia discutindo os sofrimentos do envelhecer do que suas possíveis alegrias.”⁴⁴

A Hora do Recomeço

Quando alguns imaginam que estão chegando ao fim de sua vida (e em breve chegam a ele por assim pensar), a terceira idade é o momento ideal para um recomeço. Da mesma maneira que a cobra abandona sua casca para poder continuar a viver, as pessoas precisam deixar para trás as tristezas e concentrar-se nas alegrias que poderão desfrutar no futuro próximo. Roland Banhes pronunciou sua conferência inaugural como professor do College de France, quando sua juventude já havia ido embora, dizendo: “Sabia que estava ficando velho,

⁴⁴ Henri J. M. Nouwen e Walter J. Gaffney, *Envelhecer: a plenitude da vida* (São Paulo: Paulinas, 2000), 62.

mas saudava a velhice como tempo de recomeço, o início de uma *vita nuova*.”⁴⁵ Pessoas que durante a vida adulta não conseguiram alcançar seus alvos e objetivos, têm na terceira idade uma oportunidade de renovarem as forças e redirecionarem seus horizontes para aquilo que os fará felizes.

Sharon Kaufman, num clássico chamado *The Ageless Self*, usa entrevistas com pessoas bem idosas não para demonstrar mudança, mas para mostrar que a visão de si mesmo é contínua e constante. Nossa identidade ou temas básicos que organizam a vida continuam os mesmos, a despeito das mudanças da terceira idade.⁴⁶

“Há pessoas que só conseguem ver direito depois que a velhice chega”,⁴⁷ pondera Rubem Alves. Mas, em algumas situações quando isto ocorre, já é tarde demais.

Se eu pudesse viver de novo a minha vida, na próxima trataria de cometer mais erros. Relaxaria mais. Seria mais tolo ainda do que tenho sido. Na verdade, bem poucas coisas levaria a sério. Contemplaria mais entardeceres, subiria mais montanhas, nadaria mais rios, começaria a andar descalço no começo da Primavera e continuaria assim até o fim do outono. Porque, se não o sabem, disto é feita a vida, só de momentos. Não percam o agora.⁴⁸

A Disponibilidade de Tempo Livre

Em nosso mundo atual o fator de maior valor é o tempo. Muitas pessoas seriam capazes de pagar altas quantias para que seu dia tivesse mais de vinte e quatro horas. Quanto à disponibilidade de tempo, podemos considerar que

“poucas pessoas gozam de tanto tempo livre como as da terceira idade, especialmente se já são aposentadas. Elas podem se considerar fora da luta (não mais à procura de um lugar para trabalhar, não têm mais preocupações com a carreira, concursos, exames, tampouco amizades influentes para cultivar, etc.); os remos já foram recolhidos da barca; será suficiente segurar com uma mão o leme para que tudo, na vida, corra bastante bem.”⁴⁹

Esta fartura de momentos livres deve, porém, ser utilizada com atividades agradáveis, para que o efeito contrário não aconteça, tornando-se assim um fardo em vez de um prazer.

⁴⁵ Rubem Alves, *As cores do crepúsculo: A estética do envelhecer* (Campinas: Papirus, 2001), 155.

⁴⁶ Janet Belsky, *The Adult Experience* (St. Paul, MN: West Publishing Company, 1997), 232 (Tradução própria).

⁴⁷ Alves, 156.

⁴⁸ Autor desconhecido, citado por Alves.

⁴⁹ Canova, 61.

Uma das formas de ocupar seu tempo livre é colocando em prática seus dons que não puderam ser executados na juventude, devido não só à falta de tempo, mas também às pressões exercidas por diversos fatores. O dom reprimido deve tornar-se *hobby*. Algumas pessoas procuram concluir seus estudos; hoje dispomos de muitas universidades que possuem cursos direcionados exclusivamente para a terceira idade. Há idosos que procuram momentos para praticar jogos, leitura, ouvir músicas, colecionar, viajar, etc.

Existem infinitos modos de dar significado ao próprio dia, contanto que cada pessoa saiba reagir e não fique parada, lamentando o passado. Sair de si mesmos, retomar o contato com os outros, procurar realizar, nos limites do possível, aqueles sonhos juvenis que não foram realizados, cultivar o próprio espírito, reforçar o próprio corpo: eis o que a pessoa da terceira idade pode fazer para transformar o risco do muito tempo livre à sua disposição, numa preciosa e irrepetível oportunidade.⁵⁰

Tempo para tudo

O sábio Salomão descreve que tudo tem seu tempo específico (Eclesiastes 3:1-8); assim, ao chegar à terceira idade, a pessoa precisa encontrar os valores e as virtudes apropriadas para esta fase da vida e poder desfrutar deste momento.

Tempo para oração

Um grande problema do ser humano é estar sempre atrasado, nunca tem tempo sobrando, e o conversar com Deus acaba ficando de lado por falta de tempo. Deus, porém, não quer sobras de tempo para se interagir com Ele. Todavia é inegável que “a oração é a vocação especial das pessoas idosas, porque têm tempo. Precisamos de anciãos que oram porque a velhice é dada para isso.”⁵¹ Todas as pessoas recebem dons vindo de Deus (I Coríntios 7:7), mas no tempo da velhice muitos dons se tornam difíceis de serem exercitados

⁵⁰ Canova, 63.

⁵¹ Dubois-Dumée, 50.

devido à situação em que a pessoa se encontra; porém o dom da oração pode ser praticado, mesmo que a pessoa não o tenha utilizado em sua vida, nesta fase poderá desenvolvê-lo e isto servirá para seu benefício e o de outras pessoas. Outro benefício da oração é encontrar em Deus um amigo, pois “a oração é o abrir do coração a Deus como a um amigo”⁵², e de bons amigos todo o ser humano necessita.

Tempo para trabalhar a vida espiritual

Existem pessoas que querem “aproveitar sua vitalidade” com tudo o que o mundo lhe oferece, ou seja, aproveitam todos os prazeres carnis que estão à disposição. Dizem assim: “Quando eu envelhecer eu procurarei as coisas de Deus”. Assim sendo gastam todas suas energias deixando vitalidade apenas em seu espírito, contrariando ao sábio Salomão que declara: “Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade” (Eclesiastes 12:1). Porém, se a pessoa não desenvolve sua espiritualidade em seus dias de juventude, ainda há tempo para fazê-lo na terceira idade. “Como o sol, ao declinar, acentua as sombras e dá destaque às coisas, assim também o declínio das forças físicas dá destaque às do espírito”⁵³; este, então, é o momento para direcionar as energias em corrigir os maus hábitos e ter atitudes que preparem para o futuro, pois como afirma Canova, relacionado a atitudes espirituais, “quando o corpo se frustra, a alma se ajusta”⁵⁴.

⁵² Ellen G. White, *Caminho a Cristo* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 93.

⁵³ Canova, 52.

⁵⁴ *Ibidem*.

Tempo para valorizar a saúde e defendê-la

Este é um dos sinais que normalmente aparece somente na velhice, ou quando a pessoa perde sua saúde, pois o “valor de um bem não aparece nunca com tanta clareza como quando corremos o risco de perdê-lo ou em parte já o perdemos.”⁵⁵ A perda de um sentido ou a diminuição de suas funções força os outros sentidos a desenvolverem uma capacidade maior em suas propriedades, ficando assim mais eficaz. “A juventude, praticamente, pertence mais a saúde do que à idade. E a pessoa não passa a ser velha, mas a saúde se estraga.”⁵⁶ Da mesma maneira o ser humano ao chegar à terceira idade começa valorizar sua saúde, procurando não perder aquilo que ainda tem, bem como tentar recuperar o que já tenha perdido.

A Experiência

Muitas pessoas que estão na velhice exclamam que gostariam de ter a experiência que agora possuem, com o corpo e a saúde de quando tinham seus vinte anos de idade; porém,

continua sendo um privilégio e uma oportunidade irrepetível da terceira idade o poder dispor da experiência quando ela ainda pode ser desfrutada. Na terceira idade é ainda possível, quando o balanço da vida é pouco satisfatório ou até falho, realizar aquela mudança de rota que, enquanto predispõe para um futuro melhor, serve também para resgatar o passado de quanto insignificante, contraditório ou errado pudesse ter.⁵⁷

Além de útil para quem a possui, a experiência também precisa ser compartilhada com aqueles com quem a pessoa na terceira idade convive. O ditado popular que diz que “conselho se fosse bom ninguém daria, mas sim venderia”, não está correto quando se refere a informações recebidas de pessoas experientes que pretendem ajudar ao semelhante com o conhecimento que possuem. Alguns jovens e adultos, sob influência do preconceito e da

⁵⁵ Ibidem, 54.

⁵⁶ Alberto Y. Choueiri, *A chave da juventude – como combater a velhice prematura pelas técnicas naturais* (São Paulo: Ícone Editora, 1987), 7.

⁵⁷ Canova, 58.

empáfia, preferem fazer tudo por conta própria, sem sequer consultar um pessoa com mais experiência, desta forma “os idosos não podem mais ser os mestres dos jovens pondo-os em contato com o seu próprio envelhecimento e ajudando-os a descobrir o precioso centro sensitivo de sua criatividade.”⁵⁸ Em se tratando de tecnologia muitas pessoas que estão na terceira idade não teriam muito para compartilhar, pois as mudanças atualmente são contínuas, mas no que se refere ao conhecimento da vida, então os conselhos são preciosos, pois “o homem, em sua profundidade, lá onde se agitam suas paixões e suas aspirações, os desejos e os medos, não mudou muito. E, quanto a isto, as pessoas da terceira idade, em razão de sua longevidade, são os maiores peritos,”⁵⁹ e “embora gastos, incapazes de levar os encargos mais pesados que os mais jovens podem e devem levar, seus conselhos são do mais alto valor”.⁶⁰

Apesar de a sabedoria ser muito valiosa, ela não deve ser imposta pelas pessoas da terceira idade àqueles que os rodeiam, pois normalmente quando desta forma procedem não são ouvidos e nem atendidos; uma maneira muito importante de transmitir seus ensinamentos é através do exemplo.

A Aprendizagem

Embora alguns pensem que não precisam aprender mais nada quando chegam à terceira idade, ou que não conseguem aprender porque suas mentes estão debilitadas, são as pessoas que possuem pensamentos equivocados que precisam ser corrigidos, pois “a aprendizagem na terceira idade é viável e necessária até como estímulo para as faculdades mentais, mas deve ser respeitado o ritmo próprio de cada um e deve-se aliar sempre as

⁵⁸ Nouwen e Gaffney, 58.

⁵⁹ Canova, 60.

⁶⁰ Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), 573.

atividades a tarefas significativas.”⁶¹ Quando este ambiente é possibilitado às pessoas que estão na terceira idade, elas experimentam a sensação de competência e êxito, sentem-se valorizadas e sua auto-estima continua a subir, ou volta a elevar-se quando em um período de situações negativas da vida. “O envelhecimento não acarreta declínio de todas as faculdades intelectuais, inclusive mantendo algumas bem desenvolvidas, entre elas, o julgamento prático, a aptidão para resolver situações complicadas e a própria verbalização”.⁶²

Esta aprendizagem é a mesma de quando a pessoa está na fase da juventude; a diferença é o tempo que leva para aprender. Se este tempo for respeitado, o idoso poderá aprender, e recuperar o tempo que havia perdido, ou não encontrado na juventude ou na fase adulta. Outro aspecto relevante é o nível da motivação da ação; este deve ser equilibrado, pois em excesso pode causar ansiedade, e se reduzido, não será suficiente para executar a ação desejada⁶³. “Os maiores êxitos na aprendizagem têm sido verificados em idosos de maior nível intelectual. Os indivíduos que durante a vida adulta tiveram melhores condições física, intelectual e social, estarão mais preparados para a velhice.”⁶⁴

Algo que está se tornando comum nas principais universidades é ter um espaço especial para a terceira idade; são chamadas as faculdades de terceira idade. Pessoas que não puderam conseguir sua graduação em outra oportunidade, nesta fase da vida conseguem lograr seu título.

⁶¹ Oliveira, 100.

⁶² Ibidem, 101.

⁶³ Ibidem.

⁶⁴ Ibidem, 103.

A solidude como oportunidade

Se existe uma fase da vida na qual podemos encontrar pessoas solitárias esta é a terceira idade. Alguns por viuvez, outros por divórcio, muitos por abandono dos filhos, dos amigos, do emprego. Desta forma, a solidão é normalmente um motivo para tristeza e pesar.

Às vezes, porém, com uma simples mudança do ângulo de visão - pressuposto e, ao mesmo tempo, conseqüência de uma mudança interna – é possível tornar a solidão mais suportável e, não raro, obter uma tal consciência dela, a ponto de transformá-la num motivo de íntima satisfação.⁶⁵

Algumas pessoas procuram ficar solitárias para resolver algum problema ou preparar-se para enfrentar um grande desafio, como foi o caso de Cristo antes de começar seu ministério⁶⁶, ou até mesmo antes de sua paixão⁶⁷. “Quando a solidão se torna em meditação, de pesado fardo ela faz-se poderosa asa que abre, a todo o ser, infinitos horizontes”.⁶⁸ Existe, porém, uma grande diferença entre ficar sozinho por sua vontade ou imposta por circunstâncias, que normalmente o segundo é o caso da terceira idade, e, então, este é o momento para aprender a transformá-la em uma virtude.

A Oblação

A oblação⁶⁹ não é uma característica somente encontrada na terceira idade. A juventude também pode ser oblativa e disponível, porém, é na terceira idade que estas prerrogativas aparecem mais determinantes. “Sem oblação, a terceira idade tornar-se-ia imediatamente velhice, isto é, ruminação, autocomiseração e estéril lamentação, sentimento de

⁶⁵ Canova 64.

⁶⁶ Jejum de quarenta dias no deserto (Mateus 4:1,2).

⁶⁷ Pediu para seus discípulos orarem e retirou-se para orar a Deus, conforme Bíblia, N.T. Mateus 26:36-44.

⁶⁸ Canova, 65.

⁶⁹ Nome dado à doação voluntária com fins caritativos praticada nos primórdios do cristianismo. *Nova Enciclopaedia Barsa – Micropédia* (São Paulo: Editora Melhoramentos, 1998), 2: 197.

vazio e de inutilidade. Eis por que podemos tornar-nos velhos sem ter passado, antes, pela terceira idade”.⁷⁰

Algumas formas de praticar a oblação podem ser de modo muito simples, sem necessitar grandes esforços. Alguns exemplos: Levar o filho de uma vizinha à escola, consertar um vazamento na casa de uma pessoa sem recursos, visitar um amigo mais idoso que esteja em um hospital, auxiliar um neto ou sobrinho que esteja com dificuldades de aprendizado escolar, etc. Enfim pouco esforço e grande resultado pode se obter, sem que haja dispêndio pecuniário, pois o “espírito de serviço não se exercita somente em doar coisas materiais.”⁷¹ Um cumprimento gentil a uma pessoa triste, uma orientação cortês a alguém que precisa de informação, o ato de evitar preconceitos e de ceder mesmo quando se tem razão, bem como ouvir alguém que precisa desabafar, enfim pequenos atos como estes mostram que a pessoa esta entregando um pouco de si para ajudar os outros. Em nosso país algo que está em destaque é o voluntariado. Muitas escolas, hospitais, organizações não governamentais, igrejas, comunidades necessitam do apoio de pessoas com ou sem experiência para tarefas simples e algumas também complexas, onde a terceira idade pode participar e se satisfazer com o senso de realização.

A oblação e o espírito de serviço são, portanto, vivificantes e libertadoras. São indispensáveis para dar valor e significado aos anos da terceira idade e naturalmente não somente a eles... o espírito de serviço representa mais uma convicção e um propósito do que um sentimento: Inteligência e vontade entram, aqui, em ação mais do que a emotividade e a afetividade.⁷²

Jesus Cristo ao passar por esta terra resumiu toda a lei em apenas dois grandes mandamentos (Mateus 22:37-39), amar a Deus e amar ao próximo como a si mesmo. Uma

⁷⁰ Canova, 68.

⁷¹ Ibidem, 68-69.

⁷² Ibidem, 72.

conseqüência natural em obedecer a este segundo mandamento é de que o maior auxiliado é sempre quem pratica o auxílio, ou seja, a própria pessoa que atua.

Poder Ser Criança Novamente

Algo que as pessoas dizem que gostariam de fazer se fosse possível é voltar a ser criança. Nicodemos perguntou a Jesus como um homem velho poderia voltar ao ventre de sua mãe e nascer novamente, mas não necessariamente assim que se pode fazê-lo. “Costuma-se dizer que os velhos sempre voltam a ser crianças. E nisto há uma ponta de verdade. Tanto no começo como no final da vida, são poucas as expectativas imediatas à vista;”⁷³ também se afirma que “à idade da sabedoria segue-se uma segunda infância”⁷⁴ A criança não necessita preocupar-se com tudo ao seu redor; assim, o idoso precisa também aprender a ser como uma criança, não em seu físico, mas em sua atitude mental. O evangelho de Cristo prega que devemos nos tornar como crianças (Mateus 18:3), e na terceira idade este conselho pode ser cumprido. A criança é dependente de outras pessoas para sobreviver, mas não é neste ponto que o idoso precisa ser criança. Uma criança é dócil, é sincera, é atraente, é feliz. Portanto o idoso pode aproveitar da criança, as principais virtudes e, fazer de sua velhice, um lindo “jardim de infância”.

Conclusão Parcial

Neste capítulo pôde-se observar que existem muitos valores a serem explorados na terceira idade. Aquele que se concentra nos pontos negativos e deixa de lado os valores, não

⁷³ Eduardo López Azpitarte, *Idade Inútil? Como se preparar para tirar proveito da velhice* (São Paulo: Paulinas, 1995), 72.

⁷⁴ Romano Guardini, *As idades da vida: o seu significado ético e pedagógico* (São Paulo: Quadrante, 1990), 65.

poderá desfrutar com alegria esta fase da vida. Embora muitas limitações e dificuldades existam, elas podem ser superadas através da substituição por diversos fatores que proporcionarão ao idoso uma qualidade de vida mais saudável e renovadora, proporcionando maior quantidade de anos de vida e um prazer muito maior. Aquele que não se preocupa com a qualidade de vida, e se entrega aos problemas, em pouco tempo estará condicionado a viver seus últimos dias enfermo, só e triste.

CONCLUSÃO

Nas páginas deste trabalho foi apresentado um estudo trazendo um pouco de conhecimento sobre a terceira idade.

No primeiro capítulo foram abordadas as características gerais deste grupo de pessoas que se encontra na fase seguinte à fase adulta. Mostrou-se o início desta fase e algumas estatísticas e projeções para os próximos anos da população idosa e as demais pessoas em todo o mundo. A terceira idade é um grupo de pessoas em constante crescimento e muito representativo na sociedade. Serão necessários planejamento e aplicação de recursos diversos para que no futuro os atuais membros da fase adulta possam desfrutar com dignidade sua futura terceira idade.

O segundo capítulo destacou mudanças que, de uma forma ou outra, acabarão chegando para a maioria das pessoas que entrarão na terceira idade; destacamos situações que acabam mudando a vida do ser humano. Algumas vezes as mudanças físicas e cognitivas são conseqüências de um viver desregrado, podendo ser evitadas durante a vida adulta, mas, na maior parte das situações, são inevitáveis. Quanto às mudanças sociais, são mais simples de se amenizar, pois podem ser substituídas por outras formas de convivência com pessoas e situações.

O terceiro capítulo é um desafio às pessoas da terceira idade, pois algumas acabam vendo apenas a parte negativa de se envelhecer, tornando-se depressivas e sem motivação para viver. É um momento de reorganizar a vida, de procurar concluir ou até mesmo iniciar sonhos frustrados. Uma das grandes vantagens é o tempo disponível, que, quando bem direcionado,

proporciona oportunidade para realização de muitas tarefas que contribuirão para a qualidade de vida do idoso. Uma das ocupações que considere mais importante é dedicar seu tempo a oblação. O prazer de servir aos outros rejuvenescerá sua mente e até sua saúde.

De uma forma geral, podemos perceber, através deste estudo que a terceira idade é uma realidade para o ser humano. Todos os fatores vividos antes de chegar esta fase influenciarão para uma terceira idade saudável ou com conseqüências não esperadas. Estudar um pouco sobre isto influenciará positivamente a como chegar à terceira idade. O pastor que aprender como melhor relacionar-se com este grupo, poderá desfrutar de um ministério mais amplo e completo, atingindo todos os grupos e recebendo auxílio de pessoas com muita experiência para compartilhar. Considerando que a Igreja Adventista do Sétimo Dia, em geral, não possui oficialmente um programa que trabalhe ativamente com a terceira idade, algo poderá e deverá ser elaborado e colocado em prática para suprir as necessidades das pessoas que atingem esta fase.

Como este trabalho delimitou-se a conhecer o grupo da terceira idade, cabe então a sugestão de um trabalho futuro, com o objetivo de se desenvolver um programa para atuar diretamente com o grupo da terceira idade, como programa oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

BIBLIOGRAFIA

- Alves, Rubem. *As cores do crepúsculo: A estética do envelhecer*. Campinas: Papirus, 2001.
- Azpitarte, Eduardo López. *Idade Inútil? Como se preparar para tirar proveito da velhice*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- Bee, Helen. *O Ciclo Vital*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1997.
- Barreto, Maria Lectícia Fonseca. *Admirável Mundo Velho: Velhice, fátasia e realidade social*. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- Belsky, Janet. *The Adult Experience*. St. Paul, MN: West Publishing Company, 1997.
- Bíblia. Português. Bíblia de Referência Thompson – Com versículos em cadeia temática. Versão João Ferreira de Almeida. Deerfield, Flórida: Editora Vida, 1996.
- Borba, Francisco S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- Bueno, Francisco da Silveira. *Grande Dicionário da língua portuguesa-lisa*. São Paulo: Editora Lisa S. A., 1985.
- Canova, Francisco. *O Outono da Vida: Riscos e valores da terceira Idade*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- Cervený, Ceneide Maria de Oliveira e Berthoud, Cristina Mercadante Esper. *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2002.
- Choueiri, Alberto Y. *A chave da juventude – como combater a velhice prematura pelas técnicas naturais*. São Paulo: Ícone Editora, 1987.
- Dubois-Dumée, Jean-Pierre. *Envelhecer sem ficar velho: “A Aventura Espiritual”*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- Enciclopédia Barsa – Índice Enciclopédico*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1989.
- Estrada M., Antonio. *Paternidade: Um compromisso com o futuro*. Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária do Centro Universitário Adventista São Paulo Campus 2, 2003.

- Guardini, Romano. *As idades da vida: o seu significado ético e pedagógico*. São Paulo: Quadrante Sociedade de Publicações Culturais, 1990.
- Nouwen, Henri J. M. e Gaffney, Walter J. *Envelhecer: a plenitude da vida*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- Nova Enciclopaedia Barsa – Micropédia*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1998.
- Nutt, Amy Ellis. *Sempre jovem – Novidades da ciência podem reverter os sinais da idade*. Seleções Reader's Digest. Rio de Janeiro: R.R. Donnelley América Latina, 2004.
- Oliveira, Rita de Cássia da Silva. *Terceira Idade: do repensar dos limites aos sonhos possíveis*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- Pokorny, Lili Elisabeth Diehl. *Revista Discente Interinstitucional*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.
- Porto, Elias Ferreira et al. *Monografias: elaboração e apresentação*. São Paulo: Unasp SP, 2007.
- Salgado, Marcelo A. *Um trabalho com grupo de aposentados*. São Paulo, Serviço Social do Comércio – SESC, 1973.
- Santos, Noely Cibeli. *Concepções do aluno de graduação em enfermagem sobre o Envelhecimento*. Monografia. Engenheiro Coelho: Unasp-EC, 2003.
- White, Ellen G. *A Ciência do Bom Viver*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996.
- _____. *Atos dos Apóstolos*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- _____. *Caminho a Cristo*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997.
- _____. *Conselho para Idosos*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

CALVINISMO E ADVENTISMO: Cinco Divergências Soteriológicas

Sérgio Luiz Ribeiro

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
TCC apresentado em dezembro de 2007
Orientador: Amin. Américo Rodor, Th.D.

Resumo: O objetivo desse estudo é propor um contraste entre as principais idéias soteriológicas do Calvinismo e do Adventismo. O atual Calvinismo, no entanto, resume essas idéias em cinco pontos chamados de " *Os Cinco Pontos do Calvinismo*". Esses pontos estão dispostos em um anagrama inglês intitulado *TULIP*, os quais veremos com detalhes no decorrer da pesquisa. Já o atual Adventismo, não sistematizou oficialmente suas idéias soteriológicas em cinco pontos como fez o Calvinismo, porém, nesse estudo o faremos e a chamaremos de " *Os Cinco Pontos do Adventismo* ".

Palavras-chave: Adventismo, Calvinismo, soteriologia.

Abstract: The major goal of this study is to contrast Calvinist and Seventh-day Adventist ideas on soteriology. Nowadays Calvinism resumes its ideas into five points, called "The Five Points of Calvinism". These points are usually graphically organized into the anagram *TULIP*, that will be detailed explored in this research. Today's Adventism, however, did not organized its soteriological ideas into five points, but, this study will work in this direction, and formulate the "Five Points of Adventism".

Keywords: Adventism, Calvinism, Soteriology.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus Engenheiro Coelho
Faculdade Adventista de Teologia

CALVINISMO E ADVENTISMO:
CINCO DIVERGÊNCIAS SOTERIOLOGICAS

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado em Cumprimento Parcial
dos Requisitos para Obtenção do Título de
Bacharel em Teologia

por

Sérgio Luiz Ribeiro

Novembro de 2007

CALVINISMO E ADVENTISMO:
CINCO DIVERGÊNCIAS SOTERIOLÓGICAS

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado em Cumprimento Parcial
dos Requisitos para Obtenção do Título de
Bacharel em Teologia

por

Sérgio Luiz Ribeiro

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Amin Américo Rodor, Th.D.
Orientador

Avaliação

Wilson Luiz Paroschi Cordeiro, Ph.D.
Leitor

Data da Aprovação

Amin Américo Rodor, Th.D.
Diretor do Curso de Teologia

SUMÁRIO

COMISSÃO DE APROVAÇÃO	ii
INTRODUÇÃO.....	05
Definição do problema	05
Propósito do estudo	05
Metodologia	06
Capítulos	
I. OS CINCO PONTOS DO CALVINISMO	07
Depravação Total	09
Eleição Incondicional	10
Expição Limitada.....	11
Graça Irresistível	13
Perseverança dos Santos	14
Conclusão Parcial	16
II. OS CINCO PONTOS DO ADVENTISMO.....	17
Depravação Total	17
Eleição Condicional.....	19
Expição Ilimitada.....	21
Graça Resistível.....	23
Perseverança Condicional dos Santos	25
Conclusão Parcial	27
III. FRAGILIDADES HERMENÊUTICAS DO TULIP CALVINISTA	28
Depravação Total.....	28
Eleição Incondicional.....	32

Expição Limitada	34
Graça Irresistível	36
Perseverança dos Santos.....	38
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
CONCLUSÃO	41
BIBLIOGRAFIA.....	42

INTRODUÇÃO

Definição do problema

Imagine uma pessoa que aceitou a Cristo na adolescência e durante toda sua vida procurou viver de acordo com a Bíblia e após morrer é condenada a queimar e gemer eternamente no lago de fogo, *não porque ela tenha pecado e não se arrependido*, mas simplesmente porque Deus não a *escolheu* previamente, ou seja, essa pessoa não estava inscrita no grupo dos salvos pré-determinados por Deus, e pasme, não teve mínima chance de estar.

Parece um absurdo isso, mas na verdade é uma idéia aceita por muitas pessoas, principalmente pelos *calvinistas* que pregam a absoluta predestinação divina, doutrina essa que tem sido marcada por incansáveis tensões teológicas ao longo de toda a história do cristianismo. Daí vem as perguntas: Será que essa doutrina tem base bíblica? Perdemos mesmo nosso livre arbítrio nas escolhas espirituais?

Propósito do estudo

O objetivo desse estudo é propor um contraste entre as principais idéias soteriológicas do Calvinismo e do Adventismo. O atual Calvinismo, no entanto, resume essas idéias em cinco pontos chamados de “*Os Cinco Pontos do Calvinismo*”

Esses pontos estão dispostos em um anagrama inglês intitulado *TULIP*, os quais veremos com detalhes no primeiro capítulo. Já o atual Adventismo, não sistematizou oficialmente suas idéias soteriológicas em cinco pontos como fez o Calvinismo, porém, nesse estudo o faremos e a chamaremos de “*Os Cinco Pontos do Adventismo*”.

Metodologia

Analisaremos as idéias de alguns dos principais teólogos e comentários que refletem a doutrina o Calvinismo bem como a do Adventismo. Faremos um contraste dos conceitos de cada ponto soteriológico sugerido pelo *Tulip*.

Pretenderemos mostrar as fragilidades do *Tulip* calvinista, baseando-se principalmente no contexto de alguns versos bíblicos os quais o Calvinismo utiliza para argumentar a seu favor.

Finalmente, ao concluirmos nossa breve análise sobre o tema proposto, faremos um paralelo entre as idéias calvinistas, as adventistas e nossa conclusão final.

CAPÍTULO I

OS CINCO PONTOS DO CALVINISMO

É óbvio que quando falamos em soteriologia o leque se abre e temos inúmeros conceitos e idéias diferentes escritas por diversos autores *e background* variado¹. O nosso estudo como não podia ser diferente é limitado, e se propôs analisar nesse capítulo as idéias soteriológicas de *João Calvino*, que nasceu em Noyon, Picardia, nordeste da França, aos 10 de julho de 1509, sua mãe chamava-se Joana Le Franc e seu pai Geraldo Chauvin².

Quando se fala sobre reforma, Lutero é geralmente mais citado, mas veja o que afirma Justo Gonzalez: "Enquanto Lutero foi o espírito feroso e propulsor do novo movimento, Calvino foi o pensador cuidadoso que forjou, das diversas doutrinas protestantes, um todo coerente".³ A maior "bandeira" que Calvino defendeu sem dúvida foi a doutrina da santificação.

¹ Mc Neill Jonht, *The History and Character of Calvinis*, (Oxford University Press, Inc, 1ªed. U.S.A., 1954). Nessa obra encontramos um pano de fundo interessante sobre as tensões soteriológicas, principalmente das idéias calvinistas.

² Vicente Temudo Lessa, *Calvino 1509-1564- sua vida e obra*, (Casa Ed. Presbiteriana, São Paulo, SP) p.24.

³ Justo L.Gonzalez, *A Era dos Reformadores*, (Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, São Paulo, SP). Nessa obra vemos curiosidades sobre Calvino.

As idéias de Calvino foram divulgadas rapidamente ⁴ e aceitas por muitos, embora ele tenha tido um ingresso de certa forma precoce no cenário teológico, ou seja, aos vinte e cinco anos, quando escreveu sua mais famosa obra, intitulada "Institutas" ⁵. Além dessa obra, como era um homem letrado, Calvino escreveu dentre outras os comentários das epístolas Pastorais de Paulo ⁶.

As tensões teológicas sobre as mesmas opiniões de Calvino são antigas e já no início do século V encontramos uma dessas tensões na controvérsia Pelagiana, no qual vemos de um lado o famoso Agostinho, defendendo ardentemente a doutrina da predestinação e da graça irresistível de Deus, e do outro, Pelágio e Céstio, defendendo a doutrina do livre arbítrio, mas dando a ela uma ênfase enorme e questionável. ⁷

Nesse capítulo vamos conhecer e analisar as idéias básicas calvinistas sobre o tema da salvação, as quais foram sumariadas no famoso "*Tulip*", um anagrama na língua inglesa que apresenta os seus cinco pontos ⁸ sobre salvação que veremos a abaixo:

⁴ Stanford Reid, *Calvino e sua influência no Mundo Ocidental*, (Casa Editora Presbiteriana, S/C, 1989), p. 35.

⁵ João Calvino, *As Institutas ou Tratado das Religiões Cristãs*, (Casa Editora Presbiteriana, S/C, 1985). Ver toda a obra.

⁶ Idem, *Comentários A Las Epistolas Pastorales de San Pablo*, (T.E.L.L 941, Wealthy.Se Grand Rapids, Mich. 49506, U.S.A.). Ver toda a obra.

⁷ Alberto R. Timm, A Presciência Divina-Relativa ou Absoluta. In: *O Ministério Adventista*, Ano 50, n 01, p. 13, Jan/Fev. 1984.

⁸ Jonathan Edwards, *Five Points of Calvinism*, (Abingdon Press, 1ªed. Hiluey Wilton, EUA., 1958). Ver toda a obra.

-
1. *Total Depravity*- Depravação total
 2. *Unconditional Election* – Eleição Incondicional
 3. *Limited Atonement* – Expição Limitada
 4. *Irresistible Grace* – Graça Irresistível
 5. *Perseverance of the Saints* – Perseverança dos Santos
-

Os cinco pontos (*Tulip*), popularmente são atribuídos a Calvino, mas na verdade eles foram elaborados em resposta ao famoso documento "Remonstrance", ou seja, "Protesto". Essa resposta⁹ foi apresentada ao Estado da Holanda pelos alunos do professor Jacob Hermann cujo sobrenome latino era Arminius (1560-1600).

Embora o nosso estudo não trate especificamente sobre o tema principal de Calvino que era a santificação, ele aparece de forma implícita nesse estudo, principalmente no quinto ponto do "*Tulip*" o qual trata sobre a perseverança dos santos. Cada um desses pontos apresentaremos a seguir:

DEPRAVAÇÃO TOTAL

O Calvinismo afirma que o homem após a queda tornou-se *totalmente depravado* e conseqüentemente perdeu a sua capacidade de escolha passando a ser um escravo de Satanás, ou seja, todos os homens já nascem sem capacidade para escolher e aceitar as coisas espirituais, pois estão "cegos" e sob domínio do diabo¹⁰.

Segundo o Calvinismo, o livre do homem foi perdido após a queda, e isso se

⁹ Spencer Duane, *TULIP, Os Cinco Pontos do Calvinismo à Luz das Escrituras*, (Parakletos, 2ª Edição, São Paulo, 2000). Ver toda a obra.

¹⁰ Geórgia Harkness, *John Calvin the Man His Ethics*, (Abingdon Press, New York, Nashville.), p.77.

dá pelo simples fato do homem não ter mais essa capacidade de escolha para as coisas espirituais, dependendo com isso exclusivamente da vontade de Deus, e não dele próprio se vai ser salvo ou não, pois somente as livres decisões de cunho moral é que foram mantidas ao homem após a entrada do pecado no mundo.

Na verdade o homem natural não pode nem apreciar as maravilhas de Deus e se o Pai não o escolher ele morrerá eternamente. Para isso, o Calvinismo usa vários textos bíblicos¹¹ como argumentos para defender suas idéias sobre a Depravação Total.

ELEIÇÃO INCONDICIONAL

O Calvinismo afirma que a eleição é *incondicional* e se baseia na pura e total vontade de Deus e no seu propósito. Desde antes da fundação do mundo Deus já escolheu¹² os salvos. Essa escolha se deu porque Ele sabia que os homens não teriam essa capacidade, justamente por estarem "mortos" espiritualmente por conta do pecado que entrou no mundo através de Lúcifer. Nesse caso, Deus é quem escolhe e não o homem, com isso Deus toma a iniciativa, caso contrário ninguém podia ser

¹¹ Ver: Gn 2:17; Gn 6:5; Gn 8:21 / 1Rs 8:46 / Jo 14:4 / Sl 51:5 / Sl 58:3 / Ec 7:20 Is 64:6 / Jr 4:22; Jr 9:5-6; Jr 13:23; Jr 17:9 / Jo 3:3; Jo 3:19; Jo 3:36; Jo 5:42; Jo 8:43,44 / Rm 3:10-11; Rm 5:12; Rm 7:18, 23; Rm 8:7 / 1Co 2:14 / 2Co 4:4. Esses textos e os demais que serão incluídos nesse primeiro capítulo refletem o pensamento da maioria dos calvinistas, que os utilizam para defenderem suas idéias.

¹² François Wendel, *Calvin*, (William Collins Sons e Co Ltda Glasgow, 1980), p. 264.

salvo, pois se a escolha dependesse do homem seria impossível a salvação, porque como já vimos o homem é espiritualmente morto.

Nessa linha de pensamento o Calvinismo prega que Deus convence o eleito e mais do que isso, cria nele a capacidade de viver conforme Deus quer, ou seja, se torna totalmente obediente aos seus mandamentos, ao contrário disso seria impossível alguém crer e fazer a vontade de Deus e muito menos ser salvo por Cristo. Em suma, Deus elegeu apenas alguns para a salvação reprovando o restante.

A suposta base bíblica para defender essa posição é bastante extensa e deixa o estudioso da bíblia no mínimo intrigado, pois ela é até certa forma convincente. Há inúmeros textos bíblicos¹³ que o Calvinismo usa para argumentar a favor de suas idéias sobre a Eleição Incondicional.

EXPIAÇÃO LIMITADA

O Calvinismo afirma que a expiação de Cristo na Cruz foi *Limitada*¹⁴, ou seja, somente os eleitos e determinados antes da criação do mundo foram beneficiados pela morte de Cristo e Ele não podia morrer por todos os seres humanos porque não faz sentido morrer por alguém que já foi escolhido para a perdição, mas mesmo assim a morte de Cristo na cruz foi eficaz e completa, pois os ímpios não

¹³ Ver: Dt 4:37; Dt 7:7-8 / Pv 16:4 / Mt 11:25; Mt 20:15-16; Mt 22:14 / Mc 4:11-12 Jo 6:37; Jo 6:65; Jo 12:39-40; Jo 15:16 / At 5:31; At 13:48; At 22:14-15 / Rm 2:4; Rm 8:29-30; Rm 9:11-12; Rm 9:22-23; Rm 11:5; Rm 11:8-10 / Ef 1:4-5; Ef 2:9-10 / 1Ts 1:4; 1Ts 5:9 / 2Ts 2:11-12; 2Ts 3:2 / 2Tm 2:10,19/1 Pe 2:8 / 2 Pe 2:12 / Tt 1:1.

¹⁴ Jonathan Edwards, *Five Points of Calvinism*, (Abingdon Press, 1ªed. Hiluey Wilton, E.U.A.), p. 97.

fizeram parte do plano de salvação na cruz, mas fizeram parte do plano que Cristo tinha com os excluídos, ou seja, receberão a "justiça" de Deus, quando forem lançados no lago de fogo e enxofre que arde eternamente.

O Calvinismo afirma que o sangue de Cristo é suficiente em valor para a expiação universal, porém só é eficiente para a salvação de um grupo limitado de pessoas que foram pré-escolhidas por Deus para serem salvas. Cristo foi sacrificado na cruz do Calvário para redimir seu povo e não simplesmente para tentar redimi-los. Na verdade o Calvinismo afirma que Deus abriu a porta da salvação para toda a humanidade, porém somente os eleitos e pré-escolhidos por Deus sentiram a vontade e desejo vindo da parte Dele e efetivamente entrarão. Cristo não morreu por todos, mas por todos os que se salvarão. Essa afirmação pretende se apoiar em alguns textos bíblicos como, por exemplo, em Mt 1:21 que diz que Cristo morreu ... : "por seu povo"; Jo 10:15,26: "por suas ovelhas"; Jo 15:13: "por seus amigos"; Atos 20:28: "pela Igreja"; Ef 5:25: "pela Esposa (Igreja).

O Calvinismo afirma que a expiação que Cristo fez na cruz, no sentido do seu alcance é universal e não se limita a Israel, é extensiva a todos os povos da terra. Quanto à sua eficácia, é ilimitada e suficiente para tirar, de uma vez por todas, o pecado do mundo. e seus efeitos se aplicam apenas aos escolhidos do Senhor. São muitos os textos bíblicos¹⁵ que o Calvinismo usa para argumentar sobre a Expição Limitada.

¹⁵ Ver: I Sm 3:14 / Is 53:11-12 / Mt 1:21; Mt 20:28; Mt 26:28 / Jo 10:14-15 / Jo 11:50-53; Jo 15:13; Jo 17: 6,9,10 / At 20:28 / Rm 5:15 / Ef 5:25 / Ttm 3:5 / Hb 9:28 / Ap 5:9.

GRAÇA IRRESISTÍVEL

O Calvinismo afirma que a graça é *irresistível*¹⁶. Partindo do pressuposto de que Deus escolheu aos salvos antes da fundação do mundo, Ele os regenerou e a partir daí eles "ressuscitaram" espiritualmente e deixaram a escravidão imposta por Satanás, somente após isso o homem tem condições de entender o plano de salvação e não resiste à graça concedida por Deus. Na verdade para o Calvinismo Deus não força os escolhidos a aceitarem a Cristo e confiarem Nele, mas Deus através da regeneração lhes dá a vida, e com isso que o homem não resiste à graça, pois antes ele não resistia ao diabo por estar "morto", mas agora "vivo" pode ser salvo. Nesse caso a regeneração vem antes do arrependimento e da fé do eleito em Cristo, ele tem que primeiro receber a "vida" concedido por Deus que na verdade já o escolheu muito antes do mundo ser criado.

O Calvinismo nesse quarto ponto do *Tulip* afirma que se o homem for pré-escolhido por Deus para a salvação, ele vai uma hora ou outra se render a Cristo independentemente de sua escolha. Nesse caso, quando o homem “nasce de novo” ele efetivamente aceita a Cristo, pois como vimos anteriormente, o homem só não o aceita pelo fato dele estar morto espiritualmente. Perceba que a graça de Jesus ao longo dos séculos foi oferecida aos homens, mas a ênfase quase sempre foi de que o próprio homem é quem escolheria resisti-la ou não, discordando disso o Calvinismo trouxe a tona uma discussão acalorada nos círculos cristãos.

¹⁶ Jonathan Edwards, *Five Points of Calvinism*, (Abingdon Press, 1ªed. Hiluey Wilton, E.U.A.), p.131.

Para argumentar sobre a Graça Irresistível, o Calvinismo usa vários textos bíblicos¹⁷ para defender essa idéia.

PERSEVERANÇA DOS SANTOS

O Calvinismo afirma que a *Perseverança dos Santos é certa*, e Deus vai conservá-los salvos até o fim de seus dias, e isso se dá somente para os santos e eleitos por Ele¹⁸. Os apóstatas nunca nasceram de novo e jamais se converteram por isso eles não tem nenhuma chance de salvação. Nesse caso não depende em nada do eleito não importa sua condição ele não pode fazer nada antes para ser salvo, nem querer "aceitar" a Cristo antes de ser regenerado. Se ele não for escolhido pela soberana vontade de Deus não adianta nada. Já o escolhido uma vez salvo, ele nunca perderá a salvação e jamais negará sua fé em Cristo, pois Deus afirma que a obra que Ele começou irá terminar na vida do eleito, esse é um dos principais argumentos calvinistas.

Nesse quinto e último ponto do *Tulip*, o argumento é que os eleitos irão perseverar até o fim mesmo que ele pratique por muito tempo o mal, a partir da sua regeneração nunca mais perderá sua salvação, pois não depende mais dele mais sim de Deus. O homem pode pecar a sua vida inteira e poucos minutos antes de morrer

¹⁷ Ver: Jr 24:7 / Ez 11:19-20; Ez 36:26-27 / Mt 16:17 / Jo 1:12-13; Jo 5:21; Jo 6:37; Jo 6:44-45 / At 16:14; At 18:27 / 1Co 4:7 / 2Co 5:17 / Gl 1:15 / Rm 8:30 / Ef 1:19-20 / Cl 2:13 / 2Tm 1:9 / 1Pe 2:9; 1Pe 5:10 / Hb 9:15.

¹⁸ Spencer Duane, *TULIP, Os Cinco Pontos do Calvinismo à Luz das Escrituras*, (Parakletos, 2ª Ed.). Ver capítulo sobre a perseverança dos santos.

aceitar a Cristo como seu salvador pessoal, pois nesse exato momento ele “nasceu” e então finalmente pode se render a Cristo, isso se deu pelo motivo que o próprio Deus quis assim e o predestinou para a vida eterna, mesmo sabendo que ele iria viver com Cristo apenas alguns minutos nesse mundo.

O Calvinismo apresenta vários textos bíblicos¹⁹ como argumentos de defesa.

Abaixo veremos um quadro que resume o capítulo:

CINCO PONTOS DO CALVINISMO	
1. DEPRAVAÇÃO TOTAL	O Homem após a queda tornou-se totalmente depravado e perdeu inclusive seu livre arbítrio.
2. ELEIÇÃO INCONDICIONAL	Deus pré-determinou alguns homens para a salvação e outros para a perdição.
3. EXPIAÇÃO LIMITADA	Cristo morreu na cruz do calvário apenas pelos salvos e não pelos que já havia predestinado para a morte eterna.
4. GRAÇA IRRESISTÍVEL	O Homem quando é livre da escravidão do diabo não resiste à graça de Deus e se rende sem ter escolha.
5. PERSEVERANÇA DOS SANTOS	Uma vez salvo, salvo para sempre! O Homem após receber a Cristo nunca mais cairá da graça.

¹⁹ Ver: Is 54:10 / Jr 32:40 / Mt 18:14 / Jo 6:39; Jo 6:51; Jo 10:27-29 / Rm 5:8-10; Rm 8:28-32; Rm 8:34-39; Rm 11:29 / Gl 2:20 / Ef 4:30 / Fp 1:6 / Cl 2:14 / 2Ts 3:3 / 2Tm 2:13,19 / Hb 7:25; Hb 10:14 / 1Pe 1:5 / 1Jo 5:18 / Ap 17:14.

CONCLUSÃO PARCIAL

Nesse capítulo vimos uma breve biografia de Calvino bem como suas principais idéias soteriológicas, as quais foram sumariadas em cinco pontos no seu famoso "*TULIP*". Vimos que Calvino deixa claro em sua teologia que os homens foram predestinados por Deus desde antes da fundação do mundo, tirando dessa forma o poder de escolha do indivíduo, ou seja, o livre arbítrio aqui não existe. Todos os cinco pontos de Calvino giram em torno da idéia de que Deus é soberano e o homem após a queda não tem absoluta condição de decidir pela sua salvação.

Pensamos que esse conceito irá naufragar nas águas da incoerência e da falta de exegese bíblica, mas deixaremos para analisarmos com mais profundidade no nosso terceiro capítulo. A seguir veremos as idéias soteriológicas atuais do Adventismo, as quais originalmente chamaremos de "*Os Cinco Pontos do Adventismo*".

CAPÍTULO II

OS CINCO PONTOS DO ADVENTISMO

As discussões soteriológicas no círculo adventista ao longo de sua história foram acaloradas, principalmente em 1888, mas a ênfase das discussões naquela ocasião foi a salvação pela graça, portanto um tema um pouco diferente da proposta desse estudo. Nesse capítulo veremos a atual compreensão soteriológica Adventista, sobre Livre arbítrio, Eleição, Expição, Graça e Perseverança. Incluiremos os escritos de Ellen White, que é a voz profética dos Adventistas do Sétimo Dia.

Estamos propondo um contraste entre os cinco pontos do Calvinismo, o qual chamaremos de “*Os Cinco Pontos do Adventismo*”. Esse contraste até onde temos conhecimento é original, portanto não tem a intenção de ser muito profundo na sua análise. Vejamos então os cinco pontos a seguir:

DEPRAVAÇÃO TOTAL

O Adventismo também afirma que o homem tornou-se *Totalmente Depravado* em consequência da queda de Adão e Eva, porém, não vai tão longe quanto o Calvinismo, que relaciona essa depravação total com a perda de tudo o que havia de bom no homem, inclusive seu livre arbítrio.

Para o Adventismo, o homem “foi criado no Éden à imagem de Deus com a individualidade, o poder e a liberdade de pensar e agir”²⁰, mas mesmo após a queda jamais deixou de ter o livre arbítrio para escolher entre o bem e o mal, embora o tenha perdido em grande proporção devido às conseqüências do pecado²¹.

Ellen White afirma: “Sua mente era bem equilibrada, e todas as faculdades de seu ser estavam em harmonia entre si. Mas a queda e seus efeitos perverteram estes dons. O pecado mareou e quase obliterou a imagem de Deus no homem.”²². No entanto, o livre arbítrio na compreensão adventista tem certos limites, ao contrário de como Pelágio pensava e defendia com sua célebre frase: “*se eu devo, eu posso.*”²³, colocando dessa forma a soberania de Deus em jogo, o adventismo procura harmonizar as doutrinas do livre arbítrio e da presciência divina dando um notável equilíbrio entre as idéias de Pelágio e de Calvino.

O Adventismo afirma que o homem é chamado por Deus a estabelecer uma direção e mantê-la, não desviando de seu caminho, assim levando-o a salvação, porém, o homem pode exercer sua livre e soberana escolha de aceitar ou não andar

²⁰ *Nisto Cremos: 28 ensinamentos bíblicos dos adventistas do sétimo dia*. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1989), Ver capítulo sobre a natureza do Homem.

²¹ Albert Timm. A Presciência Divina-Relativa ou Absoluta. In: *O Ministério Adventista*, Ano 50, n 01, p. 15, Jan/Fev. 1984.

²² Ellen G. White. *Mente, Caráter e Personalidade*, Volume I, 1ª ed., (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1989), p.92

²³ Williston Walker, *História da Igreja Cristã*. (Rio de Janeiro, JUERP-ASTE, 1890), p. 240.

por esse caminho.²⁴ Na verdade o Espírito Santo não coage o homem a ponto dele se sentir obrigado a aceitá-lo, a permissão de Deus aqui é notável, o homem escolhe seguir o caminho que quiser, é bem verdade que Deus insiste com ele, mas de maneira alguma essa insistência o obriga a decidir pelo bem, portanto, o governo de Deus se baseia no livre arbítrio, e de forma nenhuma Ele força a vontade dos homens nesse caso, o Adventismo prega que embora a vontade de Deus seja que sempre o homem escolha a vida eterna através do sacrifício de Cristo na cruz, a decisão final é exatamente do homem e não Dele.

O Adventismo admite que as escrituras defendam o livre arbítrio, veja o que Ellen White diz: “as Escrituras falam ao homem como tendo ele *poder de escolha* entre o certo e o errado”²⁵. Vários textos bíblicos²⁶ são usados pelo Adventismo para defender a idéia da Depravação Total, mas com o direito de escolha.

ELEIÇÃO CONDICIONAL

O Adventismo afirma que a eleição de Deus é *condicional*, isto é, depende exclusivamente do homem decidir ou não por ela, embora creia na total soberania de

²⁴ Derek Kidner, *Gênesis – Introdução e Comentário*, (São Paulo, SP: Ed. Vida Nova e Ed. Mundo Cristão, 1981), pgs 57, 58.

²⁵ Ellen G. White, *Mente Caráter e Personalidade*, Volume I, p. 92.

²⁶ Ver: Is 55:7; Mt 25:41-46; Mc 9:47-48; Rm 14:10-12; 2Co 5:10. Esses textos e os demais que serão incluídos nesse segundo capítulo refletem o pensamento da maioria dos adventistas, que os utilizam para defenderem suas idéias.

Deus. Observe o que diz o comentário bíblico adventista sobre Romanos 8:29 :
“Nem Paulo nem nenhum outro escritor da Bíblia sugerem que Deus tenha
predestinado a certas pessoas para que sejam salvas e a outras para que se percam,
sem ter em conta a eleição feita pelas pessoas”²⁷. Na verdade Deus predestinou todos
os homens à salvação, e não apenas alguns, no entanto, nem todos serão salvos
porque isso irá depender da escolha de cada indivíduo se aceitará Cristo como seu
único e verdadeiro Salvador ou não. O Adventismo prega que presciência e a
predestinação divina em hipótese alguma anulam e excluem o livre arbítrio do
homem, pelo contrário, ele escolhe por si só e Deus aceita sua escolha independente
qual for, se para a vida ou morte eterna.

Em Romanos 10:1 vemos Paulo orando pela salvação dos Judeus mesmo
sendo perseguido e reprovado pela maioria deles, mostrando dessa forma uma idéia
de que não há predestinação no sentido que o Calvinismo coloca, ou seja, se Paulo
tivesse considerado essa rejeição como a *predeterminada* vontade de Deus para sua
destruição - como alguns entenderam a doutrina da predestinação-, não teria orado
para que ainda pudessem ser salvos.²⁸

Alguns teólogos como, por exemplo, Russel Champlin afirmam não ser tão
fácil assim discutir esse tema, pois as bases bíblicas de ambas as posições são
bastante convincentes, é claro que a bíblia não se contradiz, porém devemos analisar

²⁷ *Comentário Bíblico Adventista*, Volume 6, (Publicações Interamericanas:
Pacific Press Publishing Association Mountain View, Califórnia, EE. UU. de N.A.,
1988), p. 571.

²⁸ *Ibid*, p. 11.

os pressupostos das interpretações e analisá-las, por exemplo, veja o que ele diz sobre o tema: “porém as questões relativas à predestinação e a eleição não podem ser explicadas por raciocínio humano.”²⁹ O raciocínio divino que é a palavra de Deus o explica, e isso é defendido pelo adventismo.

Na verdade a doutrina da predestinação divina que afirma que Deus escolheu uns para o bem e para a salvação e outros para o mal e a perdição, parece que nasceu pela difícil conciliação entre a Justiça de Deus e sua Misericórdia, nesse caso, Deus seria extremamente justo com aquele que não iria o aceitar, castigando-o com a morte eterna e em contrapartida misericordioso com quem ele sabia que iria o aceitar dando-lhe assim a salvação. “Deus não é metade misericórdia e metade justiça, mas inteiramente misericórdia e inteiramente justiça”.³⁰

O Adventismo se apóia em alguns textos bíblicos³¹ para defender seus argumentos.

EXPIAÇÃO ILIMITADA

O Adventismo afirma que a expiação de Cristo na Cruz foi *ilimitada*, ou seja, todos os seres humanos foram beneficiados pela morte de Cristo na cruz do calvário. Veja o que diz Ellen White: “O Senhor Jesus veio ao nosso mundo para

²⁹ R. N. Champlin, *O Novo Testamento Interpretado: Versículo por Versículo*. Volume 3, (São Paulo, SP: Hagnos, 2002), p. 724.

³⁰ Hans K. Larondelle, *Doctrina de la Salvación*, (Eng. Coelho, SP: Seminário Latino Americano de Teologia, 1982), Ver capítulo 3.

³¹ Ver: Dt 30:19; Jo 5:40; 8:24; Ef 1:5-6, 12; 2:10; Tg 1:14; 1Pe 1:2.

salvar homens e mulheres de todas as nacionalidades. Ele morreu tanto pelas pessoas brancas como pelas pessoas negras. Jesus veio lançar luz sobre todo o mundo.”³² A salvação nesse caso está disponível a todos que quiserem e não apenas a um grupo de pessoas limitadas e pré-escolhidas por Deus.

Veja o que diz a quarta doutrina fundamental dos adventistas: “Cristo... sofreu e morreu voluntariamente na cruz por nossos pecados e em nosso lugar”.³³ Porém, a expiação de Cristo não assegura a salvação de ninguém, o pecador precisa aceitá-la. Na cruz de Cristo, o Salvador fez expiação pela raça caída. I Pd 3:9 afirma que o convite de Deus é para todos se arrependerem, portanto, seria uma enorme contradição se nem todos tivessem essa chance³⁴, como afirma o Calvinismo.

O Adventismo crê que embora Cristo tenha morrido por todos, é um erro grave pensar de que todos se salvarão. A limitação de pessoas quanto à expiação de Cristo na cruz não faz sentido, mesmo porque a Bíblia ensina de que a todos os que lhe recebem e acreditam em Cristo, já tem o direito de serem chamados filhos de Deus.

Portanto, todos os homens sem nenhuma exceção, inclusive os piores homens que existiram no mundo, foram alvo de Cristo na cruz. Ele morreu por todos

³² Ellen White, *Mensagens Escolhidas*, Volume 2, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1989), p.487.

³³ *Nisto Cremos: 28 ensinamentos bíblicos dos adventistas do sétimo dia*. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1989), Ver capítulo sobre o Deus Filho.

³⁴ Pedro Apolinário, *Análise de textos Bíblicos de Difícil Interpretação*, Volume I (São Paulo, SP, IAE, 1980), p.19.

e os deu a oportunidade de salvação, predestinando dessa forma a vida eterna à humanidade, embora ela própria decida se aceita ou não essa dádiva.

Vejamos o que diz o comentário bíblico adventista sobre esse assunto:

“Enfaticamente, João declara que o fator decisivo radica nos homens mesmos. A todos os que lhe recebem e acreditam em ele se lhes dá o direito de serem filhos.”³⁵

(João 1:12)

Nesse terceiro ponto, o Adventismo deixa claro que Cristo morreu por toda a humanidade, sem limitações, sem exceções, e por causa de sua morte nos promete maravilhas, porque aquele que aceitar livremente a Ele ganhará o céu. Para o Adventismo, não há nenhuma dúvida sequer quanto a esse ponto, e com certeza afirma que a expiação de Cristo na cruz foi para todos.

Alguns textos bíblicos³⁶, segundo a compreensão adventista, dão base para a idéia Expição Ilimitada.

GRAÇA RESISTÍVEL

O Adventismo afirma que a graça é *resistível*. Para o Adventismo, o homem pode resistir ou aceitar o convite de Deus para a salvação de Cristo usando o benefício do livre arbítrio. Ellen White diz: “O homem pode frustrar a vontade de

³⁵ *Comentário Bíblico Adventista*, Volume 5, (Publicações Interamericanas: Pacific Press Publishing Association Mountain View, Califórnia, EE. UU. de N.A., 1988), p. 900.

³⁶ Ver: Jo 3:16; 12:32; 17:21; 1Jo 2:2; 1Co 15:22; 1Tm 2:3-4; Hb 2:9; 2Pe 3:9; 1Jo :2.

Deus para sua salvação se depois que o Espírito Santo trouxe convicção aos seus corações, resistirem”.³⁷ Deus chama todos os homens para o arrependimento através de insistentes apelos feitos pelo Espírito Santo, porém nem todos os homens aceitam esse chamado. Em apocalipse 3:20 diz: “Eis que estou à porta e bato, *se* porém alguém ouvir...” perceba que ele é condicional, ou seja, “*se*” alguém abrir a porta do coração..., no entanto, o ser humano escolhe resistir ou não o toque e chamado de Deus e conseqüentemente a graça de Cristo.

É clara a idéia adventista sobre esse quarto ponto, e seu argumento baseia-se novamente no livre arbítrio do homem, ou seja, a escolha aqui está de novo em questão. O homem, no entanto pode resistir à graça de Deus, embora ela venha de forma convincente e forte na vida do pecador, em última análise a decisão final é do próprio homem, nesse caso ele tem parte na salvação. Veja o que diz Ellen White “colaborando a vontade do homem com a de Deus, ela se torna onipotente”³⁸ perceba que o homem tem mesmo parte no processo de salvação, contrário do que diz o Calvinismo.

Aparentemente as idéias entre os cinco pontos parecem se repetir, mas na verdade um argumento depende do outro por se tratarem de um assunto muito próximo que partem da total soberania de Deus. Para o Adventismo, o homem pode resistir ou aceitar o convite de Deus para a salvação de Cristo usando o benefício do

³⁷ Ellen White, *Eventos finais*, 9ª ed., (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000), p.237.

³⁸ Ibid, *Parábolas de Jesus*, Volume I, 3ª ed., (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1976), p.333.

livre arbítrio. O Adventismo usa alguns textos bíblicos³⁹, que segundo eles, dão apoio a sua idéia sobre a Graça Resistível.

PERSEVERANÇA CONDICIONAL DOS SANTOS

O Adventismo afirma que a *perseverança dos santos é condicional*. Ellen White diz: “Mesmo os que estão buscando sinceramente reformar-se não se acham livres do perigo de cair, precisam ser tratados com grande sabedoria e ternura.”⁴⁰ Note também o que diz a décima crença fundamental dos adventistas do sétimo dia: “Permanecendo nEle, tornamo-nos participantes da natureza divina e temos a certeza de salvação agora e no Juízo.”⁴¹

A queda ou não, depende da permanência do homem na santificação diária, ou seja, ele pode cair se pecar e isso acontece independentemente da ajuda que Deus o dá no processo de sua santificação. Para o Adventismo a famosa frase “uma vez salvo, salvo pra sempre” não tem nenhuma base bíblica, e nesse caso o crente em Cristo tem que perseverar até o fim para alcançar assim sua salvação.

A santificação não dá ao pecador a garantia de salvação, ele tem que estar constantemente, dia-a-dia, buscando- a. A luta contra o pecado continua mesmo após o pecador entregar sua vida a Cristo Jesus.

³⁹ Ver: Lc 18:22,23; 19:41-42; Ef 4:30; 1Ts 5:19.

⁴⁰ Ellen White, *A Ciência do Bom Viver*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), p.178.

⁴¹ *Nisto Cremos: 28 ensinios bíblicos dos adventistas do sétimo dia*. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1989), Ver capítulo sobre a Experiência da Salvação.

Alguns textos bíblicos⁴², segundo o Adventismo dão base para suas idéias.

Abaixo veremos um quadro que resume o capítulo:

CINCO PONTOS DO ADVENTISMO	
1. DEPRAVAÇÃO TOTAL	O Homem após a queda tornou-se totalmente depravado, mas não perdeu seu livre arbítrio.
2. ELEIÇÃO CONDICIONAL	Deus predetestinou todos à salvação, mas depende do homem aceita-lá ou não.
3. EXPIAÇÃO ILIMITADA	Cristo morreu na cruz do calvário por todos e não apenas para um grupo pré-escolhido por Ele.
4. GRAÇA RESISTÍVEL	O Homem pode resistir a graça de Deus em sua vida. Novamente seu livre arbítrio aqui é soberano.
5. PERSEVERANÇA CONDICIONAL DOS SANTOS	O Homem poderá cair da graça de Deus se não buscar a santificação diariamente.

⁴² Ver: Lc 21:36; Gl 5:4; Hb 6:6; 10:26-27; 2Pe 2:20-22.

CONCLUSÃO PARCIAL

Nesse capítulo vimos qual é a atual compreensão soteriológica adventista sobre Livre arbítrio, Eleição, Expição, Graça e Perseverança. Incluímos os escritos de Ellen White o qual é a voz profética dos adventistas do sétimo dia.

Propomos para esse capítulo o título “*Os Cinco Pontos do Adventismo*”. Na verdade esse termo é original e faz alusão a um contraste com os “*Cinco Pontos do Calvinismo*”. Vimos o Adventismo pregando que após a queda de Adão e Eva no Éden, o homem tornou-se totalmente depravado, porém (diferentemente da idéia calvinista), o livre arbítrio não foi tirado do homem, exatamente por não ter nenhuma relação com sua total depravação.

Vimos que os cinco pontos do Adventismo giram em torno da idéia do livre arbítrio dado por Deus desde o Éden. Embora Deus seja soberano, Ele dá a oportunidade para o homem escolher decidir pelo certo ou errado.

No próximo capítulo analisaremos as fragilidades teológicas do *Tulip* calvinista, bem como os pressupostos equivocados de suas idéias.

CAPÍTULO III

FRAGILIDADES HERMENÊUTICAS DO *TULIP* CALVINISTA

Até aqui vimos quais foram as compreensões soteriológicas do Calvinismo e do Adventismo resumidas nos cinco pontos. Nesse terceiro capítulo veremos quais são as principais fragilidades das interpretações bíblicas do *Tulip* calvinista.

DEPRAVAÇÃO TOTAL

No Primeiro ponto do *Tulip* calvinista vimos que o homem após a queda se tornou totalmente depravado perdendo inclusive sua capacidade de escolha, deixando de exercer, portanto seu livre arbítrio que tinha antes de cair. Perceba que o Calvinismo erra grosseiramente quando relaciona a condição de total depravação do homem com o direito do livre arbítrio. Veja que essa relação não tem lógica, pois o livre arbítrio não é algo intrínseco ao homem que foi afetado após a queda, como por exemplo, a sua mente que antes era pura, agora se tornou perversa, note que ele está “fora” do homem, é algo cognitivo que Deus deu a todos como uma opção de escolha entre o bem e o mal.

Portanto, o livre arbítrio não foi totalmente extinto *no homem* após a queda, até porque essa liberdade não estava *nele* e sim estava a sua disposição e continuou

estando após a entrada do pecado no mundo. Todavia, não há nenhuma relação sequer entre o livre arbítrio e a depravação total do homem.

Mesmo assim vejamos dois dos textos bíblicos que aparentemente dão base para a idéia calvinista;

“Eis que *em iniquidade fui formado*, e em pecado me concebeu minha mãe.”
(Sl 51:5).

O contexto bíblico aqui é claro e trata sobre o pedido de perdão dos pecados cometidos e não de uma possível escolha feita pré-determinada e antes mesmo que o salmista nascesse invalidando dessa forma seu livre arbítrio.

Note que aqui Davi reconhece sim a propensão ao mal, mas em nenhum momento o texto fala da predestinação ao mal. Em alguns textos bíblicos⁴³ vemos sobre essa propensão que acompanha todos os homens após a queda. “Ao aludir a sua tendência inata a fazer o mau, Davi não tratava de desculpar-se; simplesmente explicava sua grande necessidade da misericórdia de Deus.”⁴⁴.

Ele pede para Deus livrá-lo do pecado que está sempre diante dele. É uma luta constante contra o mal que o ataca diariamente, mas jamais seria uma luta contra algo já decidido previamente, se assim fosse Davi não estaria entre os escolhidos e não é isso que vemos nas sagradas escrituras. Davi teria que decidir por pecar ou não usando o recurso de seu livre arbítrio dado por Deus. A sua decisão era soberana,

⁴³ Ver: Jó 14:4 e Sl 58:3.

⁴⁴ *Comentário Bíblico Adventista*, Volume 3, (Publicações Interamericanas: Pacific Press Publishing Association Mountain View, Califórnia, EE. UU. de N.A., 1988), p.755.

embora ele tenha reconhecido que necessitava da ajuda divina, em última instância quem tinha o poder de decisão era ele próprio.

Nesse primeiro ponto do *Tulip*, o Calvinismo parte de um pressuposto equivocado, ou seja, ensina que Adão e Eva após pecarem colocaram toda a raça humana em condições de escravidão diabólica sem quaisquer condições de escolher pela salvação e somente através da soberana escolha de Deus é que o homem pode ser salvo ou perdido. Nesse caso não necessitaríamos anunciar o evangelho ao mundo, pois quem já está pré-determinado a salvação de qualquer forma vai aceitar a Cristo e se salvar independente de qualquer esforço evangelístico.

Outro texto bíblico que o Calvinismo afirma ser sua base para esse ponto é:

“Como também *nos elegeru* antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor.” (Ef.1:4)

Novamente aqui o texto bíblico não trata sobre predestinação de alguns para a vida e outros para a morte. Paulo está agradecendo a Deus pela providência divina mesmo antes do mundo ser formado, e essa providência se deu pelo fato de Deus ser onisciente e prever a entrada do pecado no mundo e de antemão elaborar um plano de Salvação por meio de Cristo Jesus.

Portanto, a eleição é condicional, ou seja, depende do pecador escolher ou não a Cristo como seu salvador pessoal, se escolher o bem então passará a fazer parte dos eleitos por Deus e dessa forma buscando a santificação e a vida irrepreensível a qual Deus nos pede. Paulo expressa aqui uma idéia de eleição geral e jamais limitada como defende o Calvinismo. Perceba o que diz o comentário sobre Gén. 1: 3 do Midrash Rabbah: “Deus elegeru a Israel antes da criação”. Paulo expressa aqui uma

idéia similar com relação à igreja ou Israel espiritual. É uma eleição geral, não individual.

Imagine se Deus criasse seres humanos programados não faria nenhum sentido⁴⁵. Dar a condição de livre arbítrio ao homem foi um ato de extremo amor da parte de Deus, pois ele mesmo sabia que sem liberdade de escolha os homens obedeceriam por pura obrigação indo dessa forma totalmente contra a essência da lei de Deus o qual é justamente movida pela obediência por amor.

Pensamos que seria uma arbitrariedade exigir a obrigatoriedade moral sem o direito do livre arbítrio, “nenhum sistema moral é possível a menos que o indivíduo seja considerado responsável pelas suas ações e decisões.”⁴⁶ Devemos ser equilibrados quanto à questão do livre arbítrio e perceber que ele é real, mas não se esquecer de que ele também é relativo em relação à onisciência divina.

O homem de fato é livre, mas essa liberdade tem limites, mesmo porque ela não é uma característica inerente ao ser humano, mas sim um dom vindo da parte de Deus. Essas restrições foram dadas pelo próprio Deus⁴⁷ e isso fica evidente no Éden onde Deus não deu um número ilimitado de opções a Adão e Eva, mas sim deu apenas duas opções, note que nem essas duas foram escolhidas pelos nossos pais, mas

⁴⁵ Wilson Paroschi, A Presciência Divina e o Problema do Pecado – Parte I, In: *Revista Adventista*. p. 44, Julho 1985.

⁴⁶ Russel Champlin, *O Novo Testamento Interpretado*, Volume V, (São Paulo: Milenium Distr. Cultural Ltda., 1982), p. 298.

⁴⁷ Louis Berkof, *Teologia Sistemática*, (Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publ. C., 1969), p. 125.

sim foram diretamente ordenadas por Deus. O homem, entretanto possui sim a total liberdade de escolha dada por Deus, mas é Deus quem as estabelece.

ELEIÇÃO INCONDICIONAL

Nesse segundo ponto do *Tulip* calvinista vemos que a eleição de Deus é incondicional, ou seja, não depende em absolutamente nada do homem decidir pela sua salvação, ele já foi predestinado para a vida ou para a morte eterna.

Na verdade a palavra predestinação não aparece nenhuma vez na Bíblia, mas sim o verbo *predestinar* que em grego é *prooridzo*, esse sim é empregado por quatro vezes e aparece em Romanos 8:29 e 30 e Efésios 1:5 e 11.

Vejamos dois dos principais textos bíblicos que essa idéia calvinista pretende se apoiar.

“Porque aos que antes conheceu, *também os predestinou* para que fossem feitos conformes à imagem de seu Filho, para que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.” (Rom. 8:29)

Esse texto infelizmente tem causado inúmeras discussões e acalorados debates ao longo da história cristã. Perceba que aqui novamente Paulo não está defendendo a idéia de predestinação para a vida eterna de uns e morte eterna de outros, o contexto do verso é claro, ele está dizendo que agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus e aceitaram livremente chamado do Mestre.

É obvio que Deus já nos conhecia antes mesmo de sermos gerados, e esse conhecimento é atribuído à presciência divina, portanto, Ele predestinou a todos para

a vida eterna, embora nem todos a aceitem. Perceba que os atos passados dos homens e todo o futuro ao longo da história humana, apontando quem irá se salvar ou não, de forma alguma aconteceram ou não de acontecer porque foram pré-determinados por Deus, mas ao contrário, Deus viu *imparcialmente* as escolhas feitas por todos os homens e então elegeu uns para a salvação e outros para a perdição. Nesse raciocínio podemos dizer que Deus escolheu a todos os que seriam salvos, não porque Ele os elegeu incondicionalmente, mas porque anteviu quem os escolheria.

Vejamos o segundo texto base do Calvinismo para esse ponto:

“Porque alguns homens entraram encobertamente, os que desde antes tinham sido *destinados* para esta condenação, homens ímpios, que convertem em libertinagem a graça de nosso Deus, e negam a Deus o único soberano, e a nosso Senhor Jesus Cristo”. (Jd.1:4)

Esse texto é aparentemente forte para defender a doutrina calvinista, porém é somente aparência, novamente aqui vemos luz no contexto, ou seja, Pedro faz um alerta a Judas o avisando sobre os falsos mestres que atuam para enganar os salvos por Cristo. Pedro afirma no verso seguinte que esses homens negaram a Deus e a Cristo, nesse caso como pode alguém negar sem ter o livre arbítrio como diz o Calvinismo? Quem nega algo tem outra opção, logo, não está predeterminado a aceitar obrigatoriamente uma delas. Aqui vemos que o pressuposto do Calvinismo está completamente equivocado ao afirmar que esses falsos mestres tinham sido condenados à perdição pela vontade de Deus, absolutamente, eles se perderam e foram predestinados a morte eterna por que Deus anteviu *imparcialmente* através de sua presciência a escolha que eles mesmos fizeram.

Deus quer a salvação de todos, embora nem todos a alcancem, e isso não por culpa ou pré-determinação de Deus, mas sim por nossa própria culpa de não termos escolhido o caminho do bem e usado nosso livre arbítrio, o qual foi amorosamente concedido por Deus, para alcançarmos a tão preciosa e doce salvação.

EXPIAÇÃO LIMITADA

Nesse terceiro ponto do *Tulip* calvinista vemos sobre a Expição de Cristo feita na cruz do Calvário, e essa expiação para o Calvinismo é limitada somente aos santos pré-escolhidos por Deus.

Vejamos dois dos principais textos bíblicos que o Calvinismo aponta como suposta base para defender a idéia da Expição Limitada.

“Eu rogo por eles; *não rogo pelo mundo*, senão pelos que me diste; porque teus são” (Jo 17:9)

Se não analisarmos o contexto desse verso e nos determos apenas ao versículo isolado, cairemos em uma enorme falácia calvinista. Naquele momento Cristo Jesus estava rogando pelos discípulos que o aceitaram e o seu foco não estava no mundo, mas não quer dizer com isso que Cristo morreu na cruz somente pelos discípulos e os que estariam salvos naquele momento, prova disso é de que alguns versos depois, mais exatamente no verso vinte, Cristo muda sua ênfase e nesse segundo momento roga por outras pessoas do “mundo” que haveriam de crer nele e se entregar voluntariamente exercendo assim seu livre arbítrio.

Não teria nenhum sentido lógico Jesus Cristo orar pela salvação de homens que já estariam pré-determinados para a morte eterna com afirma o calvinismo. Cristo no contexto desse verso diz ao Pai que assim como o enviou ao mundo, Ele enviaria os discípulos para pregar as boas novas da salvação aos moradores do mundo.

Contudo, aqui Cristo em um primeiro momento roga a Deus pelos discípulos e não pelo mundo, mas logo após, em um segundo momento, roga a Deus pelo mundo, ou seja, é uma infelicidade enorme atribuir a morte de Cristo na cruz a um número limitado de pessoas. Jesus na verdade morreu por toda a humanidade dando dessa forma a oportunidade de qualquer ser humano por mais pecador que seja alcançar a salvação, desde que este pecador o escolha livremente como seu único e suficiente Salvador.

Vejamos o segundo verso que dá um pseudo-apoio a idéia calvinista sobre a Expição Limitada.

“Assim como o Pai me conhece a mim, também eu conheço o Pai, e dou a minha vida *pelas ovelhas*” (Jo. 10:15)

Se esse verso for interpretado corretamente servirá de bênção para quem assim o fizer, mas infelizmente não é isso que vemos na interpretação calvinista. Eles precisam lembrar que uma das primárias regras da Hermenêutica é levar em consideração o contexto do verso em discussão. Jesus aqui está fazendo uma advertência quanto aos “salteadores de ovelhas” os quais não entram pela porta da frente, ou seja, são estranhos ao rebanho e como não conseguem atraí-las por sua voz, tem de então roubá-las. Jesus aqui afirma que os salvos ouvem a sua voz porque o conhecem, e livremente aceita segui-lo. Ele também os conhece, por esse motivo dá a

vida por eles. A pergunta é: A morte Cristo trouxe salvação apenas para suas ovelhas? Em última instância sim, porque somente quem livremente o aceitá-lo, será então considerada sua ovelha porque ouviu sua voz, e conseqüentemente se salvará, mas note que num primeiro momento Cristo na cruz morreu por *todos* dando chances iguais a cem por cento dos homens.

GRAÇA IRRESISTÍVEL

Nesse quarto ponto do Calvinismo, vemos que a graça de Deus é irresistível quando chega ao homem que foi predeterminado à salvação. Ele não pode resistir essa graça por causa da total soberania e escolha de Deus que o elegeu, ou seja, o homem aqui não tem escolha própria.

Vejamos abaixo dois dos principais textos bíblicos que os calvinistas têm como base para essa idéia:

“*Todo* o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora.” (Jo 6:37)

Aqui o Calvinismo afirma que todo o homem que Deus deu a Cristo virá sem resistir sua graça, mas não é exatamente isso que o texto nos diz. Se lermos o contexto desse verso perceberemos que Cristo diz “*aquele que crê em mim...*”, ou seja, o ato de vir a Cristo depende em parte do homem, e não que Deus predeterminou um grupo de salvos independentemente da escolha desses homens.

Deus através de sua presciência previu *imparcialmente* quem escolheria aceitar a Cristo, portanto, “*Todo o que o Pai me dá virá a mim.*”. Esse “*Todo*” é na

verdade um adjetivo no gênero neutro, e temos que interpretá-lo num sentido mais amplo que pudermos. “Jesus aqui expressou a verdade de que todas as coisas lhe foram dadas por seu Pai: seu poder e autoridade, seu pão diário, seus seguidores”⁴⁸.

Essa vinda dos homens à Cristo se dá pelo fato que os próprios homens aceitaram ao chamado do Mestre e invariavelmente escolheram a salvação pela graça de Cristo. Se a graça fosse realmente irresistível como prega o Calvinismo, como explicar a rejeição da Israel, cuja nação era *eleita* por Deus? Será que sua aceitação não seria inevitável, levando em consideração a predestinação divina? Perceba que essa argumentação calvinista é no mínimo infeliz, pois não faz sentido algum privar o livre arbítrio do homem e obrigá-lo a não resistir à graça de Deus. Deus deu a Jesus aqueles que o escolheram livremente e de maneira nenhuma Cristo os lançará fora.

O outro verso bíblico que o Calvinismo argumenta como base é esse:

“Pois, assim como o Pai ressuscita os mortos, e os vivifica, assim também o Filho vivifica *aqueles que quer.*” (Jo 5:21)

A interpretação calvinista para esse verso é de que quando Cristo chega com sua Graça ao pecador Ele o vivifica porque quer e não porque o pecador queira e tenha alguma participação nesse processo.

Vemos uma enorme incoerência na interpretação calvinista para esse texto.

O contexto do verso trata da reivindicação de Cristo aos Judeus quanto a sua divindade. Cristo estava comparando-se ao próprio Deus e afirmando seu poder de

⁴⁸ *Comentário Bíblico Adventista*, Volume 5, (Publicações Interamericanas: Pacific Press Publishing Association Mountain View, Califórnia, EE. UU. de N.A., 1988), p. 967.

vivificar aqueles que o aceitaram. Se lermos apenas três versos posteriores, veremos Cristo afirmando que “*aquele que crer*” em Deus que o enviou terá a vida eterna, ou seja, a participação humana na salvação é evidente, não podemos em hipótese nenhuma negar isso.

PERSEVERANÇA DOS SANTOS

O Calvinismo nesse quinto e último ponto afirma que o escolhido uma vez salvo, é salvo para sempre! O crente após ser regenerado por Cristo, jamais perderá a sua salvação, pois o próprio Deus o manterá na fé.

Vejamos dois dos principais textos bíblicos que os calvinistas utilizam como argumento para apoiar essa idéia.

“Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que eu der é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo.”

(Jo 6:51)

Nesse texto, segundo os calvinistas, se alguém de fato e direito for escolhido para a salvação, comerá do pão querendo ou não, pois não depende dele e sim da soberana vontade de Deus, nesse caso ele viverá para sempre sem qualquer risco de perder sua salvação, pois Deus o manterá na fé.

Aqui novamente vemos uma errônea interpretação bíblica por parte do Calvinismo. Alguém que experimenta a graça de Cristo e não a mantém viva em seu coração, poderá perder a vida eterna. Prova disso é que seis versos após o texto

acima, vemos que Cristo afirma que o alimento espiritual que garante a salvação é contínuo e não um ato único.

Portanto, se pararmos de se *alimentar* perdermos nossa salvação que Cristo nos deu. A salvação é diária e se porventura cairmos, temos um advogado no céu pronto a nos perdoar e interceder por nós junto ao Pai.

Outro pseudo-argumento calvinista para esse ponto se encontra nesse texto bíblico:

“Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles”. (Hb 7:25)

Para o Calvinismo esse texto afirma que qualquer pessoa que tenha sido predeterminada para a salvação, se chegará a Deus e nunca a perderá, pois Cristo intercederá sempre por ela. Não cremos assim, pois o texto está tratando sobre o sacerdócio completo, ou seja, o *aparátatos*, ("permanente", "invariável" de Cristo),⁴⁹ ao contrário dos sacerdotes do velho testamento que não davam continuidade pelo simples fato natural de suas mortes. É exatamente por esse motivo que Cristo pode salvar e interceder por aqueles que escolheram a ele, sua vida de intercessão é contínua. Entretanto, nesse contexto vemos que Cristo pode e quer salvar a todos, porém só serão salvos efetivamente aqueles que escolherem aceitar ao chamado de Cristo o qual intercede tanto para que o homem aceite.

⁴⁹ *Comentário Bíblico Adventista*, Volume 7, (Publicações Interamericanas: Pacific Press Publishing Association Mountain View, Califórnia, EE. UU. de N.A., 1988), p. 442.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos cinco pontos, o Adventismo concorda com o Calvinismo apenas com o termo do primeiro ponto que é “Depravação Total”, porém discorda de seu conceito.

CINCO PONTOS DO CALVINISMO	CINCO PONTOS DO ADVENTISMO	CONSIDERAÇÕES FINAIS
1.DEPRAVAÇÃO TOTAL O Homem após a queda tornou-se Totalmente Depravado e perdeu inclusive seu livre arbítrio.	1.DEPRAVAÇÃO TOTAL O Homem após a queda tornou-se Totalmente Depravado, mas não perdeu seu livre arbítrio.	Concluimos que a Depravação Total do homem, sem a perda do seu livre arbítrio , tem o apoio bíblico.
2.ELEIÇÃO ICONDICIONAL Deus predestinou somente alguns homens para a salvação e <i>outros</i> para a perdição.	2.ELEIÇÃO CONDICIONAL Deus predestinou todos à salvação, mas depende do homem aceitá-la	Concluimos que a Eleição Condicional tem o apoio bíblico e não a Incondicional.
3.EXPIAÇÃO LIMITADA Cristo morreu apenas pelos salvos e não por aqueles predestinados a morte eterna.	3.EXPIAÇÃO ILIMITADA Cristo morreu por todos e não apenas por um grupo pré-escolhido por Ele.	Concluimos que a Expição Ilimitada tem o apoio bíblico e não a Limitada.
4.GRAÇA IRRESISTÍVEL O homem eleito não pode resistir a graça de Deus.	4.GRAÇA RESISTÍVEL O homem eleito pode resistir a graça de Deus.	Concluimos que a Graça Resistível tem o apoio bíblico e não a Irresistível.
5. PERSEVERANÇA DOS SANTOS O Homem após receber a Cristo nunca cairá da graça.	5. PERSEVERANÇA CONDICIONAL DOS SANTOS O Homem após receber a Cristo poderá cair da graça.	Concluimos que a Perseverança Condicional dos Santos tem o apoio bíblico e não a Incondicional.

CONCLUSÃO

Concluimos então que os “*Cinco Pontos do Calvinismo*” não tem base bíblica. Embora admitindo que o homem em si só não tenha acesso a vida interior de Deus, daí a teologia não é um estudo de “Deus em si mesmo”, mas de “Deus como se tem revelado”,⁵⁰ notamos em nosso limitado conhecimento que a compreensão soteriológica calvinista parte de um pressuposto “Agostiniano” completamente equivocado, de que Deus escolheu alguns para a salvação e outros para a perdição. Daí se desencadeia uma avalanche de ensinamentos errôneos que formam a *plataforma arenosa* da doutrina calvinista. O *Tulip calvinista*, nada mais é do que uma seqüência de conceitos infelizes que tem como base uma idéia terrível e anti-bíblica, que leva o ser humano a crer num Deus tirano, ditador e contrário ao livre arbítrio humano.

Concluimos também que os “*Cinco Pontos do Adventismo*” têm base bíblica. A compreensão soteriológica adventista não bebeu da fonte rota, mas na verdade interpretou os cinco pontos partindo de um pressuposto bíblico e coerente de que Deus através de sua presciência previu passivamente quem escolheria livremente a Cristo como seu salvador, e então os elegeu para a salvação, por outro lado, quem não aceitou o chamado do Mestre, Deus os elegeu para a perdição. Particularmente, entre os dois modelos soteriológicos, apoiamos o *modelo Adventista* por causas óbvias.

⁵⁰ Leon Morris, *I believe in Revelation*, (Londres, Hodder and Stoughton, 1976) p.11.

BIBLIOGRAFIA

- Berkof, Louis. *Teologia Sistemática*. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publ. C., 1969.
- Bíblia de estudo Almeida Corrigida*, 2ª ed., Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- Calvino, João. *A Verdadeira Vida Cristã*. Editora Novo Século Ltda., São Paulo, SP. s/a
- _____. *Comentários A Las Epistolas Pastorales de San Pablo. T.E.L.L 941*, Wealthy.Se Grand Rapids, Mich. 49506, U.S.A. s/a
- _____. *As Institutas ou Tratado das Religiões Cristãs*. Casa Editora Presbiteriana, S/C, 1989.
- Champlin, Russel. *O Novo Testamento Interpretado*. São Paulo: Milenium Distr. Cultural Ltda., Vol. 5, pg. 298, 1982.
- Comentário Bíblico Adventista*, Publicações Interamericanas: Pacific Press Publishing Association Mountain View, Califórnia, EE. UU. de N.A., 1988.
- Duane, Spencer. *TULIP, Os Cinco Pontos do Calvinismo à Luz das Escrituras*, Parakletos, 2ª ed., São Paulo, 2000.
- Edwards, Jonathan. *Five Points of Calvinism*. Abingdon Press, 1ª ed. Hiluey Wilton, E.U.A., 1958.
- _____. *Five Points of Calvinism*. Abingdon Press, 2ª ed. Hiluey Wilton, E.U.A. 1960.
- Gonzalez, Justo L. *A Era dos Reformadores*. Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, São Paulo, SP. s/a
- Harkness, Geórgia. *John Calvin the Man His Ethics*. Abingdon Press, New York, Nashville. s/a
- Jonht, Mc Neill. *The History and Character of Calvinism*. Oxford University Press, Inc, 1ª ed., U.S.A., 1954.
- Kidner, Derek. *Gênesis – Introdução e Comentário*. São Paulo: Ed. Vida Nova e Ed. Mundo Cristão, pgs 57 e 58, 1981.

- Larondelle, Hans K. *Doctrina de la Salvación*, Eng. Coelho, SP: Seminário Latino Americano de Teologia, 1982.
- Lessa, Vicente Temudo. *Calvino 1509-1564, Sua Vida e Obra*, Casa Editora Presbiteriana, São Paulo, SP.
- Nisto cremos: 28 ensinos bíblicos dos adventistas do sétimo dia*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1989.
- Reid, Stanford. *Calvino e sua influência no Mundo Ocidental*. Casa Editora Presbiteriana, S/C, 1989.
- Wendel, François. *Calvin*. William Collins Sons e Co Ltda Glasgow, 1980.
- White, Ellen G. *A Ciência do Bom Viver*, 10ª ed., Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- _____. *Eventos finais*, 9ª ed., Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.
- _____. *Mensagens Escolhidas, vol.2*, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1989.
- _____. *Mente, Caráter e Personalidade, vol. 2*. 1ª ed., Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1989.
- _____. *Parábolas de Jesus, vol.1*, 3ª ed., Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1976.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

OS DESAFIOS DO LÍDER ADMINISTRATIVO EMPREENDEDOR FRENTE À HIERARQUIA DO SISTEMA DA ORGANIZAÇÃO DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

Welsimar Alves Pires

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

TCC apresentado em dezembro de 2007

Orientador: José Miranda Rocha, D. Min

Resumo: Este trabalho aborda a seguinte problemática referente ao líder administrativo dos departamentos de publicações da União Central Brasileira, um dos órgãos da Igreja Adventista do Sétimo Dia: Como pode um líder administrativo, do setor de publicações, ser um empreendedor, respeitando a hierarquia existente no sistema da organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia? Sob este ponto de vista, o objetivo geral dessa investigação é o de "Analisar o método que o departamental de publicações da Igreja Adventista do Sétimo Dia utiliza para usar o seu empreendedorismo respeitando o sistema hierárquico da organização". Este trabalho analisa a questão da liderança desde os primórdios da administração, e desenvolve uma pesquisa de campo com o instrumento da entrevista. A pesquisa deixa bem claro que no departamento de publicações, existem regulamentos, leis que são chamadas de PRAXE, e que são seguidas por todos os departamentais. Todo líder entrevistado respeita a PRAXE, mostrando que são unidos num único foco. Mas acima de tudo pode se concluir que muitos departamentais não possuem muitos conhecimentos técnicos acerca de administração, mas demonstram que possuem um espírito de empreendedorismo em suas ações de trabalho, conseguindo levar com sucesso seu departamento.

Palavras-chave: departamentais, empreendedor, Igreja Adventista do Sétimo Dia, líder administrativo, praxe, publicações.

Abstract: This research deals with the following a problem regarding the administrative leader of the departments of publications of the Brazilian Central Union, one of the organs of the Church Adventist of the Seventh Day: How is it possible for an administrative leader in the field of publications, to be an



entrepreneur, and at same time to respect the existent hierarchy in the system of the organization of the Seventh-day Adventist Church? With this perspective, the major goal of this research is to "Analyze the method that the leader of the department of publications of the Seventh-day Adventist Church uses in his/her entrepreneurship and how it relates with the respect for the hierarchical system of the organization".

This research analyzes the issue of leadership from the origins of the administration, and develops a field research through interviews. The research leaves very clear that in the department of publications, regulations do exist, laws that are called PRAXIS, and that are followed by all of them. Every leader who was interviewed respected the PRAXIS, showing that they were united with a single focus. But, above all, it came to the conclusion that though many leaders did not possess much technical knowledge in the field of administration, they, nevertheless demonstrate a strong spirit of entrepreneurship in their actions, being able, thereby, to lead his/her department to success.

Keyword: Administrative Leader, Entrepreneur, Praxis, Publications, Seventh-day Adventist Church.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus Engenheiro Coelho
Curso de Teologia

**OS DESAFIOS DO LÍDER ADMINISTRATIVO EMPREENDEDOR FRENTE À
HIERARQUIA DO SISTEMA DA ORGANIZAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA**

por

Welsimar Alves Pires

Novembro de 2007

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus Engenheiro Coelho
Curso de Teologia

**OS DESAFIOS DO LÍDER ADMINISTRATIVO EMPREENDEDOR FRENTE À
HIERARQUIA DO SISTEMA DA ORGANIZAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
À Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

por

Welsimar Alves Pires

Novembro de 2007

**OS DESAFIOS DO LÍDER ADMINISTRATIVO EMPREENDEDOR FRENTE À
HIERARQUIA DO SISTEMA DA ORGANIZAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
À Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

por

Welsimar Alves Pires

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
José Miranda Rocha
Professor de Teologia Aplicada

Avaliação

Waggnor Macieira Kettle
Professor de Administração

Data da Aprovação

Amin Américo Rodor
Coordenador do Curso de Teologia

Dedico este trabalho ao Ministério de Publicações da Igreja Adventista do Sétimo Dia o qual tem sido uma benção para mim e minha família.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é resultado da colaboração de diversas pessoas e ministérios da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Por isso agradeço em especial:

- Ao meu querido Deus e Pai, mostrando-me as oportunidades de realizar um trabalho como este.
- À minha querida esposa Adma Littike Pires, por acreditar que posso, e pelo apoio nos momentos que precisei.
- A todos os departamentais do Ministério de Publicações da União Central Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia, tendo colaborado com as pesquisas, ajudando-me a colher dados muito importantes para este trabalho.
- Ao prof. Dr. e Pr. José Miranda Rocha, por sua dedicação em ser meu orientador no curso de Teologia, seu carinho e amizade, este é um homem de Deus que tenho aprendido muito, obrigado meu mestre e pastor.
- Ao prof. Ms. Waggnor Macieira Kettle, sua grande contribuição por este trabalho e pelos tantos momentos de conselho a mim dados, o admiro muito pela sua competência e dedicação aos alunos que sonham. Obrigado por aceitar estar em minha banca.
- Ao prof. Ms. Everson Mückenberger, por ter sido meu orientador no curso de administração, pelo incentivo e orientação precisa deixando sempre que minhas idéias fossem um pouco mais além.
- Aos incentivos do prof. Ms. Antônio João de Brito por este trabalho, e por sua participação na minha banca.
- E aos meus colegas da turma de teologia e administração por termos passado juntos este momentos, vou sentir a falta de vocês.

“O líder se forma e a liderança se conquista.”

(Gómez Emiliano)

RESUMO

Este trabalho traz uma problemática referente ao líder administrativo dos departamentos de publicações da União Central Brasileira, um dos órgãos da Igreja Adventista do Sétimo Dia, chegando-se ao seguinte problema da pesquisa: Como pode um líder administrativo, do setor de publicações, ser um empreendedor, respeitando a hierarquia existente no sistema da organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia? Sob este ponto de vista, é proposto um objetivo geral que é “Analisar o método que o departamental de publicações da Igreja Adventista do Sétimo Dia utiliza para usar o seu empreendedorismo respeitando o sistema hierárquico da organização”. Este trabalho faz uma busca teórica da liderança desde os primórdios da administração ligando com uma pesquisa de campo, onde se atinge cem por cento dos entrevistados. A pesquisa deixa bem claro que no departamento de publicações, existem regulamentos, leis, que são chamados de PRAXE, que é seguida por todos os departamentais. Todo líder entrevistado respeitam a PRAXE, mostrando que são unidos num único foco. Mas acima de tudo pode se concluir que muitos departamentais não possuem muitos conhecimentos técnicos acerca de administração, mas demonstram que possuem um espírito de empreendedorismo em suas ações de trabalho, conseguindo levar com sucesso seu departamento.

ABSTRACT

This work brings a problem regarding the administrative leader of the departments of publications of the Brazilian Central Union, one of the organs of the Church Adventist of the Seventh Day, being arrived to the following problem of the research: How does it can an administrative leader, of the section of publications, an entrepreneur to be, respecting the existent hierarchy in the system of the organization of the Church Adventist of the Seventh Day? Under this point of view, it is proposed a general objective that it is to "Analyze the method that the departmental of publications of the Church Adventist of the Seventh Day uses to use his/her entrepreneurships respecting the hierarchical system of the organization". This work makes a theoretical search of the leadership from the origins of the administration calling with a field research, where the interviewees' a hundred percent is reached. The research leaves very clear that in the department of publications, regulations exist, laws, that are called of CUSTOM, that is followed by all the departmental ones. Every interviewed leader respects the CUSTOM, showing that you/they are united in a single focus. But above all it can be ended that many departmental they don't possess many technical knowledge concerning administration, but they demonstrate that you/they possess an entrepreneurships spirit in their work actions, getting to take with his/her success department.

GLOSSÁRIO DE TERMOS UTILIZADOS

AG	Associação Geral
AP	Associação Paulistana
APaC	Associação Paulista Central
APL	Associação Paulista Leste
APO	Associação Paulista Oeste
APS	Associação Paulista Sul
CASA	Casa Publicadora Brasileira
IASD	Igreja Adventista do Sétimo Dia
MPV	Missão Paulista do Vale
SELS	Serviço Educacional Lar e Saúde
UCB	União Central Brasileira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
Definição do Problema	02
Objetivos	04
Objetivo Geral	04
Objetivos Específicos	04
Justificativa	05
Metodologia	06
Delimitações do Estudo	07
Sumário dos Capítulos	08
CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA TEOLÓGICA	09
Breve Histórico da Colportagem	09
A Bíblia e Ellen G. White	10
CAPÍTULO II - LÍDER DE COLPORTAGEM PELA ÓTICA DA ADMINISTRAÇÃO CIENTÍFICA	16
Existe ou deve existir uma organização certa?!	16
O que é ser líder?	18
O que é liderança?	19
Liderança Distribuída	22
Encontrando o líder verdadeiro	23
Métodos para formação de novos líderes	24
Delegação em uma hierarquia tradicional	25
Criação de uma comunidade	25
Estabelecimento de um sistema de livre mercado	26
Disciplinas do bom líder	27
A disciplina do descanso e do lazer	27
A disciplina na administração do tempo	28
A disciplina devocional	28
O Empreendedorismo	28
Histórico do Empreendedorismo	29
Como Conceituar o Empreendedorismo	30
O Perfil Empreendedor	32
CAPÍTULO III - ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO	33
Objetivos e Metas	33
Dificuldades de Decisões	35
Liberdade que Recebe do Superior e Liberdade que Concede aos Liderados	36
Ser Empreendedor Respeitando a Hierarquia	37
Auto-Avaliação: Por Quê?	38
Pontos de destaques predominantes nas entrevistas	39

CAPÍTULO IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
Implicações Gerenciais	43
Sugestões para Estudos Futuros	44
Sugestões Bíblicas e Teológicas.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
ANEXOS	49
Roteiro de Entrevista.....	50
Transcrição das Entrevistas	51
Análise da Pesquisa de Campo Detalhadamente	66

INTRODUÇÃO

O fim do século XIX foi o início de grandes conquistas para a organização empresarial no mundo. Nesta época iniciou-se a preocupação com o gerenciamento de grandes organizações, como empresas, serviços civis de governos e forças armadas permanentes.

A primeira discussão sobre estrutura organizacional ocorreu na França por volta da virada do século, por Henri Fayol entre os anos de 1841 e 1925. A partir desta época muitas mudanças têm ocorrido no que se refere à organização empresarial mundial. A liderança é um processo recíproco entre aqueles que optam por liderar e os que preferem seguir. Qualquer debate sobre liderança deve levar em conta o processo desse relacionamento.

A empresa pode ter as melhores estratégias, táticas, habilidades e regras, mas nada disso terá utilidade se não compreender as aspirações humanas fundamentais que unem líderes e seguidores. Muitas vezes um líder subordinado é um grande líder que desenvolve um excelente trabalho e que se dependesse dele tudo renderia e se desenvolveria muito mais dentro da organização.

Este trabalho estará estudando de modo geral sobre o sistema da organização da IASD, em especial como funciona a área do campo de publicações.

Existe nesta organização um relacionamento entre várias pessoas que dependem de seus líderes e entre outras que possuem liderança administrativa superior. Todos estes acabam fazendo parte de uma hierarquia que deve ser respeitada.

Para iniciar a hierarquia, o departamental de publicações da Associação possui um superior que é o departamental de publicações da União. Este, por sua vez possui um superior que é o departamental da Divisão, o qual é subordinado ao superior da AG que tem sua sede nos Estados Unidos.

Embora existam vários líderes que façam parte desta hierarquia, este trabalho abordará apenas a primeira e a segunda que é o departamental de publicações da Associação e o departamental de publicações da União.

Definição do Problema

A organização da IASD é um corpo organizacional estabelecido praticamente no mundo todo, possuindo as seguintes estatísticas: 1) Igrejas: 56.575 e 2) Membros: 13.663.497.¹ Ela não funciona só como igreja, mas há nela vários departamentos os quais são a estrutura funcional da igreja para o cumprimento de sua missão como: área médica, educação, lar e família, desbravadores (estilo escoteiros), jovens. Entre tantos, há também o departamento de publicações, que é o tema chave em questão a ser estudado.

O sistema da IASD é bem organizado. Este segue uma hierarquia séria, para que tudo funcione bem e tenha seus resultados positivos. Por ser uma organização mundial, sua hierarquia também o é. Abaixo segue a explicação como esta funciona.

Existem na organização da IASD quatro níveis administrativos:

- 1) Igrejas e Congregações que formam uma Associação ou Missão;
- 2) Associações e Missões que formam uma União;
- 3) Uniões que formam as Divisões; e
- 4) Divisões que formam a Associação Geral (AG) da IASD.

A Associação Geral foi oficialmente organizada em 21 de maio de 1863, tendo hoje a sua presença no mundo, possuindo assim onze Divisões.

Para observar melhor observe a figura 1:

¹ Website: www.adventist.org, acessado em 25 de setembro de 2006.

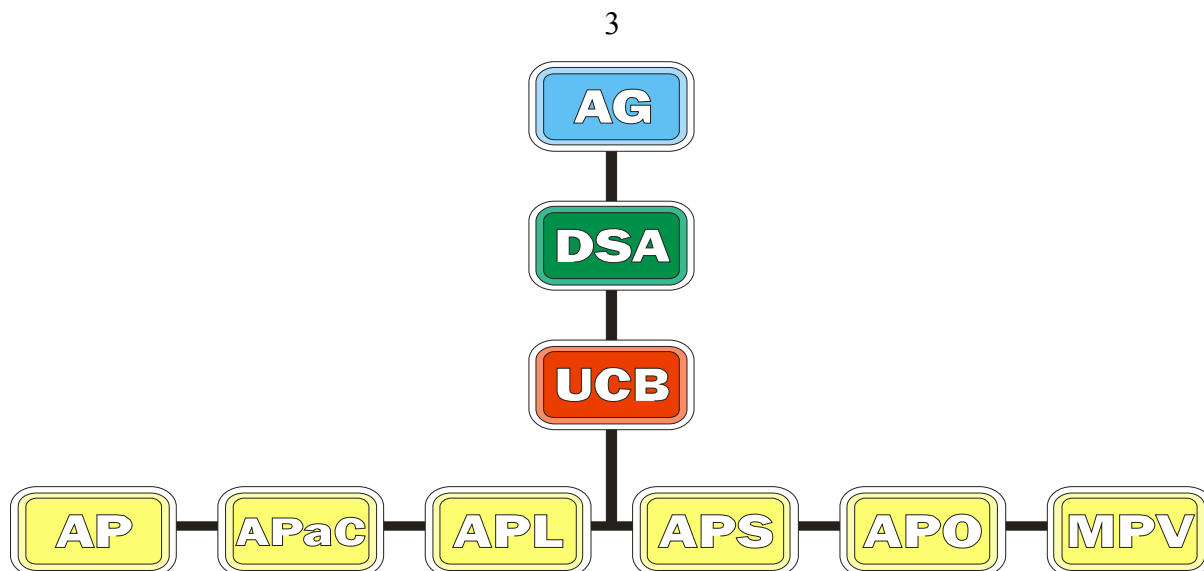


Figura 1: diagrama da estrutura da IASD por departamentos.
Fonte: website da www.adventist.org

Conforme é demonstrado na figura 1, será analisado apenas o departamento de publicações da UCB localizada na cidade de Artur Nogueira no estado de São Paulo, possuindo cinco associações e uma missão.

Sendo assim, sabemos que os líderes que tomam conta desse departamento são pessoas criativas e empreendedoras que lutam para fazer seu departamento, ou organização, crescer. Embora saibam que existe uma hierarquia a ser seguida, e a respeitem, eles têm também uma visão a respeito do seu departamento, que apenas quem está naquela liderança e naquele contexto é capaz de sentir e almejar certas mudanças.

O departamento de publicações da organização da IASD tem por objetivo colaborar com a disponibilidade de materiais impressos pela mesma, proporcionando assim uma forma de divulgação da doutrina do evangelho e da filosofia da IASD, sua missão, informações gerais que ocorrem no Brasil e no mundo e outros pontos importantes como bem estar físico, mental e social, educação e família. Temas úteis tanto para os membros da igreja como para as pessoas da sociedade em geral que buscam um estilo de vida melhor.

O material para esta divulgação é fornecido pela Casa Publicadora Brasileira (CASA), uma editora adventista de livros e revistas, situada na cidade de Tatuí, no estado de São Paulo.

O departamento de publicações das associações é gerenciado por um diretor, conhecido como “Departamental de Publicações”, o qual é o líder administrativo. Dentro deste departamento existe o Serviço Educacional Lar e Saúde (SELS) que é o que disponibiliza a distribuição do material da CASA.

No departamento de publicações existem pessoas que fazem o trabalho de divulgação dos materiais que são chamados colportores (vendedores de livros). Estes fazem o seu trabalho no período anual (efetivos) e férias (estudantes das Instituições Adventistas de Ensino), levando os livros e revistas pessoalmente nas casas, comércios e empresas. O departamento de publicações é o único departamento que deve conseguir recursos para sobreviver sozinho sem auxílio extra. Por isso muitos diretores de publicações devem exercer o seu empreendedorismo na realidade de seu campo de trabalho, respeitando as normas descritas na PRAXE.

Assim surge a seguinte pergunta: “Como pode um líder administrativo, do setor de publicações, ser um empreendedor, respeitando a hierarquia existente no sistema da organização da IASD?”.

Objetivos

Objetivo Geral

Analisar o método que o departamental de publicações (pastor e administrador) da IASD utiliza para usar o seu empreendedorismo respeitando o sistema hierárquico administrativo.

Objetivos Específicos

- Identificar as dificuldades de tomada de decisão do departamental de publicações.

- Obter a percepção do diretor de publicações da União, Associação e Missão sobre a liberdade concedida pela hierarquia da IASD para empreender o desenvolvimento do departamento.
- Compreender a avaliação que o diretor de publicações da União, Associação e Missão fazem de sua própria liderança.

Justificativa

O departamento de publicações apresenta ser um campo de trabalho muito abrangente e que exige bastante trabalho para que ele possa prosseguir tendo um bom desempenho.

Esta pesquisa será útil tanto para os departamentais da união como da associação, a fim de que percebam que alguns líderes necessitam expandir o seu empreendedorismo ou a sua liderança administrativa que existe dentro de si, pois este líder é administrativo e a acima de tudo um pastor.

Este trabalho trará à luz algumas idéias sobre como o departamental (pastor e administrador) pode trabalhar melhor dentro de seu departamento, usando seu empreendedorismo e sabendo respeitar a hierarquia, ajudará tanto os departamentais a melhor se desenvolverem dentro de seu contexto, como aos alunos que dependem deste trabalho para viver ou para pagar a faculdade. Pois, se o departamental tiver mais liberdade, da forma correta, para agir, os resultados serão maiores e estes benefícios atingirão também os colportores.

A pesquisa será baseada na experiência que os departamentais vivem em seu dia-a-dia, com relação ao respeito que um departamental pastor tem pelo outro é que devem ter pela hierarquia da organização, mesmo sabendo que isso possa dificultar, o alcance dos resultados almejados e necessários em seu departamento.

Quanto à realidade do trabalho, proporcionará uma visão geral da situação de hierarquia dentro da organização da IASD, mostrando que é possível lidar com diferentes pensamentos de

líderes administrativos. O interessante é que poderá ser utilizado em todos os campos que abrangem estes mesmos departamentos. E o resultado, proporcionará uma oportunidade a futuros pastores que são líderes administrativos a desempenharem melhor o seu papel em seu setor de trabalho.

Metodologia

O trabalho inicia com o desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica com alguns aspectos pertinentes ao líder empreendedor. Abordar-se das dificuldades de liderança no mercado de trabalho, no que diz respeito àqueles que, mesmo sendo líderes, são subordinados a superiores.

As fontes e dados utilizados, contaram com uma pesquisa qualitativa, buscando ter um sinopse geral da situação encontrada entre os departamentais de publicações da UCB. Com as fontes secundárias, foram analisadas as idéias propostas sobre liderança administrativa no que diz respeito a líderes subordinados a superiores, e qual o verdadeiro foco desse líder administrativo; isto é, uniu o teórico ao prático. As fontes obtidas vieram de sites consultados pela internet, livros, periódicos, empresas e outros.

Esta pesquisa, bem como seu resultado, tem como público-alvo administradores que são subordinados a superiores em seu dia a dia, ou mesmo administradores que são líderes de algum empreendimento. Estes possuem, em sua organização, liderados que a eles são submissos, mas que, por também serem líderes, devem também resposta a algum superior. Também foi público-alvo os futuros administradores, que no momento cursam a universidade se preparando para muito em breve se incorporarem no campo definitivo de trabalho profissional ou vocacional.

O trabalho foi realizado com líderes administrativos. Para ser mais específico, departamentais de publicações que trabalham no estado de São Paulo. A pesquisa de campo foi realizada unicamente com líderes administrativos do departamento de publicações, que

pertencem à UCB, localizada na cidade de Artur Nogueira, no estado de São Paulo. Líderes dos departamentos das seguintes Associações: APaC, APL, APS, AP, APO e MPV.

Toda a coleta foi desenvolvida em forma de entrevistas, realizadas pessoalmente com os departamentais de publicações da UCB. Todas as entrevistas foram gravadas, mas preservando no anonimato a identidade do entrevistado. Depois de transcritas, são feitas as análises com as devidas observações.

Estas entrevistas foram não estruturadas, sendo abrangendo perguntas objetivas e abertas levando assim alguns entrevistados a incluírem como resposta na pesquisa assuntos que condiziam a outros temas importantes, mas que não foram abordados neste trabalho, pelo fato de não fazerem parte deste tema.

No roteiro de entrevistas, foram abordados aspectos como: auto-avaliação, para que pudessem analisar o que pensam de si mesmos frente ao seu trabalho, perspectivas de mudanças, que, segundo eles, poderiam ocorrer no departamento ou em si mesmos nesta área de publicações. Foram abordados também os objetivos e metas que eles têm para o departamento, como eles conseguem ser empreendedores respeitando a hierarquia existente na organização da IASD. Abordou-se também até onde vai a liberdade que ele recebe dos superiores e que ele concede aos seus liderados para agirem e se existe dificuldades para que suas decisões sigam avante levando ao crescimento de seu departamento.

Por fim, foi feita uma análise, verificando os procedimentos positivos e negativos das perguntas feitas aos entrevistados.

Delimitações do Estudo

O trabalho foi realizado dentro do Estado de São Paulo, especificamente na UCB e suas associações e missão. Foram entrevistados apenas os departamentais de publicação.

A pesquisa foi realizada através de entrevistas pessoalmente, usando a técnica de pesquisa qualitativa. Observou-se assim as reações de cada entrevistado.

Foi abrangido cem por cento do campo, em um total de sete entrevistas. Com os sete entrevistados, notaram-se algumas particularidades.

Não podemos deixar de comentar, que cada campo de pesquisa possui uma realidade diferente uma da outra, o que facilita ou dificulta o trabalho de cada campo. Devido a isto, cada líder tem uma estratégia diferenciada, para o campo de trabalho em que está inserido.

Sumário dos Capítulos

No capítulo um, será uma pesquisa bíblico-teológica sobre o assunto pertinente ao ministério da colportagem. Mostrando dois fundamentos em que a Bíblia comenta sobre este ministério e sua obra e o que Ellen G. White apresenta sobre o plano de publicações, mostrando o seu valor sem igual.

Já no capítulo dois, onde encontra-se termos técnicos e científicos da área administrativa, primeiramente faz-se um estudo dos vários perfis de líderes administrativos. Este é um dos capítulos que lança a base teórica para o estudo da parte prática.

O capítulo três é a apresentação dos resultados da pesquisa de campo. Neste capítulo, compreende-se melhor o que acontece no departamento de publicações de nossa organização e quais os pontos de vista dos pastores administrativos.

Por fim, o capítulo quatro sugere a relação do problema focalizado nesta pesquisa, comparando-a com as conclusões dos capítulos dois e três. É neste processo de cruzamento sistemático das informações que podemos ter uma idéia de como estão relacionadas a parte científica com a prática.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA TEOLÓGICA

Breve Histórico da Colportagem¹

A colportagem começou na Europa, na Idade Média. Desde o princípio dessa obra, os colportores alcançaram grandes triunfos missionários, e à sua passagem almas foram convertidas ao verdadeiro cristianismo e igrejas foram fundadas. A palavra “colportagem” vem da palavra “Colportor” que deriva do francês e significa “levar no pescoço”. “Esse nome originou-se do costume que tinham os colportores valdenses de levar os escritos sagrados debaixo da roupa, ou numa bolsa que pendia do pescoço. Esse trabalho também preparou o solo para a Reforma do século XVI. O poder de Deus acompanhou os colportores daquele tempo, e acompanha os colportores de nossos dias.

Mas os Valdenses (por Pedro Valdo), em 1173 A.D., que era um rico e próspero comerciante, de Lião, França, deixou os seus negócios e se dedicou a distribuir porções das Escrituras ao povo. Através do seu incansável trabalho, granjeou missionários e fundou o Movimento da Colportagem. Esse movimento caracterizou-se pela venda de mercadorias, distribuição dos Escritos Sagrados e explicação do Evangelho.

No ano 1181 A.D., os valdenses foram excomungados pelo papa e duramente perseguidos. Então se dispersaram por todo o continente, onde continuaram sua obra evangelizadora. No século XIII centralizaram-se nos vales do Piemonte, (Itália). Nos Alpes, os valdenses tiveram

¹ <http://www.asd-mr.org.br/html/colportagem.html> (acesso 25/04/2007 às 17h e 30 min.) // <http://pt.wikipedia.org/wiki/Colportagem> (acesso 25/04/2007 às 17h e 45 min.)

centros de educação, onde os jovens se preparavam. Eles mesmos copiavam porções da Palavra de Deus, que logo saíam a espalhar.

Os colportores valdenses deram origem a esse método missionário, semeando a Palavra de Deus e preparando o caminho para a Reforma Protestante do século XVI. A colportagem atual é uma continuação dessa sementeira que prepara o caminho para o regresso do Senhor.

Hoje a palavra colportor é um termo empregado pelas Igrejas Evangélicas (tradicional e/ou renovadas). Os colportores vendem literatura religiosa, via de regra de porta em porta, ao tempo em que se realiza a pregação. O seu vocábulo ainda não se encontra indexado, no Brasil, no dicionário da língua portuguesa.

A Bíblia e Ellen G. White

Isaías capítulo seis é uma referência ao ligar as lições do coração com o ministério da colportagem:

"Então, disse eu: Ai de mim, que vou perecendo! Porque eu sou um homem de lábios impuros e habito no meio de um povo de impuros lábios; e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos! Mas um dos serafins voou para mim trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; e com ela tocou a minha boca e disse: Eis que isto tocou os teus lábios; e a tua iniquidade foi tirada, e purificado o teu pecado. Depois disso, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por Nós? Então, disse eu: Eis-me aqui, envia-me a mim." (Isa 6:5-8). Neste texto, encontra-se o verdadeiro chamado para esta obra de colportagem. Aqui encontramos a base para entender este verdadeiro ministério, que é abençoado por Deus.

Enquanto durar o tempo da graça, haverá conveniência de o colportor trabalhar. Se em algum lugar a perseguição se tornar severa, façam os obreiros como Cristo ordenou. "Quando pois vos perseguirem nesta cidade, fugi para outra." Se ali vier a perseguição, procurai outro

lugar ainda. Deus guiará Seu povo, tornando-o uma bênção em muitos lugares. Não fora a perseguição, e não seriam tão extensamente espalhados para proclamar a verdade. E Cristo declara: "Não acabareis de percorrer as cidades de Israel sem que venha o Filho do homem." Mat. 10:23. Até que no Céu seja dito: "Está consumado", haverá sempre lugares para trabalhar e corações para receber a mensagem.²

Deus tem Seus obreiros em todas as épocas. O chamado da hora é respondido pela vinda do homem. Assim, quando a voz divina clamar: "A quem enviarei, e quem há de ir por Nós?" a resposta virá: "Eis-me aqui, envia-me a mim." Isa. 6:8. Que todos os que trabalham eficientemente no campo da colportagem sintam no coração que estão fazendo a obra do Senhor em ministrar às almas que não conhecem a verdade para este tempo. Eles estão fazendo soar a nota de advertência nos caminhos e valados, para preparar um povo para o grande dia do Senhor, que está prestes a sobrevir ao mundo. Não temos nenhum tempo a perder. Precisamos animar esta obra. Quem sairá agora com nossas publicações?

Para homens e mulheres que desejam cooperar com Deus, Ele estará a disposição para conceder seu poder divino. É neste momento que tanto o talento, o ânimo, a perseverança, a fé, serão exigidos e assim estarão protegidos. Pela obra da colportagem é a verdade apresentada a milhares que de outro modo não a ouviriam sobre a mensagem que o Senhor tem para apresentar, porque o tempo está próximo.

Ellen White mostra que o êxito da proclamação da verdade está no "Senhor e confirmando a palavra com os sinais..."? Mar. 16:20. Nossa comissão é fazer que a luz da página impressa brilhe em todos os lugares. Pela página impressa a luz alcança os que estão mais isolados, que não têm oportunidade de ouvir os pregadores em pessoa. Este é um trabalho missionário dos mais

² Ellen G. White, *Conselho sobre educação* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1976), p. 478

abençoados. Os colportores podem ser a mão auxiliadora do Senhor, abrindo portas para a entrada da verdade.³

No relato de Mateus 10:5-20, encontramos a missão de Jesus enviando os doze:

Jesus enviou estes doze, e lhes ordenou, dizendo: Não ireis pelo caminho dos gentios, nem entrareis em cidade de samaritanos; Mas ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel; E, indo, pregai, dizendo: É chegado o reino dos céus. Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça dai. Não possuiais ouro, nem prata, nem cobre, em vossos cintos, Nem alforjes para o caminho, nem duas túnicas, nem alporcas, nem bordão; porque digno é o operário do seu alimento. E, em qualquer cidade ou aldeia em que entrardes, procurai saber quem nela seja digno, e hospedai-vos aí, até que vos retireis. E, quando entrardes nalguma casa, saudai-a; E, se a casa for digna, desça sobre ela a vossa paz; mas, se não for digna, torne para vós a vossa paz. E, se ninguém vos receber, nem escutar as vossas palavras, saindo daquela casa ou cidade, sacudi o pó dos vossos pés. Em verdade vos digo que, no dia do juízo, haverá menos rigor para o país de Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade. Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos; portanto, sede prudentes como as serpentes e inofensivos como as pombas. Acautelai-vos, porém, dos homens; porque eles vos entregarão aos sinédrios, e vos açoitarão nas suas sinagogas; E sereis até conduzidos à presença dos governadores, e dos reis, por causa de mim, para lhes servir de testemunho a eles, e aos gentios. Mas, quando vos entregarem, não vos dê cuidado como, ou o que haveis de falar, porque naquela mesma hora vos será ministrado o que haveis de dizer. Porque não sois vós quem falará, mas o Espírito de vosso Pai é que fala em vós.

Jesus deixa bem claro para eles que dentre toda obra em que eles estiverem fazendo é o Espírito Santo que conduzirá as pessoas a Ele. E se não forem recebidos, não deveria se indignar com os moradores das cidades, mas deveriam bater o pó dos pés e continuarem o trabalho que para o que foram comissionados.

Deus deseja que lancem mão da colportagem os que são capazes de instruir outros, os que podem despertar em moços e moças promissores um interesse por este ramo, levando-os a empreender a obra da colportagem e fazê-la com êxito. Alguns têm o talento, a educação e a experiência que os habilitaria a instruir os jovens para a colportagem de tal modo, que muito mais do que se está fazendo agora poderia ser feito.⁴

³ Idem. *O colportor evangelista* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), p. 19

⁴ Ibid. p. 57.

Estes farão um bom trabalho na colportagem, se obedecerem às palavras: "Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina." I Tim. 4:16. Os que dão evidência de que estão verdadeiramente convertidos e que se empenham na colportagem, verão que ela é o melhor preparo para outros ramos de trabalho missionário.⁵

A colportagem com nossas publicações é um importante e muito proveitoso setor da obra evangelística. Nossas publicações podem ir a lugares onde não se poderão realizar reuniões. Em tais lugares o fiel colportor-evangelista toma o lugar do pregador vivo. Pela obra da colportagem a verdade é apresentada a milhares que de outro modo não a ouviriam. Não temos tempo a perder. Importante é a obra que está diante de nós, e se formos servos negligentes certamente perderemos a recompensa celestial. Poucos, porém, têm ampla e extensa visão do que pode ser feito em alcançar o povo mediante interessado esforço pessoal numa sábia distribuição de nossas publicações. Muitos que não serão persuadidos a ouvir a verdade apresentada pelo pregador vivo, aceitarão um folheto ou revista e os examinarão; muito do que lerem. Virá precisamente ao encontro de suas idéias, e eles se interessarão em ler todo o conteúdo.⁶

A colportagem não deve, por mais tempo, ser negligenciada. Muitas vezes me foi mostrado que deveria haver um mais geral interesse por nossa colportagem. A disseminação de nossas publicações é um meio muito importante de colocar diante de homens e mulheres a luz que Deus confiou a Sua igreja, para ser dada ao mundo. Os livros vendidos por nossos colportores, abrem a muito espírito as inescrutáveis riquezas de Cristo.⁷

Os instrutores na obra de colportagem têm solenes responsabilidades a levar. Os que compreendem corretamente sua posição, dirigirão e instruirão os que estão sob seu cuidado com o senso de sua responsabilidade pessoal, e inspirarão outros à fidelidade na causa. Demorar-se-ão

⁵ Ibid. p. 58.

⁶ Ibid. p. 16.

⁷ Ibid. p. 17.

em orar e compreenderão que suas palavras e ações estão produzindo impressões que não se apagarão facilmente mas durarão como a eternidade. Perceberão que nenhum outro pode vir após eles para corrigir seus erros, ou suprir suas deficiências. Quão importante é, então, que o assunto, a maneira, o espírito do instrutor sejam segundo a ordem de Deus.

Os presidentes de nossas associações e outros que estão em posições de responsabilidades, têm um dever a cumprir neste assunto, para que os diferentes ramos de nossa obra possam receber igual atenção.

“Alguns têm o talento, a educação e a experiência que os habilitaria a instruir os jovens para a colportagem de tal modo, que muito mais do que se está fazendo agora poderia ser feito.”⁸

Todos os que se consagram a Deus para trabalhar como colportores, estão auxiliando na proclamação da última mensagem de advertência ao mundo. Não podemos avaliar demasiadamente esta obra; porque, não fossem os esforços do colportor, e muitos nunca ouviriam a advertência.⁹

O evangelho tem de ser proclamado a todo o mundo. As publicações que contêm a luz da verdade presente devem ir a todos os lugares. Devem ser organizadas campanhas de colportagem para a venda de nossas publicações a fim de que o mundo possa ser iluminado acerca do que está exatamente diante de nós.¹⁰

“Aqueles que se estão preparando para o ministério, não se podem empenhar em outra ocupação que lhes dê tão ampla experiência como a colportagem.”¹¹

Há mais dificuldades nesta obra do que em alguns outros ramos de ocupação; mas as lições aprendidas, o tato e a disciplina adquiridos, hão de preparar-vos para outros campos de utilidade, onde podeis auxiliar almas. Aqueles que deficientemente aprendem sua lição e são descuidados e

⁸ Ibid. 56-57.

⁹ Ibid. 6.

¹⁰ Ibid. 17.

¹¹ Ibid. 34.

bruscos ao aproximar-se das pessoas, haveriam de mostrar a mesma falta de tato e habilidade em lidar com mentes, se entrassem no ministério.

Na colportagem evangélica, os jovens podem tornar-se melhor preparados para o trabalho ministerial do que gastando muitos anos na escola. O mundo deve receber a luz da verdade por meio do ministério evangelizador da Palavra em nossos livros e periódicos. De nossos livros e revistas projetar-se-ão brilhantes raios de luz que iluminarão o mundo quanto à verdade presente. De cidade em cidade, de país a país, eles devem levar as publicações que contêm a promessa da breve volta do Salvador.¹²

¹² Ibid. 5 e 34.

CAPÍTULO II

O LÍDER DE COLPORTAGEM PELA ÓTICA DA ADMINISTRAÇÃO CIENTÍFICA

O estudo sobre liderança é muito extenso. É por isso que consisti em abordado apenas uma área de liderança, a liderança administrativa. No início, serão obtidas informações gerais de como se desenvolve o papel de líder, na história da administração. Entre estes pontos existem algumas informações necessárias para se entender: *o que é ser líder e o que é liderança; a liderança distribuída; o verdadeiro líder; a formação de novos líderes, quais os passos; e disciplinas do bom líder*. Com estas informações, poder-se-á analisar o perfil administrativo de um verdadeiro líder.

Existe ou Deve Existir uma Organização Certa?!

O estudo e a preocupação com o gerenciamento de uma empresa começaram nas grandes organizações, empresas, serviços civis de governos, forças armadas permanentes. Esta foi a novidade do final do século XIX.¹

Desde o princípio, há mais de um século, o estudo de organização baseou-se em uma hipótese: *“Existe ou deve existir uma organização certa?”*²

Aquela que foi ou é apresentada como a “única organização certa”³, ou a organização modelo, tem mudado mais de uma vez, mas a busca por este título permanece até hoje.

¹ P. F. Drucker, *Desafios gerenciais para o século xxi* (São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning, 2001), p. 18.

² Ibid.

³ Ibid.

A primeira estrutura organizacional discutida ocorreu na França, por volta da virada do século XX, por Henri Fayol (1841-1925), o líder de uma das maiores empresas da Europa, mas totalmente desorganizada. Era uma empresa de mineração de carvão. Depois desta, outros praticantes também se preocuparam com a organização nos Estados Unidos. Um pouco mais tarde, Elihu Root aplicou a teoria da organização ao Exército dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo Georg Siemens (1839-1901), fundador em 1870 do Deutsche Bank, usava os conceitos de organização de seu amigo Fayol para salvar a Siemens Electric Co, que seu primo Werner Siemens (1816-1892) havia fundado, mas deixara sem líder com sua morte.⁴

Mesmo assim, a necessidade de estrutura organizacional ainda não era óbvia para todos, nos primeiros anos.

Frederick Winslow Taylor não chegou a enxergar isto. Até sua morte ele escrevia e falava dos “proprietários e seus auxiliares”. Foi sobre o conceito de uma não-estrutura, que Henry Ford (1863-1947), até sua morte, procurou dirigir aquela que por muitos anos foi a maior empresa manufatureira do mundo.⁵

A I Guerra Mundial, tornou-se mais claro a necessidade de uma estrutura organizacional formal e também foi ela que mostrou que a estrutura funcional de Fayol não era a organização certa. Logo depois da I Guerra Mundial, Pierre S. DuPont (1870-1954) e Alfred Sloan (1875-1966) desenvolveram a descentralização. E só agora chegamos a louvar a “equipe” como a organização certa para quase tudo.⁶

Hoje, temos claro que não existe uma organização certa em termos absolutos, mas sim, organizações diferentes umas das outras possuindo forças e limitações distintas e aplicações

⁴ Ibid.

⁵ Ibid. p. 16.

⁶ Ibid.

específicas. Ela é, no entanto um instrumento para tornar as pessoas produtivas no trabalho conjunto.⁷

Hoje em dia alguns comentam sobre o “fim da hierarquia”, o que parece ser um absurdo, pois em qualquer instituição é necessária uma autoridade final, um patrão, alguém que seja responsável pela palavra final. Pois numa situação de perigo, que qualquer organização está sujeita mais cedo ou mais tarde, é muito importante um comando claro e definitivo para salvar a todos e até mesmo a própria empresa. Por exemplo, se um navio estiver afundando o capitão dá imediatamente uma ordem, pois não dá tempo de ainda convocar uma reunião, e assim esta ordem deve ser obedecida, para que o navio chegue a salvo num porto seguro.⁸

Algumas situações dentro de uma empresa requerem deliberação, outras, trabalho em equipe, e assim por diante, dependendo da situação. A teoria da organização assume que as instituições sejam homogêneas e que a empresa toda deve ser organizada da mesma maneira.⁹

Em qualquer empresa, provavelmente até na empresa manufatureira típica de Fayol houve a necessidade de várias estruturas organizacionais diferentes, coexistindo lado a lado, como na Força Aérea dos Estados Unidos, onde o pequeno grupo de desenvolvimento tinha um gerente de fabricação, um de pessoal, um financeiro e um de relações públicas.¹⁰

O Que é Ser Líder?

De forma geral as pessoas descrevem um líder através das seguintes características:
“Capacidade de comando, domínio dos métodos de direção, carisma, boa presença pessoal, conhecimento da psicologia humana, destreza oratória, caráter forte, honestidade, facilidade para se relacionar com as pessoas, simpatia, capacidade de comunicação, etc.”¹¹

⁷ Ibid.

⁸ Ibid. p. 19.

⁹ Ibid. p. 52.

¹⁰ Ibid. p. 52.

¹¹ Gómez Emiliano, *Liderança ética, um desafio do nosso tempo* (São Paulo, SP: Editora Planeta do Brasil, 2005), p. 124.

Segundo o autor acima citado, tudo o que as pessoas de forma geral qualificam como modelo de líder, são apenas referências às virtudes próprias da liderança. Mas a resposta é bem mais simples: “A coisa mais importante que uma pessoa deve ter para ser líder é o desejo de ser líder”.¹²

Esta parece uma resposta bem óbvia, mas na verdade as pessoas quase não param para pensar nisto, pois nada na vida nós realizamos se não tivermos primeiro o desejo. Geralmente quando realizamos o que amamos e desejamos, sai muito melhor do que se fizéssemos o que não gostamos. Porque assim temos a possibilidade de mudarmos e transformamos a realidade em que estamos inseridos.

É bem verdade também que isto não é tudo, pois só o desejo não realiza o sucesso de uma empresa, ele é apenas o início. É claro que para ser um bom líder é necessário também trabalhar e se esforçar para aprender e crescer até chegar ao topo. Pois “o líder se forma e a liderança se conquista”.¹³

O líder deve sempre ter em vista que os seres humanos constituem o fator mais importante de um empreendimento. Líder é aquele segundo Drucker¹⁴, que é capaz de ajudar as pessoas de seu empreendimento a crescer e se elevar acima de sua rotina e de suas limitações.

O Que é Liderança?

Através dos anos, o conceito de liderança tem mudado consideravelmente. As habilidades necessárias à liderança permanecem estáveis, mas o conceito do que é na verdade liderança mudou muito. O mundo está repleto de grandes líderes. Max Gehringer comentou que no Brasil, nós temos líderes até demais. Ele diz: “nunca vi um país em que tanta gente se acha em condições

¹² P. F. Drucker, *Desafios gerenciais para o século XXI*. 1. ed. (São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning, 2001), p. 50.

¹³ Ibid. p. 125.

¹⁴ Idem, *Desafios gerenciais para o século XXI*. 1. ed. (São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning, 2001), p. 50.

de mandar nós outros”. E continua: “O que nós precisamos é de mais educação formal, para transformar essa liderança inata, acomodada, em algo aproveitável”.¹⁵

Durante décadas de estudos, chegou-se a mais de 350 definições de liderança. Só nos últimos setenta e cinco anos foram feitas milhares de investigações, mas nunca se chegou a um entendimento claro e definitivo deste assunto. Nunca se trabalhou tanto tempo, para se dizer tão pouco. “Existem muitas interpretações de liderança, mas cada uma continua incompleta”.¹⁶

De acordo com Ferreira, “liderança é dirigir na condição de líder”.¹⁷

Na visão de Maxwell, “A liderança é desenvolvida, não é descoberta. Sempre surgirão autênticos ‘líderes natos’, mas para se manter no topo, tem de ser desenvolvidas características naturais de liderança”.¹⁸

Para Carnegie, “Liderança significa ajudar pessoas a realizar o que são capazes de fazer, formular uma visão para o futuro, encorajar, treinar, ensinar, estabelecer e manter relacionamentos bem-sucedidos”.¹⁹

Liderança é uma relação viva e dinâmica entre pessoas, baseada em valores, sentimentos e objetivos. As pessoas apóiam outras pessoas e não a um cargo independente. Por isto se considera que liderança não é um cargo, ou uma posição hierárquica organizativa, mas uma relação entre pessoas.²⁰

Alguns líderes fazem com que seus liderados obedeçam e trabalhem mediante pressão, castigo ou recompensa. Muitas vezes um superior pode até impor sua vontade e conseguir os resultados desejados mediante seu poder. No entanto, estes resultados não passam do

¹⁵ Ibid. “Comentado por Max Gehringer, 2006, p. 06”

¹⁶ Warren Bennis e Burt Nanus. *Líderes: estratégias para assumir a verdadeira liderança* (São Paulo, SP: Editora Harbra, 1988), p. 04.

¹⁷ A. B. H. Ferreira, *Mini dicionário Aurélio* (Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Fronteira, 1977), p. 292.

¹⁸ J. C. Maxwell, *Desenvolva sua liderança*. (Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 1996), p. 11.

¹⁹ D. Carnegie, *O líder em você: como fazer amigos, influenciar pessoas, e ter sucesso em um mundo de mutação*. 2. ed. (Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 1995), p. 24

²⁰ Gómez Emiliano, *Liderança ética, um desafio do nosso tempo*, p. 125.

cumprimento de uma obrigação, são resultados passageiros, pouco duradouros, pois as pessoas não fizeram por amor ou senso de dever, mas por medo ou pressão e sendo assim estes resultados obtidos costumam desaparecer quando acaba sobre elas a vigilância e cobrança. E geralmente pessoas atemorizadas por ameaças, não levam a organização a obter vitórias.²¹

Outro caso que ocorre em algumas empresas é unicamente a recompensa material, servindo de instrumento de poder ou “motivação”. Todos querem um dinheiro a mais, um privilégio, um aumento salarial, etc., e este resultado pode muitas vezes ser perigoso. Pois sendo desta maneira, alguns acabam fazendo estritamente aquilo que lhes é mandado, ou ficam dispostos a largarem o emprego a qualquer momento por outro onde possam ganhar um pouco mais. Alguns acabam colocando em risco sua própria saúde física e mental, isto se não ocorrerem corrupções na tentativa de alcançarem o objetivo e ganharem a recompensa.²²

Ao contrário, um líder genuíno obtém os mesmos resultados, porém com satisfação, pois o obteve através do amor, ou porque trabalhou em desenvolver nas pessoas o senso de compromisso e consciência. Ou seja, liderar, na verdade, não é impor, ou colocar as pessoas abaixo de si, mas é conquistar corações, ganhar as pessoas e despertar nelas a consciência do dever.

É função do líder, fazer com que seus trabalhadores sejam bem conduzidos dentro da empresa, pois, “liderança é a bússola e o motor da organização”. “É a arte de se relacionar construtivamente com outras pessoas e conseguir que se mobilizem para atingir determinados objetivos comuns”.²³

²¹ Ibid.

²² Ibid.

²³ Ibid. p. 126.

Liderança Distribuída

Caneloro²⁴ apresenta um artigo interessante sobre o fato de numa empresa todos liderarem, podendo expressar suas opiniões e dar suas idéias e sugestões, e não ter apenas um ou dois líderes que dominem o assunto e a liderança.

Caneloro comentou também sobre a “orquestra de Câmara Orpheus”, de Nova Iorque, que já ganhou vários prêmios e viaja pelo mundo inteiro tocando Mozart e Stravinsky. Mas o que mais impressiona nesta orquestra é o fato de não ter um maestro. Há sim um diretor do empreendimento, sendo o cooperador em algumas ações de levantarem fundos e algumas outras coisas que precisam, mas geralmente a maioria das atividades que os envolvem e faz com que eles sejam o que são, visto que a liderança pertence a todos juntos, todos dão idéias, todos sugestionam.

A nosso ver este é um tipo de liderança que traz muitos problemas. Mas segundo os autores, funciona. Em primeiro lugar porque *todos tem uma voz*. Sem a presença de um líder eles não têm porque se intimidarem, e assim dão idéias, opiniões, e as aceitam também. Dividem as responsabilidades e assim todos trabalham para que a meta seja atingida. O segundo ponto é que este modelo *incentiva a liderança*. Pois como não existe um líder, quem faz e dá as ordens são eles mesmos. E, por último, há *maior sentido de equipe*. Como a orquestra não tem líder, todos prestam mais atenção uns nos outros e não só em uma pessoa, desenvolvendo assim a habilidade de liderança em todos.²⁵

No momento atual, são poucas as empresas que utilizam este tipo de liderança, um exemplo é *Google*, o site de busca mais utilizado no Brasil.

Se alguém deseja aumentar este tipo de liderança em sua empresa, de acordo com Caneloro, aqui vão algumas sugestões: em primeiro lugar *esteja presente e guie na medida*

²⁴ Raúl Caneloro, (editor). *Liderança & Supervisão* (Editora Quantum: Abril de 2006, ano iii, nº 22), p. 03.

²⁵ Ibid.

certa. Evite microgerenciar. Faça de cada um de seus colaboradores um líder, a tal ponto que todos reconheçam suas competências e saibam quem é bom no quê. “Ajude as pessoas, mostre a direção, seja um guia, estimule discussões”.²⁶

Em segundo lugar *desafie sempre*. O pessoal deve sempre ter a oportunidade de desenvolver habilidades que normalmente não usam em seu dia a dia.

Em terceiro lugar, *faça com que as pessoas sintam o desafio*. Mostre a cada uma delas o que elas podem ganhar com determinada ação.

O quarto ponto é: *mantenha as contas em dia*. Tenha sempre uma maneira de verificar como anda a equipe. Assim há sempre uma oportunidade de corrigi-los. O líder necessita além de manter as contas da equipe em dia ele deverá ter uma sabedoria para manter suas contas pessoais em dia, demonstrando assim confiabilidade à seus liderados.

“Sua tarefa, como líder em uma equipe de liderança distribuída, é fazer com que as pessoas sonhem, e lutem com unhas e dentes para realizar tal sonho”.²⁷

Encontrando o Líder Verdadeiro

Nem sempre as pessoas mais inteligentes, ou que melhor exercem seu trabalho, são grandes líderes. A liderança é de certa forma um tipo de poder pessoal. O que é líder de verdade tem o poder de influenciar pessoas e o que não é líder, acaba por ser influenciado. A influência de um líder na pessoa age no sentido de modificar ou provocar uma mudança de comportamento na outra de forma intencional.

Liderança não é sinônimo de administração. O administrador é responsável pelos recursos organizacionais e por funções como planejar, organizar, controlar uma ação no sentido de

²⁶ Ibid.

²⁷ Ibid.

alcançar seus objetivos. Já o líder, por sua vez, atua em grupos formais e informais e nem sempre precisa ser necessariamente um administrador.²⁸

Já no ponto de vista de Emiliano²⁹, ser líder é ser capaz de “capacitar, educar, ajudar a crescer, orientar, entusiasmar e mobilizar, implantar valores e modelar condutas”. Na verdade ser um verdadeiro líder é também ser mestre, guia, fonte de inspiração e um exemplo a ser imitado.

Daniel Goleman³⁰ mostra exemplos disto e acrescenta que “identificar indivíduos com as ‘características certas’ para se tornarem líderes é mais arte do que ciência”. Este autor também mostra que os líderes mais eficazes são parecidos em um aspecto: todos têm um ponto dominante forte que é o que chamamos de *inteligência emocional*.

É dever do líder administrar o estado de ânimo da organização. O líder que possui inteligência emocional é capaz de administrar suas próprias emoções e captar intuitivamente aquilo que os outros sentem e consegue perceber quanto ao estado emocional da organização.³¹ Segundo Useem³², “sem inteligência detalhada das condições que a organização enfrenta as pessoas do alto escalão não terão condição de tomar decisões rápidas e precisas em resposta a pedidos de baixo”.

Métodos Para Formação de Novos Líderes

Conforme Drucker³³, existem três métodos para aumentar as oportunidades de surgirem dentro da empresa outros líderes: a) delegação em uma hierarquia tradicional; b) criação de uma

²⁸ I. Chiavenato, *Administração nos novos tempos*. 2. ed. (Rio de Janeiro, RJ: Editora Elsevier/Campus, 2004), p. 43.

²⁹ Gómez Emiliano, *Liderança ética, um desafio do nosso tempo*, p. 125.

³⁰ Ibid. “Comentado por Daniel Goleman, 2006, p. 205”

³¹ Raúl Candeloro, (editor). *Liderança & supervisão* (Editora Quantum: Abril de 2006, ano iii, nº 22), p. 04.

³² M. Ussem, *Liderando para o alto: como conduzir seu chefe em benefício de todos* (São Paulo, SP: Negócio Editora, 2002), p. 115.

³³ P. F. Drucker, *Desafios gerenciais para o século XXI*. 1. ed. (São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning, 2001), p. 52.

comunidade com propósito comum e valores compartilhados; e c) estabelecimento de um sistema de livre mercado.

Delegação em uma hierarquia tradicional

A delegação é uma ferramenta básica onde existe hierarquia, para que assim surjam outros líderes. Os líderes subordinados ouvem o mando e usam sua liderança para cumprir a tarefa a eles designados. Sendo assim, cada líder pode desenvolver líderes subordinados. “A liderança abaixo e a liderança ao alto se reforçam integralmente; se você é eficaz na primeira, ela desencadeará a segunda; se você for hábil na segunda, ela pode inspirar à primeira”.³⁴

Criação de uma comunidade

Grandes empresários vêem suas empresas como comunidades. De acordo com Drucker³⁵, empregados que possuem espírito comunitário de forma geral usam a liberdade para fazerem o bem em vez do mal.

Se o colaborador numa empresa sente-se seguro, protegido, conhecendo a missão e os valores que regem a empresa, e acreditando que os demais colegas assim também vivem geralmente produzirão bons frutos e bons resultados, porque se sentem parte da mesma, pois seus líderes as ouvem, e fazem o melhor para aceitar suas idéias e opiniões.

Empresas assim, bem sucedidas, compartilham informações de modo que as pessoas possam ver como a organização funciona, pois o processo que o empreendedor utiliza para chegar a uma estratégia simplesmente resume-se em dar foco total no produto e no cliente, conforme Farrell.³⁶

³⁴ M. Ussem, *Liderando para o alto*, p. 187.

³⁵ Idem, *Desafios gerenciais para o século XXI*. 1. ed. (São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning, 2001), p. 52.

³⁶ L. C. Farrell, *Entrepreneurship: fundamentos das organizações empreendedoras* (São Paulo, SP: Editora Atlas, 1993), p. 45.

“Se você espera que os que estão no nível inferior apoiem sua liderança e assumam a iniciativa quando necessário, eles terão de compreender sua estratégia, seus métodos e suas regras.”³⁷ Se existir na empresa um propósito claro e bem definido, é também mais fácil identificar os clientes e saber como suprir suas necessidades, podendo perceber assim como estão andando seus resultados.³⁸

A comunidade acontece quando as pessoas sentem que trabalham de igual para igual buscando um empreendimento comum. Grandes líderes geram assim, um senso de liberdade e voluntariedade comum. É claro que esta facilidade é maior em pequenas empresas, onde o contato é mais próximo, ao contrário do que acontece em grandes empresas, e quanto mais o espírito solidário se enfraquece, o senso comunitário cai.

Estabelecimento de um sistema de livre mercado

As máquinas e a tecnologia estão substituindo cada vez mais a força braçal, e o comércio acaba necessitando de mais líderes e pessoas de conhecimento. O livre mercado surge então, demonstrando ser uma instituição indispensável para gerar prosperidade e aumentar a produtividade. “Quanto maior o distanciamento entre você e o superior que você está buscando conduzir, mais humilde você tem de ser quanto a seu papel, tendo por base o bem estar dos que estão abaixo de você, aceitando plenamente a responsabilidade que lhe foi atribuída e permanecendo totalmente consciente do que é esperado de você”.³⁹

Líderes existem vários, tipos de líderes também, mas devemos entender que as leis segundo Maxwell⁴⁰ podem ser aprendidas, mesmo sabendo que algumas podem ser mais fáceis

³⁷ M. Ussem, *Liderando para o alto*, p. 204.

³⁸ P. R. Scholtes, *O manual do líder: um guia para inspirar sua equipe e gerenciar o fluxo de trabalho no dia-a-dia* (Rio de Janeiro, RJ: Qualitymark Editora, 1999), 68.

³⁹ M. Ussem, *Liderando para o alto*, p. 293.

⁴⁰ J. C. Maxwell, *As 21 irrefutáveis leis da liderança: siga-as e as pessoas o seguirão* (São Paulo, SP: Mundo Cristão, 1999), p. 18.

do que outras. Maxwell cita 21 leis que regem a vida dos líderes e que levarão estes a fazerem discípulos, pois, segundo o autor seguindo estas leis muitos o seguirão também.

Se numa empresa os colaboradores estiverem felizes, realizados e satisfeitos com seu trabalho, este renderá muito mais e sua produção será bem melhor e mais rápido os resultados.

Além dos colaboradores, a satisfação também deve haver no líder, pois hoje em dia um dos problemas mais comuns encontrados na liderança é a estagnação. A raiz da estagnação é com frequência a falta de auto-disciplina e este problema é bem comum na liderança cristã.⁴¹

Disciplinas do Bom Líder

Este mesmo autor cita três áreas de disciplina que um líder deve ter em sua vida: a) a disciplina do descanso e do lazer; b) a disciplina na administração do tempo; e c) a disciplina na vida devocional.

A disciplina do descanso e do lazer⁴²

Stott cita que a condição do nosso corpo afeta de maneira particular nossa vida espiritual. Percebendo que o líder administrativo do departamento de publicações é um pastor que trata com pessoas no ponto de vista físico, mental e espiritual.

O próprio Jesus segundo Marcos 6:45, declara que Ele iria descansar e orar naquele momento.

Como seguidores de Cristo deve-se considerar a necessidade de atender suas ordens e seguir seu exemplo. Stott refere-se que, além das férias, deveríamos tirar um dia por semana para

⁴¹ J. Stott, *Os desafios da liderança cristã: os relacionamentos pessoais: o desânimo, a juventude e a estagnação* (São Paulo, SP: ABU Editora S/C, 1999), p. 23.

⁴² Ibid.

um descanso, pois se o próprio Deus assim falou, por que desobedeceríamos? Para os seguidores de Cristo, o dia de descanso é o sétimo dia (cf. Marcos 2:27-28).

A disciplina na administração do tempo

Outro problema com relação à administração é o tempo, deve-se separar um tempo para as prioridades do dia, visto que todos têm necessidade de estabelecer metas realistas.

A disciplina devocional

Para que se evite estagnação, segundo Stott, também é importante a prática devocional como a leitura da Bíblia e a oração diariamente. Pois “o inimigo sabe que a oração é o maior segredo da vida cristã”.⁴³

Como Deus, nós seres humanos precisamos ter algum tipo de relacionamento. A própria Bíblia diz: “Pois ninguém de nós vive e ninguém morre para si mesmo” (Rm 14:7).

É pensando nisto que recitamos um famoso ditado: “Ninguém é uma ilha”. Porque ninguém vive absolutamente sozinho. Todos têm necessidade de atenção. Stott comenta da necessidade de escutar as pessoas. Pois calar uma pessoa ou recusarmo-nos a ouvi-la, é tratá-la com falta de respeito, ao passo que no fato de escutar alguém, estamos demonstrando o quanto essa pessoa é importante para nós e o quanto a valorizamos.⁴⁴

O Empreendedorismo

Dornelas apresenta o empreendedor como sendo “aquele que faz as coisas acontecerem, se antecipa aos fatos e tem uma visão futura da organização”. O empreendedor surgiu como uma

⁴³ Ibid. p. 34, 46.

⁴⁴ Ibid.

das conseqüências imediatas através do índice de aumento de desemprego, principalmente nas grandes cidades.⁴⁵

Para os autores Britto e Wever⁴⁶, o Brasil é, por excelência, o país do empreendedorismo. É o sonho de milhões de brasileiros, não se importando com sexo, idade ou religião, eles querem ser os donos de seu próprio negócio, participando de um projeto.

Este tema é relevante, atual e importante para o país, pois no Brasil se encontrarão algumas quebras de paradigmas administrativos. Conforme as palavras de Peter Drucker “o surgimento da economia empreendedora é um evento tanto cultural e psicológico, quanto econômico e tecnológico”.⁴⁷

Histórico do Empreendedorismo

Esta palavra tem origem francesa (*entrepreneur*) que quer dizer aquele que assume riscos e começa algo novo.⁴⁸ Conforme o Prof. E. B. Ângelo⁴⁹, esta palavra vem desde 800 anos atrás, significando “fazer algo”.

De acordo com Dornelas⁵⁰, podemos observar alguns exemplos acerca do termo empreendedorismo, diferenciados unicamente pela época. O primeiro exemplo que expressa empreendedorismo pode ser creditado a Marco Polo. Na idade média, o termo foi utilizado para definir aquele que gerenciava grandes projetos de produção. No século XVII Richard Cantillon, importante escritor e economista, considerado como um dos criadores do conceito de

⁴⁵ J. C. A. Dornelas, *Empreendedorismo: transformando idéias em negócios*. 2. ed. (Rio de Janeiro, RJ: Editora Elsevier/Campus, 2005), p. 17.

⁴⁶ F. Britto e L. Wever, *Empreendedores brasileiros: vivendo e aprendendo com grandes nomes* (Rio de Janeiro, RJ: Editora Campus, 2003), p. 13.

⁴⁷ Ibid. p. 18. “Peter Drucker. Ele é citado como fonte histórica dentro do texto.”

⁴⁸ J. C. A. Dornelas, *Empreendedorismo: transformando idéias em negócios*. 2. ed., p. 29. “Hisrich, P. *Entrepreneurship, intrapreneurship, and venture capital: the foundations of economic renaissance*, (org.: Robert D. Hisrich). Lexington: Lexington Books, 1986, pp. 18-25.”

⁴⁹ F. Britto e L. Wever, *Empreendedores brasileiros: vivendo e aprendendo com grandes nomes*, p. 18. “Prof. E. B. Ângelo. Ele é citado como fonte histórica dentro do texto.”

⁵⁰ J. C. A. Dornelas, *Empreendedorismo: transformando idéias em negócios*. 2. ed., p. 29-30.

empreendedorismo definiu o líder empreendedor como aquele que assume riscos. Século XVIII, o capitalismo e o empreendedorismo foram finalmente diferenciados. E por fim nos séculos XIX e XX, os empreendedores foram frequentemente confundidos com os gerentes ou administradores, e isto, ocorre até os dias atuais, conforme Dornelas.

O administrador tem sido objeto de estudo há muito mais tempo que o empreendedor. Uma das abordagens a que pertence é a clássica ou processual, com o seu foco na organização e na hierarquia, propondo-se que o trabalho do administrador ou arte de administrar concentre-se nos atos de planejar, organizar, dirigir e controlar, tendo como principal divulgador Henry Fayol, no início do século XX, e outros autores reformularam ou complementaram seus conceitos com o passar dos anos.⁵¹

Dornelas⁵², comenta que o crescimento das organizações para os empreendedores, geralmente envolvem dificuldades nas tomadas de decisões referentes ao dia-a-dia dos negócios, por se preocuparem mais com os aspectos estratégicos, e assim se sentirem mais à vontade.

Na realidade o que difere o empreendedor de sucesso do administrador comum é o constante planejamento a partir de uma visão declarada do futuro. Em se tratando do ideal de um administrador, Dornelas⁵³ afirma que deve ser feita a incorporação das várias abordagens existentes no empreendedor, sem restringir, mas interagindo com seu ambiente para tomar as melhores decisões.

Como Conceituar o Empreendedorismo

Segundo Dornelas⁵⁴, uma das formas mais práticas de se definir *empreendedorismo* seria o envolvimento de pessoas e processos que em conjunto, transformam idéias em oportunidades, levando a uma criação de negócios de sucesso.

⁵¹ Ibid. p. 31.

⁵² Ibid. p. 34.

⁵³ Ibid. p. 35.

⁵⁴ Ibid. p. 39.

Joseph Schumpeter⁵⁵ apresenta outro termo de empreendedorismo, podendo ser um dos mais antigos e que talvez melhor reflita o espírito do empreendedorismo: “O empreendedor é aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais”⁵⁶.

Conforme Dornelas⁵⁷ apresenta, o empreendedor é aquele que detecta uma ocasião para criar um novo ou atual negócio para capitalizar sobre ele, embora assumindo riscos calculados.

Diante de algumas definições pode-se destacar:

1. Tem iniciativa em criar um novo negócio, tendo paixão pelo que faz.
2. O disponível é usado com criatividade no ambiente onde se vive.
3. Assume riscos calculados mesmo sabendo de possibilidade de fracassar.

Dentre estes pontos, pode-se destacar um, a criatividade. É ela que vai distingui-lo da concorrência, necessitando ser um pouco melhor do que a concorrência para ganhar, porque os outros são iguais⁵⁸. E quanto a Dornelas⁵⁹, menciona que o processo para um empreendedor, inicia-se quando um evento gerador de fatores externos, ambientais e sociais, possibilita o início de um novo negócio. Pois para cada fase de um empreendedor, ele tem seus desafios e aprendizados novos.

O pensamento chamativo sobre um bom processo de desenvolvimento de um empreendimento:

A tolerância para o fracasso é uma parte muito específica da excelente cultura empresarial – e esta lição vem diretamente de cima. Um campeão tem de fazer muitas tentativas, e com isso aceitar um certo número de fracassos, pois do contrário, a empresa não irá aprender.⁶⁰

⁵⁵ Ibid. “Shumpeter, J. *The theory of economic development*. Harvad University Press, 1949.”

⁵⁶ Ibid.

⁵⁷ Ibid.

⁵⁸ J. W. Halloran, *Por que os empreendedores falham: como evitar armadilhas fatais que podem levar seu negócio a um fracasso total* (São Paulo, SP: Makron Books, 1994), p. 7.

⁵⁹ J. C. A. Dornelas, *Empreendedorismo: transformando idéias em negócios*. 2. ed., p. 41, 44 e 45.

⁶⁰ M. E. Gerber, *O mito do empreendedor: como fazer de seu empreendimento um negócio bem-sucedido* (São Paulo, SP: Editora Saraiva, 1990), p. 67. “Thomas J. Peters e Robert H. Waterman Jr., **Vencendo a crise**. (uma fase deles).”

O Perfil Empreendedor

Geralmente, os empreendedores são aqueles que se envolvem em todas as funções, atividades e ações estando associado com a oportunidade e a criação de organizações que buscam ordenadamente as oportunidades. Cinco elementos ou qualidades são fundamentais na caracterização de um empreendedor.⁶¹

1. Criatividade e inovação: eles conseguem identificar oportunidades onde nenhuma outra pessoa conseguiu notar;
2. Habilidade ao aplicar esta criatividade: direcionam seus esforços num único objetivo;
3. Força de vontade e fé: eles acreditam em seus planos e têm paixão para alcançar o sucesso;
4. Foco na geração de valor: fazem o melhor possível, de modo rápido e barato;
5. Correr riscos: quebram regras, encurtando distâncias e indo contra ao *status quo* (estado atual).

Como mencionado, se o líder possuir estas características acima citadas, com certeza facilitará muito mais o seu trabalho, e os resultados serão melhores, pois implantando formas de crescimento para seu departamento será um líder empreendedor e sua visão com respeito à liderança será absolutamente mais ampla, tanto no sentido de visão futura como de ação empresarial.

⁶¹ F. Britto e L. Wever, *Empreendedores brasileiros: vivendo e aprendendo com grandes nomes*, p. 21 e 22.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO

Através desta análise, obterá uma comparação de um entrevistado com outro, mostrando pontos positivos e negativos detectados. Através desta, pode se observar algo em comum entre os entrevistados, mostrando que todos seguem um regulamento (conhecido como “PRAXE”) para se orientarem em seu papel de líder administrativo.

De acordo com o estudo realizado, foram feitas as entrevistas. Nestas, foram englobadas todos os objetivos propostos no início do trabalho.

Pode-se perceber que entre os entrevistados há muitos objetivos em comum devido à obra ser a mesma para todos. O que diferencia é que a associação ou missão (campo) em que cada entrevistado trabalha é bem diferente um do outro. Tudo isto traz diferenças no estudo devido à localização e até mesmo o contexto em que estão inseridos.

Objetivos e Metas

Durante a entrevista foi feita a seguinte pergunta: Como pastor departamental de publicação e líder administrativo de uma associação, você possui objetivos e metas pré-determinadas, a fim de levar seu departamento a crescer e se desenvolver? Se sim, quais e como?

Analisando o ângulo geral do estudo, em se tratando dos objetivos, a maioria dos entrevistados acredita que seja essencial para o bom desempenho de sua liderança formar bons líderes (liderados). Estes liderados, sendo bem treinados, selecionados e preparados terão maior capacidade de formar uma boa campanha de colportagem estudantil (alunos que saem no período de férias das instituições educacionais adventistas), efetiva (vendedores efetivados) ou do projeto

sonhando alto (são pré-universitários que colportam em busca de recursos financeiros para se manterem), dando a seus colportores mais segurança, treinamento de bom nível, e um melhor desenvolvimento humano em se tratando do trabalho que realizam, pois segundo alguns entrevistados, do *“humano, vêm o financeiro”*, e neste caso os líderes dependem do sucesso, tanto quanto os liderados.

É função do líder fazer com que seus liderados sejam bem conduzidos no seu trabalho, pois, segundo Emiliano,¹ *“liderança é a bússola e o motor da organização”*. *“É a arte de se relacionar construtivamente com outras pessoas e conseguir que se mobilizem para atingir determinados objetivos comuns”*.

Todos os líderes têm um objetivo em comum que é o resultado final. Pois através deste trabalho é que eles mantêm seus estudos, famílias e o próprio departamento de colportagem.

Alguns entrevistados têm como objetivos, além destes acima citados, fazer com que sua campanha de colportagem cresça, aumentando a cada férias o número de colportores para que assim conseqüentemente aumente também o número de literaturas vendidas. Desta forma nunca se estagnarão, mas estarão sempre crescendo. Segundo um entrevistado, *“cada campanha monta estratégias para alcançar um crescimento de 30% aumentando o número de colportores, treinando-os e qualificando-os constantemente para aumentar o número de vendas”*.

Um dos pontos fortes que os líderes entrevistados têm em comum, é que todos eles trabalham em equipe, *“não trabalhamos sozinhos, nós trabalhamos em equipe”*. Segundo eles, isto reforça o trabalho e traz mais segurança, pois se acontecer um erro todos lutam juntos, e para um sozinho, seria mais difícil. *“É melhor que a gente trabalhe sempre em conjunto, mais pessoas junto, pensando junto, a decisão acaba sendo melhor”*.

¹ Gómez Emiliano, *Liderança ética, um desafio do nosso tempo* (São Paulo, SP: Editora Planeta do Brasil, 2005), p.126

Os líderes também levantaram como metas a serem alcançadas, o fato de “*criar na igreja o senso de missão com publicações, como parte do ministério de cada membro da igreja*”. Alguns completaram que este senso de missão deve começar na igreja para depois se ampliar para fora. Como este líder, que apresentou o seguinte objetivo: “*ter em cada igreja, pelo menos um colportor efetivo e para isto estou tentando recrutá-los, conscientizando-os de que realmente este departamento é um ministério de Deus, e muitos têm aceitado*”. Então, este é um objetivo, e uma meta de todos os líderes departamentais de publicações, pois desta forma o evangelho estará sendo pregado.

Estes acima citados são objetivos e metas que os líderes têm para o departamento de publicações. E observa-se que a maioria das respostas se assemelham.

Dificuldades de Decisões

Na entrevista foi feita a seguinte pergunta: Como líder administrativo, existem dificuldades ou não para que suas decisões sigam avante levando ao crescimento de seu departamento?

As dificuldades, alguns colocam como desafios, “*nós chamamos de desafios, porém a gente não procura dar foco no desafio, a gente procura dar foco na solução*”. Estas dificuldades podem ser várias, e entre elas, é que o número de vendas é menor em alguns campos, devido ao pouco número de colportores que lá vão trabalhar.

As pessoas, enquanto colportores, devido ao trabalho que fazem, dependem do mesmo para manterem seus estudos e suas famílias, por isto a preocupação em treiná-las para que estejam aptas para o trabalho. “O líder deve sempre ter em vista que os seres humanos constituem o fator mais importante de um empreendimento”.² Conseqüentemente, o resultado

² Ibid. p. 125.

final beneficiará não só o departamento, mas também os líderes e os estudantes que ali estão trabalhando.

Liberdade que Recebe do Superior e Liberdade que Concede aos Liderados

Foi feita a seguinte pergunta: Sabe-se que mesmo sendo líder administrativo deve-se respeitar aos superiores. Sob este ponto de vista, que liberdade você recebe de seu superior para agir em seu departamento? Você concede a mesma liberdade aos seus liderados? Dê exemplos práticos?

Para que os objetivos sejam elaborados os líderes devem respeitar aos regulamentos que a organização propõe, que é conhecido como “PRAXE”. Por isto todos, unanimemente, trabalham conforme com esta “PRAXE”, não desrespeitando, para que assim haja um consenso, com direitos iguais para todos os campos de trabalho e também para todos que usufruem deste trabalho.

Desta entrevista participaram líderes que têm em comum um líder superior, por isso cabe ressaltar que, por eles seguirem a “PRAXE”, eles sabem até onde podem ir a seus empreendimentos, reconhecem que tem total liberdade para agir, desde que seja dentro dos parâmetros da “PRAXE”. Por isto eles sabem até onde pode ir à liberdade que recebem, e até onde podem conceder esta mesma liberdade para seus liderados; *“o departamental tem toda a liberdade pra fazer o trabalho”*; *“na verdade quando se trabalha dentro desses princípios você tem uma liberdade total para se trabalhar como deve”*.

Segundo os depoimentos durante as entrevistas, estes líderes, dão também total liberdade a seus liderados, desde que, como eles, estes sigam suas ações dentro dos parâmetros da “PRAXE”, exemplo: *“eu gosto de trabalhar no sistema democrático, num sistema mais aberto, a fim de que o líder (liderado), tenha liberdade”*; *“eles (liderados), tem total liberdade pra*

desenvolver seu trabalho, eu não interfiro em nenhum momento desde que alcancem os objetivos propostos”.

Quanto à liberdade de atuação entre União e Associação: *“a União não interfere no campo local”*. Porque o departamental segue um planejamento de seu presidente do campo, onde este (departamental) é um secretário do presidente.

O observado entre a maioria dos campos da UCB é que todos respeitam o departamental da União, e seguem o programa que lhe é passado. Mas este programa tem que haver acima de tudo com a realidade do campo local, e quando há alguma divergência, alguns departamentais entendem a UCB como uma base de conselho para tratar dos assuntos de publicações em seu campo.

Terminando, dizemos da importância de todos respeitarem a hierarquia da organização. Pois esta segue também a “PRAXE”, o que acaba beneficiando a todos, e transmitindo a todos, direitos iguais e respeito pelo trabalho que exercem, independente dos resultados finais serem mais ou menos beneficentes.

Ser Empreendedor Respeitando a Hierarquia

Foi feita a seguinte pergunta: Como pode um líder administrativo, do setor de publicações, ser um empreendedor, respeitando a hierarquia existente no sistema da organização da IASD?

Alguns entrevistados responderam que se respeitarem às leis e ouvirem os conselhos dados de cima, não terão como não serem empreendedores mesmo frente à hierarquia da organização. *“Leis não se discutem, princípios não se discutem. Conselhos se ouvem e se analisam, e se trabalham dentro de uma coerência”.*

Sugerem também, ter metas e objetivos, com planos bem definidos de trabalho; pois, principalmente, se o empreendedorismo tratar de investimento, será necessário que tudo esteja dentro de um bom planejamento e projeto.

Alguém sugeriu que se deve ter muita criatividade, para ser um empreendedor. Outro ainda explicou projetos de empreendedorismo que executa em sua liderança como parcerias com outras entidades, como: APAE, AMIC, ADRA, educação, ministério da mulher, (realizando palestras sobre violência, abuso da violência).

Para finalizar, foi sugerido ser empreendedor sempre respeitando o programa da igreja, usando as ferramentas cristãs e éticas, pois assim o empreendedor não se depararia com tantos conflitos, como no caso de estar fora do programa da IASD. *“Nós temos que ser empreendedores, porque o nosso Deus é empreendedor, se você observar a criação de Deus, o universo, você imagina que Deus fantástico, maravilhoso, gosta de coisa grande, então eu acho que nós temos que pensar em coisas grandes também em nosso trabalho”*.

Auto-Avaliação: Por Quê?

Se você tivesse que fazer uma auto-avaliação de sua liderança como departamental, que nota daria ao seu trabalho e por quê? O que acha que deveria melhorar ainda?

As notas variaram entre sete e oito. Alguns deram esta nota porque acham que ainda tem muito que crescer na área de publicações. Outros acham que podem melhorar ainda no aspecto técnico e na vida espiritual.

Há entrevistados que acham que devem crescer muito ainda no aspecto financeiro, alcançando um número um pouco maior de vendas, já que este é um dos resultados de seu trabalho. Aproveitando este ponto, alguém disse que deve melhorar sua organização. Modernizar o sistema de recrutamento e fazer com que o departamento fique mais conhecido diante das igrejas.

Para concluir a resposta a esta pergunta, um dos entrevistados não deu uma nota para si mesmo, explicando ser uma pessoa insatisfeita com suas realizações, e querendo realizar sempre mais e melhor, demonstrando sua satisfação por tudo o que já fez e buscando nunca se acomodar.

Pontos de Destaques Predominantes nas Entrevistas:

PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
<ul style="list-style-type: none"> • Ter um aumento de colportores; • Aumentar o número de vendas; • Ter em cada igreja um colportor; • Dar treinamento para líderes; • Motivar membros das igrejas a divulgar a obra da literatura. • Alguns vêem as dificuldades com otimismo, encarando-as como desafios. • Toda decisão de cunho administrativo é tomada em grupo. • Existe um regulamento (conhecido como “PRAXES”); conforme este, é dado à liberdade para os líderes de acordo com os objetivos propostos pelo superior sempre seguindo esta “PRAXES”. • Todos entendem que suas atitudes devem ser tomadas frente aos princípios da IASD. • Alguns entendem que se deve ter criatividade. • Todos visam crescimento. • Vêem seus pontos fracos como desafios a melhorar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Citaram metas e objetivos com muita dificuldade para esclarecê-la, pois as citaram dentre vários outros assuntos que não foram solicitados. • A grande maioria disse que existem dificuldades, mas não souberam citá-las. • Só se tem liberdade total mediante a bons resultados financeiros. • A maioria não entende de empreendedorismo, muito menos como lidar com a hierarquia. • Houve muito receio por parte dos entrevistados de se auto-avaliar.

Quadro 1: Análise das entrevistas entre pontos fortes e pontos fracos.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como tema “Os desafios do líder administrativo empreendedor frente à hierarquia do sistema da organização da IASD”, chega-se ao objetivo geral que é “Analisar o método que o departamental de publicações da IASD utiliza para usar o seu empreendedorismo, respeitando o sistema hierárquico da organização”.

As fontes secundárias, foram bases para ter conhecimento da área de *liderança administrativa*. Tudo isto nos levou a uma relação do teórico com o prático. Dando uma visão geral da liderança de cima e de baixo.

Para chegar a um bom resultado da pesquisa, os cumprimentos dos objetivos ficaram implicitamente incluídos na entrevista feitas com departamentais. Dentre todos os objetivos se incluía: a) verificar se há objetivos ou metas pré-determinadas nas lideranças de nível estratégico, tático e operacional; b) identificar as dificuldades de tomada de decisão do departamental de publicações; c) obter a percepção do diretor de publicações da União, Associação e Missão sobre a liberdade para empreender que eles recebem e concedem; d) compreender a avaliação que o diretor de publicações da União, Associação e Missão fazem de sua própria liderança; e) analisar como um líder departamental pode ser um empreendedor respeitando a hierarquia existente no sistema da organização.

Ao concluir este trabalho é necessário deixar claro que no departamento de publicações, através da pesquisa de campo entre todos os líderes, existem regulamentos, leis, que são chamados de PRAXE.

Essa PRAXE é seguida tanto pelos departamentais que são líderes na área de publicações na associação, como pelos diretores responsáveis por esta área, na união, divisão e associação geral. Esta é a escala hierárquica que é respeitada na organização da IASD, e que fundamenta a PRAXE.

Todos os líderes entrevistados nesta pesquisa respeitam a PRAXE e a seguem. Desta forma todos os campos de trabalho, que são diferentes, porém, unidos num único foco, são beneficiados e respeitados em suas diferenças.

Devido a este regulamento chamado PRAXE, ser seguido na organização da IASD, e dela fazerem parte grandes administradores e empreendedores, que a nosso ver devem seguir este regulamento, esta hierarquia, para desenvolver seu trabalho, não podendo fazer o que bem entendem, surgiu de início o seguinte questionamento: Como pode um líder administrativo, do setor de publicações, ser um empreendedor, respeitando a hierarquia existente no sistema da organização da IASD?

Para responder este questionamento, foram entrevistadas sete pessoas, responsáveis pelo departamento de publicações. Sendo estas pessoas conhecidas como departamentais de colportagem, pertencentes a cinco associações, uma missão e uma união. Na pesquisa de campo foram feitas algumas perguntas a estes líderes de publicações. A pesquisa foi gravada e depois transcrita, para então, serem feitas as análises.

De acordo com vários depoimentos, citados no decorrer do trabalho, esses líderes têm total liberdade de ação para agir em seu departamento, fazendo-o crescer e se desenvolver, usando de seu empreendedorismo, desde que estejam respeitando a PRAXE, que são regulamentos da igreja elaborados pelos superiores que dirigem a organização ao redor do mundo. A PRAXE deixa claro que o departamento tem liberdade de expor seu trabalho, isto é, este regulamento é para que não haja uma direção mais viável frente as necessidades do campo. Então, respeitando a PRAXE, os

líderes estão respeitando a hierarquia existente no sistema da organização, e assim, todos andam e agem dentro de um mesmo padrão, beneficiando a todos.

Os líderes departamentais entrevistados, deram exemplos práticos, como os abaixo citados, e responderam que podem trabalhar tranquilamente respeitando a hierarquia e usando de sua criatividade para desenvolver seu empreendedorismo. Veja:

Como este é um trabalho realizado pelos membros da própria igreja, *“pode-se começar a obra com os membros da igreja e depois ampliar a obra para fora”*. Outro entrevistado sugeriu elaborar um grande projeto social, visando à distribuição de revistas ou determinados livros em grande quantidade. Ou ainda incentivar a igreja há ter cada ano a sua cesta básica, que contém literaturas denominacionais e *“espírito de profecia”*¹ em sua casa. Para que chegue neste alvo pode-se complementar este trabalho de empreendedorismo com outra idéia de outro entrevistador que é fazer uma divulgação e treinamento com esses livros de *“espírito de profecia”*.

Há também uma forma de empreendedorismo muito bonita que é *“ter em cada igreja, pelo menos um colportor efetivo”*, e para isto, este líder está tentando recrutá-los, conscientizando-os de que realmente este departamento é um ministério de Deus e, segundo ele, muitos têm aceitado.

Outra sugestão também é aproveitar a semana da colportagem comunitária, e envolver toda a igreja para fazer um trabalho de venda com literatura ou doação das literaturas naquela semana, isso é um empreendimento, *“desta forma você está evangelizando mais e ao mesmo tempo você está nutrindo a igreja e pessoas amigas da igreja que talvez não foram alcançadas pelos colportores”*.

¹ “Espírito de profecia” é uma expressão usada para identificar livros inspirados por Deus e escritos por Ellen G. White.

Os líderes departamentais entrevistados apresentaram seu empreendedorismo através de parcerias com algumas empresas, como por exemplo: ADRA, APAE, a AMIC que é a associação de amigos das crianças com câncer, que são formas de estar expandindo o trabalho.

Nos eventos da ADRA, há um setor dentro do empreendedorismo que é a empregabilidade. Tornar a ADRA não apenas como uma agência para dar cestas básicas, pra dar roupas, mas para ensinar a pessoa a ter trabalho e ser empreendedor.

Através dessas experiências abordadas, à conclusão é que a colportagem é um setor de empreendedorismo que incentiva as pessoas ao trabalho, a ganhar seu próprio sustento, e ser um empreendedor, trabalhando para o bem de seu departamento e de sua sociedade.

Implicações Gerenciais

Um dos pontos fortes encontrados nas fontes primárias e secundárias, foi o fato de que o líder não pode ficar à mercê da mediocridade. O verdadeiro líder deve buscar desafiar sempre os seus liderados, dando assim oportunidades de desenvolverem suas próprias habilidades, mas, para isso, as pessoas têm que sentir o desafio.

Outro fator que surge é o trabalho em equipe. Todos os entrevistados notam esta necessidade para ter um bom desenvolvimento interno e externo. Nada é decidido administrativamente sem antes fazer uma reunião administrativa do departamento, buscando assim, ter um amparo coletivo e não individual, pois, se algo der errado a responsabilidade é em grupo. Logo todos sofrem. Mas se foi individual alguém sofre sozinho, como também havendo sucesso o grupo vence junto.

Observando mais a fundo, cada entrevistado, tem a capacidade de influenciar o seu grupo, levando sempre a decisões oriundas do seu campo. Isto não significa que um líder seja sinônimo de administrador.

Para uma organização se desenvolver bem, se leva em conta o trabalho como um todo, onde buscam um empreendimento comum. E grandes líderes geram assim, um senso de liberdade e voluntariedade comum.

Deve-se buscar aplicações no geral de um ponto crucialmente importante que é abordar os valores humanos expostos nos departamentos internos ou externos de cada empresa, valorizando primeiramente o humano, ajudando as pessoas a realizar o que são capazes de fazer, em vez de priorizar os lucros empresariais, porque através do humano bem sucedido é que virão os resultados financeiros.

É necessário formular uma visão para o futuro, encorajar, treinar, ensinar, estabelecer e manter relacionamentos bem-sucedidos. Note o que diz Emiliano que a “Liderança é uma relação viva e dinâmica entre pessoas, baseada em valores, sentimentos e objetivos. As pessoas apóiam outras pessoas e não a um cargo independente. Por isto se considera que liderança não é um cargo, ou uma posição hierárquica organizativa, mas uma relação entre pessoas”.²

Sugestões Para Estudos Futuros

O trabalho foi limitado a uma determinada união (UCB), juntamente com suas associações (AP, APaC, APL, APS e APO) e missão (MPV). O campo de estudo é muito mais amplo, podendo abranger a todas as divisões, uniões, associações e missões, do Brasil e do mundo.

A pesquisa deixa em aberto os aspectos acima citados para um futuro estudo a ser realizado detalhadamente com cada um destes campos, buscando primeiramente um apanhado histórico do sistema de publicações.

² Gómez Emiliano, *Liderança ética, um desafio do nosso tempo* (São Paulo, SP: Editora Planeta do Brasil, 2005), p. 130.

Sugestões Bíblicas e Teológicas

O líder administrativo empreendedor vai usar métodos para divulgar a mensagem da IASD, tanto para os próprios adventistas como para os não adventistas. E mesmo assim, ele vai trabalhar respeitando a hierarquia existente no sistema da organização da IASD. Pois além da liderança, ele vai usar o seu papel de pastor. O trabalho de um líder departamental de publicações que ao mesmo tempo seja um pastor e obreiro de Deus para divulgar a mensagem de salvação ao mundo, é “vender”, é fazer com que o seu departamento cresça através das vendas, pois este é um departamento que sobrevive praticamente sozinho, ele deve se manter e para isto o líder e pastor, deve com sabedoria através da venda dos livros e revistas alcançar estes recursos. Aqui entra a questão estudada, pois para tudo isto, o líder deve ser empreendedor respeitando a hierarquia da igreja, bem como seus princípios por detrás da mesma. A questão é esta, pois poderia ser que alguns líderes usassem de “métodos mundanos” para alcançar os resultados, mas este deve ser alcançado unicamente da forma correta aos olhos de Deus. Deus já sabia que isto poderia acontecer, pois instruiu a irmã White há muito tempo atrás para que falasse exatamente desse assunto a pastores que trabalham na área de liderança, mexendo com finanças. Ela diz:

O desejo desordenado de ganho levará até mesmo professos seguidores de Cristo a imitarem os costumes do mundo. Deve seus obreiros trabalhar com abnegação e fidelidade relativamente à utilidade e influência de qualquer outro obreiro. A inteligência e a pureza lhes devem assinalar todo o trabalho e todas as transações comerciais. Em seu trabalho não deve haver recantos escuros em que se realizem atos desonestos. A injustiça é em alto grau, desagradável a Deus.³

Deus deseja que lancem mão da colportagem os que são capazes de instruir outros, os que podem despertar em moços e moças promissores um interesse por este ramo, levando-os a empreender a obra da colportagem e fazê-la com êxito. Alguns têm o talento, a educação e a

³ E. G. White, *Administração eficaz: como multiplicar os recursos com sabedoria* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002), p. 143.

experiência que os habilitaria a instruir os jovens para a colportagem de tal modo, que muito mais do que se está fazendo agora poderia ser feito.⁴

A colportagem com nossas publicações é um importante e muito proveitoso setor da obra evangelística.⁵

A colportagem não deve, por mais tempo, ser negligenciada.⁶

Os presidentes de nossas associações e outros que estão em posições de responsabilidades, têm um dever a cumprir neste assunto, para que os diferentes ramos de nossa obra possam receber igual atenção.

Como vimos, este é um trabalho sério, instruído por Deus e aconselhado a ser divulgado ao mundo. Deus até instruiu Ellen White a dizer sobre como devem ser os líderes desta obra, bem como seus colportores juntamente com seu trabalho. O próprio Jesus disse: “E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações. Então virá o fim” (Mateus 24:14).

⁴ Idem, *O Colportor evangelista*. 7 ed. (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993) p. 57.

⁵ Ibid. p. 8

⁶ Ibid. p. 29

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENNIS, Warren e NANUS, Burt. *Líderes: estratégias para assumir a verdadeira liderança*. São Paulo, SP: Editora Harbra, 1988, p. 04.
- BÍBLIA, *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo, SP: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 2000.
- BRITTO, F. e WEVER, L. *Empreendedores Brasileiros: vivendo e aprendendo com grandes nomes*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Campus, 2003, p. 13, 18, 21, 22.
- CANDELORO, Raúl (editor). *Liderança & Supervisão*. Editora Quantum: Abril de 2006, ano iii, nº 22, p. 03, 04.
- CANDELORO, Raúl (editor). *Liderança & Supervisão*. Editora Quantum: Maio de 2006, ano iii, nº 23.
- CANDELORO, Raúl (editor). *Liderança & Supervisão*. Editora Quantum: Junho de 2006, ano iii, nº 24, p. 06.
- CARNEGIE, D. *O Líder Em Você: como fazer amigos, influenciar pessoas, e ter sucesso em um mundo de mutação*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 1995, p. 24.
- CHIAVENATO, I. *Administração Nos Novos Tempos*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Elsevier/Campus, 2004, p. 43.
- DORNELAS, J. C. A. *Empreendedorismo: transformando idéias em negócios*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Elsevier/Campus, 2005, p. 17-53.
- DRUCKER, P. F. *Desafios Gerenciais Para o Século XXI*. 1. ed. São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning, 2001, p. 18, 19, 52.
- EMILIANO, Gómez. *Liderança Ética, um Desafio do Nosso Tempo*. São Paulo, SP: Editora Planeta do Brasil, 2005, p. 124, 125, 126.
- FARRELL, L. C. *Entrepreneurship: fundamentos das organizações empreendedoras*. São Paulo, SP: Editora Atlas, 1993, p. 45.
- FATZENBACH, J. R. *Os Verdadeiros Líderes da Mudança: como promover o crescimento e o alto desempenho na sua empresa*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Elsevier/Campus, 1996.
- FERREIRA, A. B. H. *Mini Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Fronteira, 1977, p. 292.
- GERBER, M. E. *O Mito do Empreendedor: como fazer de seu empreendimento um negócio bem-sucedido*. São Paulo, SP: Editora Saraiva, 1990, p. 67.
- HALLORAN, J. W. *Por Que os Empreendedores Falham: como evitar armadilhas fatais que podem levar seu negócio a um fracasso total*. São Paulo, SP: Makron Books, 1994, p. 7.

HARVAD BUSINESS REVIEW, *Liderança: os melhores artigos de Harvard Business Review*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Elsevier, 2006, p. 62, 205.

KOUZES, J. M. e POSNER, B. Z. *O Desafio da Liderança: como conseguir feitos extraordinários em organizações*. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Elsevier/Campus, 1991.

KOUZES, J. M. e POSNER, B. Z. *O Desafio da Liderança: como conseguir feitos extraordinários em organizações*. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Elsevier/Campus, 2003.

MAXWELL, J. C. *As 21 Irrefutáveis Leis da Liderança: siga-as e as pessoas o seguirão*. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 1999, p. 18.

MAXWELL, J. C. *Desenvolva Sua Liderança*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 1996, p. 11.

MAXWELL, J. C. *Seja o Líder que Todos Querem Ter: usando o seu carisma para motivar pessoas*. 3. ed. São Paulo, SP: Editora Sepal, 2003.

SCHOLTES, P. R. *O manual do líder: um guia para inspirar sua equipe e gerenciar o fluxo de trabalho no dia-a-dia*. Rio de Janeiro, RJ: Qualitymark Editora, 1999, 68.

STOTT, J. *Os Desafios da Liderança Cristã: os relacionamentos pessoais: o desânimo, a juventude e a estagnação*. São Paulo, SP: ABU Editora S/C, 1999, 23, 34, 46.

USSEM, M. *Liderando Para o Alto: como conduzir seu chefe em benefício de todos*. São Paulo, SP: Negócio Editora, 2002, p. 115, 173, 187, 204, 293.

WHITE, E. G. *Administração Eficaz: como multiplicar os recursos com sabedoria*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

_____. *O Colportor Evangelista*. 7 ed. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993.

_____. *Conselhos Sobre Educação*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1976.

<http://www.adventist.org> (acesso 25/09/2006 às 9h e 20 min.)

<http://www.asd-mr.org.br/html/colportagem.html> (acesso 25/04/2007 às 17h e 30 min.)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Colportagem> (acesso 25/04/2007 às 17h e 45 min.)

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA**TCC de Teologia**

- 1) Como pastor departamental de publicação e líder administrativo de uma associação, você possui objetivos e metas pré-determinadas, a fim de levar seu departamento a crescer e se desenvolver? Se sim, quais e como?
- 2) Como líder administrativo, existe dificuldades ou não para que suas decisões sigam avante levando ao crescimento de seu departamento?
- 3) Sabe-se que mesmo sendo líder administrativo deve-se respeitar à superiores. Sob este ponto de vista que liberdade você recebe de seu superior para agir em seu departamento? Você concede a mesma liberdade aos seus liderados? Dê exemplos práticos?
- 4) Como pode um líder administrativo, do setor de publicações, ser um empreendedor, respeitando a hierarquia existente no sistema da organização da IASD?
- 5) Se você tivesse que fazer uma auto-avaliação de sua liderança como departamental, que nota daria ao seu trabalho e por quê? O que acha que deveria melhorar ainda?

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

TCC de Teologia

ENTREVISTA 1

1) Como pastor departamental de publicação e líder administrativo de uma associação, você possui objetivos e metas pré-determinadas, a fim de levar seu departamento a crescer e se desenvolver? Se sim, quais e como?

É impossível você ser diretor de publicações sem ter metas determinadas, de todas as áreas da igreja, do departamento da igreja, publicações é o que mais exige metas e estratégias de trabalho, então, principais metas, você criar na igreja, o senso de missão com publicações. Publicação surgiu para a igreja em si, a visão foi dada a Ellen White quando ainda não tinha colportagem na igreja adventista e quem desenvolveu o trabalho com publicações eram líderes da própria igreja começando com os membros da igreja, depois se ampliou para pessoas de fora. Então esse é um dos focos que nós podemos trabalhar no departamento de publicação é criar no membro da igreja o senso de que publicação faz parte do ministério de cada membro da igreja, isso nós chamamos hoje de colportagem comunitária ou denominacional, esse é um dos focos. O segundo foco é a formação de liderança, aí volta a colportagem estudantil, então os líderes são formados na nossa igreja como pastores, professores, médicos, passam pelos nossos colégios, e a pena inspirada nos mostra que a colportagem é uma das melhores escolas de educação aos jovens, por isso que é importante dentro das metas... A segunda meta então como eu já mencionei é o perfil da formação da liderança dentro da igreja, que é constituída pelos pastores, professores, enfim, então dentro do plano de Deus no ministério de publicações, a colportagem ela ocupa um papel fundamental, ela é chamada até de educação superior e ensina de forma prática os jovens, o relacionamento, a desenvoltura, o crescimento em todos os aspectos tanto espirituais, pessoais, é, financeiros, então uma das metas que nós devemos ter como diretores é ter uma colportagem forte em nosso campo, forte para os alunos que estudam no colégio, e forte para os jovens que gostaríamos de estudar em nossos colégios, então dentro da área estudantil, entra o que nós chamamos de projeto líderes para sonhando alto também, outro aspecto é a colportagem com livros, que nós chamamos colportores efetivos, a colportagem com livros tem como objetivo fazer uma varredura no campo, aonde muitas vezes o estudante não vai, o efetivo vai, ... é uma visão mais ministerial, Ellen White nos diz que o colportor evangelista, o fiel colportor evangelista, encontram-se em igual patamar, Deus considera o pior pastor, assim como considera o pior colportor, então é importante que todo campo tenha uma estrutura dividida em campanhas de colportores evangelistas e livros de porta a porta essa é a terceira meta. A quarta meta seria a que nós chamamos de setores especializados, que seriam em primeiro lugar colportores que atendam a área escolar, que nós chamamos colportores de revistas, são colportores já formados, colportores já com uma carreira maior que atende uma determinada região, e dão prioridade a crianças, principalmente de escolas não adventistas é o que nós chamamos colportores de revistas. Então já abrangemos aí colportores estudantes, abrangemos igrejas, abrangemos colportor efetivo porta em porta, abrangemos colportor de revistas e o quinto aspecto são projetos especiais, são programas que você pode fazer principalmente em grandes cidades como São Paulo que nós temos feito lá, que envolva outros aspectos, aspectos sociais, por exemplo, criar um programa social, um grande evento por exemplo, onde você pode trabalhar literatura, vários aspectos, programa publicitário, por exemplo na paulistana nós temos o programa publicitário vida e saúde, foram 40 mil revistas, foi feito um projeto com o grande conflito, foram quase 50 mil livros, mas aí vai depender mais da criatividade e desenvoltura do diretor, então quando alguém olha para colportagem, principalmente em nossos colégios eles vêem apenas uma fatia do bolo, a colportagem é um bolo composto de várias fatias, não é? E nós temos certeza que no tempo do fim quando todas as inscrições estiverem fechadas, a colportagem terá seu espaço, então por isso é importante que a colportagem continue avançando cada vez mais, não é? Como ministério, é, a princípio ela veio começando pequeno mas foi a primeira visão, mas cresceria ao ponto de se tornar como correntes de luz e folhas de outono, estes dias já estão fáceis.

2) Como líder administrativo, existe dificuldades ou não para que suas decisões sigam avante levando ao crescimento de seu departamento?

As dificuldades elas existem, a gente sente isso, mas de uma forma bem clara, porque quando você está fazendo o trabalho de Deus, nós estamos vivendo num contexto que nós chamamos de O grande conflito, então a luta entre o bem e o mal, é forte, Satanás sabe que se você deixar hoje um livro como o Grande Conflito, um Vida de Jesus, e outros é algo que pode levar as pessoas a tomarem uma decisão, as lutas sempre existem, agora, tudo depende de como você encara as dificuldades, eu sempre digo assim, quando um campo é duro, o líder tem que ser duro e meio, não é? E as dificuldades elas tendem a nos fazer crescer, então em qualquer associação, em qualquer

campo, esta é a quarta associação que eu trabalho, e em todas elas eu vi dificuldade, mas se você colocar o foco na dificuldade você não vai crescer, não vai se desenvolver, e por isso que é importante, o principal passo de um diretor de publicações, e qualquer administrador é trabalhar em equipe, primeiro, o departamental de publicação, ele é um secretário de publicações, na verdade quem dirige o departamento é o presidente, então se você tem um bom relacionamento, estabelece estratégias e metas com o seu presidente, com o seu tesoureiro, com o seu secretário, juntos estão trabalhando de mãos dadas, né, e nessa conexão envolve o gerente também, os líderes que acompanham o departamento de publicações, você não vai ter dificuldades porque quando você tiver vitórias, serão vitórias da campanha, da equipe, e quando tiver alguma aparente derrota, também serão derrotas da equipe, é trabalho em equipe, quando o diretor trabalha isoladamente, vai enfrentar dificuldades ou, quando ele foge à ética que a igreja espera, que na verdade nós não trabalhamos de uma forma isolada, embora muitas vezes as pessoas vêem a colportagem como um trabalho a parte, colportagem faz parte do programa da igreja, e é isso que nós devemos, eu sempre estarei enfatizando, né, colportagem é um ministério da igreja, e nós como diretores de publicações estamos ali para servir a igreja, a responsabilidade é de quem, são dos administradores, nós estamos ali como secretários, como apoiadores, como uma extensão, da nossa administração, até o colportor ou até o cliente.

3) Sabe-se que mesmo sendo líder administrativo deve-se respeitar à superiores. Sob este ponto de vista que liberdade você recebe de seu superior para agir em seu departamento? Você concede a mesma liberdade aos seus liderados? Dê exemplos práticos?

É, vou dar um exemplo bem prático tá?, pra você, dizem que em terra de cego, quem tem um olho é rei, mas em terra de rei quem tem um olho é caolho, colportagem é um departamento, é, muito especial na igreja, e poucas pessoas entendem, então se você é um diretor de publicações visionário, e sabe o que está fazendo, você vai ter o respeito da sua administração a tal ponto que a sua voz é uma voz respeitada, então, tanto o presidente, secretário, tesoureiro, ou pessoas que estão acima de você, eles confiam muito em você, desde que você desenvolva uma liderança que ofereça, que demonstre segurança, que demonstre respeito, que demonstre ética. O grande problema é que muitas das vezes como vem o departamento de publicações que tem muito foco na área de vendas, porque nós evangelizamos vendendo, eles perdem um pouquinho de vista é isso, eles se preocupam tanto em mostrar um bom relatório de vendas, que se esquecem, podem perder de vista o foco (os diretores de publicações), porque o nosso foco não é ganhar dinheiro, o nosso foco é evangelizar, com publicações e formar pessoas, tornar os nossos colportores mais capacitados, para melhor servirem a igreja, esse é o foco principal, então se a igreja vê nisso, vê no diretor isso aí, tenha a certeza o seguinte, todos os departamentos da igreja, talvez o que trabalhe com mais liberdade e autonomia é o departamento de publicações, então quanto a isso o diretor não vai enfrentar dificuldades.

A igreja trabalha dessa forma para existir um espírito de união, entendeu, uma única linha de pensamento, então, quem manda no campo local, é o que, é o presidente. Ele vai definir juntamente com a sua comissão, com a comissão administrativa quem serão as pessoas que vão estar representando a igreja em seus diversos seguimentos, que são os departamentais, quem são os departamentais, são nada mais nada menos, são secretários do presidente naquela determinada área, então um campo local ele determina uma linha de trabalho, agora como campo local, é óbvio que existe uma união que está acima do campo local que trabalha mais na área de aconselhamento, diretrizes, mas a execução é feita pelo campo local, então hoje publicações, ela tem uma ligação muito próxima da união, eu até diria assim que é um dos departamentos que talvez tenha mais proximidades junto a união e a divisão, então sempre existe uma coerência, existe um respeito, mas o campo local ele tem uma autonomia nas suas definições, por exemplo, qualquer decisão séria, que explicações for tomar tem que ser passada em comissão, se nessa comissão ele não for aprovada, não tem como executar, percebe então, quem define a execução, quando são execuções sérias é a comissão do campo local, a união traz o programa, certo, mas esse programa, ele é trazido na hora de fazer a execução dependendo da linha se é uma linha que compromete algum aspecto, principalmente aspecto relinheiro, alguma coisa assim, se deve, se recomenda que o diretor leve essa idéia a seus administradores e que seja tomado um voto em comissão interna, então se na comissão for aprovado tranquilo, agora se não for aprovado é melhor que você siga o programa local, mas dificilmente você vai ter dificuldade porque até hoje eu não vi a união trazer algum tipo de trabalho que não seja pro melhor do campo.

A liberdade do diretor de publicações ela é muito vasta, e a igreja ela tem o seu manual, a colportagem tem o colportor evangelista, temos a bíblia, então existe uma linha de coerência, que é uma linha bem lógica, são os princípios de Deus, então você vai perder a sua liberdade se você não estiver seguindo os princípios que Deus estipulou, no colportor evangelista, na própria bíblia, né, eu digo assim, nesses 10 anos na área de publicações eu sempre tive muita liberdade pra dar, muita mesma, talvez o maior desafio, de um diretor não seja a falta de liberdade, talvez para alguns foi até excesso de liberdade, no momento que nós trabalhássemos mais em equipe, mais em grupo talvez nós erráramos um pouco menos, né. Então quanto a liberdade ela é bem vasta, liberdade clara, é claro que esta liberdade também, ela vai estar aliada a saúde financeira do departamento, quanto mais saudável o departamento tiver financeiramente, mais poder de ação ele vai ter, de ampliação.

4) Como pode um líder administrativo, do setor de publicações, ser um empreendedor, respeitando a hierarquia existente no sistema da organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia?

Existe-se uma coisa que chama-se lei e outra coisa chama-se conselho, leis não se discutem, certo, princípios não se discutem, não se negociam, conselhos se ouvem, se analisam, e se trabalham dentro de uma coerência, então a igreja, é uma igreja coerente, a administração do campo é uma administração coerente. Todos nós temos as nossas falhas, mas, existe uma coerência, então, o que o diretor de publicações tem que fazer, tem que saber, a primeira pergunta que você fez, tem que ter metas tem que ter objetivo, então se você tem metas, tem objetivos, se tem um plano bem definido de trabalho, você vai fazer o que, se vier da parte superior alguma idéia que venha entrar em conflito com os projetos do campo, que tem que se fazer, sentar, conversar, seguir o princípio bíblico, não é?, se conversa, se analisa, e vê se realmente as vantagens são maiores em adotar o programa da união ou seguir o programa do campo. Na maior parte das vezes se vai perceber que tem como se fazer uma harmonia, se harmonizar, a realidade do campo com aquilo que realmente a organização venha te pedir. Geralmente as organizações superiores elas tem aberto assim um espaço para as realidades diferentes de cada associação. A igreja a nível de conferência geral, a nível de divisão ela tem um programa, mas ela sabe que cada região tem sua peculiaridade, cada associação tem seus desafios, não é?, e geralmente procura-se adequar a esta realidade, se harmonizar. O sistema dá esta liberdade, é claro que existem algumas coisas que são bem objetivas, nessas a gente tem que trabalhar e procurar encaixar de uma forma ou outra. Mas no geral quando o diretor tem um programa que está em crescimento, que está em andamento, em time que se ganha não se mexe.

5) Se você tivesse que fazer uma auto-avaliação de sua liderança como departamental, que nota daria ao seu trabalho e por quê? O que acha que deveria melhorar ainda?

É difícil você dar uma nota geral, se fosse uma nota específica por determinado segmento seria mais fácil, eu diria assim, eu daria um oito, sete, ficaria entre um sete ou oito. ... Eu não sei cara, é difícil né cara, é que nem aquele esquema, quantos estão salvos, ... mas me dou uma nota oito, não pelo esforço porque eu acho que todos estão se esforçando, mas pela falta de, a gente tem que crescer muito ainda na colportagem, há, há, há, quanto a esta nota que você me pede eu daria uma nota oito. Se fosse para analisar esforço e dedicação eu daria dez para todos eles. Eu dou oito porque assim, nós temos muito que crescer, muito que ouvirmos a direção de Deus, eu acho que creio que precisa na colportagem... o foco nosso é avançarmos sem perdermos de vista o espiritual, ta bom?, então oito, oito e meio eu acho que seria uma boa nota.

ENTREVISTA 2

1) Como pastor departamental de publicação e líder administrativo de uma associação, você possui objetivos e metas pré-determinadas, a fim de levar seu departamento a crescer e se desenvolver? Se sim, quais e como?

Bom, é, quando se fala em objetivos e metas, hoje em dia toda e qualquer empresa trabalha com objetivos e metas que tem haver com o planejamento. Então realmente hoje em dia esse trabalho com planejamento colocando de um ano para o outro, né, que no caso é o planejamento a curto prazo, é, os objetivos para o ano seguinte, então realmente nós colocamos, e esse objetivo tem haver com cada departamento. Meu caso é publicações então tenho por exemplo objetivos, metas no caso, que seriam metas, de número de colportores, é, visitas também a eles, campanhas que eu vou ter que formar, vou ter que treina-las, e assim, de acordo com a realidade de cada campo, de acordo com a realidade do meu campo, então eu tenho minhas metas que eu coloco, que eu faço junto com meus liderados, em relação ao ano seguinte. Então para o ano que vem eu já tenho já o planejamento pronto e preparado com todas as metas para o ano que vem. Isso é determinado... o planejamento sempre começa no meio de junho, julho, então já começa a preparar de acordo com a realidade, e aí nós sentamos, a administração, primeiro vem a união as metas que eles tem, né, os programas que eles tem, as datas, juntamos com as da associação, né, com as deles também, e aí colocamos as nossas também de acordo com as nossas necessidades. Então primeiro é reunida a união, é, depois a associação, e aí depois com os meus liderados que eu vou ter a reunião agora final de outubro, já com as datas da igreja junto com as minhas datas para o ano que vem. ... Os assistentes são os meus liderados, por exemplo eu trabalho com assistentes de livros, de revistas, assistentes de estudantes também, né, então você vai estar participando no final de outubro juntamente com o grupo lá dessa agenda, que vai ter ali as metas que a gente vai ter que alcançar. Então são metas de pessoas, em número de pessoas para o trabalho, que tem haver logicamente com o resultado final que é metas de vendas, nós trabalhamos com vendas, né, vendemos, então nós temos que ter uma meta para a gente alcançar. Então também a própria casa publicadora brasileira com as compras corporativas a gente tem um planejamento para poder desovar o seu estoque de livros, né.

Para montar o planejamento quem está junto contigo, quem que participa dele? Desse planejamento, do montar ali, junto comigo ali pro planejamento no caso primeiro eu já levo algo mais ou menos em tese é, pronto para reunião pelo menos o esqueleto, né, não pronto, mas o esqueleto, do que a gente mais ou menos com os dados do

ano, né, de acordo com o que a gente alcançou, pra gente poder trabalhar junto com eles. Então por exemplo, eu pego as vendas individuais por equipe, de cada assistente, para ver quanto eles alcançaram, de acordo com aquilo que eles alcançaram, o que foi remungado até o período né, de um ano, então eu pego de junho de 2005 por exemplo a junho de 2006, vejo quanto que alcançou, o que se pode melhorar e eles participando juntamente nessa reunião eles vão dizer o que eles podem melhorar e aquilo que eles mesmos esperam deles e o que eu espero deles também. *Fora esta parte de livros, revistas, tem algum outro departamento que inclui junto nesta parte de publicações?* Olha, publicações também trabalha com espírito de profecia e literatura denominacional, nós temos também que trabalhar, principalmente no segundo semestre de todos os anos, que é a cesta básica, então é a compra de literatura pra igreja, nós trabalhamos com material de loja que nós falamos, que é material separado de material de colportagem, que é vendido pelos colportores, que vendem um tipo de literatura que dentro da loja não tem. Na casa e membros que quiserem comprar tem que comprar do colportor, então também trabalha com estas metas em relação à literatura denominacional, né, que vem da Casa Publicadora, são livros de bolsa, assinatura de lição, de revista, como também Espírito de Profecia, nós trabalhamos também na divulgação e treinamento também com livros de espírito de profecia da igreja que são inclusão da verdade, literatura e espírito de profecia, é um departamento que tem dentro da igreja que é nomeado em cada igreja pelo, através da comissão né, que é feita todo final de ano, que é colocado um líder para cada igreja.

2) Como líder administrativo, existe dificuldades ou não para que suas decisões sigam avante levando ao crescimento de seu departamento?

Em relação ali a dificuldades, tudo ali que você faz, mesmo planejado, você encontra ali uma certa dificuldade, inclusive tem uma crítica em relação ao planejamento que alguns autores até fazem dizendo que o planejamento, o grande problema dele é que ele acaba até engessando né, mas, isso é um ponto negativo que eles consideram, mas, tem um ponto positivo que te dá uma diretriz, e talvez alguns até o colocam como ponto negativo que você tem que mudar ele durante o percurso né, não é subsequente. Mas isso é natural, então às vezes aparece imprevistos, que você tem que mudar ali o planejamento que você fez. Agora dificuldade em relação a você alcançar, ir avante em relação ao crescimento é, sempre vai aparecer, agora, se você fez um bom planejamento se você trabalha em cima dele, se você corre atrás do resultado com base naquilo que você desencadeou que você no caso ali planejou, você alcança, dá para você alcançar, mas não é só planejar, não é só colocar no papel, você também tem que criar metodologias, que às vezes você coloca no papel, coloca ali no ano anterior aquilo que você quer no ano seguinte, mas você não procura, você tem que fazer na verdade, você tem que fazer reuniões com seus liderados, ver aquilo que eles estão alcançando, ver talvez as dificuldades que eles estejam enfrentando em relação ao cumprimento daquela meta ou seja, você tem que acompanhar, acompanhar e mobilizar se você mobilizar acompanhando e no campo de trabalho junto com eles né, não só atrás mas estando junto ali também, isso facilita na realização.

3) Sabe-se que mesmo sendo líder administrativo deve-se respeitar à superiores. Sob este ponto de vista que liberdade você recebe de seu superior para agir em seu departamento? Você concede a mesma liberdade aos seus liderados? Dê exemplos práticos?

Bom eu vou falar para você, na União eles sempre tem datas né, que no caso vem de cima para baixo, conferencia geral, a Divisão, União, enfim, são datas comuns que é dia do colportor por exemplo, é, tem ali por exemplo também o batismo de primavera, então são datas comuns que a igreja como um todo trabalha nesse foco. Então tem um foco que a liderança pede que nós venhamos a trabalhar em cima dele. Agora em relação a liberdade que você faz no seu programa, todo departamental, falando por mim né, e abrindo um pouco o leque, tem a liberdade de fazer seu próprio planejamento e você desenvolver seu próprio trabalho, é, de acordo com aquilo que você pensa e da maneira que você quer, então você tem a liberdade pra você formar as suas equipes, para você escolher os seus líderes, né, principalmente escolher os seus líderes pro trabalho, então você tem essa liberdade, então não é algo assim engessado né, tem algumas coisas que tem datas comuns, mas quem faz o planejamento quem organiza e determina é você, aí logicamente a administração, a igreja como um todo né, ela te dá esta liberdade pra você delinear, aí logicamente depois é feito uma..., você faz um projeto maior algo que vai envolver talvez custos né, aí você tem que sentar com as administrações, as comissões, então tem por exemplo a comissão do SELS, tem a comissão da Associação, tem a comissão diretiva, e essas comissões ali elas votam projetos maiores. ... *quem participa em cada uma dessas comissões?* Por exemplo no meu caso ali, a comissão do SELS, (Serviço Educacional Lar e Saúde), então essa comissão é formada pelo presidente, o diretor né que sou eu, mais ali o tesoureiro, tem um assistente que está ali representando sempre os colportores e o gerente também e o secretário, né, aí você pode convidar também o diretor de União em si, mais ali um e dois ali para participar também da comissão, então essa comissão quando vai envolver, envolve investimentos no caso ali, aí você no caso tem que, gastos né, ou custos ali, investimentos né, você tem que passar pela comissão para poder liberar a verba, começando do SELS, para que você trabalhe nesse sentido é uma forma também democrática né e deve e é bom também que você não toma decisão ali sozinho, é bom voce estar amparado ali porque todo e qualquer investimento quando se trata em área de vendas os investimentos que você vai fazer nesta área, você pode ter um resultado positivo ou negativo, é um mercado comum,

o nosso departamento trabalha num departamento comum então você pode ir bem como você pode talvez ali não ir tão bem acontecer ali algum problema no decorrer do processo então por isso é bom você estar amparado o que é estar amparado, é você sentar junto com a administração, ouvir o que eles tem pra dizer, apresentar o seu projeto, e assim aprovar todas as molduras e trabalhar num mesmo objetivo. *Como funciona a liberdade com os seus liderados, você concede a mesma liberdade que lhe concedem também?* É tem vários estilos de liderança, né, é democrática ou autocrática, e assim vai né, ... e assim por diante né, então isso tem haver com o aspecto individual, eu por exemplo ali quem trabalha comigo sabe, eu gosto de trabalhar no sistema democrático, num sistema mais aberto ali, a fim de que o líder ele tenha liberdade, se você chama uma pessoa, fala que ele é líder e você não dá oportunidade, liberdade para ele agir, da forma como ele pensa, é, na minha opinião você está num caminho um pouco errado né, minha maneira de ver, porque se ele é líder, líder toma decisões, ele tem que estar motivado, ou auto motivado se auto motivar cada dia pra realizar o trabalho então não é por pressão né, ele sabe que tem metas que tem objetivos enfim que você coloca de cima pra baixo, enfim que nem eu falei compra corporativa você vai comprar, fazer uma compra de livros, ali em quantidade aí senta com os liderados e passa ali os líderes a fim de que eles possam passar para os colportores é, o desafio que foi tomado, no caso pela associação através da divisão, da casa publicadora, e eles agora assumirem aquilo que foi determinado, pré determinado pela organização, agora eu procuro dar liberdade pra eles trabalharem, então eles vão criar metodologias, eles tem que estar motivados, eles tem que criar eles não podem ficar parados, olhando, pensando que as coisas vão resolver, talvez de uma forma até mágica né, a gente tem que ter responsabilidade então eu gosto de trabalhar de uma forma democrática, ele pode escolher, pode ver a melhor maneira, metodologia, eu dou liberdade agora, como eu tenho liberdade também, uma coisa que eu gosto de dizer e falar é o seguinte, você tem liberdade mas você tem que ter também o que, resultado. A gente trabalha com resultado, então ele tem que ter na cabeça dele que ele tem que ter um resultado tem que, qualquer empresa, qualquer lugar, espera um resultado positivo, então eu deixo trabalhar com liberdade não gosto de ficar em cima, nem duvidando, ou, pegando no pé como diz o ditado popular, deixo mais a vontade, é o meu jeito, então é uma coisa que eu aprendi, que fizeram comigo em relação a liderança, né, então é para você passar responsabilidade pra pessoa.

4) Como pode um líder administrativo, do setor de publicações, ser um empreendedor, respeitando a hierarquia existente no sistema da organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia?

Ouvir falar em empreendedorismo é algo moderno né, o líder que é empreendedor é aquele que investe, que arrisca, que procura fazer o seu trabalho, daquilo que ele tá fazendo na sua liderança, algo maior e sublime, né. Agora o empreendedorismo ele parte da pessoa como um todo, né, o que seria essa pessoa como um todo, o empreendedorismo, tem a ver com os objetivos e metas que a pessoa tem e principalmente também com a garra, a perseverança em relação ao trabalho. Agora você falou ali em relação ao empreendedorismo, ... (WELL) o que rege ali no caso a obra, num aspecto geral é a ética né, e desde também que não fuja, não só dá ética, mas que não fuja também de padrões, então por exemplo padrão religioso, então o que é que também tem a ver com a ética, é você ser sincero naquilo que você está fazendo, você não fazer algo que vai benenegrir a imagem da obra como um todo, então voce ser empreendedor, voce arriscar entrar num mercado e correr atrás não é um problema, a questão é você usar de métodos que não sejam éticos né, (well)

Bom, o meu departamento que é literatura, o que rege ali, a pregação do evangelho com livros, então no caso ali é você saber que esta vendendo literaturas e evangelizando então o padrão de comportamento que se pede ali é você trabalhar, vender a literatura mas com o objetivo de salvar, então o padrão que a pessoa tem que ter para seguir é esse, é vender a literatura, saber que esta vendendo mas para salvação. Então, o que eles pedem é isso, agora, como você vai fazer, por exemplo, hoje em dia nós temos colportores especializados para trabalhar em empresas, tem colportor que trabalha de casa em casa, tem alguns que trabalham em órgãos públicos, enfim, é a mesma obra de formas diferentes, abordagens diferentes, mas que não esta prejudicando ou criando nenhum problema em relação ao padrão ético, né, e moral da igreja como um todo. (WELL) *Em poucas palavras como você define o departamento de publicações?* Publicações, bom, publicações é como eu falei né, publicação, literatura hoje em dia como um todo é você levar Cristo através da escrita. O departamento de publicações ele tem por objetivo evangelizar tanto as pessoas fora, logicamente pra estar indo pra dentro da igreja, como também os próprios membros, para que eles tenham um conhecimento maior sobre a literatura. Eu diria que o departamento de publicações é uma máquina de ganhar almas, né, inclusive mais de 80% dos países conquistados no mundo, onde não havia a presença adventista, foram conquistados através da literatura, inclusive o Brasil né, porto de Itajaí. Então publicações é isso né, evangelização, salvação, com literatura e a meta do departamento o que é, é espalhar os livros como folha de outono, Ellen White diz no livro o colportor evangelista que nós temos que espalhar a literatura, a nossa meta é como folhas de outono, por que folhas de outono, porque no outono lá no Canadá, EUA, as folhas caem né, e aí elas se espalham no chão e forram o chão, então ela fala que os livros deveriam forrar o mundo e todo o globo terrestre como as folhas que caem em todo o período de outono. ... (WELL) é por exemplo, hoje a obra como um todo ela tem o CGC, ela tem o CNPJ, inscrição estadual, então ela trabalha em tese como uma empresa, ela é uma empresa, então você utiliza de métodos convencionais e que existe também um padrão aí, regras estaduais, municipais em relação a vendas enfim a gente trabalha em cima disso dali ...pra poder alcançar o objetivo final.

5) Se você tivesse que fazer uma auto-avaliação de sua liderança como departamental, que nota daria ao seu trabalho e por quê? O que acha que deveria melhorar ainda?

É difícil né, você dar uma nota pra você mesmo, eu vou dizer pra você, em termos de trabalho eu faço o que eu gosto, trabalhar num departamento né, não só pelo fato de ser um departamento, eu me considero um colportor, vendedor de porta em porta, colportor sempre fica vendendo de porta em porta né, então eu comecei a trabalhar de casa em casa, liderei, passei por todas as etapas, do departamento, das funções mesmo do departamento de publicações, então eu sempre procurei fazer meu trabalho da melhor maneira possível né, que sempre estar ali fazendo o meu melhor, procurando respeitar as pessoas que eu entro em contato, tanto na liderança direta quanto indireta também né, as pessoas que estão em redor, agora, dar uma nota eu acho melhor você dar uma nota do que eu. Eu daria uns 7, esta bom né, 6 ou 7. agora o que eu poderia mudar, eu acho que todos nós temos que mudar, o mundo hoje é de constante mudança né, todo dia você tem que estar mudando, então eu acho que poderia mudar em vários aspectos, talvez ali no aspecto técnico, eu tenho que melhorar, tem que envelhecer todos os dias, aspecto espiritual também a gente pode melhorar bastante, ler a bíblia também é o que nós cremos na palavra de Deus, aperfeiçoar mais este ponto, apesar de que eu sempre estou procurando ler, reler, estou lendo agora o grande conflito, acho que a gente pode melhorar, crescer todos os dias, esse negócio de dizer que ela está 100%, você nunca vai chegar em tese nos 100%, você vai chegar talvez no seu limite, nós somos limitados, então é você ultrapassar o seu limite, é algo bem individual.

ENTREVISTA 3

1) Como pastor departamental de publicação e líder administrativo de uma associação, você possui objetivos e metas pré-determinadas, a fim de levar seu departamento a crescer e se desenvolver? Se sim, quais e como?

A gente já tem planejamento pré determinado, a gente sempre faz isto no oitavo mês do ano que antecede o ano que vai entrar, então a gente já começa a passar todas estas datas e em cima das datas a gente começa a fazer um planejamento de dois focos, o desenvolvimento humano e desenvolvimento financeiro do departamento que tem haver com a colportagem humana que é o recrutamento de colportores, a preparação das campanhas, o treinamento dessas campanhas e essas campanhas então começam a se desenvolver de uma forma que eles começam a ter agora uma preparação financeira aí então nós trabalhamos com o SELS, este, tem despesas operativas essas despesas elas são rateadas em todo o sistema colportagem que envolve campanha e loja de SELS, então essas operativas elas envolvem tanto o custo do SELS como assistentes como funcionários do escritório do próprio departamento. Então se a gente não trabalhar com um planejamento financeiro prévio com metas, objetivos, datas pré determinadas com os alvos a serem alcançados dentro de nossos períodos de trabalho a gente alcançar cada meta em cada período que a gente divide em 4 trimestres desses períodos a gente tem como fazer avaliações trimestrais para saber quanto nós já alcançamos, e o quanto nós podemos alcançar e o quanto esta faltando para nós alcançarmos, para que a gente possa ter o ponto de equilíbrio que a gente chama, ponto de equilíbrio de campanhas internas e ponto de equilíbrio da loja que a loja também influencia dentro do sistema financeiro do SELS, é lógico cada campo ele varia muito pelas situações geográficas de colportagem e situações de venda em si para que isto esteja sendo positivo ou sendo negativo, a leste tem as suas dificuldades, tem seus objetivos e suas metas como os outros campos também tem. Então dentro dessa pergunta que você me fez, sim, a gente tem um planejamento, esse planejamento como eu ter falei a gente sempre faz no oitavo mês do ano que antecede, por exemplo, agora mesmo nós estamos em setembro e nós já fizemos o plano de 2007 para todo o ano, já está pronto com todos os nossos orçamentos, tem que ter os investimentos, as despesas, o previsto e aquelas entradas previstas que são nossos alvos, nossos objetivos, tanto o lado humano, o número de colportores sendo recrutados para colportagem de efetivos e colportagem de estudantes que são dois períodos né, que é as férias de inverno e férias de verão, e as campanhas permanentes que é a sonhando alto e as campanhas permanentes de efetivos e o quanto que a loja vai contribuir nesse processo aí a gente trabalha com promoção da loja, promoção de livros, de materiais e produtos da loja, superbom, material do SISAC, da rede novo tempo enfim esta tudo envolvido dentro do nosso planejamento (WELL) ... A decisão financeira é tomada por três pessoas ... essas pessoas na realidade preparam uma proposta, o tesoureiro do campo, da associação, gerente do SELS e diretor, que sou eu, essas pessoas preparam uma proposta que é levada pra comissão do SELS, quem participa da comissão do SELS, toda a administração do campo mais dois departamentais e mais o departamental da união então essa reunião é feita e ali é passada toda essa agenda que eu já falei pra você ta, de uma forma sistemática e programada, então parece até ser um trabalho meio fragmentado esse negócio assim mas é para você ter seu norte ... é para direcionar todo o fluxo do departamento desde o colportor aspirante até o trabalho do diretor, então você tem que estar ali tudo bem detalhado então essa comissão do SELS ela estuda, geralmente a gente fica uns três dias trabalhando em cima disto e vota, vota como uma proposta da assembléia da mesa geral da associação aí é votado o programa e a gente trabalha em cima disto aí,

2) Como líder administrativo, existe dificuldades ou não para que suas decisões sigam avante levando ao crescimento de seu departamento?

Na realidade uma palavra que eu poderia definir para você assim as dificuldades elas existem, mas eu acho que a gente tem que olhar sempre o lado positivo da dificuldade, com a dificuldade vem sempre uma oportunidade, então na realidade o departamento ele tem oportunidade e essas oportunidades eu posso aproveitá-las ou não aproveita-las então as dificuldades quando elas vêm, o que é uma dificuldade para mim, no SELS hoje, a nível da minha associação da Paulista Leste que é um campo de São Paulo da União Central a minha dificuldade hoje é a capitalização dos recursos humanos, que vai me levar a capitalização do recurso financeiro que é o humano que me trás o financeiro. O humano seria o colportor tanto o estudante como o efetivo é o meu desafio que para mim eu vejo como uma oportunidade de eu desenvolver este trabalho. Seria criar a fidelidade é aquilo que dentro do escurinho do marketing fala, o pós venda é o cliente fidelizado, qual que é o cliente do colportor, é a pessoa que ele entra em contato uma empresa, um gerente de loja um pai de família, uma casa, qual que é o meu cliente, meu cliente é o colportor, então eu tenho que ter um trabalho com o colportor não só na ação da venda, o caso do estudante não é só nas férias tenho que ter com ele o pré e o pós, visita-lo antes e acompanha-lo após fazenda a pós venda com ele. Meu colportor efetivo o que é, é eu dar condições de trabalho, condições de ele também tornar um empreendedor que aí já tem a “PRAXE” da divisão pra isso.

3) Sabe-se que mesmo sendo líder administrativo deve-se respeitar à superiores. Sob este ponto de vista que liberdade você recebe de seu superior para agir em seu departamento? Você concede a mesma liberdade aos seus liderados? Dê exemplos práticos?

Hoje dentro da estrutura da igreja o SELS o serviço educacional ele é em alguns momentos motivado a ter uma atitude de empresa mas na realidade nós não somos uma empresa nós somos um braço da igreja e a igreja tem regulamentações que muitas vezes nos impele a ter essa visão de igreja temos que ter visão de igreja, evangelística, então seria até onde vai o meu limite da minha liberdade vai até a minha produção dentro do contexto adventista. Um pastor distrital ele tem total liberdade para ele fazer o trabalho dele desde que esteja alcançando o alvo de batismo dele. O meu como departamental e líder administrativo que gera finanças que é a colportagem aonde esta a minha liberdade, até o meu, ...eu posso inventar, ter criatividade de métodos, estratégias de trabalho, que em nenhum momento um superior meu vai me interferir ele só vai fazer alguma interferência no momento que este método ou estratégia não tiver alcançando o objetivo final da colportagem que é a distribuição de literaturas no maior número possível, isso gera vendas. Então eu tenho no departamento hoje, você tem total liberdade, não só o meu, isto é geral, total liberdade, a União não interfere o campo local não interfere, até porque o departamental é um secretário do presidente, o presidente da colportagem é o presidente do campo. Eu sou um secretário que nomeado e escolhido pela mesa junto com o presidente pra ser o profissional daquela área específica ou seja quem responde por este departamento direto é o departamental, então ele tem toda a liberdade pra fazer o trabalho. Consequentemente os líderes desse departamento, os líderes adjuntos, podemos assim dizer que são os assistentes efetivos, assistentes de estudantes, dentro da concepção hoje, aqui eu vou falar mais ponto leste eles tem total liberdade pra desenvolver o trabalho deles eu não interfiro em nenhum momento até que, novamente aquela forma que eu te falei do contexto adventista, até o ponto que o objetivo esteja sendo alcançado é um ponto em comum, é o ponto de equilíbrio que todo SELS tem que ter e toda campanha tem que ter que é aquele escolha, aquela média, a campanha estando naquela média, o processo de liderança estando naquela média, o líder tem total liberdade de tomar decisões e tomar atitudes a menos que essa atitude venha gerar para ele erros e ele ter que pagar muitas vezes com o insucesso. Mas é muito melhor você trabalhar com líderes que tomam atitude mesmo que seja passivo ao erro do que você trabalhar com líder que não erra mas também não pensa. (Well) ... nós temos uma metas para nos dar um norte, pra nos mostrar, olha eu quero chegar até aquela árvore ali, mas se eu cheguei até aquela arvore e estou com fôlego para chegar três vezes mais aquela arvore, é lógico nós vamos buscar aquelas três vezes mais, principalmente no departamento de publicações é muito dinâmico ele não se satisfaz com o básico, ele sempre quer o mais, sempre quer mostrar que o ministério de publicações ele é algo assim que é positivo pra igreja, isso mostra que o departamento de publicações na igreja é um departamento assim que está muito ativo, vivo, e dinâmico. A nossa meta é evangelizar o mundo, é lógico que nós temos que ver com venda, temos que ver com gestão de pessoas e gestão financeira mas, a nossa meta é evangelização, então evangelizar o mundo e nosso alvo é até Jesus voltar, enquanto Jesus não voltar sempre tem que melhorar, crescer, mas é o que eu te falei se o meu alvo é andar 100 metros e desses que eu andei estou com fôlego para andar mil, eu vou até os mil. Também pode-se procurar outros métodos para chegar até nela. Hoje dentro da colportagem, ... é aquilo que eu te falei, apesar do SELS ser estabelecido como uma empresa ele não é uma empresa, até porque os líderes do SELS não são preparados para serem gestores, eles são preparados para serem pastores, a formação deles é pastorar o rebanho. Só que quando um jovem, um pastor sente falta nesta área de agregar pessoas ele começa agora um processo meio que informal de se tornar um gestor e nesse processo informal,

muitas coisas que ele faz é amador pro mundo moderno, mas dá certo porque, por que ele tem um agente externo que é o Espírito Santo, o poder de Deus e assim vai. Mas é... o líder moderno é aquele que investe em pessoas

4) Como pode um líder administrativo, do setor de publicações, ser um empreendedor, respeitando a hierarquia existente no sistema da organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia?

A hora que você tem que fazer um investimento, você tem um projeto e esse projeto ele envolve você investir, você vai ter que empreender, investir valores, investir pessoas. O teu superior ele vai esperar de você que você tenha um projeto que mostre neste projeto não só no âmbito visionário então você tem que trazer para realidade, colocar no papel este projeto e este projeto tem que estar muito bem fechado com todos os riscos e com todos os prós e contras. E você tem que mostrar isto para os seus superiores, quem são os seus superiores para te dar esta resposta direto, é o teu diretor de União. Após o diretor de união te dar um OK, você passa agora a procurar os administradores do campo aí você vai fazer um investimento. Só erra quem tenta, e hoje graças a Deus a igreja se modernizou neste ponto. Hoje você não é julgado pelos teus erros, você é julgado pelas atitudes que você fez ou deixou de fazer. Se você errou ou não o importante é que você tentou. Isso você é valorizado por isso. A igreja hoje está moderna neste ponto, esta acompanhando a modernidade gestora hoje. Então o investimento tem que ser feito, mas você tem que fazer dentro do âmbito adventista tudo em cima de planejamento, de projeto. Um exemplo, você pediu para eu dar exemplo Ex. recentemente nós tivemos um grande sucesso na venda do livro O Grande Conflito, a nível nacional, todo ano a igreja trabalha com um livro missionário. Está vindo agora para o ano que vem um livro que não tem ainda um título em português mas é sobre os 10 mandamentos, um livreto para igreja usar para o evangelismo, então o que acontece a igreja trabalha em cima de cotas, a casa publicadora edita um número X de livros e distribui estes livros nas suas associações e se você não tem um projeto de como distribuir este livro, dificilmente você terá o investimento que você precisa por parte da associação. A associação esta disposta a investir, então ela espera de você como departamental de publicações que você tenha este espírito de empreender mas traga para eles um projeto definido.

5) Se você tivesse que fazer uma auto-avaliação de sua liderança como departamental, que nota daria ao seu trabalho e por quê? O que acha que deveria melhorar ainda?

Eu vou fechar um ano que eu estou nesta área administrativa, então neste ano, ... eu já trabalhei em dois campos, trabalhei no campo da paulistana e agora estou no campo da leste, na paulistana u era associado e na leste agora eu trabalho como o homem da decisão mesmo, como o gestor e eu daria uma avaliação crescente, dentro do numérico eu daria uns 7, seria uns 7 na escala de 0 a 10. uma nota crescente, como eu já te falei nós somos preparados para ser pastores e não para ser gestores e você tem um espírito de liderança que agrega pessoas e que ai com o tempo, com o trabalho e com a tua maneira informal de estudar esta área administrativa você vai crescendo, então eu estou numa fase de crescimento. O que eu poderia melhorar meu trabalho na leste hoje? Hoje nós temos uma boa capitalização de pessoas apesar de ser o nosso desafio, nós estamos acima da média da nossa união com a capitalização de colportores de pessoas na colportagem, tanto efetivos como estudantes. O que está nos faltando ainda é um resultado financeiro, isso eu acho que nós podemos melhorar, ter um resultado financeiro mais expressivo ... Hoje a colportagem ela tem 4 pilares, colportagem efetiva, de revistas, estudantes e colportagem com mulheres e vou dar um quinto pilar aqui, colportagem com a igreja. Então desses cinco pilares aqui, eu entendo que nós estamos fazendo um trabalho na gestão de humanas e estamos alcançando nossas metas mas nos falta um resultado financeiro disso, o atendimento na igreja, atendimento no efetivo, o atendimento nos estudantes, colportagem com mulheres e colportor de revistas, como leste nós precisamos reaver uma resposta financeira pra tudo que nós investimos, porque até hoje nós investimos mais do que entrou, justamente porque nós temos o princípio de que não é deixando de investir que nós vamos conseguir estabilizar o SELS. Nós só vamos conseguir estabilidade no SELS no momento em que nós tivermos entrada, pra ter entrada tem que ter humana, pra você ter humana você tem que investir, você tem que acreditar no ser humano antes de ele te dar, entendeu, é um ciclo, então hoje eu daria uma nota pro meu desempenho na leste, hoje uma nota crescente, não só na leste mas desde a paulistana em ramo de colportagem, sempre algo crescente, sendo uma escala de 0 a 10 na minha visão é um 7 e na minha concepção atual que eu estou vivendo hoje que é a leste nós precisamos de um resultado um pouco maior de vendas, resultado financeiro nós já tínhamos resultados positivos já, nossos índices são positivos mas para aquilo que a gente quer, para aquilo que esta planejado nós ainda precisamos correr um pouco mais

ENTREVISTA 4

1) Como pastor departamental de publicação e líder administrativo de uma associação, você possui objetivos e metas pré-determinadas, a fim de levar seu departamento a crescer e se desenvolver? Se sim, quais e como?

Sim, eu na realidade tenho aqui vários objetivos, o primeiro objetivo da colportagem é a pregação do evangelho, e a nossa meta é atingir todo o nosso território e pra fazer o nosso departamento crescer e se desenvolver nós temos tentado preparar. Nosso objetivo maior é ter em cada igreja pelo menos um colportor. O nosso grupo possui pelo menos 320 igrejas e eu estou lutando para chegar nesse alvo. (Well) *Dê um exemplo prático de como está sendo realizado este trabalho?* Bom, o sistema de treinamento que nós temos, o sistema de recrutamento, e pra você recrutar você tem que fazer com que a pessoa conheça, e entenda a colportagem, por que infelizmente a maioria das pessoas não entende que a obra da colportagem é um ministério e muitos já interpretam como se fosse um departamento de vendas, só. Mas não é isso, então eu estamos tentando e primeiro lugar conscientizar as pessoas de que realmente este departamento é um ministério e Deus tem nos ajudado, tem nos abençoado, e muitos deles tem aceito essa sugestão ou essas orientações

2) Como líder administrativo, existe dificuldades ou não para que suas decisões sigam avante levando ao crescimento de seu departamento?

Todo trabalho que você faz pra Deus é claro que o inimigo tenta colocar obstáculo. Ellen White escreveu que o segredo do êxito e do fracasso está na união do Divino com o esforço humano, então nós temos tentado fazer o melhor da nossa parte e Deus tem nos abençoado mas é claro que sempre tem um ou outro obstáculo porque nós estamos num mundo, mundo de pecado, num mundo em que a gente ao trabalhar pra Deus sente a dificuldade do inimigo contra, mas Deus tem sido vitorioso. (Well) *como que estas dificuldades podem ser geradas?* Bom, primeiro você tem que ter um bom relacionamento com a administração do campo, administração da união, o nosso caso a administração da casa publicadora brasileira, juntando tudo isto você leva ao conhecimento deles quais são seus objetivos que é a colportagem e você contorna isso se é que isso se chama dificuldade, pra mim não tem sido, eu tenho facilidade em me relacionar com pessoas e também não trabalhamos sozinhos, nós trabalhamos em equipe, no nosso escritório por exemplo, cada um tem sua função e eu respeito a função de cada um deles e quando a necessidade nós nos reunimos e trocamos idéias para que realmente o trabalho prossiga. Nós temos a comissão do SELS, essa comissão é administração do campo, mais o diretor, o gerente de SELS, então nós fazemos essa comissão de SELS. Agora, nós temos a comissão do escritório, a comissão interna do SELS, do próprio departamento, então ali nós trocamos idéias e sempre quando surge um problemas a gente anota, anota numa pasta própria para isto e discute-se na reunião, não é para expor ninguém mas é para nós trocarmos idéia e melhorarmos o atendimento ao colportor, enfim, ao nosso trabalho não é? (Well)

3) Sabe-se que mesmo sendo líder administrativo deve-se respeitar à superiores. Sob este ponto de vista que liberdade você recebe de seu superior para agir em seu departamento? Você concede a mesma liberdade aos seus liderados? Dê exemplos práticos?

Existe esta parte hierárquica, e tudo o que você vai fazer é bom você fazer em equipe, mais pessoas para pensar e caso surja um problema ou uma dificuldade todos estão envolvidos, então nunca se faz um trabalho isolado, igreja é assim que funciona e a gente tem , nós temos feito com que os administradores entendam, nós passamos para eles um itinerário, um programa do que nós vamos realizar, e se você fizer isso você recebe da administração apoio a mesma coisa com o subalterno meu, por exemplo o gerente de SELS ele passa pra mim a programação dele, acertos que ele vai fazer em campanha, nós temos no nosso SELS os dias próprios pra atendermos colportor, nós temos os dias de trabalho interno, segundas, quartas e sextas feira nós atendemos externamente, colportores e tal aquela coisa, e de terça e quinta é trabalho interno então nós pedimos que eles evitem fazer ligação telefônica, irem ao departamento, então nós damos essa liberdade pras eles agirem também né, no caso os subalternos nosso, e os exemplos práticos são isso e quando há qualquer problema eles tem liberdade de chegar e conversar comigo , eu sou muito aberto, muito transparente não fazemos acepção por causa do cargo que ocupamos né, e então é isso que nós fazemos. (Well)... quando eles encontram uma dificuldade então nós nos reunimos ou muitas vezes eles vem consultarem e no geral eles tem liberdade pra trabalharem tranquilamente, porque o ambiente feliz faz com que o atendimento seja melhor, a produtividade seja melhor, (Well) ... é, cada um tem a sua tarefa né, nós temos o gerente, contador, caixa, os líderes de colportagem, então os assistentes, isso é parte externa né, nós temos os assistente de efetivos, nós temos os líderes de estudantes na época estudantil, nós temos o projeto sonhando alto que um outro colportagem dentro da colportagem e ali nós passamos pra eles qual é a função, o que eles devem fazer, quando eles tem qualquer dificuldade eles passam pra nós, eles tem ali um relatório que eles fazem as atividades, através deste relatório nós estamos sabendo o que eles fazem e da mesma forma é uma proteção pra eles pro próprio assistente né.

4) Como pode um líder administrativo, do setor de publicações, ser um empreendedor, respeitando a hierarquia existente no sistema da organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia?

Como exemplo a casa publicadora tem feito um sistema de compra corporativa, ou seja ela faz uma tiragem grande de literatura e esta literatura tem um custo menor, dependendo da literatura nós usamos como empreendimento né, nós trabalhamos também com as escolas, departamento de educação, nós fazemos um trabalho direto com igreja além da colportagem com os colportores mas tudo é sob a orientação e também a visão dos

administradores pra não se tornar uma surpresa pra eles né, tudo o que você puder passar pros homens, um irmão ou outro pode perguntar, você está sabendo, sim estou sabendo e estou apoiando né, e nas próprias pregações, nas visitas que eles nos apóiam citando o plano, o trabalho que vamos fazer nós temos a colportagem comunitária que geralmente é feita no mês de maio, tem lá o dia da colportagem ou o dia em que nós fazemos o recrutamento, um dia específico que é o primeiro dia de maio e aí a semana da colportagem comunitária, nós envolvemos toda a igreja pra fazer um trabalho de venda de literatura ou doação de literatura naquela semana isso é um empreendimento, você está evangelizando mais e ao mesmo tempo você está nutrindo a igreja e pessoas amigas da igreja que talvez não foram alcançadas pelos colportores (Well) Quanto a hierarquia, não há dificuldade, eu não tenho tido esta dificuldade, se é que ela existe pra outros, não há porque antes de nós agirmos, nós nos reunimos pra vermos a opinião dos nossos líderes né, considerando que eu já estou há um bom tempo na colportagem e normalmente eu tenho recebido apoio na liderança então eu não tenho tido dificuldades.

5) Se você tivesse que fazer uma auto-avaliação de sua liderança como departamental, que nota daria ao seu trabalho e por quê? O que acha que deveria melhorar ainda?

É a vida nos ensina, nós nunca chegamos ao topo, se fosse uma avaliação de 0 a 10 eu nunca daria 10 pro meu trabalho porque eu sempre tenho que melhorar, estou sempre aprendendo e sempre crescendo né,, eu daria nota 8 pro meu trabalho, no que eu deveria melhorar, eu creio que eu deva me organizar, nós vivemos num mundo em que a tecnologia avança assustadoramente e temos que acompanhar esta evolução, mais eu tenho que fazer com que meus objetivos chegam e atinjam o alvo, é, eu devo fazer com que o meu sistema de recrutamento se modernize, que o nosso departamento fique mais conhecido diante das igrejas, eu tenho feito batismos e geralmente nos batismos eu dou para cada membro que eu batizei um livro O colportor evangelista mensageiro da esperança, e falo leia isto aqui e a pessoa geralmente recém batizada ela é mais obediente né, e tenho conseguido recrutar pessoas recém batizadas, então estou tentando fazer isto ai, mas preciso melhorar

ENTREVISTA 5

1) Como pastor departamental de publicação e líder administrativo de uma associação, você possui objetivos e metas pré-determinadas, a fim de levar seu departamento a crescer e se desenvolver? Se sim, quais e como?

Sim existem objetivos e metas já pré definidos votados pela união que cada associação deve lutar pra alcançar, os métodos que são usados pra alcançar evidentemente que se deve trabalhar dentro da ética cristã e normas da igreja e o regulamento e “PRAXE” do departamento mas são feitos reuniões, é um departamento que envolve aspectos especialmente da venda, nossos trabalhos é cursos e técnicas de venda, o recrutamento, aumento de colportores a fim de alcançar esses objetivos então há constante avaliação, reunião de avaliação do que está sendo feito e do que não está sendo feito a fim de que seus objetivos sejam alcançados nesse prazo.(Well) ... você tem alvo numéricos de vendas definidos para cada campo pela união, no campo local o que se espera é que você alcance esses alvos que a própria união recomenda. A união tem um alvo dela que é distribuído entre os campos exemplo a união tem um alvo de entregar 20 milhões esse, é distribuído entre os 6 campos dessa união e é dividido de acordo com o tamanho do campo o potencial, a colportagem que já existe ali estabelecida então os alvos são diferentes para cada campo e o campo alcançando logicamente a união alcança o alvo. Então em relação ao campo em si se espera mais no aspecto administrativo, do controle financeiro pra que o SELS não venha incorrer em débito em problemas de inadimplência não saudar as contas então com relação a parte administrativa do SELS isso é mais diretamente com relação ao campo local a preocupação, tem a ver com a administração do campo local é essa a responsabilidade. A união apenas orienta, ajuda, mas, (Well) ... a união trabalha mais no aspecto promocional, tem que promover o aspecto mais administrativo cabe ao campo local.

2) Como líder administrativo, existe dificuldades ou não para que suas decisões sigam avante levando ao crescimento de seu departamento?

Todo setor mesmo fora da igreja quando vai tomar suas decisões tem suas dificuldades. A uma diferença entre uma empresa de fora e o sistema da igreja então hoje você não decide sozinho mesmo que você seja o chefe ou o diretor a igreja trabalha com comissões então você tem que levar o grupo que faz parte dessa comissão a apoiar essa decisão, então todas as tomadas de decisão em geral são feitas com o apoio da comissão do SELS, mesa do campo então quanto mais relevante de maior significância for a decisão maior a instancia em que deve ser aprovada essa decisão eu posso decidir lá no campo, mas, se não houver uma aprovação da união eu não posso executar. Muitas decisões elas tem suas dificuldades nesse aspecto, mas, se tiver trabalhando dentro da “PRAXE”, não tem porque também não ser aprovado. (Well) ... às vezes é necessário fugir um pouquinho da “PRAXE” para beneficiar o seu departamento? Na verdade eu não diria fugir, veja bem, quando você está dentro da “PRAXE”, poe exemplo qualquer coisa que você tenha que decidir e é o que está na “PRAXE”, então você está fazendo lá a necessidade de

reunir uma comissão, uma vez que a “PRAXE” já diz que é aquilo lá que deve ser feito e a “PRAXE” foi feita por uma comissão então a “PRAXE” já é a voz de uma comissão. Agora acontece que como em todas as áreas a “PRAXE” ela acabaria se tornando um livro com milhares de páginas se fosse detalhar cada coisa, cada assunto, que surge importantes situações que você não tem na “PRAXE” então quando se trata de um assunto que a “PRAXE” não menciona ou que a “PRAXE” não trata de todas as minúcias nesta questão, as vezes ela coloca em linhas gerais a situação, quando você vai lidar com decisões ou situações específicas que foge a normalidade então é quando você tem que uma outra comissão que vai ajudar você a aplicar aquele princípio da “PRAXE” porque a “PRAXE” ela coloca princípios mas ela não coloca detalhes específicos em muitos assuntos, muitas coisas são detalhes. (Well) porque se eu estou fazendo, se eu faço sozinho, você tem até autonomia para decidir sozinho, mas, mesmo assim sempre é recomendável que você trabalhe em conjunto ali com o gerente, administração, mesmo que não seja uma reunião formal mas, porque se você decide sozinho, faz sozinho, se der certo, parabéns, se der errado você vai ter que assumir tudo sozinho, né, então é melhor que a gente trabalhe sempre em conjunto e mais pessoas junto, pensando junto a decisão acaba sendo melhor.

3) Sabe-se que mesmo sendo líder administrativo deve-se respeitar à superiores. Sob este ponto de vista que liberdade você recebe de seu superior para agir em seu departamento? Você concede a mesma liberdade aos seus liderados? Dê exemplos práticos?

Em relação ao que está acima de você como líder, é óbvio que você deve respeitar jamais deve fazer diferente ou tentar mudar o que está acima. Eu devo aceitar os desígnios que vem da união, que vem da diretoria da união devo executa-los no campo, agora a gente tem a liberdade de adapta-los dentro da realidade local. Então desde que eu não faça o contrário daquilo que a união espera eu devo executar. Eu diria pra você assim, nós temos que ter uma visão em relação a liderança pra não saltar, porque alguns as vezes quando está num degrau abaixo e não concorda com uma ordem que vem de cima, e eu acho que é mais ou menos está a idéia que você está explorando, então se você não concorda com a ordem que veio, então vai fazer diferente eu não acho que este é o melhor caminho, a gente deve respeitar, então ainda que eu não concorde então eu devo executar. Agora dentro da minha esfera, daquilo que é a ordem que eu faço que eu dou, aí eu faço com aquilo que a minha convicção diz. E se for da vontade de Deus que eu mude aquela ordem que eu não gostava um dia Deus vai me empurrar para eu fazer diferente. Então eu não tenho que dar murro pra cima, eu não tenho que mudar quem está em cima eu tenho que na cadeira que eu sento, aqui fazer diferente. E se um dia Deus quiser que eu passe lá na cadeira de cima, ele me põe lá, então eu não tenho que tentar mudar chefe que está lá. (Well) ... então se você vê que aquilo não condiz com a sua realidade local, então depois no particular você procura o seu chefe e conversa e se você faz em conjunto, trabalha em cima de comissões, reunião, você tem mais pessoas pensando igual é mais fácil você conseguir mudar essa situação, porque se é só eu que penso que não dá é uma coisa, agora se a minha administração pensa que não dá. (Well) ... Então ai não é uma coisa que eu sozinho tenho que dizer que não funciona, e não tem que ser com base no achismo, eu acho. Exemplo: o departamento tem hoje cotas ou compras corporativas, digamos que vem da união que o meu campo tem que comprar 30 mil livros, eu sei o número de colportores que eu tenho, sei a realidade do campo, sei que pra vender 30 mil livros vai ser muito complicado num curto espaço de tempo e eu vou ter dificuldade pra pagar este material então só eu chegar e dizer assim não dá eu não quero 30 eu quero 15 não é o suficiente. Então tem que se fazer um levantamento, no último ano nós vendemos tantos mil livros, temos tantos colportores, então quer dizer pra vender 30 mil levaria tanto tempo, mas eu vou ter só isso de prazo pra pagar, então eu levo isso pra minha administração local. Então junto com eles, quer dizer eu ganho o apoio deles se eles entenderem que 30 mil não é o número ideal. Agora eu vou trazer isto pra união, vou dizer dentro da análise que foi feita, a nossa capacidade de distribuição lá é de 15 mil por ano, então se eu receber uma cota de 30 mil, eu vou levar 2 anos, só que eu só tenho 5 meses pra pagar então se for pra ficar os 30 mil, a união vai ter que fazer um plano também, vai ter que o campo a administração, se for o caso de ter que assimilar estes 30 mil mas, tem que ter um plano diferenciado, um prazo maior ou pelo menos eles estarem conscientes de que não vão me cobrar de eu vender em um ano o que nós já sabemos que pela realidade do campo eu levaria 2 anos ou então vai se trabalhar você vai ter que vender os 30 mil, mas então qual o recurso que vocês vão me dar para mim vender esses 30 mil, eu vou precisar estratégias, eu vou precisar de uma turminha do nosso amiguinho, pois então isso custa dinheiro pois aí vem as ferramentas que a união vai me ajudar ou o próprio campo, pra poder atingir esse objetivo. (Well) e em relação aos seus liderados? A questão do que vem de cima e como isto reflete também no que está em baixo, eu procuro trabalhar como líder pra servir aqueles que estão ali sob a minha responsabilidade, eu não me coloco como estando acima deles hierarquicamente, embora isso seja verdade, mas como alguém que está ali numa posição de mando de autoridade, até porque dentro da realidade que trabalho com colportor, o colportor ele não é um empregado e a nossa liderança também é uma liderança pastoral. (Well) o colportor seria o que então? Ele é um missionário voluntário da igreja, então nós como pastores somos líderes que temos que ser um modelo de liderança de serviço, então a minha forma de trabalhar com eles é no conselho, é na orientação, é no ganhar o respeito, e conquistá-los pra afinal leva-los a fazer aquilo que a gente deseja. Mas eles não me obedecem, ou fazem aquilo que eu quero porque eu mando, mas porque eu pedi, é influenciado, então pra influencia-los tem que estar presente com eles, tem que respeita-los, conviver perto deles.

4) Como pode um líder administrativo, do setor de publicações, ser um empreendedor, respeitando a hierarquia existente no sistema da organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia?

O empreendedorismo dentro do nosso setor você tem que trabalhar pra hoje fazer parcerias, por exemplo nós temos alguns exemplos de empreendedorismo dentro da colportagem onde se tem feito associações com entidades como a APAE, a AMIC que é a associação de amigos das crianças com câncer, então são formas de você estar expandindo o trabalho, eu no meu campo local eu tenho feito parcerias com a ADRA, com o ministério da mulher, com a educação, o ministério da mulher por exemplo, palestras eles estão num evento contra a violência, o abuso da violência, lá estávamos a gente com a turminha do nosso amiguinho divulgando esse tema, então parcerias em cada encontro deles então nós estamos lá levando mulheres, fazendo o convite para estas mulheres se tornarem colportoras nos eventos da adra, há um setor dentro do empreendedorismo de empregabilidade tornar a adra não como apenas uma agencia para dar cestas básicas, pra dar roupas, mas para ensinar a pessoa a ter trabalho a ser empreendedor e dentro desse aspecto a colportagem é um setor de empreendedorismo onde nós incentivamos a pess a vir ganhar o pão, a vir trabalhar e ser um empreendedor, a colportagem ela é também um setor de empreendedorismo. Um outro aspecto com relação a educação, nós estamos num projeto onde vamos dar aos alunos carentes, onde as vezes depende de bolsa na escola e tem dificuldade, as vezes perde a bolsa e não pode continuar estudando, onde a colportagem vai patrocinar todos os custos eles não terão que pagar prospecto, não terão que pagar aluguel, a educação vai dar alimentação, então eles serão treinados, irão para uma campanha, não terão nenhum custo, pra estar ali, não pagarão água, luz, terão alimento, e tudo o que ganharem será lucro, então ensinando e motivando os alunos a serem empreendedores e a colportagem está colocando isto para eles.

5) Se você tivesse que fazer uma auto-avaliação de sua liderança como departamental, que nota daria ao seu trabalho e por quê? O que acha que deveria melhorar ainda?

Eu me avaliaria sob duas perspectivas diferentes, dentro do aspecto do esforço, eu daria uma nota 10, porque eu me esforço o máximo que posso, dou tudo de mim, agora, nem sempre esforço representa resultado ou eficiência desse esforço e hoje nós temos que unir esforço a competência, não adianta ser muito trabalhador, se esforçar e não ter resultado, então também sou voltado pro resultado. Agora em termos de eficiência eu não acho que a minha nota é 10, mas cada dia eu trabalho pra alcançar esta nota. Eu hoje eu diria que estaria aí nos 7 ou 8 no máximo, por que nos aspectos que a vida ensina, cada dia a gente vai aprendendo então cada campo que você passa é uma realidade diferente, você vai pro outro lugar, você vive diferenças que você não viveu anteriormente. Então chegar aos 100 % da eficiência é um desafio. Cada momento a gente tem que trabalhar para isto, mas, hoje eu diria pelo esforço e o que passa da eficiência talvez eu nunca chegaria aos 100 % da eficiência. Sempre crescendo porque cada lugar que você chega é uma nova experiência, um novo desafio e aquilo que falta em nós é exatamente aí que entra a dependência de Deus. Porque só o meu esforço, ou por mais talentoso e capaz que eu fosse eu tenho convicção de que pela natureza do trabalho, que é espiritual e que requer o poder de Deus e é um milagre então eu jamais vou ser suficiente 100% por mais esforçado que eu seja ou por mais experiência que eu tenha. Aí entre comunhão com Deus, oração, a fim de que Deus torne eficientes meus esforços e que Deus abençoe o meu trabalho a fim de que ele dê o resultado necessário (Well)... porque o trabalho embora ele tenha essa natureza que foi praticamente o que nós abordamos desde o início em relação ao aspecto administrativo, alvos, mais o objetivo principal e o porque da existência desse setor e do trabalho que a gente realiza é de natureza espiritual, é pra salvar, a igreja não depende do trabalho da colportagem para se manter, os recursos e lucros advindos desse trabalho não é o objetivo, o objetivo é de caráter missionário, salvar, então a gente não pode perder isso nunca de vista.

ENTREVISTA 6

1) Como pastor departamental de publicação e líder administrativo de uma associação, você possui objetivos e metas pré-determinadas, a fim de levar seu departamento a crescer e se desenvolver? Se sim, quais e como?

Ao final de cada ano nós fazemos um planejamento e esse planejamento sempre nas metas e nos objetivos nós colocamos um crescimento, aumento de 30% anual então a cada ano no final do ano nós estabelecemos esta forma. Então no planejamento um crescimento em todas as equipes, vendas de loja, de 30 %. (Well) ... então antes de começar o ano, o ano seguinte é feito um planejamento que na verdade são as metas, então o crescimento de 30%, como nós vamos alcançar os 30%. Aí cada equipe monta essa estratégia, para alcançar esses 30%. (Well) ... por exemplo se uma equipe de colportores te 15 colportores no ano de 2006, pra 2007 ela vai ter que ter 20 colportores, pra acompanhar o número percentual de vendas deve aumentar o número de pessoas e treinar e qualificar constantemente.

2) Como líder administrativo, existe dificuldades ou não para que suas decisões sigam avante levando ao crescimento de seu departamento?

Não, não existem dificuldades, porque como atendemos a igreja, a igreja é um crescente, ela está pra crescer, e sendo esse o princípio crescimento, então não existe limite, então a gente tem liberdade pra crescer. (Well) ... veja nesse caso específico de publicações, esse crescimento ele é em número de colportores, na quantidade de livros distribuídos, revistas distribuídas, a quantidade de livros denominacionais vendidos tudo isso é reflexo do crescimento do nosso departamento, o número de batismos que a gente alcança, então tudo isso faz parte do crescimento.

3) Sabe-se que mesmo sendo líder administrativo deve-se respeitar à superiores. Sob este ponto de vista que liberdade você recebe de seu superior para agir em seu departamento? Você concede a mesma liberdade aos seus liderados? Dê exemplos práticos?

No departamento de publicações nós temos uma “PRAXE” que regulamenta as nossas atividades, então existe parâmetros e também princípios nesse departamento então na verdade quando se trabalha dentro desses princípios você tem uma liberdade total para se trabalhar como se deve ser feito, mas dentro desse parâmetro, dentro da “PRAXE”, (Well) ... então, nós temos total liberdade desde que estamos dentro desse círculo, dessa circunferência, dentro dessa “PRAXE”, então dentro dela você tem total liberdade, agora, quando você está fora dela, primeiro que não deve sair da “PRAXE”, sair fora dos regulamentos, mas se é alguma coisa extraordinária, então deve ser feita uma comissão, tomar-se um voto para trabalhar desde que haja um consenso das lideranças. Essa liderança é a administração do campo, presidente, tesoureiro, secretário, então essa é uma comissão, eles que decidem. (Well) ... o líder não decide só, até mesmo pra que haja uma mobilidade, haja assim, um fluxo melhor das atividades, já existe a “PRAXE”, porque se não você vive só em reunião, porque se tudo o que você for fazer for baseado em reunião ninguém trabalha, então já existe a “PRAXE” que regulamenta as atividades, os limites das atividades e aí quando você extrapola, quer ir além, precisa de um voto, um consenso para isto, não que a gente tenha assim uma autonomia completa, não, é que a “PRAXE” já diz, as atividades um regulamento. (Well) ... os meus liderados são os servidores de escritório e também os assistentes no campo, eles também tem uma série de atividades que eles precisam desenvolver, também existe uma “PRAXE” para isto, que regulamenta, é uma “PRAXE” separada mas que saiu de dentro da outra “PRAXE”. Existe uma “PRAXE” do departamento e dessa “PRAXE” é extraída uma para os assistentes então está dentro do regulamento deles e também quando eles pensam em fazer alguma coisa que não está dentro do regulamento então eles procuram a liderança e aí a gente estuda o caso, vê se é viável, se não fere princípios, então a gente segue adiante com esses regulamentos.

4) Como pode um líder administrativo, do setor de publicações, ser um empreendedor, respeitando a hierarquia existente no sistema da organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia?

Requer muita criatividade, além da criatividade, uma dinâmica e também precisa-se de, você precisa ser carismático. Pra você fazer as coisas acontecer, tanto de cima como pra baixo, então criatividade dentro daquilo que já existe, criatividade, pois se trata de literatura religiosa, com objetivo evangelístico, então você tem que praticar a ética mas com isso muita criatividade dentro daquilo que você tem em mãos e carisma pra você motivar o seu pessoal a trabalhar pra fazer aquilo que basicamente já é uma rotina (Well, quando você recebe de cima o que não condiz com o seu campo) olha dificilmente isso acontece, posso até dizer que raramente isso acontece de que venha de cima um comando ou um trabalho para ser executado que fira os princípios ou que quem esteja na base não esteja de acordo então na verdade os problemas eles ocorrem ao contrário, as vezes a pessoa que está em baixo, ela acaba fugindo daquilo que é determinado pela liderança superior então de cima pra baixo dificilmente vem ou raramente vem alguma coisa que a gente conteste aqui em baixo.

5) Se você tivesse que fazer uma auto-avaliação de sua liderança como departamental, que nota daria ao seu trabalho e por quê? O que acha que deveria melhorar ainda?

Olha, tem muita coisa que precisa ser melhorada, é no aspecto técnico. A nota que eu daria para mim hoje talvez seria um 6,5 a 7. então eu percebo que da minha parte a uma necessidade de crescimento e melhora e preparo falta-se muita coisa que a gente precisa aprender a cada dia, mas essa é a nota que eu daria.

ENTREVISTA 7

1) Como pastor departamental de publicação e líder administrativo de uma associação, você possui objetivos e metas pré-determinadas, a fim de levar seu departamento a crescer e se desenvolver? Se sim, quais e como?

Como líder e departamental de publicações nós temos que pensar em crescimento, o nosso departamento evangeliza através da literatura, quanto mais literaturas distribuímos, mais nós atingimos o alvo de atingir pessoas

com a salvação, então o nosso pensamento é crescer, nos agentes que levam a literatura que são nossos colportores e crescer em número desses agentes e crescer também em de quantidade materiais que esses agentes distribui então esse é o nosso pensamento de crescimento, crescimento de número de pessoas e crescimento de material distribuído por essas pessoas. (Well) *o senhor poderia dar um exemplo prático de como é feita essa divulgação?*, Com os irmãos da nossa igreja, jovens dos nossos colégios são convidados para evangelizar com literatura, eles são convidados a levar a mensagem da nossa igreja que cremos que é a mensagem que Deus nos deu, que está em sua palavra, está na bíblia, e nós colocamos isto em livros e revistas então nós convidamos esses jovens, esses irmãos da nossa igreja pra distribuir literatura, a igreja evangelizando com livros e revistas da nossa igreja, lógico.

2) Como líder administrativo, existe dificuldades ou não para que suas decisões sigam avante levando ao crescimento de seu departamento?

Veja bem, eu acho que dificuldades elas existem em todos os lugares, porém quando a gente tem um programa de trabalho, tem um projeto, e esse projeto ele é estudado, ele é avaliado, eu imagino que fazendo dessa forma as dificuldades são menores, mas as dificuldades elas existem então nós chamamos isso de dificuldades, nós chamamos de desafios, porém a gente não procura dar foco no desafio, a gente procura dar foco na solução, a gente sempre procura a solução pros desafios que aparecem no dia a dia, mas eu acho que são todos contornáveis, eu acho que eles não são empecilhos quando você tem um bom projeto, quando você tem um bom programa pra você colocar em prática, e veja bem os nossos projetos os nossos programas eles sempre visam o alvo da igreja, o alvo da igreja é evangelizar então os nossos alvos, os nossos projetos são voltados para o evangelismo. Como eu disse dificuldades e desafios sempre vai existir, mas eles não impedem que os projetos, os programas sejam colocados em prática. (Well) ... o maior desafio do departamento é mobilizar o maior número de membros da nossa igreja para evangelizar com literatura, então nós temos que mostrar para igreja que é plano de Deus que os nossos irmão levem a mensagem de salvação através de livros e revistas e quando a gente conscientiza bem a igreja, ela se coloca a disposição de fazer esse trabalho. Portanto nós tivemos aqui na união brasileira o desafio de distribuir 150 mil livros O grande Conflito dos séculos nesse ano de 2006. e nós nem chegamos ao final do ano e praticamente a igreja distribuiu tudo. Então como eu disse, não é assim uma dificuldade, é um desafio e os desafios eles estão ai para serem alcançados, pra serem superados, pra serem contornados.

3) Sabe-se que mesmo sendo líder administrativo deve-se respeitar à superiores. Sob este ponto de vista que liberdade você recebe de seu superior para agir em seu departamento? Você concede a mesma liberdade aos seus liderados? Dê exemplos práticos?

Ta veja bem, eu acho que o segredo do sucesso é trabalhar em conjunto, eu procuro sempre trabalhar em conjunto com a minha liderança e também procuro trabalhar em conjunto com os meus liderados. É lógico que existe uma liberdade pra se trabalhar, porém essa liberdade sempre é comunicada. É, os meus líderes sabem o que eu estou fazendo, e também os meus liderados eles me informam do que estão fazendo. Eu não acho que as pessoas tem que ser engessadas mas eu acho que os meus líderes devem ser informados do que eu estou fazendo, eles devem ser cientes do que eu estou fazendo e eles sendo cientes do que eu estou fazendo eles me apóiam no que eu estou fazendo, como também os meus liderados me informam do que estão fazendo e assim tem o apoio meu também. Eu acho que o bom nisso é o seguinte, se a gente acertar todo mundo acerta, se a gente tiver uma dificuldade todo mundo tem uma dificuldade e aí são muitas cabeças pra encontrar soluções, então eu não acredito em trabalhar de forma independente, isso eu não acredito, eu acredito é de trabalhar de forma conjunto, mas com uma liberdade de ação e essa forma de trabalhar conjunto com uma liberdade de ação forma moderna de administração e liderança, etc. liberdade mas, todos sabendo do que estão fazendo, todos juntos na mesma direção, contando com o apoio da liderança, nós líderes apoiando nossos liderados, mas todos bem informados do que estão fazendo, todos na mesma direção, todos juntos porém no seu raio de ação você tem a liberdade de fazer alguma mudança, de quem sabe fazer alguma adaptação. Veja bem, aqui na união central brasileira nós temos 6 campos, e cada campo tem suas características, então a gente dá liberdade, a gente tem um projeto, tem um programa, mas a gente da liberdade de eles adaptarem o programa a realidade do seu campo. ... eles nos comunicam esta liberdade, porque nós somos um time, que nem imagina ai um time de futebol, tem o atacante, tem o meio de campo, tem os alas, tem os da defesa, tem o goleiro, cada um no seu raio de ação tem liberdade de criar, mas tem uma coisa, o atacante é atacante, o goleiro é goleiro, a defesa é defesa, e o técnico escala o time, dá liberdade de o jogador criar, fazer lá no ataque, uma jogada, mas tem uma coisa cada um tem sua posição, o técnico está ali, o técnico sabe, que o responsável pelo ataque é o beltrano, pela defesa é o cicrano, então é como nós também cada um tem seu time, cada um tem liberdade de agir no seu raio de ação, porém todos nós sabemos o que está acontecendo, o que estamos fazendo, e eu acho isto bom, porque se a gente acerta, nós acertamos juntos, nós também temos dificuldades, somos muitas cabeças juntas pra que nós possamos encontrar a solução em alguma dificuldade, alguma coisa que apareça. (Well) ... veja bem, eu sou especialista na colportagem, o meu trabalho é desenvolver um projeto para a união central brasileira na área da colportagem. A administração espera de mim comoespecialista da área que eu faça a área crescer, que eu faça a área chegar num patamar que a igreja espera no aspecto de resultados. E quem estabelece isto é o conjunto, de novo é o

conjunto, eu reúno os meus liderados e a gente estabelece um alvo, eu apresento esse alvo pra minha administração, a administração aprova esse alvo, eu apresento o alvo pra divisão sul americana e a divisão também aprova esse alvo, tudo é um conjunto, quando é um conjunto, ninguém está só, pelo menos é o meu estilo de trabalho, eu não gosto de trabalhar só, eu gosto de trabalhar com os meus liderados e gosto de trabalhar com a minha liderança então tudo o que eu faço, até no aspecto assim, naquele ponto que eu disse pra você, que a gente sempre está sabendo de tudo que o outro está fazendo, não é só os meus líderes que sabem o que eu estou fazendo, mas os meus liderados também sabem, fica um conjunto maior ainda, porque os meus liderados conhecem bem os meus projetos, eles conhecem bem os meus pensamentos, eu procuro ter uma comunicação bem clara para eles saberem o que eu penso, aonde eles quero chegar e ouço também eles pra ver se eles pensam a mesma coisa, se eles tiverem um pensamento diferente eu vou ouvir eu vou procurar entender porque eles estão pensando diferente, mas assim, como nessa pergunta que você me fez é tu o meu conjunto, eu reúno os meus liderados, traçamos um alvo, levo pra minha administração pra ver o que a minha administração pensa, tenho o aval deles, levo pra divisão, pra ver o que a divisão pensa, tenho o aval deles e aí como vamos dizer, mete bronca, né.

4) Como pode um líder administrativo, do setor de publicações, ser um empreendedor, respeitando a hierarquia existente no sistema da organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia?

Veja bem nós pensamos em atingir o alvo, dentro de uma ética, esse alvo seria a distribuição de literatura, eu vou usar outra expressão, a gente procura alcançar o sucesso, damos o melhor de nós mesmos, dentro de um programa da igreja. Nós não usamos os caminhos que o mundo aí fora usa. A igreja tem um livro de regulamento. Que se chama “PRAXE”, então se você ficar dentro do regulamento da igreja, dentro da “PRAXE” da igreja, então você está tranquilo, porque você está trabalhando como a igreja espera que você trabalhe. A igreja dá a você total condição de você chegar aonde você precisa chegar, no aspecto alvo, objetivo, sucesso, podium, topo, o que você quiser colocar aí de nome. Então é tranquilo, eu não vejo como você não ser um empreendedor dentro dos regulamentos da igreja, lógico que tem, só que a gente não usa as ferramentas que o mundo usa, por que temos uma ética, ética cristã. Então se você procura fazer um trabalho que envolva todo o seu grupo, envolva todos os seus líderes, dentro de um programa da igreja, você se dedica, você coloca muita energia, você coloca muita disposição, muito entusiasmo, tranquilo, você não tem aí essa dificuldade, como a pergunta coloca (Well), é eu acho que nós temos que ser empreendedores, porque o nosso Deus é um Deus empreendedor, se você observar a criação de Deus, o universo, você imagina que Deus fantástico, maravilhoso, gosta de coisa grande, então eu acho que nós temos que pensar em coisas grandes também em nosso trabalho, que nem aqui na união central brasileira, meu desejo é ser a união que mais distribui literatura e é lógico a gente tem que ter projeto, tem que ter programa como eu já te falei no começo, a gente tem que ter uma visão empreendedora, a gente não pode se acomodar, principalmente na nossa área a gente não pode viver do sucesso de ontem ou de hoje, eu acho que o sucesso de ontem ficou para trás, hoje é outro dia, é uma nova história, vamos lá, e vamos de novo, vamos começar do zero, e vamos aí fazer o nosso trabalho, então é por aí. (Well) ... ser um empreendedor, ter uma visão empreendedora, querer fazer o melhor, fazer o maior, fazer grandes coisas, dentro do programa da igreja, usando as ferramentas cristãs, éticas e cristãs.

5) Se você tivesse que fazer uma auto-avaliação de sua liderança como departamental, que nota daria ao seu trabalho e por quê? O que acha que deveria melhorar ainda?

É o seguinte, a sua pergunta é a pergunta mais difícil que você me fez hoje a tarde. É difícil a gente se auto avaliar, eu sou uma pessoa que me cobro muito, eu costumo dizer pros meus diretores que eu me cobro muito, então muitas vezes eu me cobro muito também, porque como eu me cobro muito então é natural que você cobre as pessoas. Mas quando eu cobro os meus liderados, eu cobro com muito amor, muito respeito, eu me cobro bastante, eu sou uma pessoa insatisfeita com minhas realizações, eu sempre quero realizar mais, eu sempre tenho essa tendência, eu nunca acho assim que vou chegar a um patamar que vou ficar satisfeito. Eu quando conquisto uma coisa, sempre quero conquistar mais no meu trabalho, agora é eu não queria dar uma nota para mim, deixa, pergunta pros meus liderados que nota eles dariam para mim, eu acho que não seria justo comigo se desse uma nota muito alta, como acho que não seria justo comigo se desse uma nota muito baixa. Se você me perguntar que nota eu daria pra aquilo que eu quero realizar no departamento eu daria uma nota bem alta, e você me diria que nota eu daria se eu dissesse a satisfação que tenho por tudo que já fiz aí eu já não daria uma nota muito alta pra eu não me acomodar.

- Ele joga pelos seus times,
- Sempre quero ao melhores, se possível melhor do que eu,
- Não puxo o sucesso para mim,
- Sempre transparente em todo, para crítica, (insatisfeito), ou elogio.
- Tratamento para liderados, é personalizado,
- Lealdade total no trabalho.

ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO

DETALHADAMENTE

INTRODUÇÃO

Esta análise é uma síntese de todas as entrevistas. Foram entrevistados 7 líderes que exercem um mesmo ramo de trabalho. Cada líder (entrevistado) cuida de um campo (5 de associação, 1 da missão e 1 da união) diferente de trabalho, por isso possuem realidades distintas, mas todos possuem um mesmo superior a quem devem resultados do seu trabalho.

Selecionamos as respostas exatas de cada pergunta, em cada associação. Colocamos por ordem, primeiro vem todas as respostas da pergunta 1 de todos os entrevistados. Logo após vem todas as respostas da pergunta 2, de todos os entrevistados, e assim sucessivamente até terminarmos de responder todas as perguntas de todos os entrevistados.

Abaixo, segue um título que é a síntese da pergunta respondida pelos entrevistados.

OBJETIVOS E METAS

- **Entrevista 1:**
 - Criar na igreja o senso de missão com publicações, como parte do ministério de cada membro;
 - Começar a obra com os membros da igreja e depois se ampliar a obra para fora;
 - Formação de liderança, através da colportagem estudantil, ex: pastores, professores.
 - Ter uma colportagem forte em nossos campos, forte para os alunos que estudam no colégio e forte para os jovens da igreja que gostariam de estudar em nossos colégios;
 - Projeto líderes para sonhando alto;
 - Colportagem com livros, que seria o caso dos colportores efetivos;
 - Setores especializados, que são os colportores de revistas que atendem a áreas escolares;
 - Projeto social, criar um grande evento social, como por exemplo, visando à distribuição de revistas, ou determinados livros em grande quantidade;

- **Entrevista 2:**
 - Número de colportores,
 - Visita aos colportores;
 - Formar campanha de colportagem e treiná-la;
 - Resultado final, que são metas de vendas;
 - Cesta básica, que é a trabalhar com literaturas denominacionais e espírito de profecia, para as igrejas;
 - Divulgação e treinamento com livros de espírito de profecia;

- **Entrevista 3:**
 - Desenvolvimento humano e financeiro do departamento;
 - Recrutamento de colportores efetivos e estudantes;
 - Campanhas permanentes de efetivos;
 - Campanhas permanentes de sonhando alto;

- **Entrevista 4:**
 - Pregação do evangelho, com a meta de atingir todo o nosso território;
 - Ter em cada igreja, pelo menos um colportor efetivo e para isto estou tentando recrutar-los, conscientizando-os de que realmente este departamento é um ministério de Deus e muitos têm aceitado;

- **Entrevista 5:**
 - Cursos e técnicas de venda, recrutamento;

- **Entrevista 6:**
 - Crescimento anual de 30%, em todas as equipes, vendas da loja.
 - Cada campanha monta estratégias para alcançar esse crescimento de 30% , aumentando o número de colportores treinando-os e qualificando-os constantemente para aumentar o número de vendas;
- **Entrevista 7:**
 - Crescer em número de agentes que levam literaturas;
 - Crescer em número de literaturas distribuídas;

PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
<ul style="list-style-type: none"> • Ter um aumento de colportores; • Aumentar o número de vendas; • Ter em cada igreja um colportor; • Dar treinamento para líderes; • Motivar membro das igrejas a divulgar a obra da literatura. 	<ul style="list-style-type: none"> • Citaram metas e objetivos com muita dificuldade para esclarecê-la, pois as citaram dentre vários outros assuntos que não foram solicitados.

Tabela 1: *Objetivos e metas do departamento de publicações.*

DIFICULDADES DE DECISÕES

- **Entrevista 1:**
 - Existem. A luta entre o bem e o mal. Na vida espiritual.
- **Entrevista 2:**
 - Existem.
- **Entrevista 3:**
 - Existem. A capitalização dos recursos humanos que vai me levar a capitalização dos recursos financeiros. O colportor efetivo é o meu desafio.
- **Entrevista 4:**
 - Existem. O inimigo tenta colocar obstáculos. Na vida espiritual.
- **Entrevista 5:**
 - Existem. As decisões que o diretor toma lá no campo só podem ser executadas se forem aprovadas pela comissão da união.
- **Entrevista 6:**
 - Não.
- **Entrevista 7:**
 - Existem. Um desafio é mobilizar o maior número de membros da nossa igreja para trabalhar com literaturas.

PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
<ul style="list-style-type: none"> • Alguns vêem as dificuldades com otimismo, encarando-as como desafios. • Toda decisão de punho administrativo é tomada grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> • A grande maioria disse que existe dificuldade mas não soube citar as dificuldades.

Tabela 2: *Dificuldades na tomada de decisão.*

LIBERDADE QUE RECEBE DO SUPERIOR E LIBERDADE QUE CONCEDE AOS LIDERADOS

- **Entrevista 1:**

- A liberdade do diretor de publicações é muito vasta, desde que a saúde financeira do departamento esteja tudo bem. Assim terá mais poder de ação e de ampliação.
- **Entrevista 2:**
 - Liberdade de fazer seu próprio planejamento e desenvolver seu próprio trabalho;
 - Liberdade de escolher seus próprios líderes e formar suas equipes.
 - Eu gosto do estilo democrático de liderança, por isso dou liberdade para meus liderados, mas deve ter resultado.
- **Entrevista 3:**
 - O departamental tem total liberdade. E eu dou esta liberdade total para os meus liderados, não interferindo, desde que eles estejam atingindo o objetivo;
- **Entrevista 4:**
 - Quando acontece qualquer problema eles têm liberdade de chegar e conversar comigo.
- **Entrevista 5:**
 - A liberdade de adaptar os designios que vem da união, dentro da nossa realidade local.
- **Entrevista 6:**
 - Quando estamos trabalhando dentro da “PRAXE”, dentro dos princípios, se tem total liberdade para se trabalhar. Quando sai da “PRAXE”, dos regulamentos, deve-se reunir a comissão para se tomar um voto.
- **Entrevista 7:**
 - Existe uma liberdade para se trabalhar, porém, esta, deve ser comunicada. Eles sabem o que eu estou fazendo (união), e eu devo estar informado do que eles estão fazendo. É tudo um conjunto, assim nós acertamos juntos.

PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
<ul style="list-style-type: none"> • Existe um regulamento (conhecido como “PRAXE”); conforme este, é dado a liberdade para os líderes de acordo com os objetivos propostos pelo superior sempre seguindo esta “PRAXE”. • Nunca tomam decisões só. 	<ul style="list-style-type: none"> • Só se tem liberdade total mediante a um bom resultados financeiros.

Tabela 3: Liberdade que recebe do superior e liberdade que concede aos liderados.

SER EMPREENDEDOR RESPEITANDO A HIERARQUIA

- **Entrevista 1:**
 - Respeitando as leis e ouvindo os conselhos. Leis não se discutem, princípios não se discutem. Conselhos se ouvem e se analisam, e se trabalham dentro de uma coerência.
 - Tem que ter metas e objetivos, um plano bem definido de trabalho. Se vier alguma coisa de cima que entre em conflito com os projetos do campo, então se deve sentar e conversar.
- **Entrevista 2:**
 - O empreendedorismo tem a ver com as metas e objetivos que a pessoa tem e principalmente com a garra e perseverança em relação ao trabalho.
- **Entrevista 3:**
 - Quando se tratar de investimento, o seu superior espera que você tenha um projeto, pois é ele que vai que vai te dar uma resposta direta. O investimento tem que ser feito, mas dentro do âmbito adventista, tudo em cima de um planejamento, de um projeto.

- **Entrevista 4:**
 - Não respondeu a pergunta.
- **Entrevista 5:**
 - Fazendo parcerias com outras entidades como: APAE, AMIC, ADRA, educação, ministério da mulher, (realizando palestras sobre violência, abuso da violência).
- **Entrevista 6:**
 - Precisa-se de muita criatividade. Raramente virá de cima um comando que fira os princípios ou que os da base não estejam de acordo.
- **Entrevista 7:**
 - Se você ficar dentro do regulamento da igreja, dentro da “PRAXE”, então você está tranquilo, está trabalhando como a igreja espera que você trabalhe.
 - Temos que ser um empreendedor, ter uma visão empreendedora, querer fazer o melhor, fazer o maior, fazer grandes coisas, dentro do programa da igreja, usando as ferramentas cristãs e éticas.
 - Nós temos que ser empreendedores, porque o nosso Deus é empreendedor.

PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
<ul style="list-style-type: none"> • Todos entendem que suas atitudes devem ser tomadas frente aos princípios da IASD. • Alguns entende que deve-se ter criatividade. 	<ul style="list-style-type: none"> • A maioria não entende de empreendedorismo, muito menos como lidar com hierarquia.

Tabela 4: Ser empreendedor respeitando a hierarquia.

AUTO-AVALIAÇÃO: QUE NOTA DARIA AO SEU TRABALHO E POR QUÊ?

- **Entrevista 1:**
 - 8, não pelo esforço, mas, porque temos muito ainda que crescer na colportagem.
- **Entrevista 2:**
 - 7. Eu poderia ainda mudar no aspecto técnico e melhorar a vida espiritual.
- **Entrevista 3:**
 - 7. Nós precisamos melhorar ainda é o aspecto financeiro. Um número um pouco maior de vendas.
- **Entrevista 4:**
 - 8. Eu deveria melhorar a minha organização. Modernizar o meu sistema de recrutamento e fazer com que o nosso departamento fique mais conhecido diante das igrejas.
- **Entrevista 5:**
 - 7 ou 8 no máximo.
- **Entrevista 6:**
 - 6 ou 7.

- **Entrevista 7:**
 - Sou uma pessoa insatisfeita com minhas realizações, eu sempre quero realizar mais.
 - Se você me perguntar que nota eu daria pra aquilo que eu quero realizar no departamento eu daria uma nota bem alta, e você me diria que nota eu daria se eu dissesse a satisfação que tenho por tudo que já fiz aí eu já não daria uma nota muito alta pra eu não me acomodar.

PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
<ul style="list-style-type: none"> • Todos visam crescimento. • Vêm seus pontos fracos como desafios a melhorar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Houve muito receio por parte dos entrevistados de se auto-avaliar.

Tabela 5: *Auto-avaliação: que nota daria ao seu trabalho e por quê?*

RESUMOS DE DISSERTAÇÕES E TESES

THE ROLE OF THE HOLY SPIRIT IN ENABLING BELIEVERS FOR MINISTRY: AN ADVENTIST PERSPECTIVE

Marcos Carvalho De Benedicto

Tese de DMin defendida em julho de 2004

Andrews University (EUA)

Orientador: John T. Baldwin, PhD

marcos.benedicto@cpb.com.br

Problem

The Seventh-day Adventist Church in Brazil, although growing swiftly, has few published resources on the Holy Spirit and needs a better understanding of his empowering work.

Method

I employ an eclectic and topical approach combining biblical exegesis and pastoral insights. Among other aspects, six symbols, twelve kinds of enablements, the fruit, and the gifts of the Spirit are studied.

Results

The Holy Spirit, who must be viewed as divine and personal (since he is God), has a multifaceted enabling work, with a variety of effects. In a nutshell, he is life-giver, action-motivator, message-revealer, mind-illuminator, art-creator, gospel-communicator, Christ-witness, leadership-empowerer, truth-teacher, people-transformer, community-builder, and God-presenter. Even his images seem to be better understood from an enabling perspective. As the originator of ethical life, the Spirit presents Christ or God himself as a model, renews the image of God in the believers (in a process I call "Imago-Dei-ization"), and causes them to live in



love, which is the integrative motif in Christian ethics. As the giver of spiritual gifts, which must not be seen in a supernaturalistic sense in opposition to talents, he enables the believers to minister to the church, bless the world, and build up the body of Christ. The so-called miraculous gifts can be viewed from three perspectives, here called "Foundational Approach" (Cessationist Model), "Charismatic Approach" (Pentecostal/Charismatic Model), and "Continuous-Cyclical Approach" (Biblical/ Adventist Model). The third model means that the miraculous gifts are available during the whole history of salvation, but have an uneven character and cyclical peaks, climaxing with a pre-parousial cycle. These cycles must not be seen in a dispensational fashion.

Conclusions

Adventism was more charismatic in its early history than it is in the beginning of the twenty-first century. With a popular claim of being a remnantal movement, the theological synthesis for the end-time, it should recover the biblical perspective on the multifold work of the Spirit. This means to bind together all streams of the biblical witness, granting space for the contemporary expression of the full spectrum of the Spirit's empowerments, instead of focusing almost exclusively on the gift of prophecy.

Keywords: Pneumatology; Holy Spirit; Enablement; Spiritual Gifts.

Problema

A Igreja Adventista no Brasil, apesar de estar crescendo rapidamente, tem pouco material bibliográfico sobre o Espírito Santo e necessita uma melhor compreensão de seu trabalho habilitador.

Método

A pesquisa utiliza uma abordagem eclética e tópica que combina exegese bíblica e insights pastorais. Entre outros aspectos, são estudados seis símbolos, doze tipos de capacitações, o fruto e os dons do Espírito.



Resultado

O Espírito Santo, que deve ser visto como um agente divino e pessoal (uma vez que é Deus), tem um trabalho habilitador multifacetado, com uma variedade de efeitos. Em síntese, ele é doador de vida, motivador à ação, revelador de mensagens, iluminador da mente, criador de arte, comunicador do evangelho, testemunha de Cristo, formador de liderança, mestre da verdade, transformador de pessoas, promotor de comunidade e mediador da presença de Deus. As próprias imagens utilizadas na Bíblia para retratá-lo podem ser entendidas a partir de sua obra de capacitação. Como originador da vida ética, o Espírito apresenta Cristo ou Deus como modelo, renova a imagem de Deus nos crentes (em um processo que chamo de “imagodeização”) e os leva a viver em amor, que é o motivo integrador da ética cristã. Como outorgador de dons espirituais, que não devem ser entendidos em um sentido sobrenaturalístico, em oposição aos talentos, ele capacita os crentes a ministrar à igreja, abençoar o mundo e edificar o corpo de Cristo. Os chamados dons miraculosos podem ser conceituados de três perspectivas diferentes, aqui denominadas “Abordagem Fundacional” (Modelo Cessacionista), “Abordagem Carismática” (Modelo Pentecostal/Carismático) e “Abordagem Cíclica Contínua” (Modelo Bíblico/Adventista). O terceiro modelo significa que os dons miraculosos estão disponíveis durante toda a história da salvação, mas têm um caráter desigual e picos cíclicos, atingindo o clímax com o ciclo que precede a parousia. Esses ciclos não devem ser encarados pelo ângulo dispensacionalista.

Conclusões

O adventismo era mais carismático em sua história inicial do que no começo do século 21. Com a reivindicação popular de ser um movimento remanescente, a síntese teológica para o tempo do fim, ele deveria resgatar a perspectiva bíblica da obra multifacetada do Espírito Santo. Isso significa unir todas as vertentes do testemunho bíblico, garantindo espaço para a expressão contemporânea do espectro total das capacitações do Espírito, em vez de focalizar quase exclusivamente o dom de profecia.

Palavras-chave: Pneumatologia; Espírito Santo; Capacitação; Dons Espirituais.

RESUMOS DE DISSERTAÇÕES E TESES

“Análisis de la historia y de los factores de crecimiento de la Iglesia Adventista del Séptimo Día de la ciudad de Joinville – SC”

Érico Tadeu Xavier

Tese defendida em setembro de 2007

Teologia pela Universidade Evangélica das Américas (Costa Rica)

Orientador: Antonio Carlos Barro - Ph.D

prxavier@terra.com.br

Resumen: Con este trabajo se estudia la historia de la IASD en la ciudad de Joinville-SC, Brasil, y procura identificar las variables que la dieron un crecimiento fenomenal. Para lograr este objetivo el estudio se centra en la investigación documentaria y en la investigación de campo, con una muestra muy representativa dentro de la vertiente cuantitativa. Se concluye con la presentación de conclusiones y recomendaciones .

Palabras-claves: Crecimiento de Iglesia, Joinville, Iglesia Adventista del Séptimo Día.

“Analysis of the History and the Growth of the Seventh-day Adventist Church in the City of Joinville – SC”

Abstract: This research focuses on the history of the Seventh-day Adventist Church in the city of Joinville-SC, Brazil, and seeks to investigate the variables that contributed to its phenomenal growth. In order to achieve such a goal, this study develops a documental investigation as well as a field research, exploring a quite representative sample in its quantitative aspect. It concludes with some conclusions and recommendations.

Keywords: Church Growth, Joinville, Seventh-day Adventist Church.

RESENHAS

LIVRO: Educar Para Reencantar a Vida

SUNG, Jung Mo. Educar Para Reencantar a Vida. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 173 p.

Adolfo Suares, Ms.

Pastor, Doutorando no Programa de Ciências da Religião da
Universidade Metodista de São Paulo.

adolfo.suares@unasp.edu.br

O professor Jung Mo Sung é pós-doutor em Educação e doutor em Ciências da Religião. Atualmente é docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, do qual também é coordenador, e pesquisa a relação entre a religião-educação-economia. É autor de diversos artigos, publicados no Brasil e no exterior, e de pouco mais de uma dúzia de livros, entre os quais Cristianismo de Libertação – Espiritualidade e Luta Social (2008), Um Caminho Espiritual para a Felicidade (2007), Educar Para Reencantar a Vida , (2006) Sementes de Esperança (2005) e Competência e Sensibilidade Solidária: Educar Para Esperança (2000, em co-autoria com Hugo Assmann).

Nesta obra ora resenhada, o autor argumenta que, na ausência de um sentido último, “nós não conseguimos estabelecer uma certa direção para a nossa vida. E sem essa direção não logramos ter um horizonte de compreensão que nos dê sentido das coisas, fatos e pessoas e determine os valores de cada um” (p. 11). Por isso, seu principal objetivo neste livro é “reavaliar criticamente o sentido da vida dominante na nossa sociedade e apontar alguns caminhos para um sentido mais humano e encantado da vida” (idem). Para tanto, Jung acredita que a educação tem uma parte importante no desafio de reencantar a vida, dando-lhe um sentido que não seja meramente o de trabalhar freneticamente para consumir desenfreadamente, limitando a vida ao encantamento produzido pelo consumo das mercadorias.

Logo no título do livro temos um primeiro elemento que norteia o pensamento do autor. Nele propõe-se a reflexão do reencantamento da educação, posto que nosso mundo não está completamente desencantado; aliás, “o encantamento do mundo do consumo, das mercadorias-símbolos, levou ao



desencantamento das outras dimensões e aspectos da vida” (p. 129). Como se pode perceber, o desafio não é produzir encantamento, mas redirecioná-lo, ou, pelo menos questionar a idéia de que a mercadoria é a fonte da humanidade.

O livro compõe-se de dez capítulos, todos eles escritos numa perspectiva dialogal, pois o autor pretende “conversar” com o leitor a fim de convencê-lo da validade de suas argumentações. O capítulo 1 trata da questão da vida e do conhecimento em todos os seres vivos e apresenta algumas características da vida que estão na base da proposta para um reencantamento da educação. A principal tese do autor é que “o meio ambiente está em constante mudança, de modo que a adaptação conseguida hoje não garante a sobrevivência do futuro” (p. 23). Para o ser humano “esta é a principal razão da necessidade de uma educação permanente” (idem). Todavia, a adaptabilidade que possibilita a continuidade da vida não é suficiente para o Homo sapiens. “Nós humanos não queremos estar somente vivos, necessitamos sentir que vale a pena viver” (p. 25). Assim, Jung introduz e fundamenta a necessária discussão do sentido da vida.

O capítulo 2 trata da forma humana específica de cognição, que torna as pessoas diferentes dos animais. Jung afirma que “o que dá à cognição humana o seu poder único e impressionante em relação a outros animais é o fato de usarmos os símbolos lingüísticos em interações discursivas onde as diferentes perspectivas de apreensão e compreensão de algum fenômeno possibilitadas por esses símbolos são explicitamente contrastadas e compartilhadas” (p. 29). Esse compartilhamento e contraste são importantes porque a partir deles o conhecimento do real se torna mais rico e complexo. É justamente pela riqueza e complexidade do conhecimento humano que se abre a possibilidade da convivência e da dimensão moral, o que permite, então, a liberdade humana e a utilização da “capacidade de diferenciar entre o certo e o errado, não somente em função da sua própria sobrevivência, mas também a partir da noção do bem e do mal que foram descobertos ou criados na interação social” (p. 33). Dito em outras palavras, é a “maior capacidade de cognição que nos abre mais para a compaixão, amor e solidariedade” (p. 34), posto que “não habitamos mais apenas o mundo dos fatos [como os animais], mas o mundo dos signos e dos sentidos” (p. 35). Isso só é possível porque os seres humanos são capazes de se desprender do determinismo genético.

O capítulo 3 aborda a “estreita relação que existe entre o sentido na ou da vida e a educação” (p. 42). A tese principal apresentada por Jung é que se “um processo educacional não ajuda o educando a conhecer ou construir um sentido que faça valer a pena lutar pela vida e pelo processo de humanização, esse mesmo processo educacional acaba por não oferecer o sentido da sua própria ação educativa” (p. 43). Assim sendo, “a própria educação perde o sentido e passa a ser



uma mera obrigação sem sentido" (idem). A melhor alternativa para resolver esse impasse é estimular educadores e educandos na prática de uma educação que valorize mais o por que do que o como, pois se nos limitarmos ao método (o como), estaremos abdicando da própria finalidade da educação. E, como já vimos, seres humanos não se satisfazem apenas com a funcionalidade da vida, mas querem entender "o sentido das coisas e dos fatos humanos e sociais" (p. 50).

Como se pode perceber, os capítulos 1, 2 e 3 formam um bloco inter-relacionado, no qual o autor argumenta que (1) viver é conhecer; (2) o conhecimento humano permite o desenvolvimento da capacidade simbólica, (3) que leva o ser humano a se questionar sobre o sentido da vida.

No capítulo 4, que é transição para o segundo subconjunto do livro, o autor propõe que compreender o sentido da vida e da existência implica em se perguntar ou refletir sobre a origem e o fim do universo. Para tanto, torna-se necessário o uso de duas linguagens diferentes: a analítico-experimental (ciência) e a metafórico-simbólica (mito). Por que necessário? Citando Morin, Jung argumenta que a cosmologia, a física e a biologia não são suficientes para explicar os seres humanos, pois somos culturalmente criadores e criaturas do mito, da razão, da técnica e da magia (p. 55). Daí que o pensamento mítico não pode ser extirpado, embora deva ser educado, já que em nome dos mitos e das idéias somos capazes da indiferença e até da morte.

Os capítulos 5 e 6 formam o segundo subconjunto deste livro; enquanto um analisa "o espírito e a espiritualidade do capitalismo, a sua fé e a sua 'religião da vida cotidiana'" (p. 13), o outro discorre sobre "como o encantamento do consumo desencantou a vida e a educação" (Ibidem). Está claro que as pessoas não querem apenas viver, mas viver com sentido; e são as mercadorias que conseguem reencantar a existência humana. Por isso, "na nossa sociedade o consumir não visa, em primeiro lugar, a satisfação das necessidades biológicas e materiais da pessoa e da sociedade, mas sim as 'necessidades' culturais e existenciais" (p. 72). Prova disso é que, de modo geral, "somos tratados de acordo com o nosso padrão de consumo" (idem). O problema decorrente dessa religião do consumo é que pode tornar banal ou insignificante "qualquer sentimento de compaixão com a dor e o sofrimento da outras pessoas – principalmente se forem não-consumidoras" (p. 79). Qual a relação disso com a educação? Acontece que os educandos fazem parte da população sedenta de novas mercadorias, pois as massas estão sendo educadas para a nova cultura de consumo. O desafio da educação e dos educadores, então, é muito maior do que apenas fazer algo, mas deixar clara a finalidade do magistério assim como justificar e dar sentido ao que se faz.



O terceiro e último bloco desta obra, formado pelos capítulos 7 a 10, discute “diversas propostas de reencantamento que vêm desde as ciências naturais até a educação, passando pelas ciências sociais” (p. 13). Especificamente, o capítulo 7 põe em debate a problemática “de uma sociedade que reduz tudo ao cálculo econômico, cálculo que desfoca o sentido da vida e desencanta tudo o que na vida não é acumulação e consumo, inclusive a educação” (p. 102). Essa discussão é feita a partir de diversos autores que trabalham a temática. Inicialmente, a referência é à idéia de reencantamento da educação como bandeira de transformação social. Nesta abordagem, torna-se necessário aludir ao “desprezo social pela profissão de professor, especialmente da educação básica” (p. 103). Tal desprezo acaba se tornando tanto causa da falta de motivação de alguns professores, como o resultado desta. Ao longo do capítulo, o professor Jung tem um cuidado extremo em deixar claro que o desencantamento do mundo e da educação não deve necessariamente ser atrelado ao processo de secularização pelo qual passou e passa nossa sociedade. Se bem que podem ser apontados elementos negativos na secularização – como o aspecto destrutivo das religiões, da religiosidade humana e da própria noção de Deus (p. 105) – é também inegável que há ganhos significativos, como a “deslegitimação das guerras em nome dos deuses e das religiões” (p. 108). Outra idéia muito bem argumentada pelo autor é de que não precisamos pensar que o reencantamento social poderá vir unicamente pela via religiosa – no âmbito do imaginário ou na noosfera, “pois sem uma mudança nas estruturas econômicas e sociais capitalistas o encantamento das mercadorias e o desencantamento da natureza e da vida permaneceriam como seus efeitos” (p. 116).

O capítulo 8 é fundamental para a compreensão deste livro. Considerando que, de modo geral, a discussão teórica sobre o reencantamento se fundamenta na “superção do paradigma mecanicista e fragmentário da modernidade”, e que “o reencantamento tem a ver com uma nova forma de ver a vida e a realidade que nos cerca” (p. 127), o autor propõe basicamente três maneiras de entender o reencantamento na e da educação. A primeira diz respeito à educação e o sagrado, e tem a ver com a discussão do sentido da vida em conexão com a espiritualidade, não na direção de um debate religioso, mas “em torno de como educar para que as pessoas possam discernir e escolher entre os diversos tipos de símbolos, mitos, ritos e sagrados” (p. 120). A segunda refere-se à educação holística e a espiritualidade, e abrange o “educar para conhecermos os limites e potencialidades da nossa condição de ser humano, que pode se encantar com o diálogo, a criatividade e causas nobres e solidárias” (p. 123). Finalmente, a terceira maneira de entender o reencantamento na e da educação aponta para um agir solidário “como resultado de uma conversão, de uma luta interior movida pela força desse entusiasmo, de reencantamento da educação e da vida” (p. 127). Esta abordagem



dispensa alguma “precondição de caráter espiritual ou religioso, a não ser o entusiasmo para defender a vida humana e reorientar a humanidade nesse nosso habitat frágil” (p. 126). Em síntese, o reencantamento do mundo e de um sentido de vida mais humano e solidário requer a compreensão – e por que não assimilação – das religiões e seus símbolos, embora possa prescindir deles.

No capítulo 9, o autor retoma a idéia de que “somos seres produtores de símbolos, mitos, deuses e narrativas que adquirem consistências e poder ou influencia sobre nós mesmos, os seus criadores. Não há como negar isso, tanto no sentido de negar a sua existência quanto no sentido de querer acabar com esse processo” (p. 133). Entretanto, a seção mais importante deste capítulo é a que propõe caminhos – bem amplos, é verdade – para educar o sentido da vida. A primeira diretriz refere-se a viver humanamente, ou seja, a consciência de que a vida não deve ser vivida de maneira subumana, supra-humana ou pós-humana (p. 139). A idéia é a “afirmação da vida humana como tendo valor e sentido em si mesma” (p. 140); é o reconhecimento da condição humana, com suas limitações e possibilidades. A segunda diz respeito à “aceitação da nossa finitude” (p. 141). E por que essa noção é fundamental? Porque o consumismo infinito ou a busca pela juventude e beleza eterna são características que mostram a negação humana da sua própria finitude e a conseqüente busca da infinitude. O autor nos lembra que “devemos assumir a nossa finitude não como uma limitação ou falha, mas sim de modo positivo como uma característica essencial de nosso ser, o que nos faz ser o que somos” (p. 142). A terceira diretriz alerta para o “erro de considerar a linguagem religioso-espiritual simbólica como descrições ‘científicas’ de um mundo sobrenatural” (p. 143). Neste caso, os educandos devem ser orientados quanto à especificidade da linguagem simbólico-religiosa, para não cair no erro de defendê-la arduamente – e cegamente – ou condená-la e até mesmo depreciá-la como se fosse algo apenas destinado a crianças e a ignorantes (idem). Finalmente, a quarta diretriz consiste na compreensão de que “há uma diversidade muito grande de concepções religiosas e espirituais no interior de uma mesma religião ou Igreja e por isto é natural que haja discordâncias” (p. 145). De maneira que ninguém precisa achar que tem a última palavra no campo religioso, espiritual ou simbólico, pois é fundamental ter disposição para o diálogo, assim como para a reflexão sobre a própria fé. Em resumo, Jung considera tanto o senso de finitude quanto a compreensão da linguagem simbólico-religiosa elementos importantes para a “busca pelo sentido da vida, que seja, ao mesmo tempo, humano e reencantado” (p. 147).

Como o próprio autor afirma, o capítulo 10 “tem a função de fecho provisório do livro e abertura para novas reflexões e desafios” (p. 149). Uma conclusão fundamental do autor – ainda que provisória – é que “a busca pelo



sentido último da vida e a conseqüente aposta na possibilidade de se viver uma vida mais humanamente significativa e de construir uma sociedade mais justa” é uma dimensão fundamental do ser humano (p. 151), e esta necessidade é demonstrada mesmo por pessoas que não acreditam em Deus ou em seres divinos. De certa maneira, essa aposta se constitui numa “religiosidade” comum a todas as pessoas, numa espécie de característica ontológica. A segunda conclusão nesta obra é que, sendo o sentido da vida uma necessidade inerente à humanidade, é necessário que o processo educativo reencante a vida, tornando-a cada vez mais significativa em si mesma, libertando-a da dependência do consumismo desenfreado. Finalmente, a terceira conclusão é a respeito de uma educação que ensine a “discernir os mitos, símbolos e deuses” (p. 157), com a finalidade de encontrar um sentido da vida, produzindo pessoas maduras e críticas. O desafio maior apontado pelo autor é o compromisso “com a educação das novas gerações para desencantar o mundo fetichizado das mercadorias e reencantar a vida” (p. 157). Uma tarefa nada fácil, mas convidativa por ser desafiadora.

A leitura e análise deste livro do professor Jung Mo Sung me permitem refletir sobre quatro questões importantes. Primeiramente, ao afirmar que “conhecer a tradição cultural, espiritual e religiosa de outros grupos é importante não somente para aprender a viver juntos, mas também para a realização do ser humano como humano” (p. 58), esta obra fortalece e até legitima a atual abordagem do Ensino Religioso na Escola Básica, que, em dois de seus cinco eixos temáticos, pretende (1) discutir as Culturas e Tradições Religiosas, estudando o fenômeno religioso e analisando a religião humana nas diversas culturas e (2) conhecer os Ritos, descrevendo as práticas celebrativas das tradições religiosas, assim como os símbolos de coisas transcendentais.¹

Em segundo lugar, esta obra serve como ponto de partida para a reflexão e construção de uma educação e magistério comprometidos não apenas com a qualidade acadêmica, mas também com a espiritualidade ou, como prefere definir o neurologista Howard Gardner, com a “capacidade de pensar sobre questões cósmicas e existenciais”². Se de fato é válida e comprovada a hipótese de que existe “uma inclinação para refletir sobre preocupações cósmicas ou existenciais importantes”³, os caminhos apontados por Jung são fundamentais para a operacionalização de uma nova maneira de encarar esse processo educacional desafiador.

¹ FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso. 3ª ed. São Paulo: Ave Maria, 1998.

² GARDNER, Howard. Inteligência: Um Conceito Reformulado. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 88.

³ Ibid., p. 88-89.



Uma terceira questão suscitada pela leitura é a respeito da urgente necessidade de pensar também no por que e não apenas no como educacional. O como, que valoriza o método e as técnicas, não favorece a contestação das certezas, e não nos permite ver que elas não são tão certas como parecem. Como diz Miguel Arroyo, as “certezas múltiplas protegem nossas tranqüilidades profissionais [...] Dão a segurança necessária para repetir ano após ano nosso papel. São os deuses que protegem a escola e nos protegem [...] São nossas crenças e nossos valores. Não se discutem, se praticam com fiel religiosidade”⁴.

A questão da dúvida/certeza é crucial para a Teologia e também para a Educação, e tem tomado tempo não apenas de acadêmicos, mas de pessoas comuns, que, embora não reflitam teoricamente ou sistematicamente sobre suas dúvidas e certezas, o fazem na rotina de uma vida diária.⁵ Em sua mais recente obra, Cristianismo de Libertação, o professor Jung Mo Sung afirma que “certezas sobre o homem, a História e Deus indicam que estamos diante do fenômeno da idolatria. Certezas nos propiciam falsas seguranças e nos levam a erros trágicos”.⁶ É provável que essa afirmação nos tire do sério, pois, pensariam alguns, implicaria que não podemos ter certeza mesmo diante de coisas referentes a Deus. E se, biblicamente, Deus é imutável, estamos então diante de uma provável heresia.

Precisamos ir com calma nessa conclusão, principalmente porque o que o professor Jung questiona não é a certeza/incerteza de Deus, mas a certeza/segurança daquele que pretende ter plena convicção de que o que pensa ou escreve sobre Deus está inequivocamente certo. Neste sentido, absoluta certeza poderia conduzir a um erro trágico, pois eliminaria a busca de novos horizontes. Como diz Paulo Freire, “umas das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas”,⁷ pois, se bem que Deus é plenamente completo, acabado, “os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma,

⁴ ARROYO, Miguel G. *Ofício de Mestre: Imagens e Auto-Imagens*. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 171.

⁵ Uma boa obra para refletir sobre este assunto é McGRATH, Alister. *Como Lidar com a Dúvida Sobre Deus e Sobre Você Mesmo*. Tradução de Cláudia Ziller Faria. Viçosa, MG: Ultimato, 2008.

⁶ SUNG, Jung Mo. *Cristianismo de Libertação – Espiritualidade e Luta Social*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 58.

⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 30.



como manifestação exclusivamente humana”.⁸ Embora essa observação esteja no contexto da práxis educacional, que insta a educação a se re-fazer constantemente, é óbvio que isso implica no cuidado que devemos ter com as nossas idéias e certezas. Então, entendo que todo projeto, seja de vida e mesmo de uma tese, deve ser inacabado. Usando as palavras de Paulo Freire, precisa estar sendo para poder ser. Neste sentido, educar para reencantar a vida requer intenso questionamento com a finalidade de encontrar uma vida melhor, mais significativa, mais libertadora.

Em quarto lugar, a leitura desta obra me fez pensar na necessidade de desenvolver estratégias que favoreçam nos educandos uma postura de discernimento da mídia, com o intuito de não se deixar iludir pela cultura do consumo. Como afirma a filósofa Victoria Camps, “é preciso aprender a decodificar as mensagens, a distinguir o proveitoso do inútil, a formar um critério para si”⁹. O que Camps aplica apenas ao ato de ver televisão deve ser estendido às diversas formas de mídia.

Ainda em tempo, verifico também que esta obra estabelece uma importante conexão com as Ciências da Religião principalmente ao propor uma discussão que pode envolver o “transcendente” e o “espiritual”, questões estas facilmente ignoradas por cientistas de outras disciplinas. Neste sentido, Hans-Jürgen Greschat afirma que “se cientistas da religião negassem o transcendente, não levariam os fiéis a sério e posicionar-se-iam arrogantemente contra eles”¹⁰.

Pressupostos filosóficos à parte – como o debate sobre a validade ou não das teorias evolucionista e criacionista – creio que estamos diante de um texto bem articulado e envolvente. É notória a maneira como o professor Jung “costura” as idéias dos diversos autores que lhe servem de base teórica. Destaco também a seqüência lógica dos capítulos, onde uma tese suscita a próxima, de modo a construir uma argumentação estruturalmente consistente. É admirável sua habilidade de propor e explorar idéias no intuito de perseguir o objetivo final que motivou a escrita deste livro. Creio que, por isso, ao lê-lo, nasce e por vezes renasce o claro desejo de não poupar esforços no sentido de educar para reencantar a vida.

⁸ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 44ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, p. 84.

⁹ CAMPS, Victoria. *O Que se Deve Ensinar aos Filhos*. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 88.

¹⁰ GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O Que É Ciência da Religião?* Tradução de Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 33.